

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS SAN TIAGO

DANTAS – UNESP, UNICAMP E PUC-SP

RENATO CAMPIONI DE SILOS ORTEGA

A nova direita nas Relações Internacionais: o papel do *Students for Liberty* (SFL) na
promoção da racionalidade neoliberal no Brasil

São Paulo

2024

RENATO CAMPIONI DE SILOS ORTEGA

A nova direita nas Relações Internacionais: o papel do *Students for Liberty* (SFL) na
promoção da racionalidade neoliberal no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais, na área de concentração “Instituições, processos e atores”, na linha de pesquisa “Governança, Política Internacional e Política Externa”.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Soreanu Pecequilo

São Paulo

2024

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – Biblioteca
Graziela Helena Jackyman de Oliveira – CRB 8/8635

Ortega, Renato Campioni de Silos.

O771 A nova direita nas Relações Internacionais : o papel do *Students for Liberty* (SFL) na promoção da racionalidade neoliberal no Brasil / Renato Campioni de Silos Ortega. – São Paulo, 2024.
217 f. : il.; 30 cm.

Orientadora: Cristina Soreanu Pecequilo.

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, São Paulo, 2024.

1. *Students for Liberty*. 2. Direita (Ciência política). 3. Neoliberalismo – Brasil. 4. Relações internacionais. I. Título.

CDD 320.520981

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

O presente trabalho visa aprofundar a compreensão quanto aos efeitos transnacionais dos movimentos sociais e políticos de direita contemporâneos, analisando seu impacto nas dinâmicas dos regimes democráticos e das políticas públicas dos Estados. Para tanto, propõe-se uma investigação empírica, utilizando fontes primárias e secundárias.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This study aims to deepen the understanding of the transnational effects of contemporary right-wing social and political movements, analyzing their impact on the dynamics of democratic regimes and public policies of states. To achieve this, we propose an empirical investigation, using primary and secondary sources.

IMPACTO POTENCIAL DE ESTA INVESTIGACIÓN

Este estudio tiene como objetivo profundizar la comprensión de los efectos transnacionales de los movimientos sociales y políticos de derecha contemporáneos, analizando su impacto en las dinámicas de los regímenes democráticos y en las políticas públicas de los Estados. Para alcanzar este objetivo, se propone una investigación empírica basada en el análisis de fuentes primarias y secundarias.

RENATO CAMPIONI DE SILOS ORTEGA

A nova direita nas Relações Internacionais: o papel do *Students for Liberty* (SFL) na promoção da racionalidade neoliberal no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da Universidade Estadual de *Campinas* (Unicamp) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais, na área de concentração “Instituições, processos e atores”, na linha de pesquisa “Governança, Política Internacional e Política Externa”.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Soreanu Pecequilo

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Acácio Augusto Sebastião Júnior (Universidade Federal de São Paulo)

Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti (Universidade Estadual de *Campinas*)

Profa. Dra. Cristina Soreanu Pecequilo (Universidade Federal de São Paulo)

São Paulo, 30 de agosto de 2024.

Aos meus avós, Marcelo e Neide (*in Memoriam*), que me ensinaram a caminhar com os pés
firmes no chão, mas sem perder de vista a imensidão do céu.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, entre abril de 2022 e novembro de 2022, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo FAPESP, entre dezembro de 2022 e agosto de 2024 (processo nº 2022/08251-1). A pesquisa também foi agraciada com uma Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior pela FAPESP, realizada entre agosto de 2023 e fevereiro de 2024 na *City University of New York* (CUNY), Nova Iorque, Estados Unidos (processo nº 2023/02284-8). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e/ou da CAPES.

Certa vez, o escritor Pat Conroy afirmou que os grandes professores de sua vida “dançavam invisíveis às margens da sua prosa”. Muito se fala (não sem razão!) do caráter solitário da escrita. Mas me alegra constatar que, em nenhum momento durante esta jornada, estive isolado ou desamparado. Embora meu nome conste como único autor desta dissertação, é com grande emoção que, ao reler o texto, encontro escondida nas curvas de cada parágrafo a presença de tantas pessoas queridas, professores no sentido mais amplo da palavra.

Agradeço à educação pública, a qual a despeito das várias adversidades recentes, me formou durante a graduação e o mestrado. Também registro meu obrigado à CAPES e à FAPESP por terem providenciado os recursos necessários para a concretização do presente estudo, em condições muito mais favoráveis do que poderia imaginar a princípio. Agradeço ainda a todos que entrevistei para a dissertação, bem como a todos aqueles que me apoiaram a entrar em contato com outros possíveis entrevistados.

A dois personagens fundamentais nesta jornada: meus pais, John e Roberta. Meu pai pelo exemplo constante de dedicação ao longo dos anos, além de sempre me estimular a ser uma pessoa curiosa pelo mundo ao nosso redor. Tenho para mim que a primeira sementinha desta dissertação está lá naquele *Atlas* da Disney que você me deu de presente quando criança. Olha só até onde chegamos! E à minha mãe, que com sua sensibilidade de bailarina me ensinou a não ter medo dos grandes sentimentos. Obrigado por cada vez que me pediu para fazer uma pausa nos estudos para assistir à cena final de *Billy Elliot*, pelos momentos de descanso em que assistimos *Peaky Blinders*, ou em que jogamos *Scrabble*. Como você sempre me mostrou, apesar dos pesares, a vida é cheia de beleza. Basta saber para onde olhar.

À minha orientadora Cristina Pecequilo, com quem desde a graduação pude construir uma relação pessoal e de trabalho das mais enriquecedoras. Seja como monitor, estagiário-docente ou no contexto da orientação, pude recorrer ao seu auxílio e aconselhamento honesto sempre quando necessário. Aos professores Jean Tible e Eduardo Mariutti, por terem aceitado o convite para participar da banca de qualificação, ocasião em que pude contar com suas críticas e comentários, sempre instigantes e precisos.

A todos os professores e amigos que conheci no curso de Relações Internacionais da EPPEN – UNIFESP, lugar pelo qual sempre terei a mais alta estima. Especialmente à professora Karen Fernandez, parceira generosa durante minhas aventuras (e desventuras) como representante discente e neste meu início na carreira acadêmica. Além, claro, do professor Acácio Augusto, meu orientador na graduação, sem cujas contribuições certamente este trabalho não tomaria a presente forma. Me lembro até hoje da expectativa pelas suas aulas, que a cada semana me apresentavam toda uma nova forma de pensar, deixando minha cabeça borbulhando com tantas inquietações. Fruto de um desses “incômodos” bem-vindos, a pesquisa que fiz sob sua orientação para o TCC foi sem dúvida a versão “demo” desta dissertação. Agradeço encarecidamente ao professor Acácio e ao professor Mariutti por terem aceitado os convites para a banca de defesa.

Aos companheiros do LaSInTec, um espaço único de formação e troca, do qual tenho o privilégio de participar desde a graduação. Compartilhar as felicidades e dores do mundo acadêmico torna qualquer fardo mais leve, qualquer alegria mais plena. Em especial, à Helena Wilke e Gabriella di Biaggi, parceiras de LaSInTec e de FAPESP, provas definitivas que o “*girl power*” vai muito além do mote de uma certa banda inglesa dos anos 1990. Vocês são tremendas referências para todos e todas que as cercam. Sem seu apoio, um dos capítulos mais emocionantes da minha vida – a ida à Nova Iorque – não teria sido escrito.

Ao professor Jeff Maskovsky pela recepção calorosa na *City University of New York*, além de Ellen DeRiso e Maya Latiff, profissionais cujo suporte foi indispensável durante os seis meses que passei na “Grande Maçã”. A Marcos Romero e Belkys Reynoso, que me acolheram tão bem no cantinho mais dominicano do Bronx, me fazendo sentir em casa durante as primeiras festas de fim de ano em que passei longe dos meus. Também agradeço a Mónica Vásquez, Lois Kelp, Connie Vance e David Morales, por me mostrarem como é possível se divertir para valer em Nova York – mesmo sem o orçamento de uma personagem de *Sex and the City*. Guardarei para sempre as cores do outono e as luzes da cidade.

Ao PPGRI San Tiago Dantas, que representou uma verdadeira lufada de ar fresco após o período de isolamento social imposto pela pandemia. Agradeço a todo o corpo discente e à

equipe de funcionários do programa, em especial Giovana, Isabela e Graziela, sempre gentis e prestativas. Obrigado à Vitória Totti Salgado, pela parceria durante nosso período à frente da representação discente, além dos amigos que ganhei nesta aventura: Mariana Cabral, Murilo Motta, Carlos Eduardo Rezende Landim, Lucas Tomazella, João dos Anjos, Paula Venâncio e Veruska. Nunca esquecerei de nossas saídas pelo Centro, pelas rodadas de reclamação coletiva e pela celebração das conquistas.

À Luísa Bordin, Mariane Bando e Marília Minutella, companheiras desde os tempos do Fundamental II, época em que nossos problemas maiores eram decifrar as fórmulas de trigonometria e física. Me enche de orgulho ver as mulheres incríveis que as três se tornaram. Ao meu outro amigo dos tempos do Sabin, Victor Ennes. Ao contrário das expectativas, fomos nos aproximando desde o fim do colégio, ao ponto de eu sequer recordar como era minha vida sem sua amizade. A cada encontro nosso, sempre saio mais leve e com algo para refletir. E muito obrigado pelas mágicas viagens ao Rio de Janeiro, onde fui tão bem recebido pelos seus avós, personificações perfeitas do charme carioca.

Ao meu amigo Tarcísio, a quem reencontrei durante o mestrado. Reatar um laço antigo é como reatar com uma parte de si mesmo, e muito me alegra que à efervescência da nossa amizade adolescente tenha sido acrescida a sabedoria de alguns anos a mais de experiência. Sou grato por nossos caminhos terem se cruzado novamente. E ao Guilherme Agostinho, que conheci nestes anos de mestrado, e com quem construí um inusitado laço tão gentil, respeitoso e divertido.

À minha amiga Milena, simpatia da graduação que floresceu em uma bela amizade com o passar dos anos. Sua dignidade, seu senso de compromisso e a força do seu espírito nunca falham em me encantar. Obrigado por ser a amiga que eu tanto precisava, minha companheira de travessia durante aqueles nossos “outubros” áridos – dos quais, com ajuda das nossas noites regadas a Adele, pizza e vinho, saímos muito mais fortes! Você é minha amiga genial, e mal posso esperar para que o mundo todo seja testemunha do seu brilho.

À minha tia Marysol, madrinha e amiga, que com seu coração gigante me recebeu em seu apartamento em São Paulo, para que assim evitasse de regressar a Cotia nas horas de trânsito durante a semana. Suas palavras carinhosas e panquecas no café da manhã sempre me foram fonte de conforto. À minha tia Fernanda, uma das pessoas mais peculiares que conheci, por me ensinar cotidianamente a importância dos pequenos gestos. E à minha tia Bel, simplesmente a pessoa mais chique e perseverante que já passou pela Terra.

Aos meus amigos de quatro patas, Chiquita e Luigi, e em especial às minhas fieis escudeiras felinas, Glória, Kate e Sofia, as melhores companhias que qualquer mestrando

poderia desejar. E por fim, aos vários artistas que também foram meus amigos e professores durante o processo de escrita, suavizando a rotina de trabalho com cor, melodia e poesia.

I used to think this was the beginning of your story. Memory is a strange thing. It doesn't work like I thought it did. We are so bound by time, by its order. But now I'm not so sure I believe in beginnings and endings. There are days that define your story beyond your life. Like the day they arrived.

Louise Banks (Amy Adams), em *A Chegada* (2016)

RESUMO

O objetivo da pesquisa é mapear e sistematizar as práticas da organização transnacional estadunidense *Students for Liberty* (SFL) no plano doméstico brasileiro, entre 2012, ano em que se verificam as primeiras atividades da entidade no país, e as eleições gerais de 2022. Ao se analisar a ação do SFL durante o período, busca-se compreender procedências que culminaram em repercussões nos campos político, jurídico-institucional e das subjetividades, no sentido de sedimentação de uma racionalidade política afinada à ascensão da extrema-direita no Brasil. Neste contexto, destaca-se o papel da entidade na criação e consolidação de um conjunto de lideranças e movimentos políticos, como o Movimento Brasil Livre (MBL), na formação de quadros para a política profissional, além de incentivo a iniciativas comprometidas com a promoção do chamado “empreendedorismo social”. A partir de uma perspectiva crítica da Teoria das Relações Internacionais e com contribuições do método analítico-genealógico, propõe-se, sobretudo, descrever o funcionamento da organização e quais tecnologias de poder ela mobiliza, como elemento de uma reconfiguração estratégica do neoliberalismo durante a segunda década do século XXI.

Palavras-chave: racionalidade neoliberal; nova direita brasileira; organizações transnacionais; *think tanks*.

ABSTRACT

The objective of this research is to map and systematize the practices of the transnational American organization *Students for Liberty* (SFL) within the domestic Brazilian context, spanning from 2012, the year of the entity's first activities in the country, to the general elections of 2022. By analyzing SFL's actions during this period, the aim is to understand the organization's repercussions in the political, legal-institutional, and subjective fields, towards the consolidation of a political rationality aligned with the rise of the far-right in Brazil during the 2010s. *Inter alia*, the organization supported the creation and consolidation of leadership and political movements, such as the Movimento Brasil Livre (MBL); the formation of individuals for professional politics, as well as initiatives promoting social entrepreneurship. From a critical perspective within International Relations Theory and using an analytical-genealogical method, the study primarily seeks to describe the organization's functioning and the power technologies it mobilizes. This analysis serves as an element to understand a strategic reconfiguration of neoliberalism during the second decade of the 21st century.

Keywords: neoliberal rationality; Brazilian New Right; Transnational organizations; think tanks.

RESUMEN

El objetivo de la investigación es mapear y sistematizar las prácticas de la organización transnacional estadounidense *Students for Liberty* (SFL) en el contexto doméstico brasileño, desde 2012, año en que la entidad comenzó sus primeras actividades en el país, hasta las elecciones generales de 2022. Al analizar la acción de SFL, se busca comprender los orígenes que culminaron en repercusiones en los campos político, jurídico-institucional y de las subjetividades, en términos de la consolidación de una racionalidad política alineada con el ascenso de la extrema derecha en Brasil. Durante ese período, SFL apoyó la creación y consolidación de líderes y movimientos políticos como el Movimento Brasil Livre (MBL), así como en la formación de individuos para la política profesional y en iniciativas de fomento al emprendimiento social. Desde una perspectiva crítica de la Teoría de las Relaciones Internacionales y utilizando el método analítico-genealógico, se propone principalmente describir el funcionamiento de la organización y las tecnologías de poder que moviliza, como elemento de una reconfiguración estratégica del neoliberalismo durante la segunda década del siglo XXI.

Palabras clave: racionalidad neoliberal; nueva derecha brasileña; organizaciones transnacionales; *think tanks*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Procedência das doações ao SFL (2008/2009-2016/2017) (em %, com relação ao valor total das receitas da organização em cada ano acadêmico)	78
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - <i>Breakout Rooms</i> da <i>LibertyCon</i> 2024 ministradas por representantes de organizações e <i>think tanks</i>.....	134
--	------------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACUF	<i>American Conservative Union Foundation</i>
ACT	<i>Affordable Care Act</i>
AFL	<i>Alumni for Liberty</i>
AIER	<i>American Institute for Economic Research</i>
ALA	<i>Atlas Leadership Academy</i>
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
ARRA	<i>American Recovery and Reinvestment Act</i>
ATTMBA	<i>Atlas's Think Tank MBA</i>
BTC	<i>Bitcoin</i>
CERC	Círculo de Estudos Roberto Campos
CEO	<i>Chief Executive Officer</i>
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CPAC	<i>Conservative Political Action Conference</i>
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CVA	<i>Concerned Veterans for America</i>
DC	Distrito de Columbia
DPG	<i>Defense Planning Guidance</i>
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPL	Estudantes pela Liberdade
EPEN	Escola Paulista de Política, Economia e Negócios
EUA	Estados Unidos da América
FEE	<i>Foundation for Economic Education</i>
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FICS	Faculdades Integradas Campos Salles
FSSO	<i>Fund for the Study of Spontaneous Orders</i>
G7	Grupo dos 7
GATE	Grupo Alan Turing de Estudos
GAO	<i>Government Accountability Office</i>
GND	<i>Green New Deal</i>
IA	Inteligência Artificial
ICEPS	<i>International Center for Economic Policy Studies</i>
IEE	Instituto de Estudos Empresariais
IFC	<i>Atlas International Freedom Corps</i>
IHS	<i>Institute for Humane Studies</i>
IMB	Instituto Mises Brasil
INEV	<i>Institute of Economic Education</i>
IRA	<i>Inflation Reduction Act</i>
ISIS	<i>Islamic State of Iraq and Syria</i>
LALP	<i>Latin America Leadership Program</i>
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, <i>Queer</i> , Assexuais e outros/as
LOLA	<i>Ladies of Liberty Alliance</i>
MBA	<i>Masters of Business Administration</i>

MBL	Movimento Brasil Livre
MG	Minas Gerais
MP	Medida Provisória
MPA	<i>Master of Performing Arts</i>
MPL	Movimento Passe Livre
MRU	<i>Miami Regional University</i>
NIMBY	<i>Not in My Backyard</i>
NOVO	Partido Novo
NEDEP	Núcleo de Extensão em Direito, Economia e Política (NEDEP)
NSA	<i>National Security Agency</i>
NSS	<i>National Security Strategy</i>
OEC	<i>Organization for Economic Inclusion</i>
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OWS	<i>Occupy Wall Street</i>
P2P	<i>Peer to Peer</i>
PAC	<i>Political Action Committee</i>
PBS	<i>Public Broadcasting Service</i>
PIB	Produto Interno Bruto
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PRP	Partido Republicano Progressista
PSP	<i>President's Surveillance Program</i>
PSU	<i>Pennsylvania State University</i>
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT	Partido dos Trabalhadores
RS	Rio Grande do Sul
SAVE	<i>Stop Abusive and Violent Environments</i>
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio a Pequenas e Médias Empresas
SEDE	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico
SFL	<i>Students for Liberty</i>
SFL Brasil	<i>Students for Liberty Brasil</i>
SIF	Simpósio Interdisciplinar Farroupilha
SP	São Paulo
TARP	<i>Troubled Asset Relief Program</i>
TFI	<i>Teach Freedom Initiative</i>
UCLA	Universidade da Califórnia, Los Angeles
UE	União Europeia
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNDP	United Nations Development Program
UNE	União Nacional dos Estudantes

UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNICID	Universidade da Cidade de São Paulo
UNIDO	<i>United Nations Industrial Development</i>
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIPTAN	Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo Neves
UNOPAR	Universidade do Norte do Paraná
URSS	União Soviética
USA	United States of America
USP	Universidade de São Paulo
VIP	<i>Very important person</i>
WTC	World Trade Center
YAL	Young Americans for Liberty
YIMBY	<i>Yes, in My Backyard</i>
ZEE	Zonas Econômicas Especiais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 O PAPEL DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS (ONGS) E THINK TANKS NA PROMOÇÃO DA RACIONALIDADE NEOLIBERAL (1945-2008): QUESTÕES DE MÉTODO E TRAJETÓRIA HISTÓRICA	25
2.1 Considerações metodológicas sobre os “atores não estatais” nas Relações Internacionais (RI).....	26
2.2 Noções-chave para a pesquisa: racionalidade neoliberal e o empreendedorismo de si	36
2.3 O histórico das entidades privadas pró-mercado nos EUA (1945-2008).....	45
3 EMPREENDEDORES POLÍTICOS: A FUNDAÇÃO DO STUDENTS FOR LIBERTY NOS EUA EM 2008	62
3.1 <i>Humble beginnings</i> : precedentes e primeiras atividades do <i>Students for Liberty</i> (SFL)	63
3.2 As associações do SFL com entidades terceiras: <i>Cato Institute</i> , <i>IHS</i> e <i>Atlas Network</i>	69
3.3 O <i>Campus Coordinator Program</i> : sobre suas características e objetivos.....	78
3.4. <i>Boulevard of broken dreams</i> : os EUA ao final dos anos 2000.....	82
3.4.1 <i>Mission accomplished</i> : a crise do neoconservadorismo durante o segundo mandato do governo Bush (2005-2009).....	84
3.4.2 Entre o “Yes, We Can” e o “We are the 99%”: a resposta libertariana à eleição de Obama e ao <i>Occupy Wall Street</i> (OWS).....	90
4 O PROCESSO DE TRANSNACIONALIZAÇÃO DO SFL	106
4.1 <i>Going Global</i> : o SFL pelo mundo	106
4.2 A “máquina de empoderamento estudantil” em ação: A <i>LibertyCon</i> 2024.....	116
4.2.1 A programação principal e o <i>SFL Awards</i> 2024.....	118
4.2.2 O <i>exhibition hall</i> : o “mercado de ideias” em ebulição	124
4.2.3 Os <i>breakout rooms</i>	133
5 CHEGADA AO BRASIL: A ATUAÇÃO DO SFL EM TERRITÓRIO BRASILEIRO (2012-2022)	139
5.1 O <i>Estudantes pela Liberdade</i> (EPL): fundação e primeiras atividades (2012-2016)	139
5.1.1 As relações entre SFL, EPL e MBL (2013-2015)	148

5.2 De “Estudantes pela Liberdade” a <i>Students for Liberty Brasil</i> (SFL Brasil) (2016-2018): rachas e reorientação estratégica	154
5.3 As eleições de 2018 e 2020: êxito nas urnas e a Lei de Liberdade Econômica (2021)	159
5.4 Para além dos grupos de estudos: o <i>Brasil Empreende</i> , o <i>LibertyLab</i> e o <i>Regulariza Barroso</i>	167
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
REFERÊNCIAS.....	184
ANEXO A – Panfleto “Chase Oliver for President”	207
ANEXO B – Cartão pró-Javier Milei, distribuído no stand do <i>Being Libertarian.com</i> durante a <i>LibertyCon</i> 2024	209
ANEXO C – Anúncio da vaga de <i>Director of Grassroots Operations</i> da AFP, distribuído no stand da entidade na <i>LibertyCon</i> 2024	210
ANEXO D – Anúncio da vaga de <i>Grassroots Engagement Director</i> da CVA, distribuído no stand da entidade na <i>LibertyCon</i> 2024	211
ANEXO E – Panfleto do LIBRE distribuído na <i>LibertyCon</i> 2024 – “Uniting Around Freedom-Minded Policies”	212
ANEXO F – Panfleto do <i>Green Liberty</i> distribuído na <i>LibertyCon</i> 2024 (Frente e Verso)	213
ANEXO G – Cópia do texto “The Collegiate War on Men”, distribuído no stand da SAVE na <i>LibertyCon</i> 2024 (Frente e Verso).....	215
ANEXO H – Panfleto “Stop the Title IX Tyranny” da SAVE, distribuído no stand da entidade durante a <i>LibertyCon</i> 2024.....	217

1 INTRODUÇÃO

O *Students for Liberty* (SFL) é uma organização declaradamente sem fins lucrativos, fundada em 2008 por cinco estudantes universitários estadunidenses, vinculados à época a prestigiadas instituições de ensino superior da Costa Leste. Sediado em McLean, na região metropolitana de Washington, DC, EUA, e atualmente com presença em mais de cem países (*Students for Liberty*, [2024h]) o SFL propõe-se a educar e formar lideranças estudantis defensoras e propagadoras de perspectivas simpáticas ao livre-mercado. Com o “programa de coordenadores” como seu carro-chefe, a organização oferece uma vasta gama de conteúdos e treinamentos, seja quanto aos referenciais teóricos do liberalismo clássico, seja no tocante a habilidades como oratória, gestão de projetos, *marketing* digital e organização de eventos. O SFL também apoia no desenvolvimento de empreitadas individuais dos seus integrantes, como *startups*, *think tanks*, centros de pesquisa e organizações políticas (*Students for Liberty*, 2024b).

A primeira vez que tive contato com o SFL foi durante a minha graduação em Relações Internacionais, realizada na Escola de Política, Economia e Negócios (EPPEN) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). No ano de 2019, me deparei com cartazes espalhados pelo *campus* Osasco a respeito de um evento intitulado “I Fórum da Liberdade”. Programado para ocorrer na unidade da UNIFESP em Santos, o fórum era uma série de palestras sobre economia sustentável, produtividade e a proposta de reforma da previdência, à época em discussão no Congresso Nacional (Clube Pitangüá, 2020). Como organizadores da atividade, constava o nome do “Clube Pitangüá”, grupo de estudos formado por alunos da UNIFESP, por sua vez vinculado ao SFL.

Até então, já tinha acompanhado na imprensa a percepção, muito difundida à época, de que o ativismo de orientação pró-mercado passava por uma revitalização por todo o Brasil, com reverberações sentidas também no movimento estudantil. Porém, após me deparar com aquele cartaz do Clube Pitangüá no mural da faculdade, minha curiosidade por tais grupos se converteu em um interesse acadêmico, servindo de tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e para a presente dissertação de mestrado em Relações Internacionais. Cinco anos depois do meu primeiro “encontro” com o SFL, pude participar, já no mestrado, da edição de 2024 da *LibertyCon*, em Washington D.C., EUA, a maior conferência internacional do calendário do SFL.

Na ocasião, constatei como noções como “empreendedorismo” e “livre-mercado” capturam a imaginação política de estudantes do mundo todo – das salas de aulas do *campus* provisório da EPPEN em Osasco a clubes de debate para alunos do Ensino Médio na

Pensilvânia. Mas se a “melodia” dos itens obrigatórios da cantilena do SFL soava familiar, ainda restava compreender questões de “harmonia”; ou seja, como a tal da “melodia” seria reproduzida em *enquadramentos* específicos, a depender das circunstâncias locais. Sem mencionar a importância de compreender como os ouvintes recepcionam e apropriam-se de tais ideias, produzindo efeitos concretos em suas realidades.

Em consonância a tais reflexões, o *objeto* escolhido para a presente pesquisa foi a atuação do SFL no território brasileiro, entre os anos de 2012, início das suas operações no país, até as eleições gerais de 2022. O *objetivo* da investigação, por sua vez, foi mapear e sistematizar as atividades conduzidas pela entidade no Brasil entre 2012 e 2022, com atenção a três dimensões. A primeira, de caráter *político*, buscou identificar os quadros formados pelos cursos de formação do SFL que se elegeram para cargos públicos nos níveis nacional e subnacional, bem como aqueles que exerceram posições de relevo na administração pública no período. Também procurou-se reconstituir o envolvimento de integrantes do braço do SFL no Brasil na criação de outras organizações da sociedade civil, com destaque para o caso do Movimento Brasil Livre (MBL), que se tornou uma das principais entidades na organização dos protestos a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (2011-2016) entre 2014 e 2016.

Além disso, procurou-se discutir os efeitos das ações do SFL em um nível *jurídico-institucional*, uma vez que as figuras políticas egressas dos programas de formação da entidade atuaram na proposição de leis e políticas públicas, seja na política profissional, seja à frente de projetos voltados para a sociedade civil. Haja vista o escopo da presente pesquisa de mestrado, não foi possível proceder com um levantamento definitivo de todas as propostas legislativas colocadas pelos políticos associados ao SFL, tampouco de todos os projetos de empreendedorismo social capitaneados por egressos da entidade no período. Preferiu-se, no lugar disto, aprofundar-se em algumas iniciativas de maior relevo levadas a cabo pelo SFL, consideradas como representativas da estratégia geral adotada pela organização em suas operações no Brasil.

Por fim, procurou-se discutir também uma dimensão *das subjetividades*, haja vista que o tipo de *fazer* político do SFL é marcado pela promoção de uma subjetividade alinhada ao “empreendedorismo de si” (Foucault, 2008), também promovido junto aos “públicos-alvo” dos seus projetos. Desse modo, buscou-se responder à pergunta norteadora da pesquisa, a respeito de se e como o SFL teria desempenhado um papel no estabelecimento, no campo do pensamento político, de um terreno propício a uma racionalidade associada em alguma medida à ascensão da denominada nova direita brasileira – categoria que, por sua vez, engloba uma constelação

heterogênea de forças políticas, passando por manifestações libertarianas e conservadoras, emergentes nos anos 2010 (Rocha, 2018).

A investigação do caso do SFL Brasil também se propôs a avaliar a *hipótese geral* quanto à ocorrência de uma reorientação estratégica mais ampla por parte da rede de organizações globais do espectro pró-mercado, em resposta à crise da governamentalidade neoliberal (Foucault, 2008) desencadeada pela crise financeira de 2008, com o distanciamento do “neoliberalismo gestor”, descrito por Dardot e Laval (2016) como prevalente durante as décadas de 1990 e 2000. Nesse sentido, dedica-se atenção sobretudo ao *processo* de reenquadramento sofrido pelo discurso apologético ao livre-mercado, com vistas a responder os desafios de uma nova quadratura histórica.

Em termos metodológicos, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, de caráter analítico-empírico. Para tanto, consultou-se uma série de fontes primárias (relatórios, publicações em redes sociais e documentos oficiais) e secundárias (artigos jornalísticos e trabalhos acadêmicos). Além disso, realizou-se pesquisa de campo na edição de 2024 da *LibertyCon* e três entrevistas semiestruturadas com ex-integrantes/integrantes atuais da entidade.

Quanto à forma de análise dos dados colhidos, a pesquisa balizou-se por algumas considerações metodológicas a respeito dos chamados “atores não estatais” nas Relações Internacionais, propostas sobretudo por Nicolas Guilhot (2005). Segundo o autor, deve-se conferir destaque aos conflitos ocorridos entre distintos atores de um mesmo campo social, para desse modo compreender a forma específica que determinadas noções assumem à luz das circunstâncias históricas. O estudo também se baseia nas precauções metodológicas colocadas por Michel Foucault em sua análise genealógica, entendendo-se que as variações nas correlações de forças em determinada quadratura histórica constituem dimensão imprescindível para compreensão da emergência de determinadas racionalidades. Sobretudo a proposta de Foucault em entender o poder a partir de suas *técnicas*, e não por meio de seus princípios legitimadores, pareceu ser um caminho frutífero para compreender como age uma organização com o perfil do SFL.

O texto da dissertação foi estruturado da seguinte forma: o *Capítulo 2* é dedicado majoritariamente à explicação de questões preliminares quanto à metodologia de pesquisa. Ainda neste capítulo, procurou-se delinear algumas noções importantes para a investigação, como “empreendedorismo de si” e “racionalidade neoliberal”, propostas por Michel Foucault (2008) no contexto das suas reflexões sobre governamentalidade. Em seguida, realiza-se uma breve reconstituição histórica da atuação de fundações, *think tanks* e ONGs na promoção de

perspectivas neoliberais ao longo do século XX, com destaque para as relações estabelecidas por atores situados nos campos acadêmico, ativista e empresarial. Pelo SFL se tratar de uma organização estadunidense, a discussão foi circunscrita ao contexto daquele país; procurou-se, no entanto, não perder de vista as articulações transnacionais das organizações mencionadas.

No *Capítulo 3*, discute-se a formação do SFL nos EUA no ano de 2008, delineando os atores envolvidos na criação da entidade, bem como suas vinculações com outras organizações do espectro pró-livre mercado mais consolidadas. Ademais, busca-se discutir o enquadramento particular que as ideias de livre-mercado assumiram naquele momento, à luz da conjuntura da época e da disputa política com representantes de outras correntes políticas. Neste contexto, cita-se a eclosão da crise financeira de 2008, a qual colaborou para a perda de credibilidade das forças políticas identificadas com o *mainstream*; o desgaste do apelo retórico da Guerra ao Terror, associado à corrente neoconservadora, predominante no amplo campo da direita estadunidense nos anos 2000; e, por fim, a necessidade de se responder aos desafios representados pela eleição do democrata Barack Obama nas eleições presidenciais de 2008, bem como movimentos antissistema como o *Occupy Wall Street* – OWS (2011), acontecimentos que pareciam indicar o desencanto de parcelas mais jovens da população com relação às perspectivas apologistas do livre-mercado,

Por seu turno, o *Capítulo 4* discute o processo de transnacionalização do SFL, em demonstração de que as aspirações políticas da entidade não se restringiam ao teatro político ocorrido nos arredores do *National Mall*, mas sim atendiam a uma estratégia global. A fim de analisar como a atuação da entidade se materializa na prática, realiza-se ainda um relato a respeito da minha participação na *LibertyCon 2024*, ocasião em que a subjetividade forjada nos moldes do empreendedorismo de si entre seus integrantes manifestou-se sem reservas. Também foi uma oportunidade propícia para identificar a posição do SFL como um polo aglutinador de representantes de diversas correntes políticas, as quais se utilizam da plataforma oferecida pela entidade para disputar recursos (materiais e humanos) e propagar suas visões políticas.

Por fim, o *Capítulo 5* reconstitui a formação do SFL no Brasil em 2012, ainda sob o nome *Estudantes pela Liberdade* (EPL). A partir de informações colhidas por entrevistas semiestruturadas conduzidas entre março e abril de 2024, o capítulo descreve as primeiras ações perpetradas pela entidade, com destaque ao envolvimento de integrantes do EPL na criação do MBL ao final de 2013. Mais uma vez, reforça-se a preocupação de apontar como as circunstâncias históricas influíram no cálculo estratégico dos atores, com destaque para as Jornadas de Junho de 2013, entendidas à época como uma “janela de oportunidade” (Nunes, 2022) para acirrar a oposição contra o petismo e disseminar perspectivas políticas distintas.

Uma seção é dedicada a debater os atritos surgidos entre representantes do EPL e a matriz estadunidense do SFL, conflito que acarretou no fim da “marca” EPL e na mudança do nome da organização para *Students for Liberty Brasil* (SFL Brasil), ao final de 2016. Mais adiante, aborda-se ainda as primeiras vitórias eleitorais de candidatos a cargos legislativos vinculadas à organização, a partir das eleições gerais de 2018, além de algumas proposições emplacadas pela entidade junto ao Poder Público, como a Lei de Liberdade Econômica de 2019, no âmbito federal, e o programa *Regulariza Barroso*, realizado em parceria com a prefeitura da cidade homônima e do governo do estado de Minas Gerais. Nesta etapa, contou-se com informações coletadas em entrevistas semiestruturadas realizadas entre março e abril de 2024 com Nycollas Liberato, presidente do SFL Brasil desde 2020, e Victor Graçano, ex-integrante da entidade que se colocou à frente do *Regulariza Barroso*.

Desse modo, seja na formação de grupos de estudos em universidades, no apoio a programas de habitação no interior de Minas Gerais ou na contribuição para a formação de quadros para o Poder Legislativo do Rio Grande do Sul, aponta-se como o papel exercido por organizações como o SFL é sobremaneira multifacetado. A partir da análise de um caso específico – a atuação do SFL no Brasil entre 2012 e 2022 – pode-se contribuir para o maior entendimento sobre como as organizações pró-mercado atuaram ao longo da última década no Brasil, em revelação de um fazer político que se assenta em dinâmicas de poder ao mesmo tempo locais e globais.

2 O PAPEL DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS (ONGS) E THINK TANKS NA PROMOÇÃO DA RACIONALIDADE NEOLIBERAL (1945-2008): QUESTÕES DE MÉTODO E TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Critics often dismiss pop music as corporate, a Marxist's nightmare of boorish middle-aged svengalis presiding over an assembly line of aural baubles destined for the brainwashed masses. There is truth in the image. [...] And even when pop is the product of corporate strategy sessions and focus groups, its music remains unruly. It does not obey the intentions of its creators. As manicured or messy as a song may be, once it's released into the world, predicting how it will resonate is impossible. Listeners take music and remake it in their own image [...].

Nate Sloan e Charles Harding – *Switched on Pop* (2019)

Antes da descrição e da análise do objeto de estudo, é necessário apresentar algumas ponderações teórico-metodológicas que orientaram a coleta de dados e a interpretação dos resultados obtidos pela presente pesquisa. Destaca-se, primeiramente, um conjunto de reflexões teóricas a respeito da emergência dos chamados “atores não estatais” nas Relações Internacionais (RI). Dado o alcance da presente dissertação, não se propõe uma recuperação ostensiva do histórico de tal debate, mas sim extrair considerações metodológicas pertinentes para o estudo quanto a dois temas em particular. São eles: 1) a natureza das relações de ONGs e *think tanks* pró-mercado com os Estados e 2) seu papel na disseminação de determinadas “ideias” em nível global.

Além disso, o capítulo situa algumas noções-chave para a investigação, tais como “racionalidade neoliberal” e “empreendedorismo de si”, a fim de avaliar sua adequação para interpretar o tipo específico de prática política realizada pelo SFL no Brasil. Por fim, realiza-se um breve histórico da trajetória de organizações pró-mercado nos EUA, a partir do Pós-Segunda Grande Guerra (1939-1945) até a década de 2000. Embora o tema já tenha sido vastamente documentado (Cockett, 1995, Gros, 2002; Dardot; Laval 2016; Rocha, 2018), julga-se essa tarefa crucial para compreender o contexto organizacional precedente ao surgimento do SFL, bem como para captar a porosidade histórica entre setores da academia, do empresariado e do Terceiro Setor na formação e atuação de entidades pró-mercado.

2.1 Considerações metodológicas sobre os “atores não estatais” nas Relações Internacionais (RI)

A partir dos anos 1970, os chamados “atores não estatais” tornaram-se objeto de maior reflexão por parte dos teóricos das RI. Em especial no contexto acadêmico dos EUA, elevaram-se vozes críticas à centralidade do “paradigma estadocêntrico” (Nye Junior; Keohane, 1971) no *mainstream* de RI à época, associado sobretudo ao realismo¹. Como aponta Bas Arts (2005), a discussão em torno dos atores não estatais arrefeceu relativamente durante os anos 1980, haja vista o fim da *détente* e um novo tensionamento das relações entre EUA e URSS. Na década seguinte, entretanto, observa-se um novo período de interesse pelo assunto na academia, atribuído em parte ao contexto marcado pelo desmoronamento do bloco socialista e fim da Guerra Fria (1945-1989).

Segundo Nicolas Guilhot (2005), porém, o termo “ator não estatal” é sobremaneira impreciso, haja vista apenas definir o objeto por aquilo que ele não é, adotando ainda a unidade estatal como referência. Não à toa, consideram-se “atores não estatais” entidades tão diversas como organizações não governamentais (ONGs), *think tanks*, fundações, corporações multinacionais, associações profissionais, guerrilhas, denominações religiosas, movimentos sociais e o narcotráfico. Especifica-se, assim, que os “atores não estatais” aos quais se faz referência no presente texto são sobretudo o amplo espectro de organizações envolvidas naquilo que Guilhot (2003, p. 210) denomina como um “mercado internacional de reformas das instituições de Estado”, cuja notável expansão se deu na esteira da derrocada dos regimes comunistas no Leste Europeu e das ditaduras civis-militares no continente sul-americano a partir dos anos 1980 (Guilhot, 2003).

Entre os atores que passaram a investir recursos e aplicar sua *expertise* técnica na arquitetura institucional de estados e mercados por todo o mundo, citam-se *think tanks*, fundações filantrópicas, agências governamentais, organizações internacionais (ONU, Banco Mundial, FMI), blocos supranacionais, consultoras privadas, redes de ativistas e acadêmicos. Seus papéis variam sobremaneira, seja:

¹ “Paradigma estadocêntrico” é a expressão utilizada pelos teóricos Robert Keohane e Joseph Nye Jr. em dossiê de 1971 para a revista acadêmica *International Organization*. Os autores entendiam como “paradigma estadocêntrico” o corpo teórico predominante no *mainstream* estadunidense nas RI, marcado desde o fim da Segunda Grande Guerra pelo realismo, sobretudo pela obra de Hans Morgenthau. Para uma descrição didática e resumida sobre as características e contextualização histórica das proposições de Keohane e Nye Jr., consultar a dissertação de Bittencourt (2018).

[...] exportando modelos constitucionais, rascunhando legislações ou criando bibliotecas, ou até com o treinamento de pesquisadores de opinião pública, promoção de veículos de imprensa independentes, ensino de gestão de campanhas a oficiais de partidos políticos, ou até fomentando a profissionalização de ativistas [pertencentes a organizações] não governamentais (Guilhot, 2005, p. 2)².

Em sua análise, Guilhot recupera as visões de duas das mais destacadas perspectivas teóricas em RI quanto ao papel de atores deste tipo na política global. A primeira trata de uma tradição influenciada pelo marxismo, sobretudo daqueles autores que buscaram aplicar determinados conceitos de Antonio Gramsci à disciplina de RI (Cox, 1987), enquanto a segunda seria legatária sobretudo da tradição construtivista. Ao apontar o que entende ser as lacunas de ambas as correntes, Guilhot (2005) extrai considerações metodológicas valiosas – às quais a presente dissertação se filia – para melhor analisar a atuação transnacional das ONGs e *think tanks* pró-mercado na atualidade

Ao examinar a interpretação dada aos “atores não estatais” por autores associados ao neogramscianismo em RI³, Guilhot (2005, p. 15) admite alguns dos méritos da perspectiva, entre eles o reconhecimento das “relações assimétricas de poder [entre os atores no Sistema Internacional] e a distribuição desigual de recursos”. Desta forma, distancia-se de uma visão apologética do suposto efeito “democratizador” da atuação de ONGs e redes de ativistas dos direitos humanos. Além disso, a corrente admitiria a permeabilidade existente entre os interesses estatais e setoriais, ao descrever como a atuação de organizações privadas no plano global cumpre papel relevante no avanço da agenda de política externa de determinados Estados. Por fim, também apresenta a virtude de propor uma abordagem atenta às implicações das transformações da ordem econômica na ordem política (Guilhot, 2003).

² Do original: “[...] from exporting constitutional models, drafting legislation or building parliamentary libraries to training pollsters, observing elections, promoting independent news reporting, teaching campaign management to political party officials, or enhancing the professionalism of nongovernmental activists”. Todas as passagens aqui citadas, caso não haja indicação de autoria, foram traduções nossas.

³ Guilhot dialoga sobretudo com a obra de Robert Cox, em especial no referente à aplicação que Cox faz do conceito de “hegemonia”, proposto por Gramsci, ao campo das RI. Em suma, “hegemonia” se refere à situação em que a dominação exercida por determinada classe social opera principalmente por meio do seu aspecto consensual, com a ameaça de coerção ocorrendo somente em casos marginais. Em uma situação de hegemonia, há a tradução dos princípios e interesses particulares, esposados pela classe dominante, como universais. A perspectiva gramsciana implica uma ampliação do conceito de Estado para além do seu aparato administrativo, ao incluir também aquilo que Cox (1987, p. 104) denomina como as “bases da estrutura política da sociedade civil” – como a Igreja, a escola e a imprensa. Transplantando o conceito para as RI, uma hegemonia mundial seria, para Cox, o transbordamento de uma hegemonia já consolidada no plano doméstico para o internacional. De acordo com o autor, uma hegemonia mundial se firmaria somente quando a posição de dominação de determinado Estado seria tamanha a ponto de ele exercê-la de forma indireta, devido à existência de um consenso em torno dos valores caros ao país hegemônico. O papel das Instituições internacionais na consolidação de uma hegemonia mundial seria indispensável (Cox, 1987).

Guilhot, porém, critica o que denomina como a “natureza mecanicista” do argumento neogramisciano. De acordo com esta visão, caberia às ONGs e *think tanks* promotoras da democracia e do livre-mercado preparar o terreno para a implementação das mudanças demandadas pela nova fase do capitalismo globalizado, como a exigência da abertura dos mercados e maior integração dos Estados à cadeia produtiva global. Sua tarefa seria entendida, assim, como antes de tudo *executar* um plano estabelecido anteriormente por forças externas. Nas palavras de Guilhot (2005, p. 16)⁴:

A transformação política e social tende a ser reduzida ao desdobrar mecânico de um plano contido em embrião na composição contemporânea do capital e implementado na forma mais eficiente pelo aparato estatal dos EUA. Como resultado, confere-se uma ênfase teórica à capacidade do sistema de se reproduzir e à sua coerência geral.

Não se trata aqui de subestimar a influência exercida pelo capital financeiro nas formas de governança. Como lembra Guilhot (2005), todavia, as “fortes premissas teóricas” das perspectivas influenciadas pelo neogramscianismo incorrem no risco de se ignorar as modalidades empíricas em que ONGs e *think tanks* pró-mercado atuam pelo globo. Guilhot reconhece que por vezes a promoção de determinados valores de fato escamoteia determinados interesses. Contudo, noções como “democracia” e “Direitos Humanos” (analisados por Guilhot em sua obra, mas que aqui podem ser substituídos sem prejuízo por “empreendedorismo” e “livre-mercado”, à luz do objeto de pesquisa da presente dissertação) não são sempre meros invólucros, “cavalos de troia” para propagação e legitimação dos interesses das classes dominantes. São vocábulos cujo conteúdo é objeto de ativa disputa política entre uma série de atores, e compreender, portanto, como os conflitos constroem seu sentido torna-se tarefa de suma importância.

Assim, Guilhot argumenta que o neogramscianismo, ao sobrevalorizar a estabilidade e coesão das relações de força, acaba por marginalizar o aspecto transformativo e adaptativo do poder. Ademais, se é verdadeiro que determinados produtos acadêmicos (no caso analisado por Guilhot, as teorias da democratização na segunda metade do século XX) podem ser considerados como a legitimação de determinados aspectos da política externa estadunidense, esse “encaixe” não deveria se concebido como um elemento *a priori*. Mais do que a simples derivação “superestrutural” de um projeto de poder, trata-se, na visão de Guilhot, de um

⁴ Do original: “Political and social change tends to be reduced to the mechanical unfolding of a plan contained in ovo in the contemporary composition of capital and implemented in the most efficient way by the U.S. state apparatus.”

“processo de construção social o qual ainda deve ser explicado” (Guilhot, 2005, p. 17, grifos nossos).

Para reforçar seu argumento, Guilhot recupera as considerações de Yves Dezalay e Bryant Garth (2002), com respeito ao que os autores chamam de fluxos de exportação e importação de *expertise* política historicamente existentes entre os países do Norte e do Sul Global. Em análise do processo de propagação do neoliberalismo na América Latina, durante os anos 1970-1980, Dezalay e Garth (2002) sublinham a necessidade de se proceder com uma análise que leve em consideração tanto as “guerras palacianas” ocorridas no Norte, quanto os conflitos internos e trajetórias históricas dos países “importadores”. É por meio desta abordagem que os autores verificam, por exemplo, como a disseminação do neoliberalismo assumiu características distintas em países como Argentina, Brasil, Chile e México no segundo quartil do século XX. Em suas palavras:

As atividades e batalhas travadas no Norte [...] exerceram influência decisiva nas transformações do Sul. Dizer que essa influência foi decisiva, todavia, não é afirmar que o Norte poderia moldar o que resultaria no Sul. Divergências ocorreram, em parte, porque os importadores do Sul nesta empreitada de importação-exportação estão situados em diferentes estruturas locais das que encontradas no Norte. Divergências também ocorrem porque o que é produzido para exportação muda com o tempo de acordo com as guerras palacianas no Norte [...]. Ademais, variações ocorrem porque a lógica dos mundos simbólicos de expertise e conhecimento *não operam segundo os ditames estritos dos desígnios imperiais e hegemônicos* (Dezalay; Garth, 2002, grifos nossos)⁵.

Vistas as críticas de Guilhot à perspectiva neogramsciana em RI, volta-se agora às considerações do autor com relação às reflexões construtivistas sobre os “atores não estatais”, as quais desfrutaram de grande popularidade no período posterior ao fim da Guerra Fria. Para tecer seus comentários, o autor dialoga sobretudo com a obra *Activism Without Borders*, de Margaret Keck e Kathy Sikkink (1998), que se tornou referência para o estudo das chamadas “redes de ativismo transnacionais”⁶. Segundo Guilhot (2005), Keck e Sikkink equivocam-se ao

⁵ Do original: “Northern activities and battles [...] exercised a decisive influence in the transformations in the south. To say that the influence was decisive, however, is not to say that the north could shape what resulted in the south. Divergence resulted, in part, because the southern importers in this import-export enterprise are embedded in different local structures than are found in the north. Divergence also occurred because what is produced for export changes over time according to the palace wars of the north. Further, variation came about because the logic of the symbolic worlds of expertise and knowledge does not operate according to the strict dictates of imperial or hegemonic wishes.”

⁶ Segundo a visão das autoras, a emergência do relativo consenso em torno dos Direitos Humanos (DH) e da democracia liberal nos anos 1990 teria sido decorrente do trabalho esmerado de movimentos de ativistas dedicados às pautas. Graças à pressão externa exercida por grupos de ativistas transnacionais, o governo estadunidense foi tornando-se paulatinamente mais permeável a incluir a defesa dos DH como tema da sua política externa a partir dos anos 1970. Embora Keck e Sikkink (1998) reconheçam o caráter instrumental do termo no contexto da Guerra Fria, as autoras argumentam que o governo estadunidense foi convocado a apresentar alguma consistência com o

assumir o ponto de vista dos atores em questão (as redes de ativistas de Direitos Humanos) integralmente, sem o distanciamento necessário para considerar suas motivações para além das “ideias” às quais se dizem filiados. Sendo assim, embora os trabalhos de Keck e Sikkink apresentem-se sobretudo como pesquisas empíricas, acabam por ignorar as “dinâmicas, recursos e posição dentro da estrutura social e estruturas internas” das redes de ativistas investigadas (Guilhot, 2005 p. 19).

Guilhot (2005) aponta também aquilo que denomina “idealismo epistemológico” por parte das autoras, que acabam por colocar o plano das ideias como anterior e determinante com relação ao plano das práticas sociais. Assim, ao estabelecer uma causalidade direta entre *ideias* e *práticas*, as perspectivas de Keck e Sikkink acabam também por sobrevalorizar a imutabilidade e coesão de certos “ideais” (no caso, “Direitos Humanos” e “democracia”). Desse modo, também não discutem como o sentido de noções poderosas é objeto de intensa disputa política. Nas palavras do autor:

Esses trabalhos entendem, no limite, essas realidades sociais como corporificação de valores, e reduzem o papel desses atores sociais a dar corpo a uma ideia. Esta tendência é reforçada pelo que pode ser descrito como “ilusão heroica” que permeia as teorias de rede transnacionais: ao reduzir a democracia ou direitos humanos a meras “ideias” que atores não estatais transnacionais exitosamente incluíram nas agendas internacionais ou forçaram em governos relutantes, eles não só reformulam a distinção entre moral e política sob o manto da distinção entre atores estatais e não estatais, mas também falham em ver “direitos humanos” ou “democracias” não como ideias, mas *meios* pelos quais conflitos são travados, *campos* nos quais diferentes atores lutam para estabelecer e impor sua legitimidade e expertise (Guilhot, 2005, p. 19)⁷.

A menção de Nicholas Guilhot à separação entre “atores estatais” e “atores não estatais” também constitui outro ponto relevante da sua análise. Para o autor, tanto as perspectivas neogramscianas como as inspiradas pelo construtivismo social, a despeito de, cada uma a seu modo, reconhecerem algum nível de porosidade entre “Estado” e “sociedade civil”, acabam por subscrever a uma distinção ainda rígida entre o que seriam os atores “estatais” e “não estatais”.

compromisso firmado. Assim, as autoras atribuem o apelo adquirido por tais noções a um intrínseco “poder das ideias”, o qual, por si só, constrangeria eventuais violações aos Direitos Humanos por parte dos Estados, bem como exerceria influência benéfica na produção de políticas públicas nas esferas doméstica e internacional. (Keck; Sikkink, 1998; Guilhot, 2005).

⁷ Do original: “these works ultimately view these social realities as the embodiment of values, and reduce the role of social actors to that of giving flesh to an idea. This tendency is reinforced by what can be called the ‘heroic illusion’ which permeates these theories of transnational networks: by reducing democracy or human rights to mere ‘ideas’ that transnational non-state actors have successfully placed on international agendas or forced upon reluctant administrations, they not only reformulate the sophomoric distinction between morals and politics under the guise of a distinction between non-state and state actors, but also fail to see that ‘human rights’ or ‘democracy’ are not ideas but *mediums* through which conflicts are fought, *fields* within which different actors struggle to establish and impose their legitimacy and their expertise”.

Com efeito, lê-se em Cox (1987, p. 114) que o “Estado [...] continua sendo o foco principal da luta social e a entidade básica das relações internacionais.” Mesmo que se trate de uma definição de Estado amplificada, que inclua sua base social, o pensador endossa uma percepção do Estado como um ator relativamente coeso e unitário, “com seus intelectuais ‘orgânicos’ que o garantem” (Guilhot, 2005, p. 212).

Já no caso do construtivismo social, denota-se pouca preocupação com a “porta giratória” (*revolving door*, no original em língua inglesa) que ocorre entre representantes de ONGs, políticos, lobistas, acadêmicos e burocratas internacionais, situação a qual ao menos permite relativizar a descrição das redes de ativistas analisadas por Keck e Sikkink (2008) somente como “empreendedores morais”. Segundo Guilhot, “noções como ‘atores da sociedade civil’ e ‘redes de ativistas de direitos humanos’” descrevem somente “papéis específicos negociados em contextos específicos”, sendo insuficientes para compreender a multiplicidade de atuações que determinado indivíduo ou organização pode desempenhar a depender da circunstâncias. O autor considera manter em mente como os atores apresentam múltiplos papéis sociais uma “precaução metodológica sensata que evita descrições simplistas e torna o pesquisador mais receptivo à complexidade empírica” (Guilhot, 2005 p. 13)⁸.

Guilhot emprega, assim, a expressão “agentes duplos” (*double agents*, no original em inglês), para se referir àqueles atores sociais com múltiplas filiações e exercem distintas posições, a depender do contexto⁹. A existência de tais “agentes duplos”, o autor continua, só é possível quando há agendas em conflito. Segundo Guilhot, a confrontação entre distintas perspectivas políticas e sociais favorece o surgimento de uma “camada [...] de intermediários, mediadores e negociadores que se situam entre grupos conflitantes, entre instituições dominantes e ONGs, entre o nacional e o internacional” (Guilhot, 2005 p. 13)¹⁰. Desse modo, a análise do autor ressalta, mais uma vez, como o sentido adquirido por determinados conceitos é resultado de um processo contencioso, em que as estratégias dos distintos atores colidem, se sobrepõem e se ajustam perante as circunstâncias.

Até aqui, buscou-se recuperar as críticas feitas por Guilhot (2003, 2005) tanto às perspectivas neogramscianas como em relação às inspiradas pelo construtivismo social na

⁸ Do original: “a sound methodological precaution that avoids reductive ascriptions and makes the researcher more receptive to empirical complexity.”

⁹ Ao empregar o termo, uma referência ao gênero literário de espionagem, o autor sublinha, todavia, não querer questionar a validade das motivações dos atores. Revelando-se a diversidade de papéis exercidos pelos mesmos agentes, Guilhot (2005) busca trazer à tona o que denomina ser suas “outras propriedades sociais”, tais como trajetórias profissionais, relações de classe, posições dentro de hierarquias institucionais, etc.

¹⁰ Do original: “[...] layer of intermediaries, mediators, arbiters, and go-betweens shuttling back and forth between contending groups, between dominant institutions and NGOs, between the national and the international.”

análise dos “atores não estatais” em RI. Agora, passa-se a algumas considerações feitas por Michel Foucault, as quais também balizam a orientação metodológica da presente pesquisa, sobretudo a “analítica de poder” associada à análise genealógica proposta pelo autor. Embora Guilhot não tenha sido influenciado por Foucault¹¹, é possível encontrar algumas aproximações entre as perspectivas defendidas pelos autores. Ambos reconhecem a importância da contingência para compreender como o poder se adapta e se transforma no decorrer do tempo, conforme mudanças na correlação de forças entre os atores. Além disso, ainda que não nomeie desta forma, pode-se constatar também em Guilhot a valorização de uma análise *ascendente* das relações de poder. Prioriza-se desse modo a dimensão em que o poder é tecido sobretudo por meio da aplicação de *técnicas*, não podendo ser apreendido, portanto, da intencionalidade de um suposto “ator dominante”.

Ao propor uma discussão a respeito da concepção de “poder”, Foucault (1994, p. 87) recupera como o termo é empregado via de regra, no campo da Ciência Política, para definir “o conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado”. O autor procura, todavia, distanciar-se da descrição de Poder nos termos de “um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro”, cujas repercussões se alastrariam, desde um ponto inicial, por todo o corpo social. Para Foucault (1994, p. 87), ao se realizar uma análise do poder, não se deve adotar “a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação” como os dados *iniciais* do poder; tais elementos seriam antes de tudo suas fontes *terminais*, cristalizações institucionais de um imbricado de relações de poder previamente estabelecidas.

Assim, Foucault defende compreender o poder não como um objeto a ser conquistado, cedido ou tomado, mas sim como relações, construídas pela:

Multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (Foucault, 1994, p.88)

¹¹ Guilhot (2005), assim como Garth e Dezalay (2002), são influenciados pelo trabalho do sociólogo francês Pierre Bourdieu, sobretudo pelo conceito bourdieusiano de “campo social”. Para Bourdieu, um *campo* seria uma estrutura ou sistema da vida social de relativa autonomia com relação às demais, assumindo uma lógica interna, ainda que os resultados das suas lutas internas sejam afetados sobremaneira em decorrência de lutas externas. Um campo social é necessariamente uma arena marcada pelo conflito entre os distintos atores que o compõem – sendo assim, as práticas e estratégias ocupadas pelos atores são inteligíveis apenas quando se leva em consideração a posição *relativa* que tais atores ocupam no campo. Envolvidos em tais conflitos, os atores realizam e desfazem alianças à luz das circunstâncias, tentando mobilizar, angariar ou redefinir o “capital” específico daquele campo (Lahire, 2017, *apud* Azevedo; Catani; Hey, 2017).

Dada sua concepção sobre o poder, o pensador argumenta em favor de uma série de precauções de método. A primeira delas seria privilegiar uma análise do poder não a partir das suas “fontes legitimadoras”, mas sim em suas manifestações capilares, em como ele efetivamente se traduz em uma série de instituições locais e regionais. Em segundo lugar, recomenda distanciar-se de perguntar a respeito da intencionalidade daqueles que são percebidos como os “detentores do poder”, mas sim prestar atenção ao momento em que as práticas de poder são aplicadas àquilo que Foucault (1994) nomeia provisoriamente de “objeto, alvo, ou campo de aplicação”. Isto é, não procurar entender o poder a partir das suas *intenções*, mas sobretudo à luz dos seus *efeitos*.

A terceira prescrição seria não compreender o poder como homogêneo e maciço, descrito apenas como a dominação de um grupo sobre os outros, ou de uma classe sobre as outras. Como dito previamente, ao conceber o poder como uma relação, não se pode localizá-lo precisamente em um objeto ou em um grupo, tampouco reduzi-lo a uma externalidade de relações de outra ordem, como econômicas ou sexuais. Nas palavras de Foucault, antes de mais nada o poder funciona, operando em cadeia. Os indivíduos, eles próprios efeitos das relações de poder, não podem ser reduzidos assim a “campos inertes de um poder externo” (ou em outras palavras, como algo “fora do poder”), mas desempenham também papel de intermediários na sua construção¹².

A quarta precaução prescrita por Foucault (2002) refere-se à interpretação predominante do poder como uma força em sentido *descendente*, emanada desde um ponto central até as extremidades. Em contraposição, Foucault defende a realização de uma análise *ascendente* do poder, isto é, compreender como ele opera por “mecanismos infinitesimais”, com história e trajeto próprios, que não podem ser reduzidos a meras decorrências dos planos concatenados *a priori* pelas “altas instâncias” do poder. “Não é a dominação global que se pluraliza e repercute até em baixo”, segundo ele, mas o sim poder que circula também pelos níveis mais baixos da sociedade. Deve-se identificar, assim, seus agentes reais no plano local, bem como suas formas particulares de operação, até serem colonizadas por mecanismos mais globais.

Por fim, como quinta precaução, Foucault (2002) elenca o imbricamento do poder/saber, ao descrever uma lógica que não seria descrita como uma “produção ideológica”. A formação, organização e circulação dos saberes estariam presentes na própria tessitura das relações de

¹² Como Foucault (2002) reforça, porém, não se trata aqui de dizer que o poder seja distribuído de forma igualitária por todos os indivíduos na sociedade. Pode-se dizer que não existe ninguém que esteja “fora” das relações de poder, ainda que seu papel na tecelagem das relações seja distinto.

poder, não sendo um “acompanhamento ideológico” que legitimaria uma máquina de poder já formada. Em síntese, o pensador argumenta em favor de uma análise do poder, quaisquer que sejam os temas de reflexão (no caso do pensador, o poder psiquiátrico, a sexualidade, o sistema punitivo, etc.), orientada não pelo “campo delimitado pela soberania”, mas sim “a partir das técnicas e das táticas de dominação” (Foucault, 2002, p. 40).

Deve-se agora, enfim, discutir como as questões metodológicas abordadas nesta seção serão aplicadas ao objeto de estudo da presente dissertação – a organização estudantil pró-mercado *Students for Liberty* (SFL) e sua atuação no Brasil entre 2012 e 2022. Quando se discute a reemergência do movimento libertariano estadunidense e global ao final dos anos 2000, são recorrentes as representações de tais organizações estudantis como executoras de um plano com vistas à promoção do ideário de livre-mercado em nível global. No campo de estudos das chamadas “novas direitas brasileiras”, as quais se credenciaram como tema de pesquisa de destaque ao longo dos anos 2010 (Casimiro, 2016; Rocha, 2018; Nobre, 2022), trabalhos acadêmicos em alguma medida associados a uma tradição gramsciana também tendem a definir a atuação de ONGs e *think tanks* pró-mercado como “aparelhos privados da hegemonia” exercida pelo patronato brasileiro. O papel de tais organizações também estaria informado pelos imperativos do capitalismo global, atuando como em posto avançado nas trincheiras das “batalhas de ideias”, por meio da propagação de perspectivas pró-capitalismo de livre empresa junto à sociedade (Casimiro, 2016; Araldi, 2021).

Haja vista os vínculos transnacionais da elite brasileira, não raro localiza-se o “verdadeiro poder” como importantes segmentos das elites econômicas e políticas estadunidenses. Neste contexto, os sobrenomes “DeVos” e “Koch”, associados a abastadas dinastias estadunidenses¹³, povoam o imaginário popular como os verdadeiros “homens por trás das cortinas” da rede de ativistas pró-mercado transnacional. Não se trata aqui em dizer que os recursos financeiros e contexto organizacional fornecidos por bilionários como os Koch são irrelevantes para compreender o ascenso de entidades como o SFL. No ciclo eleitoral estadunidense de 2020, estima-se que a rede de ativistas e ONGs disposta em torno dos Koch – apelidada de “Kochtopus” (Mayer, 2018) – tenha gastado cerca de 1.1 bilhão de dólares, quantia superior às das campanhas oficiais de Joe Biden e Donald Trump (Gibson, 2022)¹⁴. Quaisquer

¹³ As *Koch Industries*, fundadas pelo pai de Charles e David Koch em 1940, atuam majoritariamente no setor petroquímico e de energia. São a segunda maior empresa privada dos EUA, com receita estimada no ano de 2023 em 125 bilhões de dólares (Murphy, 2023). Os DeVos, por sua vez, são proprietários da *Amway*, multinacional do setor de cosméticos e produtos de limpeza.

¹⁴ Os valores dizem respeito às campanhas oficiais de Biden e Trump, não contabilizando os montantes empenhados por grupos externos em favor de ambos os candidatos (OpenSecrets, 2024).

indivíduos com tamanha quantidade de dinheiro à disposição para investir no processo eleitoral estadunidense são atores imprescindíveis a se incorporar na análise.

Recorda-se, porém, do alerta de Danniel Gobbi (2016, p. 56) – em certa aproximação às considerações de Guilhot – quanto ao risco do analista cair na “armadilha orwelliana” de atribuir a determinados atores onisciência, onipotência e onipresença quase inabaláveis. Sobre este tema, resgatam-se ainda as palavras de Rodrigo Nunes (2022) contra a tendência de abstrair de um processo complexo toda sua “contingência e multiplicidade causal” e reduzir sua ocorrência a mera consequência de um “grande plano” orquestrado por poderosos agentes nas sombras. Segundo o autor:

Para que fique claro, não se trata de sugerir aqui que não haja, em qualquer momento dado, uma pluralidade de agentes buscando produzir efeitos determinados, alguns deles com mais poder que outros, e que muitos deles não busquem ocultar os esforços pelos quais procuram atingir seus objetivos. É óbvio que todos conspiram o tempo todo, isso é justamente uma das coisas que caracterizam uma situação em disputa. Mas dizer isso é o *oposto* daquilo que afirmam as teorias da conspiração. O que caracteriza o conspiracionismo não é a crença de que o mundo é a cada instante o resultado instável de múltiplas estratégias que convergem, se chocam ou se sobrepõem; mas, ao contrário a fé na existência de atores não apenas capazes de manipular todos os outros segundo sua Vontade como de ocultar tão bem os traços de sua ação que a própria ausência de traços de provas de sua influência deve ser tomada como evidência do seu poder (Nunes, 2022, p. 170).

Desse modo, por mais que se invistam milhões de dólares em aportes materiais e organizacionais para a promoção de determinadas “ideias”, não há qualquer garantia por parte dos “investidores” quanto à forma em particular que essas ideias serão reinterpretadas pelo público e traduzidas em práticas sociais. Sendo assim, o feitio que estas “ideias” assumem também é definido por um processo de conflito e negociação entre grupos rivais – à luz das “modalidades específicas” das quais fala Guilhot (2005). Ademais, deve-se questionar também *por que* certas ideias ressoam mais que outras junto a determinados públicos, em vista das circunstâncias históricas e das experiências dos jovens que sentiram atraídos pela perspectiva política em questão. Estas são algumas reflexões que permitem, assim, problematizar aquelas visões que argumentam em favor do “poder das ideias”, sem considerar as traduções do campo ideacional para o das práticas concretas.

Acredita-se, assim, que as abordagens teórico-metodológicas defendidas por Guilhot (2003, 2005) e Foucault (1994, 2002) apresentam-se como as mais aptas a responder a uma série de perguntas. Por que, entre tantas perspectivas políticas, o libertarianismo ressoou junto à parcela significativa da juventude estadunidense, no período imediatamente posterior à crise de 2008? Por meio da mobilização de quais noções? Tratando em específico do SFL, como se

deu o processo de adaptação do vocabulário e práticas do SFL dos EUA para o Brasil? Além disso, e talvez mais importante, como o fazer político particular do SFL pode contribuir para compreender a emergência da atuação das ONGs pró-livre-mercado no Brasil e pelo globo na última década? É neste contexto que a pesquisa deve tratar de algumas noções-chave que orientam a presente investigação, tema da próxima seção.

2.2 Noções-chave para a pesquisa: racionalidade neoliberal e o empreendedorismo de si

Em primeiro lugar, é necessário explicar o que se entende como “neoliberalismo”, caracterizado por Loïc Wacquant (2012) como uma categoria “fugidia, nebulosa e controversa”, além de carregada politicamente. Afinal, quando se emprega o termo “neoliberal”, em geral é em sentido crítico. A maior parte dos afiliados ao que poderia chamar campo neoliberal se identificam como “liberais”, haja vista se identificarem como legatários de uma tradição política e intelectual que remonta ao século XIX, representada pelas obras de autores como Frédéric Bastiat, Herbert Spencer, Alexis Tocqueville, John Stuart Mill, John Locke, entre outros (Rocha, 2018).

Ao se referir a “neoliberalismo”, refere-se aqui a uma tradição intelectual heterogênea, cujo ponto de emergência é tradicionalmente colocado no Colóquio Walter Lippmann, realizado em 1938, na cidade de Paris, França (Denord, 2001; Foucault, 2008; Dardot; Laval, 2016; Schulz-Forberg, 2020). Apesar das diferenças entre as correntes internas do neoliberalismo, acredita-se que o elemento aglutinador entre elas tenha sido a compreensão compartilhada quanto à necessidade de atualizar as bases dogmáticas do liberalismo clássico. Tratar-se-ia de empreitada crucial em um período em que o prestígio do *laissez-faire* encontrava-se sobremaneira abalado pelos efeitos da Primeira Grande Guerra e da Grande Depressão (Dardot; Laval, 2016), além da necessidade de se responder aos desafios lançados por outras perspectivas. Neste quesito, destacam-se o socialismo de tipo soviético, o nazifascismo e o liberalismo de tipo keynesiano, o último visto como uma capitulação de certos liberais frente a “tendências estatizantes”.

Embora o Colóquio possa ser descrito como um momento de *emergência* de determinada tradição intelectual, também pode ser descrito como a *culminância* de um processo histórico mais amplo de reavaliação do liberalismo como pensamento e movimento político, marcado não só pelo embate com perspectivas rivais, mas também por reavaliações internas. É dentro deste contexto que se entende também o imperativo de formulação de um liberalismo *propositivo*, atento ao contexto institucional e social em que as ordens econômica e política

estão embebidas.

Entre os participantes, porém, distintas visões sobre o que seria um liberalismo “construtivo” se impuseram. A corrente ordoliberal – a qual tinha como alguns de seus representantes mais destacados os alemães Wilhelm Röpke, Walter Eucken e Alexander Rüstow – atribuía ao Estado um papel-chave no ordenamento e na regulação de uma ordem econômica baseada na concorrência, bem como no fomento a um meio social propício para a livre-iniciativa. As figuras associadas à Escola Austríaca – notoriamente, Ludwig Von Mises e Friedrich Hayek –, por sua vez, eram mais refratários a quaisquer modalidades de intervenção governamental, dado que acreditavam que a imersão no processo de mercado, por si só, já seria capaz de orientar as condutas individuais mais consonantes ao estabelecido de uma ordem da concorrência (Dardot; Laval, 2016).

Uma vez entendido o aspecto construtivo do neoliberalismo – ao contrário das visões que o definem como uma “retirada” ou “ausência” do Estado – cabe aqui discutir o que se entende como “racionalidade neoliberal”, termo empregado por Michel Foucault (2008) no curso “O Nascimento da Biopolítica”, ministrado entre 1978 e 1979 no *Collège de France*. Durante o curso, Foucault discorre a respeito daquilo que entende ser algumas semelhanças e diferenças entre as expressões europeia (França e Alemanha, em particular) e estadunidense do neoliberalismo realmente existente. Discutir em detalhe a comparação feita por Foucault está para além do escopo do presente texto, mas cabe recuperar algumas especificidades do contexto histórico estadunidense, para assim melhor compreender precedentes importantes de como o neoliberalismo realmente existente se manifestará nos EUA a partir da década de 1970.

Foucault destaca como, ao contrário do caso francês, em que o liberalismo se colocou como um “princípio moderador em relação a uma razão de Estado preexistente” (Foucault, 2008, p. 299), no contexto dos EUA o liberalismo configurou-se ele próprio como o princípio fundador e legitimador de um novo Estado, formado a partir da independência das Treze Colônias. O filósofo recorda como o processo de independência estadunidense foi iniciado a partir de um conjunto de reivindicações de ordem sobretudo econômica, antes de se traduzir em aspirações definidas propriamente em termos políticos. Desta forma, “não é o Estado que se autolimita pelo liberalismo, é a exigência de um liberalismo que se torna fundador de Estado” (Foucault, 2008, p. 300).

Assim, o autor frisa também como todos os debates políticos ocorridos nos EUA ao longo do século XIX fizeram referência, em alguma medida, ao conjunto de temas e problemas colocados por uma imaginação política delineada pelo liberalismo. Ademais, coloca também como a introdução de uma série de políticas intervencionistas no pós-Segunda Grande Guerra

provocou reações à direita e à esquerda nos EUA. No primeiro campo, opôs-se ao aspecto relativamente igualizante dos “pactos sociais de segurança” (aqui entendida em sentido amplo, seja econômico, político, sanitário, etc.) característicos do Estado de bem-estar social do pós-Segunda Grande Guerra. Já entre o campo da esquerda estadunidense, a crítica e a luta política cotidiana dirigiu-se em particular à faceta militarista e imperialista¹⁵ assumida pelo Estado de bem-estar estadunidense naquele período¹⁶.

Apesar do feitiço distinto das críticas, grupos variados do espectro político estadunidense buscaram legitimidade no liberalismo, naquilo que o autor define como uma “reativação” da tradição liberal do país. Sendo assim, Foucault destaca, como o liberalismo nos EUA, ao contrário do que ocorre na Europa, não é uma opção política e econômica entre tantas outras, mas configura-se como “toda uma razão de ser e de pensar” (Foucault, 2008, p. 301), constituindo o princípio basilar das relações entre governantes e governados. Além disso, o liberalismo estadunidense coloca-se sempre como um projeto utópico sempre passível de ser retomado, bem como um estilo geral de análise e pensamento que estabelece os termos no qual o embate político se dá no país.

É tendo em vista estes precedentes que Foucault (2008) analisa dois elementos próprios da concepção neoliberal estadunidense que funcionam, em suas palavras, ao mesmo tempo como “métodos de análise e tipos de programação” (Foucault, 2008, p. 302). São eles: a teoria do capital humano e o programa de análise da criminalidade e da delinquência (este último não será discutido no presente texto). Quanto à teoria do capital humano, trata-se de um importante elemento para compreender como o neoliberalismo não deve ser limitado à plataforma usualmente associada a ele (amplas privatizações, desregulamentação das relações de trabalho e da economia, política monetária ortodoxa, etc.). Sendo assim, seria inapropriado conceber a emergência neoliberal como meramente uma reabilitação do *laissez-faire* após o período de predominância do paradigma keynesiano durante os chamados “30 anos gloriosos do capitalismo” (1945-1975).

A teoria do capital humano, embora hoje associada à estirpe de neoliberalismo defendido pela Escola de Chicago e, em específico, ao trabalho do estadunidense Gary Becker,

¹⁵ Apenas para registrar que, evidentemente, o aspecto militarista do estado dos EUA precede à formação do Estado de bem-estar naquele país (Zinn, 2015).

¹⁶ Embora Foucault (2008) não trate desta questão especificamente em *O Nascimento da Biopolítica*, vale recuperar como, ao longo dos anos 1950 e 1960, as críticas feitas pelo o que pode ser definido genericamente do campo de “esquerda” também se dirigiram contra o componente moralizante do Estado de bem-estar social, que estabelecia expectativas rígidas com relação a papéis de gênero, relacionamentos afetivos, sexualidade, em uma contestação às relações de dominação inscritas no mundo do trabalho, na universidade, na família, etc. (Cooper, 2017; Chamayou, 2020; Brown, 2020).

começou a ser elaborada pelo economista Theodore Schultz já a partir dos anos 1950. Schultz concebeu a teoria a partir de seus estudos sobre a rápida recuperação econômica da Alemanha e do Japão no pós-Segunda Grande Guerra, para ele atribuídas às vultosas quantias de recursos despendidas em educação se comparados a outras nações. Assim, Schultz argumenta em favor de entender a educação não como um *gasto*, mas como um *investimento*. Conforme discutido por Melinda Cooper (2020), as reflexões do economista o levaram a argumentar em favor de uma política ativa do governo federal de investimento no ensino superior público, haja vista a contribuição histórica do setor para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

Ao ser questionado por Milton Friedman – uma das figuras mais emblemáticas da Escola de Chicago e um dos disseminadores mais influentes do neoliberalismo no século XX – se os retornos dos investimentos em educação seriam em benefício do indivíduo ou do coletivo, Schultz respondeu que, por tais investimentos incrementarem a renda nacional, eles deveriam ser pensados a partir do interesse público. Aqui há a principal distinção entre a concepção de capital humano advogada por Schultz e a interpretação que Gary Becker posteriormente daria ao conceito. Para o último, deve-se entender o estudante individual como o principal beneficiário dos investimentos em educação, sendo as vantagens obtidas coletivamente, portanto, tão somente a soma dos benefícios individuais. Desta forma, Becker advogava que os investimentos privados deveriam ser oriundos sobretudo de reservas privadas¹⁷, e não da providência pública, como entendia Schultz (Cooper, 2020).

Porém, a teoria do capital humano, especialmente em Becker, incorre em implicações mais amplas do que as levantadas por Schultz. Como Foucault (2008) aponta, a perspectiva acarreta, primeiramente, a incursão da análise econômica em um campo até então inexplorado (o trabalho). Se a economia política clássica entendia o trabalho como um fator de produção (ao lado de capital e terra), os economistas defendem sobretudo concebê-lo como uma variável a ser entendida qualitativamente, e não somente como “valor-trabalho”. Assim, passa-se a entender também o salário não mais como um *preço* atribuído à venda da força de trabalho, mas como uma *renda*, adquirida, por sua vez, a partir de um investimento inicial. Tal investimento inicial seria, no entendimento de Foucault (2008, p. 308), “o conjunto de todos os fatores físicos e psicológicos que tornam uma pessoa capaz de ganhar este ou aquele salário” – o que seria denominado “capital humano”.

¹⁷ Cabe destacar uma pequena distinção quanto ao tema no interior da Escola de Chicago, conforme relata Cooper (2017). Milton Friedman defendia que a solução preferencial para o investimento no ensino superior passaria pela liberalização do mercado de crédito. Gary Becker, por sua vez, defendia um papel mais proeminente da família como uma fonte de apoio financeiro, advogando em favor de medidas de estímulo a comportamentos poupadores no núcleo familiar.

A composição do capital humano do indivíduo, segundo Foucault, se distinguiria entre aqueles elementos inatos e adquiridos, abrangendo um rol amplo de características e competências. Trata-se de um “investimento educacional”, mas aqui compreendido em um sentido mais abrangente do que apenas a educação formal e a capacitação profissional. Da composição do equipamento genético do indivíduo aos cuidados parentais, uma série de elementos são reinterpretados na medida em que se convertem em “ativos” passíveis de serem reinvestidos ao longo da trajetória profissional. Entende-se, assim, o porquê de Foucault argumentar que a teoria do capital humano implica a aplicação de uma lógica econômica (que pode ser vulgarmente sintetizada em “investimento-retorno”) a campos da vida até então compreendidos como não econômicos. Da saúde pública aos relacionamentos afetivos, todos os problemas passam a ser recontextualizados nos termos da geração de capital humano (Foucault, 2008).

Desta forma, Foucault argumenta que a racionalidade econômica, antes restrita a um domínio específico, converte-se no princípio de cognoscibilidade de todas as outras esferas da vida. Assim, ao destrinchar a lógica inscrita na teoria do capital humano, o autor procura definir o neoliberalismo como algo maior do que somente um “ideário”, mas sim como uma formação subjetiva, uma “racionalidade” que governa a conduta do sujeito nas mais diversas esferas da vida. Se no liberalismo clássico se poderia fazer a distinção entre um domínio regido pela lógica de mercado e outro “fora” dele, no neoliberalismo não se pode dizer o mesmo – já inexistiu um domínio fora das relações de mercado. Neste contexto, o pensador emprega a noção de “empreendedorismo de si” para designar o tipo de relação estabelecida pelo sujeito consigo mesmo nos marcos da teoria do capital humano. A partir do momento em que o sujeito passa a conceber a si próprio nos moldes daquilo que Foucault (2008) denomina “forma-empresa”, a competição – a qual no liberalismo clássico era entendida apenas como uma condição para pleno funcionamento do livre-mercado – é alçada, portanto, à posição de princípio basilar das relações humanas como um todo.

Apesar de Foucault focar sobretudo a teoria do capital humano em sua análise, o conceito de “empreendedorismo” também foi trabalhado por outras perspectivas teóricas, das notórias reflexões sobre o tema da parte de Joseph Schumpeter, as quais inspiraram o teórico da administração Peter Drucker, às considerações de figuras-chave da Escola Austríaca, Friedrich Hayek, Ludwig Von Mises (Nunes, 2022) e Israel Kirzner. Se seria pertinente realizar uma recuperação das mais diversas visões que se encarregaram de discutir o “empreendedorismo”, na presente investigação restringe-se a recuperar apenas como o termo é trabalhado pela tradição austríaca. Justifica-se a escolha haja vista a influência decisiva exercida

pela Escola Austríaca junto ao movimento libertariano estadunidense do Pós-Segunda Grande Guerra em diante (Doherty, 2007) Uma vez que o SFL se declara pertencente, em alguma medida, a essa tradição, considera-se portanto apropriado recuperar o tratamento dado ao tema pelos pensadores austríacos.

Para compreender como Friedrich Hayek trabalha a noção de empreendedorismo, deve-se primeiro retomar como o autor propõe recolocar o problema do conhecimento no centro da análise econômica (Dardot; Laval, 2016). Nos artigos “*Economics and Knowledge*” (“Economia e conhecimento”) e “*The Use of Knowledge in Society*” (“O uso do conhecimento na sociedade”), Hayek elabora o seu argumento em contraposição ao “problema do equilíbrio”, questão cara para a análise econômica liberal clássica. Para o autor, ao preocupar-se sobretudo com a procura das condições para equilíbrio ideal entre oferta e procura, tais perspectivas pouco explicariam a respeito do modo de funcionamento da economia real. Assim, o problema central econômico não consistiria somente em como alocar recursos escassos para fins pré-determinados, mas sim de:

Como garantir o melhor uso dos recursos conhecidos por qualquer um dos integrantes da sociedade, para fins cuja importância relativa apenas esses indivíduos conhecem. Ou, em síntese, é um problema da utilização do conhecimento que não é concedido a ninguém em sua totalidade (Hayek, 1945 p. 5)¹⁸.

Desta forma, toda atividade econômica seria uma atividade de “planejamento” – entendido coloquialmente como a série de decisões a serem tomadas para a melhor alocação de recursos em uma sociedade. O problema toma a forma, porém, de *quem* seria o ator mais apto a assumir o papel do planejador: uma autoridade central, a qual concebe e executa um plano econômico único e unitário, ou os indivíduos dispersos, que, por meio da livre-concorrência, comunicam uns aos outros suas necessidades de forma descentralizada. Em outras palavras, uma vez que os indivíduos estabelecem seus objetivos e meios com base no conhecimento à sua disposição, estabelecem-se duas possibilidades: aglutinar em somente uma única autoridade todo o conhecimento originalmente disperso; “ou fornecer aos indivíduos o conhecimento suplementar do qual necessitam para melhor ajustar seus planos aos demais” (Hayek, 1945, p. 7)¹⁹.

¹⁸ Do original: “It is rather a problem of how to secure the best use of resources known to any of the members of society, for ends whose relative importance only these individuals know. Or, to put it briefly, it is a problem of the utilization of knowledge which is not given to anyone in its totality”.

¹⁹ Do original: “conveying to the individuals such additional knowledge as they need in order to enable them to fit their plans with those of others.”

Porém, como coloca Hayek (1945), o processo econômico é sobremaneira influenciado por contingências espaciais e temporais, as quais impelem os agentes econômicos a adaptarem-se constantemente. Desta forma, o autor subscreve a uma concepção da economia não como uma *estática*, mas como uma *dinâmica*, transformada a todo momento por novas informações²⁰. Em tal entendimento coincide o mentor de Hayek, Ludwig Von Mises (2010), quando argumenta que as representações matemáticas em economia apenas descrevem estados de equilíbrios hipotéticos ou pontuais, sem explicar como se formaram tais estados, tampouco como eles podem se transmutar em outros. Sendo assim, a abordagem mais sensata para Hayek seria relegar a tomada das decisões aos atores “na ponta”, visto que eles, por dominarem o conhecimento quanto às circunstâncias particulares em que se encontram, seriam os mais aptos para responder a quaisquer eventualidades. Em especial quando se compara a um cenário em que uma única autoridade central tivesse que, a princípio, reunir toda a informação dispersa para somente em seguida eleger determinado curso de ação.

Hayek (1945) defende, dessa maneira, que não há necessidade de cada indivíduo tomar conhecimento de *todas* as variáveis implicadas em cada evento que o afeta. Tampouco é preciso estar ciente de todos os efeitos ocasionados por determinado acontecimento; basta atentar-se àqueles que diretamente o atingem. Ao proceder de tal forma, o indivíduo comunicaria aos outros fragmentos de informação por meio do mecanismo de preços – que em Hayek é também um “mecanismo para a comunicação de informações”, ou também como um mecanismo “de descoberta”. Assim, todos aqueles atores imersos em uma dinâmica de mercado ajustariam suas decisões, conforme tomassem conhecimento da informação suplementar da qual necessitam por meio das relações de mercado. Para Hayek, a “maravilha” do mecanismo de preços seria o fato de ele, ao dispensar um controle central, proporcionar a cada indivíduo a possibilidade de estabelecer um projeto de “procura pela felicidade” nos seus próprios termos (Hayek, 1945).

Compreender o mecanismo de preços desta forma não seria considerá-lo “perfeito”, ao menos como entendido pelos economistas preocupados com o “equilíbrio geral”. Seria insensato supor que em algum momento o mecanismo de preços atingisse um ponto de equilíbrio que, mesmo se alcançado, seria prontamente desestabilizado, uma vez que o sistema

²⁰ Vale citar que uma análise dinâmica da economia já é mencionada na célebre obra “Capitalismo, Socialismo e Democracia”, de Joseph Schumpeter (1961). Vocábulo oriundo da física, assim como “estática”, “dinâmica” é empregado de forma genérica na linguagem cotidiana, mas Schumpeter reproduz a definição do economista norueguês Ragnar Frisch para lhe conferir mais precisão. Em apertada síntese, a dinâmica consistiria na incorporação de uma dimensão temporal à análise econômica. Desse modo, a “análise dinâmica leva em consideração não apenas o estado de outras categorias econômicas no mesmo momento, como o faz também a teoria estática, mas também sua situação em datas anteriores e a expectativa sobre seus valores futuros” (Schumpeter, 1961, p. 132).

estaria assim sempre suscetível ao aparecimento de novas informações. Importante frisar que tais informações são de natureza eminentemente prática – trata-se de conhecimento útil que pode ser aplicado nas relações de mercado, não necessariamente de caráter técnico. É nesse sentido que Hayek (1945) defende o papel dos especuladores no processo econômico, uma vez que, ao procederem de tal modo, estariam se valendo de uma informação privilegiada para obter vantagens, mas ao mesmo tempo estariam comunicando tal informação via mecanismo de preços.

Sendo assim, o mercado é concebido por Hayek primeiramente como um processo *formativo* – quanto mais se está imerso nele, mais o indivíduo apreende novas informações. Mais aprende, portanto, a se portar de forma estratégica a fim de alcançar seus fins. Trata-se de um processo “autoeducativo e autodisciplinativo”, nas palavras de Dardot e Laval (2016, p. 140), mas também releva-se como “autoconstrutivo”, no sentido de que ele forma o seu próprio sujeito²¹. O “empreendedorismo” não seria, desse modo, uma classe no interior do capitalismo – conforme entendido por Schumpeter – mas sim uma *habilidade*, a ser cultivada por todos os integrantes de uma economia de mercado. Nas palavras de Ludwig Von Mises (2010, p. 309, grifos nossos):

A economia, ao falar de empresários, não se refere a pessoas, mas a uma função específica. Esta função não é uma característica própria de um determinado grupo ou classe de pessoas; é *inerente a todas as ações e é exercida por todos os agentes*. Ao corporificar esta função numa figura imaginária, estamos recorrendo a um artifício metodológico. O termo empresário, conforme a cataláxia o emprega, significa: agente homem visto exclusivamente do ângulo da incerteza inerente a qualquer ação. Ao usar este termo, não se deve jamais esquecer que toda ação está inserida no fluxo do tempo e que, portanto, envolve especulação. Os capitalistas, os proprietários e os trabalhadores são necessariamente especuladores. O consumidor também o é, ao prover suas necessidades futuras. Do prato à boca muita coisa pode acontecer.

A defesa do empreendedorismo como uma “função”, e não como um grupo de pessoas, é encontrada na argumentação de Israel Kirzner, outro integrante da Escola Austríaca, que se debruçou no tema da chamada “ação empresarial”. Para Kirzner (2012), a tomada de ações por parte dos indivíduos teria sempre um elemento “empresarial”, na medida em que todos estariam sempre em “estado de alerta”, “com relação a fins potencialmente interessantes que até então passavam despercebidos, e, em relação a recursos, até então, potencialmente interessantes e

²¹ Conforme apontam Dardot e Laval (2016), apesar das diferenças entre as diversas vertentes neoliberais, todas elas buscam responder ao questionamento de *como* construir as condições necessárias para uma ordem de livre-mercado prosperar. Se, no caso dos ordoliberais, atribui-se ao Estado papel relevante na construção de uma ordem jurídica e social consonante à livre-concorrência, os austríacos acreditavam que a própria dinâmica de mercado fomentaria o autogoverno mais sintonizado com as necessidades do capitalismo de livre-concorrência.

disponíveis” (Kirzner, 2012, p. 42). Dada a impossibilidade de um contexto em que todos os atores usufruam de todos os conhecimentos necessários para a consecução dos seus fins, o indivíduo imerso na dinâmica de mercado se depara frequentemente com o aparecimento de novas informações.

Exige-se aos participantes do mercado, assim, uma qualidade empresarial, de se ajustarem às circunstâncias e de aproveitar oportunidades inexploradas. Desta forma, eles não se constituem como “tomadores e economizadores passivos de preços”, tampouco apenas reagiriam às circunstâncias conforme fins pré-estabelecidos. Conforme apregoa Kirzner (2012), todos os participantes de uma dinâmica de mercado também desempenham um papel ativo na formação de preços. Além disso, seus objetivos são recorrentemente concebidos e readequados no cruzamento dos planos individuais nas relações de mercado, não sendo possível falar, portanto, de fins determinados previamente à experiência de mercado.

Para corroborar com seu argumento, Kirzner (2012, p. 44) recupera a afirmação de Von Mises: “todo participante de qualquer economia viva e real é sempre um empresário”. Desta forma, também segundo Von Mises, a ampla disseminação do empreendedorismo se daria também por um processo de emular o comportamento dos “melhores”, aperfeiçoando assim o processo de descoberta mútua inscrito na dinâmica de mercado. Uma vez que as ideias orientam as condutas individuais, Mises considerava, portanto, o combate a perspectivas com pendor socialista uma tarefa prioritária para favorecer o funcionamento da economia de livre-concorrência.

Enfim, acredita-se que retomar as noções de racionalidade neoliberal, conforme proposto por Foucault (2008), bem como as considerações de Hayek (1945) e Mises (2010) sobre o empreendedorismo, seja pertinente para se analisar o presente objeto de pesquisa. Por privilegiar uma dimensão mais voltada para a promoção de comportamentos e orientação das condutas, acredita-se estar mais bem munido para analisar como os integrantes do SFL concebem a sua própria formação e prática política. Defende-se também que a difusão da autodisciplina associada ao empreendedorismo de si, como se buscará demonstrar mais adiante no presente texto, é um importante efeito da atuação política do SFL, seja nos projetos levados a cabo pela entidade no Brasil, seja com relação aos projetos de políticas públicas defendidos por egressos dos programas de treinamento do SFL eleitos para cargos públicos.

É prudente considerar, todavia, que quando se discute a “racionalidade neoliberal” ou as considerações sobre o empreendedorismo da Escola Austríaca, não se pode desvinculá-la da realidade social a qual se pretende analisar. Em outras palavras, seria errado tratar a racionalidade neoliberal como uma entidade a-histórica, como se o próprio neoliberalismo

realmente existente também não tivesse se transformado no decorrer das décadas e a depender da localidade que se analisa. Afinal, se a pesquisa está retomando tais noções, o faz na medida em que possivelmente possam ajudar na explicação de um movimento político situado em um dado contexto. Nesse sentido, busca-se inspiração em trabalhos que já localizaram a difusão de um certo “empreendedorismo de si” como um importante elemento dos movimentos direitistas emergentes no Brasil dos anos 2010 (Feltran, 2020; Nunes, 2022).

2.3 O histórico das entidades privadas pró-mercado nos EUA (1945-2008)

Para melhor compreender o contexto de surgimento do SFL nos EUA, deve-se, ainda, descrever o papel historicamente desempenhado por ONGs e *think tanks* na promoção de perspectivas de livre-mercado no país. Uma dimensão crucial da análise – haja vista os postulados metodológicos já pontuados será apontar a circulação recorrente de ideias, recursos e pessoas entre agências governamentais, empresas, ONGs e associações privadas. Considera-se essa uma tarefa oportuna para compreender como a força de determinadas ideias em um quadro histórico se deve menos ao seu “brilho inerente” do que à série de aportes institucionais investidos na promoção de certas perspectivas. Ademais, indica-se como o sentido atribuído a determinadas noções também é informado pelos embates sociais e políticos ocorridos em cada período histórico.

Por conta da ênfase no caso estadunidense, faz-se referência à tradição intelectual e movimento político conhecidas popularmente como “libertarianismo”, campo ao qual muitos dos integrantes do SFL consideram-se vinculados. Em apertada síntese, o libertarianismo pode ser definido como uma defesa irrestrita da propriedade privada e da economia capitalista, aliada a uma crítica ferrenha à atividade estatal. Desta forma, para os libertarianos²², o Estado, quando muito, deveria se restringir a proteger a propriedade e os indivíduos da ação violenta de terceiros (Doherty, 2007).

Como aponta Doherty (2007), a corrente política que viria a se cristalizar como o libertarianismo contemporâneo teria sido influenciado por diversas tradições intelectuais e políticas, como o jeffersonianismo, o liberalismo francês do século XIX e a *Old Right*

²² Assim como Camila Rocha (2018), prefere-se o emprego do adjetivo “libertariano/a” no lugar de “libertário/a”, a despeito do uso mais corrente do último na atualidade para se referir a tais grupos de simpatias pró-mercado. Tal escolha se deve ao fato de “libertário/a” ser termo historicamente associado à tradição de pensamento e prática anarquista (Passetti, 2013). Este sentido da palavra é reconhecido por Murray Rothbard, um dos pensadores de proa do movimento libertariano, que celebra o fato do vocábulo ter sido apropriado dos anarquistas.

estadunidense²³. O relativo caráter heterogêneo também se manifestaria no perfil dos ativistas libertarianos, que comportariam desde perspectivas atualmente já próximas do *mainstream* econômico (como a Escola de Chicago, sendo os “chicaguistas” a alcunha dada aos apoiadores das perspectivas defendidas por nomes como Friedman e Stigler), passando pelos influenciados pela Escola Austríaca, até chegar nos objetivistas²⁴, minarquistas²⁵ e nos autodenominados “anarcocapitalistas”. Os últimos são particularmente influenciados pelo trabalho de Murray Rothbard, considerado uma das principais influências do movimento libertariano estadunidense no Pós-Segunda Grande Guerra.

Portanto, apesar de algumas entidades deixarem claro sua filiação intelectual/política logo de partida – como a série de círculos objetivistas inspiradas pelo trabalho de Ayn Rand – muitas das organizações libertarianas se caracterizam como *big tent* (“grande tenda”); isto é, são formadas por pessoas provenientes de distintas tendências do interior do movimento libertariano. Isto não significa, contudo, que tal colaboração ocorra sem conflitos. Pelo contrário, historicamente, não raro as divergências tornam-se mais significativas do que os pontos de concordância. Mas como mencionado por Guilhot (2005), os próprios conflitos moldam o sentido que determinadas noções assumem, devendo também ser alçados, portanto, à posição de objeto de análise.

Iniciando a reconstituição histórica a respeito das organizações de natureza privada dedicadas à disseminação da doutrina pró-mercado nos EUA, a *Foundation for Economic Education* (FEE), fundada em 1946 por Leonard Read, é considerada a primeira organização dentro deste perfil surgida no país. Antes de criar a FEE, Read fora diretor da Câmara de Comércio dos EUA de Los Angeles, entre 1939 e 1945, onde estabeleceu contato com representantes do empresariado estadunidense. Também na posição de diretor da Câmara foi que se tornou correspondente frequente de Von Mises, após a chegada do austríaco a Nova Iorque. Antes de idealizar a criação da FEE, Read já se devotara a outros esforços de disseminação de ideias pró-livre mercado, como por meio de um sistema de mala direta, criado em 1935, e que chegou a atingir três mil leitores (Gros, 2002). Read, já como presidente da Câmara, também fundou a editora *Pamphleteers*, voltada para a publicação de obras consoantes à agenda pró-mercado (Doherty, 2007).

²³ Corrente de especial influência no debate público estadunidense entre os anos 1930 e 1940. Era definida pela sua ferrenha oposição ao *New Deal* e apoio a uma política isolacionista em termos de política externa, além do apreço por noções de governo limitado herdadas da Revolução Americana (Doherty, 2007).

²⁴ Simpatizantes da corrente com pretensões filosóficas criada pela romancista Ayn Rand, um dos nomes mais celebrados no interior do libertarianismo.

²⁵ Os minarquistas advogam pela restrição da ação estatal à função judiciária e policial.

Devido a seu bom trânsito junto ao setor industrial, Read tornou-se, por um curto período entre 1945 e 1946, vice-presidente executivo da *National Industrial Conference Board* (NICB), organização formada em 1916 para defender os interesses do patronato industrial estadunidense. De acordo com Doherty (2007), Read pode contar com a rede de contatos formada durante seu período na Câmara de Comércio americana e na NICB para financiar a sua próxima empreitada, um centro concebido para disseminar o ideário libertariano junto ao público geral. A inspiração inicial para o projeto veio após a reunião de Read e Henry Hazlitt, jornalista nova-iorquino próximo de Mises, com Alfred Sloan, então presidente da GM. Sloan os incentivou a pensar em uma melhor forma de difundir ideias simpáticas ao livre-mercado, a partir dos dez milhões de dólares que o magnata doara à Sloan Foundation²⁶. Read também teria contado com o encorajamento de B. F. Goodrich, figurão da indústria de pneus e borracha, para sua empreitada (Doherty, 2007), além do apoio de professores das universidades de Yale e Columbia (Gros, 2002).

Assim, fizeram parte do primeiro conselho da FEE professores da Universidade de Cornell, o jornalista Henry Hazlitt, Ludwig Von Mises e os empresários Alfred Sloan, da GM, J. Howard Pew, da Sun Oil, e B.F. Goodrich, da Goodrich (Doherty, 2007; Gros, 2002). Desta forma, a nascente FEE desfrutou de boas fontes de financiamento desde o princípio – até o mês de maio de 1945, a organização já havia angariado cerca de 254 mil dólares em doações, aproximadamente 3 milhões e 400 mil dólares em valores corrigidos pela inflação²⁷ (Doherty, 2007). Com cinco anos de operação, a FEE já distribuía materiais de orientação libertariana para um total de 29 mil pessoas, por meio de um sistema de mala-direta.

Ao conceber a FEE sobretudo como um centro de educação e propaganda pró-mercado, Read mostrava-se refratário a engajar-se em iniciativas direcionadas a influenciar os rumos da política partidária. O enfoque da FEE residia na educação de pessoas comuns com relação à doutrina de livre-mercado, com a organização de seminários a respeito de temas específicos ou sobre clássicos do liberalismo clássico, além da impressão e distribuição de panfletos educativos sobre assuntos variados. Um desses panfletos, conhecido como *I, Pencil* (“Eu, o Lápis”), seria popularizado mais tarde pela narração de Milton Friedman em um episódio de sua série televisiva *Free to Choose* (“Livre para Escolher”), transmitida pela emissora *Public Broadcasting Service (PBS)* (Moore, 2012). O didatismo e a referência a objetos cotidianos de

²⁶ Fundação criada em 1936, com o objetivo de conceder recursos para pesquisas nas áreas de economia, urbanismo, energia, meio ambiente, tecnologia e indústria (Alfred P. Sloan Foundation, 2025).

²⁷ Os valores foram calculados a partir da calculadora oficial do braço do Federal Reserve, em Minneapolis (Inflation [...], [2023]).

“Eu, o Lápis” – narração em primeira pessoa, na qual um lápis descreve todas as etapas necessárias e pessoas envolvidas em sua confecção como uma maravilha operada pela “mão invisível” do mercado – se tornaria a marca registrada da FEE.

Apesar de se inspirar na noção de “remnant” de Albert Jay Nock²⁸, Read a adaptaria em um sentido menos elitista, visando atingir não só uma classe de “formadores de opinião” como intelectuais, professores universitários, empresários e políticos, mas também o público em geral (Doherty, 2007). Assim sendo, a publicação de textos torna-se uma das atividades-chave da FEE: em seu bojo publicam-se desde brochuras de caráter mais panfletário (o texto *Why Wages Raise?*, por exemplo, destinava-se para trabalhadores da indústria, com o argumento de que agitações grevistas não colaboraram para o crescimento dos salários²⁹) até a republicação de estudos acadêmicos, de obras clássicas como *A Lei*, de Frédéric Bastiat a livros *best-seller*, tais quais *Economics In One Lesson*, de Hazlitt. Estima-se que, até 1971, a entidade tenha doado e vendido cerca de 500 mil cópias do livro *A Lei*, de Frédéric Bastiat (Gros, 2002). A entidade autorizava a republicação de seus textos sem a necessidade de pagar direitos autorais, o que na prática permitia uma circulação muito mais ampla dos textos em jornais de pequena, média e grande circulação. *A Reader's Digest*, colaboradora frequente do FEE e à época a revista de maior circulação dos EUA, chegou a solicitar um aviso antecipado com relação a novas publicações, para garantir que se tornasse o primeiro veículo da imprensa a imprimi-los (Doherty, 2007).

Foi como um fascículo da FEE que o jornal *The Freeman* atingiu sua maior repercussão. Inicialmente publicado durante um curto período nos anos 1920 por Albert Nock³⁰, o projeto do jornal foi retomado em 1950 por Henry Hazlitt outros dois jornalistas de pendor libertariano, John Chamberlain e Suzanne La Follette. Entre 1950 e 1954, *The Freeman* publicou artigos da

²⁸ A noção de “remnant” (que pode ser traduzido para o português como “reminiscência”) foi formulada por Alfred Jay Nock, um dos principais intelectuais vinculados à *Old Right*. Para Nock, as “ideias da liberdade” muitas vezes não se tornam dominantes em uma sociedade, mas a função de seus partidários é mantê-las vivas da forma que for possível, ainda que para poucos ouvintes. Pois assim, quando chegadas circunstâncias mais propícias, tais perspectivas serão capazes de ressoar junto aos “ouvidos certos”, e assim se traduzir em resultados concretos na realidade (Doherty, 2007).

²⁹ Entre 1945 e 1946, os EUA vivenciaram a maior onda de greves de sua história, atingindo setores variados como o automotivo, cinematográfico, siderúrgico e minerador. Ao final de 1946, as mobilizações grevistas – em sua maioria realizadas passando ao largo dos sindicatos – já haviam envolvido cerca de 4 milhões e meio de trabalhadores por todo país (Brecher, 2009). Cabe perguntar, portanto, se o interesse pelo empresariado estadunidense pela promoção do ideário de livre-mercado também não pode ser explicado pelas circunstâncias dos conflitos sociais à época.

³⁰ Em mais um exemplo das relações entre as elites políticas e econômicas e a intelectualidade liberal, Nock conseguiu os fundos para sua empreitada com Francis Neilson, membro do Parlamento britânico pelo Partido Liberal, e com a esposa de Neilson, Helen Swift, herdeira dos frigoríficos Swift. Por intermédio do casal, Nock também conseguiu ainda uma posição na prestigiada revista *The Nation* (Doherty, 2007).

pluma de Von Mises, Hayek e Röpke, consolidando-se como o periódico de maior tiragem e influência junto ao então nascente movimento libertariano nos EUA (Gros, 2002). O lançamento da revista foi financiado pelos fundos levantados por Jasper Crane, executivo da empresa química DuPont, com a colaboração do ex-presidente republicano Herbert Hoover (1929-1933) e do costureiro apoiador de causas libertarianas, Howard J. Pew. Porém, devido a problemas financeiros e desavenças entre as perspectivas políticas de Hazlitt e os demais cofundadores, o jornal foi vendido para Leonard Read em 1954. Dois anos depois, Read incluiu o periódico como um caderno da revista mensal da FEE, a *Notes and Liberty*, manobra que possibilitou à publicação atingir um público leitor mais amplo (Doherty, 2007).

Se em FEE contava em 1952 com cerca de 4 mil doadores, em 1956, dois anos após a republicação de *The Freeman*, o número de doadores saltou para 9 mil, tendo o jornal um público mensal de 4.200 leitores. Sob a edição de Frank Chodorov, o periódico manteve-se como a principal publicação de pendor libertariano à época. Todavia, seu principal papel foi no sentido de reforçar a identidade da rede de ativistas libertarianos do que necessariamente tornar suas ideias *mainstream* (Doherty, 2007).

Vale mencionar que Chodorov, pupilo de Read, fundaria outra iniciativa de relevo no contexto do movimento libertariano do Pós-Segunda Grande Guerra, a *Intercollegiate Society of Individualists* (ISI). Chodorov preocupava-se, sobretudo, com o que considerava ser uma infiltração de ideias “coletivistas” nas universidades estadunidenses, resultado dos esforços conscientes da militância em atrair estudantes para perspectivas contrárias ao “individualismo”. Desse modo, em um artigo de 1950 para o seu mensário *Analysis* (Gros, 2002, Chodorov propõe aquilo que seria um plano “de 50 anos” para derrotar o socialismo, a partir de um esforço de disseminação do ideário libertariano junto às próximas gerações. Em 1953, o ativista criou assim a *Intercollegiate Society of Individualists* (ISI) – nome próximo da entidade rival, a *Intercollegiate Society of Socialists* (ISS) – a fim de estabelecer grupos de estudo e discussão sobre obras do liberalismo clássico. De acordo com Denise Gros (2002), no ano de 1956, a ISI já alcançava um público de cerca de 10 mil pessoas, e nos anos 1960, a cifra atingiria a de 40 mil estudantes.

Observa-se entre o final dos anos 1940 e começo dos 1950, portanto, um período de maior institucionalização do movimento libertariano estadunidense, com o aparecimento de institutos e periódicos comprometidos com o avanço da causa pró-livre mercado. Dentre outros exemplos desta tendência, cabe citar o jornal *Human Events*, de Felix Morley, lançado em 1944 com apoio de J. Howard Pew, e a cadeia de jornais *Freedom Newspaper*, de propriedade do magnata Raymond Cyrus Hoiles. O primeiro alcançou a cifra de 5 mil assinantes em seus quatro

anos iniciais, e chegou a contar com colaboradores frequentes como o historiador William Henry Chamberlain, notório anticomunista e crítico à entrada dos EUA na Segunda Grande Guerra, e o ex-presidente Herbert Hoover, cuja popularidade entre os círculos libertarianos cresceu após seu período na Casa Branca, em contraste a sua reputação como um dos “responsáveis” pela Grande Depressão junto ao público geral (Doherty, 2007).

Já os jornais da cadeia *Freedom Newspaper*, sendo o principal o *Santa Ana Register*, sediado no tradicionalmente conservador condado de Orange, na Califórnia, serviam como plataforma para propaganda em oposição aos sindicatos e à educação pública obrigatória, temas caros ao dono dos jornais, Raymond Cyrus Hoiles. Com distribuição sobretudo nas regiões Sudoeste e Centro-Oeste dos EUA, os jornais do *Freedom Newspaper* atingiram, em meados dos anos 1960, a marca de 300 mil leitores, e a fortuna pessoal de Hoiles chegou a 50 milhões de dólares (valor não corrigido pela inflação). Hoiles, aliás, foi um dos principais financiadores do FEE ao momento da sua criação (Doherty, 2007).

Quanto aos aportes institucionais do campo libertariano nos EUA, indispensável citar ainda o Fundo Volker, entidade que contribuiu consideravelmente para garantir a interlocução do ativismo libertariano estadunidense com o movimento neoliberal transnacional. Fundado em 1932 por William Volker, dono de uma empresa que revendia materiais para decoração de interiores, o Fundo Volker tornou-se nos anos 1950 o maior financiador de estudos alinhados a perspectivas pró-mercado. Entre o final dos anos 1940 e começo dos anos 1960, o Fundo, sob direção do Harold Luhnow, sobrinho de Volker, destinou cerca de 1 milhão de dólares anualmente a pesquisas consonantes à agenda promovida pela entidade.

De acordo com Hülsmann (2007), o ativista libertariano Lored “Red” Miller exerceu grande influência intelectual sobre Luhnow e as atividades do Fundo. Miller foi, entre 1942 e 1944, diretor do *Kansas City Civic Research Institute*, um dos institutos vinculados e financiados pelo Fundo Volker, antes de partir para o *Detroit Bureau of Governmental Research*, considerado por Doherty (2007) como um exemplo da plethora de entidades de pesquisa privadas associadas ao campo de estudos sobre “boa governança” existente desde os anos 1930.

Entre as atividades realizadas pelo Fundo Volker, enumera-se a realização de conferências, a encomenda da publicação de livros, distribuídos para bibliotecas e livrarias por todos os EUA, além do fomento das conexões entre distintas redes libertarianas pelos EUA. Apontado também como fator relevante para o êxito da iniciativa foram as contribuições da *Earhart Foundation*, organização privada fundada por Harry Boyd Earhart, magnata do ramo petrolífero, que desde 1927 também concedia fundos a pós-graduandos e pesquisadores nas

áreas das ciências econômicas (Doherty, 2007). Dentre os beneficiários de fundos oriundos da *Earhart Foundation*, destacam-se nove vencedores do Prêmio Nobel de economia, dentre eles Friedrich Hayek, Milton Friedman e George Stigler (Spend-down [...], 2021).

Quase todos os representantes estadunidenses na primeira reunião da Sociedade Mont Pelerin³¹, no ano de 1947, tiveram suas viagens até a Suíça custeadas pelo Fundo Volker (Hülsmann, 2007). Trata-se de Ludwig Von Mises, Milton Friedman, George Stigler, Harry Hazlitt, Leonard Read, F. A Harper, V. Orval Watts (os últimos dois também representantes da FEE), além de John Davenport, editor da revista de negócios *Fortune*. O Fundo Volker também custeou os salários de Mises e Hayek em seus postos em universidades estadunidenses (NYU e Universidade de Chicago, respectivamente) (Doherty, 2007; Hülsmann, 2007). Além disso, o fundo colaborou financeiramente para a criação do FEE e de outros institutos de orientação pró-capitalismo, dentre os quais o *Intercollegiate Studies Institute* e o *Institute of Human Studies* (IHS), o último o qual sucedeu ao Fundo Volker, após o fim de suas operações, em 1961 (Gros, 2002).

As preocupações de Friedrich Hayek em *Os Intelectuais e o Socialismo* inspiraram grandemente o *ethos* das atividades do Fundo Volker (Doherty 2007). No texto, Hayek considera que o apelo do socialismo junto aos intelectuais se explica pelo fato da utopia socialista dar vazão aos esforços imaginativos teóricos, bem como dar “espaço para o exercício desse anseio *construtivo*, o qual o liberalismo, depois de ter obtido as suas grandes vitórias, legou poucos caminhos” (Hayek, 1960, p. 380, grifos nossos)³². Assim, Hayek defende que a empreitada de revitalização da tradição liberal passa por uma valorização do aspecto utópico, em detrimento de perspectivas pautadas unicamente por questões técnicas.

Hayek atribui também grande importância ao que denomina de “secondhand dealers of ideas” (“transmissores de ideias em segunda mão”), uma vasta classe formada por jornalistas, professores, publicistas, comentaristas de rádio, escritores de ficção, cartunistas, artistas, cientistas e classes profissionais, a qual fornece opiniões respeitadas sobre temas diversos aos

³¹ A Sociedade de Mont Pelerin, fundada em 1947, é uma entidade chave no processo de transnacionalização do movimento intelectual neoliberal. Concebida como uma prestigiada sociedade intelectual de caráter fechado (Gros, 2002), a Sociedade de Mont Pelerin colaborou para a maior articulação entre pensadores pró-mercado por todo o globo, ao proporcionar ocasiões frequentes para a troca entre pares. Dentre participantes de maior notoriedade de Mont Pelerin no campo das ciências econômicas, destacam-se seis ganhadores do Prêmio Nobel: Friedrich Hayek (1974), Milton Friedman (1976), George Stigler (1982), James Buchanan (1986), Ronald Coase (1991) e Gary Becker (1992) (Gros, 2002). Como outros integrantes membros importantes, destacam-se Luigi Einaudi, Presidente da Itália entre 1948 e 1955, e Ludwig Erhard, Chanceler da Alemanha Ocidental entre 1963 e 1966, além de personalidades do mundo jornalístico e até literário, na figura do escritor peruano e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 2010, Mario Vargas Llosa (The Mont Pelerin Society, 2024).

³² Do original: “[...]gives scope for the exercise of that constructive urge for which liberalism, after it had won its great victories, left few outlets.”

leigos. Teriam sido os profissionais responsáveis pela criação de um clima intelectual e cultural favorável para o adensamento das ideias socialistas no mundo industrializado entre o final do século XIX e começo do XX (Hayek, 1960). Segundo Richard Cornuelle, colaborador frequente do Fundo Volker em diversas funções durante os anos 1950, o texto de Hayek era visto como a “Bíblia Sagrada” entre a rede de ativistas libertarianos, informando os princípios e as estratégias então adotadas (Doherty, 2007).

Ao longo dos anos 1940 e 1950, outras obras contribuiriam ainda com a popularização de perspectivas pró-capitalismo nos EUA, devendo-se mencionar os trabalhos de Rose Wilder Lane (*A Descoberta da Liberdade*), Isabel Paterson, (*O Deus da Máquina*), ambos de 1943, e aquela que iria se tornar para muitos ativistas a principal porta de entrada para perspectivas extremistas em defesa do capitalismo, Ayn Rand (com os romances, *A Nascente*, de 1943, e, sobretudo, *A Revolta de Atlas*, de 1957). Discutir em detalhe as obras das autoras estaria para além do fôlego do presente texto, mas cabe frisar algumas semelhanças entre seus trabalhos, os quais informam componentes do pensamento libertariano do pós Segunda Grande Guerra. Primeiramente, o fato de serem autoras não de textos técnicos, mas sim de romances *best sellers* e obras populares, permitiu a transmissão de suas ideias junto a públicos não necessariamente politizados (Doherty, 2007).

Todas, em maior ou menor medida, também prestam tributo à memória da Revolução Americana e dos “Pais Fundadores”, buscando situar suas ideias como legatárias de Washington, Franklin e Jefferson. Desta forma, as autoras endossam, enfaticamente, a narrativa dos Estados Unidos como uma nação excepcional perante as demais, e interpretam assim o *New Deal* e a Seguridade Social como traições aos princípios fundadores do país (Doherty, 2007). As escritoras subscrevem assim, cada uma com seu vocabulário e linha de raciocínio próprios, a uma visão a-histórica com relação ao surgimento do capitalismo, seja legitimando o sistema de livre-mercado como ancorado em uma racionalidade natural humana (em Rand), seja traduzindo as atividades comerciais de diversas regiões em outros períodos históricos como sinônimo do capitalismo estadunidense do século XX (em Lane).

A despeito de nunca ter alcançado o prestígio acadêmico de outros expoentes do libertarianismo estadunidense, quase nenhum autor atingiu o estrelato que Ayn Rand alcançou no movimento libertariano. Destaca-se a defesa que a autora faz do capitalismo em termos estritamente morais, e não a partir de um argumento de caráter mais funcional como no caso de pensadores da Escola Austríaca e da Escola de Chicago. Com base nos postulados de sua corrente com pretensões filosóficas, o “objetivismo”, a autora acreditava que a justeza de um sistema de valores poderia ser unicamente aferida por meio do raciocínio lógico, a partir da

observação atenta do que considera a “realidade objetiva”. Desta forma, quaisquer controvérsias morais ou políticas seriam, portanto, fruto da “metafísica irracional” das massas (Doherty, 2007).

A “correção epistemológica” do público em geral torna-se assim tarefa anterior, na concepção de Rand, a quaisquer esforços de influir nas políticas públicas. A valorização do indivíduo racional em Rand encontra-se, assim, vastamente presente em seus romances. O enredo dos seus livros mais notórios, *A Nascente* e *A Revolta de Atlas*, abona uma certa concepção que pode ser considerada uma “luta de classes às avessas”: nas obras, indivíduos geniais – *empreendedores* – são aqueles que criam a riqueza em uma sociedade, ao passo que os funcionários e burocratas, mentes pouco imaginativas e fracas de espírito, parasitam as empreitadas dos primeiros. Revelador nesse sentido é como Rand pretendia a princípio batizar a obra de *A Greve*, ao tentar imaginar como seria “uma greve de todas as mentes criativas do mundo” (Doherty, 2007). Pelas lentes de Rand, a trajetória do empreendedor se converte na gloriosa história de uma “libertação” individual contra a mediocridade e conformismo do público médio.

A ênfase da autora no aspecto de “autodesenvolvimento” e “otimização” antecipa, em certa medida, tema tratado exaustivamente pela literatura de autoajuda, gênero que se tornaria uma verdadeira indústria a partir dos anos 1970, mobilizando cursos de *coaching*, publicações, conferências, filmes e programas de televisão³³. Cabe lembrar como Nathaniel Branden, discípulo mais próximo de Rand (e visto como seu herdeiro intelectual, até o rompimento entre os dois em 1968), notabilizou-se a partir dos anos 1960 como um dos escritores mais bem-sucedidos no gênero da autoajuda até então, com *The Psychology of Self-Esteem* (“A psicologia da autoestima”), de 1969, uma das primeiras obras a disseminar o tema do “autodesenvolvimento” junto ao grande público nos EUA (Doherty, 2007). Não se afirma que a perspectiva randiana seria a origem do gênero de autoajuda como se entende hoje, mas que a obra da autora pode ser compreendida como uma correia de transmissão entre uma literatura “política” e gêneros a princípio tidos como “apolíticos”.

Ainda sobre o papel de “intermediadora” exercido por Rand, cabe citar o papel da sua obra como porta de entrada para outros atores de orientação pró-capitalismo, como Von Mises,

³³ Estima-se que a indústria de autoajuda tenha movimentado cerca de 13 bilhões de dólares nos EUA em 2020 (Roeloffs, 2023). Trabalhos no campo das ciências sociais (Nehring; Alvarado; Hendricks; Kerrigan, 2016) propuseram entender a massiva popularização de terapias de “autoaprimoramento” e de literatura de autoajuda como uma expressão do neoliberalismo. Como descrito por Nehring, Alvarado, Hendricks e Kerrigan (2016, p. 16): “Elas [as ‘receitas’ de auto ajuda] (re)enquadram preocupações pessoais como questões psicoterapêuticas, médicas, espirituais ou religiosas, ao invés de problemas sociais coletivos que demandam soluções políticas coletivas.”

Hayek, e Friedman³⁴. Entre os anos 1960 e 1970, a pletora de institutos, *think tanks* e jornais objetivistas frequentemente publicavam listas de recomendação de leituras para seus integrantes, além de reproduzir textos de autores da Escola Austríaca em seus periódicos regulares. No ecossistema institucional objetivista, formaram-se intelectualmente profissionais das mais diversas áreas. Para ficar apenas em alguns exemplos de maior relevo, passaram pelos círculos objetivistas Martin Anderson, assessor político das administrações Nixon (1969-1974) e Reagan (1981-1989), e Alan Greenspan, que se tornaria o segundo presidente mais longo da história do *Federal Reserve* (FED), entre os anos de 1987 e 2006 (Doherty, 2007).

Desta forma, as iniciativas de Reed e Chodorov, além dos grupos inspirados por Rand, sinalizam como o campo da direita estadunidense não se resumia ao que era considerado o *mainstream* político à época, representado pelo *Modern Republicanism*, cujo período áureo coincidiu com a presidência de Dwight Eisenhower (1953-1961)³⁵. O então nascente movimento libertariano, contudo, não era a única perspectiva dissonante nesse sentido. Segundo a tipologia clássica de George Nash (1996), a *New Right* estadunidense – cuja emergência no plano institucional se daria com a eleição de Ronald Reagan em 1980 – formou-se a partir da gradual confluência de três grupos entre o fim da Segunda Grande Guerra e a “Reagan Revolution”.

Primeiramente, eis os já referidos *libertarianos*, preocupados sobretudo com aquilo que percebiam como o agigantamento do Estado, decorrente das políticas do *New Deal* e do receituário keynesiano. Também citam-se os *tradicionalistas morais*, caracterizados pela defesa da moralidade tradicional cristã, frequentemente em caráter reativo aos diversos movimentos de maior contestação das hierarquias sociais de gênero, raça, classe e orientação sexual, de projeção ascendente nos EUA nos anos 1950 e 1960. Associado a este último grupo, denota-se o crescimento da chamada “Direita Cristã” (*Christian Right*) no mesmo período, denominação que se aplica usualmente à maior politização das comunidades pentecostais e neopentecostais

³⁴ Ayn Rand, entretanto, sempre rechaçou a associação do objetivismo e do seu trabalho literário a qualquer movimento ou partido político. Em vida, a autora também repudiou veementemente, em mais de uma ocasião, qualquer ligação com o movimento libertariano estadunidense. Rand considerava os libertarianos carentes dos postulados filosóficos necessários, em sua visão, para ancorar uma atuação política pró-capitalista, bem como censurava a típica fobia libertariana pelo governo. Em tom pragmático, considerava também danosos os esforços do movimento libertarianos de se afastar do *mainstream* direitista (James, 2011).

³⁵ Os republicanos modernos (também chamados de “Rockefeller Republicans” pelos adversários conservadores, por conta da associação da corrente com o governador de Nova Iorque entre 1959 e 1973, Nelson Rockefeller) aceitavam a emergência do Estado de bem-estar social como um fato dado, dedicando-se mais a debater a escala e a melhoria na administração dos recursos dos programas de assistência social do que a contestar sua existência (Wagner, 1999).

(coloquialmente conhecidas como “evangélicas”), em especial no chamado “campo dos costumes”³⁶.

Além dos libertarianos e tradicionalistas, Nash denomina como terceiro flanco os grupos denominados de *anticomunistas*. Embora evidentemente as categorias anteriores também comungassem de aguerrida oposição ao comunismo, Nash se refere a uma tradição anticomunista não vinculada primeiramente à religião, como no caso dos tradicionalistas morais, e veemente favoráveis a uma política externa intervencionista, mas distante dos esforços de construção de instituições internacionais para conter a URSS. Neste quesito, os anticomunistas se distinguem tanto com relação aos libertarianos – mais remanescentes do veio isolacionista da *Old Right* – como dos “Republicanos Modernos”, defensores de um internacionalismo liberal para antagonizar Moscou. Nash demonstra assim a existência de tensões no interior da coalizão do conservadorismo moderno, haja vista a união dos seus distintos componentes se dar mais em torno do que se opunham do que necessariamente por princípios ideológicos compartilhados (Sousa, 2021).

Ao longo dos anos 1950 e 1960, porém, ganha fôlego o argumento denominado de *fusionista* entre os círculos conservadores, com a defesa da síntese das tendências libertariana, tradicionalista e anticomunista em uma mobilização mais ampla. A própria experiência histórica apresenta exemplos de como o fusionismo operou na prática – para citar apenas alguns casos, denotam-se Segundo Medo Vermelho (*Second Red Scare*) nos EUA, ocorrido entre 1947

³⁶ Em geral, a historiografia tradicional descreve a entrada evangélica na cena política estadunidense a partir dos anos 1970, em reação a uma série de decisões entidades como “progressistas” da Suprema Corte, referentes ao aborto, pornografia e medidas de integração racial. Segundo Daniel K. Williams (2012), todavia, os precedentes de mobilização das comunidades evangélicas nos EUA podem ser encontrados muito antes. Ao menos desde início do século XX, quando há a própria emergência o pentecostalismo, já observam-se campanhas de pentecostais contra o ensino da teoria da evolução darwiniana nas escolas, em oposição à imigração de nacionalidades de maioria católica (irlandeses, italianos e mexicanos, especialmente); censura de obras literárias e cinematográficas com passagens tidas como indecentes; em oposição à expansão dos direitos das mulheres; bem como a favor da proibição da fabricação e venda de bebidas alcoólicas (nos chamados “Movimentos pela Temperança”, que chegaram a conseguir o seu objetivo no período denominado de “Proibição”, entre 1920 e 1933).

e 1957³⁷, e o chamado “Medo Lavanda”³⁸ (*Lavender Scare*) no mesmo período, em que tanto o comunismo como a homossexualidade eram colocados como ameaças às instituições tradicionais estadunidenses (Heale, 1998; Johnson, 2004). Neste contexto, menciona-se o papel da revista *National Review*, e de seu editor, William Buckley Jr., para promoção do fusionismo no campo da direita estadunidense. Fundada em 1955, a *National Review* tornou-se o estandarte da direita estadunidense não alinhada ao *establishment* republicano, ao proporcionar um canal de divulgação e discussão entre as distintas expressões conservadoras no país. Além disso, a revista funcionava como uma espécie de “curadoria” do movimento, ao cancelar as perspectivas e grupos que considerava próprios de um conservadorismo “responsável” (Sousa, 2021).

Ao longo dos anos 1960, observa-se um fortalecimento do movimento intelectual conservador estadunidense. A campanha do senador Barry Goldwater à presidência dos EUA pelo Partido Republicano, em 1964, é vista como um divisor de águas, ao representar o enfraquecimento do controle da máquina partidária pelo *establishment* republicano perante as franjas mais radicais do eleitorado. Nas primárias republicanas, Goldwater derrotou os candidatos mais alinhados à linha predominante da legenda, entre eles o então governador de Nova Iorque, Nelson Rockefeller, e o governador da Pensilvânia, William Scranton (Perlstein, 2009). A campanha do senador pelo Arizona se distinguiu pela sua retórica marcadamente anticomunista, contrária ao movimento dos Direitos Civis e crítica ao *New Deal*.

A despeito da vitória acachapante do candidato democrata Lyndon B. Johnson no pleito de 1964, a campanha de Goldwater se destaca pelo fato de ter sido a primeira, em um dos

³⁷ O “Segundo Medo Vermelho” refere-se a um período marcado por amplas perseguições e campanhas difamatórias contra militantes de esquerda nos EUA, no contexto do começo da Guerra Fria (1945-1991). Também é chamado de Macarthismo, por conta do papel do senador republicano Joseph McCarthy na promoção de teorias de conspiração sobre agentes soviéticos infiltrados no governo estadunidense, nas universidades e na indústria de cinema. Destacam-se as investigações ocorridas na Comissão de Investigação de Atividades Antiamericanas, associada à Câmara de Representantes, e na Comissão de Operações Governamentais, no âmbito do Senado, liderada por McCarthy. Apesar da usual associação ao senador, deve-se entender o Segundo Medo Vermelho como movimento mais amplo que antecede e supera a figura do republicano. Segundo Michael J. Heale (1998, p. 7, tradução nossa): “o Macarthismo foi menos uma aberração do que o produto de processos de longo prazo que favoreceram políticas conservadoras [...]. O conservadorismo revitalizado de Richard Nixon e Ronald Reagan não foi criado em um vácuo e deve algo às tensões que McCarthy e os pequenos McCarthys nos estados exploraram. Eles (McCarthy e seus pares) ajudaram a expor a fragilidade daquilo que é conhecido por vezes como a ordem política do New Deal.”

³⁸ Processo concomitante ao Segundo Medo Vermelho, o “Medo Lavanda” foi uma onda de perseguições e campanhas difamatórias patrocinadas por agências do governo dos EUA contra gays, lésbicas e bissexuais entre os anos 1940 e 1950. A partir da ordem executiva 10450, o presidente Eisenhower proibiu a contratação de homossexuais no funcionalismo público federal, levando a uma onda de exonerações em massa. Em vista da animosidade generalizada contra homossexuais, não raro Joseph McCarthy e o então chefe do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), J. Edgar Hoover, chantagearam funcionários públicos gays com o fim de comprar seu silêncio e garantir apoio à cruzada anticomunista (Johnson, 2004).

grandes partidos do país, a questionar abertamente o “consenso liberal” estabelecido ao final da Segunda Grande Guerra (Perlstein, 2009). Diversos ativistas do movimento libertariano e conservador associados à *Reagan Revolution* participaram da campanha de Goldwater, entre eles Milton Friedman, que foi conselheiro econômico de Goldwater em 1964³⁹. Nas palavras de John McCain, sucessor da cadeira de Goldwater no Senado do Arizona e candidato à presidência pelo Partido Republicano nas eleições de 2008: “Ele [Goldwater] fez sua contribuição – transformou o Partido Republicano de uma organização elitista da Costa Leste em um terreno fértil para a eleição de Ronald Reagan” (Grove, 1994)⁴⁰.

Entre os dezesseis anos que separam as campanhas de Goldwater e Reagan, a constelação de institutos e *think tanks* de orientação pró-mercado frutificou por todo o mundo anglo-saxão (Gros, 2002). Nos países industrializados, o período é marcado pelo crescente inconformismo e contestação ao Estado de Bem-Estar Social, com o irromper de expressões políticas que colocaram em pauta discussões sobre as *formas* de viver nas sociedades de capitalismo de massa. Tematizou-se do sexo à divisão das atividades domésticas, da centralidade da jornada de trabalho à reinterpretação da relação entre o ser-humano e a natureza. Destacam-se ainda as greves de grande proporção ocorridas entre o final dos anos 1960 e começo dos anos 1970, além de outras manifestações de indisciplina no mundo do trabalho, em questionamento à rotina fordista (Fisher, 2020). Também dignas de nota são as mobilizações sociais contra a posição das empresas no contexto social e político mais amplo desempenhado pelas empresas, mais especificamente contra “o governo privado dos negócios públicos” (Chamayou, 2020, p. 128). Os anos 1960 e 1970 são marcados ainda pela crescente regulamentação governamental em matérias de meio ambiente, trabalho, publicidade e direitos do consumidor, fruto das mobilizações sociais ascendentes no período.

A esse duplo movimento de contestação e maior regulamentação da empresa, observa-se uma resposta por parte do patronato estadunidense, definida nas palavras de Grégoire Chamayou (2020 p. 131) como um “discurso de reação – no duplo sentido de *reativo* (formulado contra, em oposição ao que ele não é) e de *reacionário* (que visa conservar ou restaurar uma ordem dominante ameaçada pela mudança)”. Como dito pelo banqueiro David Rockefeller em 1971 (p. 47615, *apud* Chamayou, 2020 p. 131):

³⁹ A aderência à campanha de Goldwater, contudo, não foi unânime dentro do movimento libertariano. As restrições à candidatura do senador do Arizona variavam desde uma reticência a se engajar no plano da política partidária até críticas à estridente retórica antissoviética do candidato. Murray Rothbard, por exemplo, chegou a defender que a reeleição de Lyndon Johnson seria um mal menor do que uma possível vitória de Goldwater (Doherty, 2007).

⁴⁰ Do original: “He has made his contribution – which transformed the Republican Party from an Eastern elitist organization to the breeding ground for the election of Ronald Reagan.”

Não é muito exagerado dizer que a atividade empresarial americana enfrenta hoje a mais grave rejeição pública desde os anos 1930. Somos acusados de deteriorar as condições dos trabalhadores, enganar os consumidores, destruir o meio ambiente e lesar as jovens gerações.

Para além da necessidade de reconstituir a legitimidade cada vez mais desgastada do capitalismo realmente existente, denota-se o imperativo também da produção de uma série de novas artes de governar, a fim de capturar o crescente desejo de emancipação com relação às “jaulas de ferro” do Estado de bem estar social (Fisher, 2020). É neste contexto de crise do “consenso liberal” que se observa o crescimento e maior projeção de institutos de pesquisa privados e *think tanks* de diversas perspectivas políticas, mas sobretudo de orientação pró-mercado e conservadora nos EUA. O “empreendedorismo político” de figuras públicas associadas à causa neoliberal também é notável, sendo o economista Milton Friedman o nome de referência na influência de políticas públicas e na massificação das ideias pró-mercado junto ao público geral (Dardot; Laval, 2016).

Estatístico de formação, Milton Friedman – assim como seus pares da Escola de Chicago – se distingue da perspectiva econômica da Escola Austríaca por conta da sua agenda de pesquisa de caráter metodológico marcadamente empírico. Apesar de suas teorias quanto ao fenômeno “estagflação” dos anos 1970 e aos efeitos adversos da política fiscal e monetária como instrumentos de estabilização macroeconômica serem invocadas com frequência para desacreditar os paradigmas keynesianos, os esforços de Friedman na popularização das perspectivas pró-mercado são consideradas suas principais contribuições para o avanço da causa neoliberal. Citam-se a esse respeito sua coluna a cada três semanas na revista de grande circulação *Newsweek*, entre 1966 e 1984, seu livro *best-seller Capitalismo e Liberdade* (*Capitalism and Freedom*), de 1962, e *Livre para Escolher* (*Free to Choose*), de 1980, escrito em parceria com sua esposa Rose, além da referida minissérie televisiva em dez capítulos, baseada em *Livre para Escolher*, transmitida pela emissora pública PBS em cadeia nacional nos anos 1980 (Doherty, 2007).

Vale frisar também o papel de Friedman como assessor econômico informal durante o primeiro mandato de Richard Nixon, além de ter participado da comissão Gates, cujo parecer recomendou o fim do alistamento militar obrigatório nos EUA em 1971. Friedman foi ainda integrante do Conselho Econômico Nacional dos EUA durante o governo Reagan (1981-1989), bem como assessorou as políticas econômicas dos governos da China, por meio do contato com Zhao Ziyang, premiê do país entre 1980 e 1987; de Israel, no governo conservador de

Menachem Begin (1977-1983) (Farrell, 1977), e da Iugoslávia, em visita ao país socialista em 1973 (Doherty, 2007). Profissionais formados por Friedman e por outros membros da Escola de Chicago serviram como assessores e formuladores de políticas econômicas por todo mundo, sendo o exemplo mais notório os *Chicago Boys*, grupo de economistas estadunidenses que colaboraram com a implementação da política econômica da ditadura de Augusto Pinochet, no Chile (1973-1990) (Dardot; Laval, 2016).

A maior visibilidade das perspectivas de Friedman e de outros teóricos da Escola de Chicago se deram, em grande medida, pela “caixa de ressonância” formada por *think tanks* e institutos de pesquisa formados no período. Dentre os mais célebres, destacam-se a *Heritage Foundation*, fundada em 1973, e o *American Enterprise Institute* (AEI), criado em 1938, mas com atuação de mais alto perfil a partir dos 1970, além do *Cato Institute*, constituído por Ed Crane, pelo bilionário Charles Koch e pelo pensador libertariano Murray Rothbard, no ano de 1977. Embora reconheçam o legado educativo de organizações FEE como positivo, os *think tanks* surgidos no decorrer dos anos 1970 e 1980 defendiam um estilo de atuação mais combativo, com vistas a influenciar diretamente o processo de formulação e implementação de políticas públicas (Rocha, 2018).

Logo após a vitória do republicano, a *Heritage Foundation* entregou à equipe de transição de Reagan o documento *Mandate for a Leadership* (*Mandato para uma Liderança*), com cerca de 2 mil recomendações de políticas públicas relacionadas à assuntos tributários, política externa, segurança nacional e comércio internacional. Cerca de dois terços das políticas recomendadas pelo *Mandate for a Leadership* foram propostas ou implementadas por Reagan em seu primeiro mandato. Já no discurso de posse do seu segundo mandato, em 1985, o presidente citou 22 propostas presentes no documento *Mandate for a Leadership II*, também elaborado pela *Heritage Foundation* (Blasko, 2004).

Apesar da centralidade dada até aqui ao plano doméstico estadunidense, observa-se, a partir dos anos 1980, um movimento crescente de transnacionalização da atuação dos *think tanks* e institutos privados de pesquisa neoliberais (Gros, 2002; Rocha, 2018; Sahd, 2019). Neste contexto de globalização do modelo de *think tank* surgido no mundo anglo-saxão, cabe citar o trabalho da *Atlas Network*, entidade criada em 1981 pelo britânico Anthony Fisher, com a proposta de se tornar uma verdadeira “incubadora” de outras entidades de perspectiva pró-mercado pelo mundo. Piloto da Força Aérea Real britânica durante a Segunda Grande Guerra, Fisher teria se interessado pelo trabalho de Friedrich Hayek ao ler a supracitada versão condensada de “O Caminho da Servidão” na *Reader 's Digest*. Ao mostrar-se motivado a entrar na política partidária em conversa com o economista austríaco, Fisher é convencido por Hayek,

todavia, que o caminho mais efetivo para o combate ao consenso keynesiano do Pós-Segunda Guerra consistiria na formação de um centro de pesquisa privado, a fim de adensar as discussões entre os intelectuais liberais e disseminar suas perspectivas junto à sociedade (Gros, 2002).

Após conhecer o trabalho de Leonard Read com a FEE em visita aos EUA em 1952 – viagem realizada por intermédio de F. A. Harper, ativista libertariano que conhecera Fisher em encontro da Sociedade de Mont Pelerin – Fischer decide criar o *Institute for Economic Affairs* (IEA) na cidade de Londres, em 1955. Margaret Thatcher, em carta redigida a Fisher logo após a chegada dela à *Downing Street* em 1979, considera os esforços do ex-piloto relacionados ao IEA responsáveis por criar “o clima de opinião que tornou nossa vitória possível” (Blundell, 2013). Na mesma viagem aos EUA, também por meio de F. A. Harper, Fisher conhece o sistema de gaiolas de bateria na produção de ovos de galinha; ao replicar a prática no Reino Unido, Fisher torna-se um empresário bem-sucedido no setor pecuário, o que garantiu recursos suficientes para prestar apoio a diversas iniciativas pró-mercado no eixo do Atlântico Norte (Doherty, 2007).

No final da década de 1970, Fisher apoiou financeiramente o *Fraser Institute* (sediado em Vancouver, Canadá) e o *Centre for Independent Studies* (Sydney, Austrália), além de ser um dos cofundadores do *International Center for Economic Policy Studies* (ICEPSP), rebatizado depois como *Manhattan Institute for Policy Research* (Nova Iorque, EUA), e do *Pacific Research Institute* (Pasadena, Califórnia) (Cockett, 1995, *apud* Gros, 2002). A *Atlas Network*, por sua vez, é fundada como uma “meta *think tank*” (Sahd, 2019), destinada a fornecer os insumos materiais e organizacionais necessários para a criação de outras entidades pró-mercado por todo globo. A fim de angariar doações para sua empreitada, Fisher contou com carta de recomendação redigida por Margaret Thatcher, Milton Friedman e Friedrich Hayek, entregue a mega empresários. Logo no princípio de suas operações, a *Atlas* já contava com doações de empresas do porte das petrolíferas *Shell* e *Exxon Mobil*, além da operadora de cartão de crédito *MasterCard* e da fabricante de cigarros *Philip Morris* (Sahd, 2019).

Segundo Marie-Laure Djelic e Reza Mousavi (2020), a rede englobada pela *Atlas Network* passou, entre meados dos anos 1980 e 2021, de 15 *think tanks* presentes em 9 países para 457 “entidades parceiras”, distribuídas por 96 nações. No período, o orçamento da organização saltou de 150 mil dólares para mais de 15 milhões de dólares americanos (Djelic; Mousavi, 2020). Apesar da maior parte das “organizações parceiras” estarem localizadas na América Anglo-Saxã e na Europa (segundo dados de 2015, 170 e 130, respectivamente), observa-se um número substantivo de entidades na América Latina (73). Desde os anos 1980, explicam Djelic e Mousavi (2020), a *Atlas* elegeu a América Latina como região de interesse.

Se o continente já havia servido de laboratório de políticas neoliberais – vide a famosa colaboração dos *Chicago Boys* com o do regime Pinochet no Chile – o contexto da crise da dívida nesses países, como consequência em particular do Choque Volcker de 1979, também favoreceu a contratação de *expertise* técnica para reforma da arquitetura institucional no campo econômico (Djelic; Mousavi, 2020).

O objetivo da *Atlas* sempre voltou-se para a capacitação de lideranças comunitárias, acadêmicas, empresariais e políticas para o êxito de suas organizações, com o fornecimento de técnicas desde sobre angariação de fundos até comunicação com a mídia. Como Djelic e Mousavi (2020) indicam, as estratégias da entidade alteraram-se conforme o passar do tempo, em especial diante do desafio de se manter um *standard* entre as organizações compreendidas pela rede por todo o globo, mas também haja vista a necessidade de se acomodar particularidades regionais quanto às estratégias de mobilização e comunicação. Além de ambicionar construir um senso de “comunidade” no âmbito da rede, ao proporcionar o intercâmbio de ideias e práticas entre distintas regiões do globo, a *Atlas* também elaborou estratégias de penetração no mundo acadêmico a partir dos anos 1990 (Djelic; Mousavi, 2020).

É neste contexto de maior importância estratégica do mundo universitário na “batalha de ideias” que, portanto, se insere o surgimento do *Students for Liberty* em 2008. Trata-se do tema a ser trabalhado no capítulo seguinte desta dissertação.

3 EMPREENDEDORES POLÍTICOS: A FUNDAÇÃO DO STUDENTS FOR LIBERTY NOS EUA EM 2008

I'm not a businessman. I am a business, man!
Jay-Z – *Diamonds from Sierra Leone Remix* (2005)

Autodenominada como a “maior organização estudantil pró-liberdade do mundo em termos de líderes, países representados, e eventos [organizados]” (Students for Liberty, 2024b)⁴¹, os números apresentados no site oficial do SFL parecem atestar a escala superlativa da sua operação. Com presença em 132 países, a entidade alega que mais de 10 mil estudantes passaram pelos seus programas de formação. Além disso, cerca de 300 organizações teriam sido criadas por iniciativa de seus membros (Students for Liberty, 2024b).

A missão do SFL é sintetizada pela própria organização em três verbos, cada qual representante de um eixo de atuação: 1) *educar*, referente aos conteúdos e atividades educativas (grupos de estudo, debates, palestras e cursos) para difusão do liberalismo clássico, libertarianismo, minarquismo e objetivismo; 2) *desenvolver*, com respeito ao treinamento das chamadas *soft skills* dos seus integrantes, além de promover sua imersão em uma rede global de “defensores apaixonados pela liberdade”; e 3) *empoderar*, definido pela entidade como o investimento e apoio na trajetória pessoal e profissional dos *SFLers* (Students for Liberty, 2024b).

Nos relatórios anuais publicados pelo SFL, mencionam-se os nomes de egressos da organização eleitos para cargos públicos nos EUA e pelo mundo, além daqueles que seguiram carreira na iniciativa privada, na burocracia internacional e no Terceiro Setor. Dentre alguns “casos de sucesso” listados no anuário de 2021, eis o estadunidense Jared Mayer, um dos assessores do presidente do Conselho Econômico Nacional durante a administração Trump (2017-2021). O também estadunidense Tim Baxter, por seu turno, elegeu-se para a câmara dos representantes do estado de New Hampshire, pelo Partido Republicano, nas eleições de 2020. Fora dos EUA, encontra-se o nome da lituana Egle Markeviciute, que exerceu o cargo de vice-ministra de tecnologia e economia no governo de seu país entre 2020 e 2023, bem como o do equatoriano Julio Clavijo, vice-ministro da pasta de inclusão social e econômica durante a administração de Guillermo Lasso (2021-2023) (Students for Liberty, 2021a).

⁴¹ Do original: “We are the largest pro-liberty student organization in the world in terms of leaders, countries represented, and events.”

As iniciativas fundadas por egressos do SFL por todo o globo variam em forma e escopo. Da loja online *Hyena Store*, fundada pela costa-riquenha Jazmin Fallas-Kerr com o objetivo de empoderar o microempreendedorismo de artesãs costa-riquenhas, até o *Institute for Queer Economics*, presidido pelo estudante indiano Vinayaka Sajeev-Been em 2023, cujo propósito é produzir pesquisas acadêmicas sobre “economia *queer*”, sobretudo, mas não somente, por uma ótica influenciada pela Escola Austríaca (Institute for Queer Economics, 2023). Nos anuários, encontra-se ainda documentado o envolvimento de integrantes do SFL, apesar dos limites impostos pelo status jurídico da organização nos EUA⁴², em protestos políticos por todo o globo, da Nigéria à Ucrânia (Students for Liberty, 2021a, 2022).

A despeito da grandeza da atual operação do SFL, seus cofundadores frequentemente mencionam as “origens modestas” da entidade, quando ela foi criada em 2008 por um punhado de jovens estudantes na Costa Leste dos EUA. Como demonstrativo da mudança de patamar do SFL, enquanto no primeiro anuário registrou-se um total de receitas na casa dos 50 mil dólares, o valor apontado no relatório de 2023 é de quase 5.9 milhões de dólares⁴³. A fim de se compreender como foi possível a organização adquirir tal dimensão, torna-se necessário, portanto, reconstituir o processo de formação do SFL nos EUA, atentando-se às condições históricas e alterações na correlação de forças políticas internas que provocaram um reavivamento do movimento libertariano ao final dos anos 2000.

3.1 *Humble beginnings: precedentes e primeiras atividades do Students for Liberty (SFL)*

Em entrevista ao *The Objective Standard*, Alexander McCobin (2014), um dos cofundadores do SFL, afirma ter travado contato pela primeira vez com as “ideias da liberdade” ao ganhar de presente de seu pai uma cópia do livro *A Revolta de Atlas*, de Ayn Rand. Segundo McCobin (2012), em entrevista para o *The Daily Bell*, ele teria recebido o presente paterno após ter se juntado ao clube de debates do seu colégio no primeiro ano do ensino médio, evento que teria incentivado o interesse do jovem por filosofia política⁴⁴. Após ter se vinculado ao clube,

⁴² O SFL é tipificado como uma organização com o status 501(c)(3) pela legislação estadunidense. Trata-se de um tipo de entidade sem fins-lucrativos, ao qual se concede isenção do imposto de renda federal. Aos doadores de organizações com o status 501(c)(3) concede-se deduções de impostos com relação aos montantes doados. Entidades 501(c)(3) são proibidas de se engajar em determinadas atividades de cunho político, como passeatas ou *lobby*, devendo-se restringir a atividades com viés educativo (Internal Revenue Service, 2024).

⁴³ Os dados de 2023 ainda não foram sujeitos a uma auditoria externa, como realizado de praxe pelo SFL. É possível haver discrepâncias entre montante apontado no anuário de 2023 e a quantia constante no futuro relatório elaborado pela auditoria.

⁴⁴ A predileção de McCobin por filosofia política se explica também pelo formato de debates do clube ao qual fazia parte, denominado de “Lincoln-Douglas”. Trata-se de modalidade disseminada em campeonatos de debate

ele teria passado a:

Comparecer a workshops sobre debates, viajando em finais de semana alternados para campeonatos por conta própria, passando horas na biblioteca do colégio para pesquisar sobre os casos trabalhados nas competições, logo gastando mais tempo preparando-se para os debates do que com o dever de casa (McCobin, 2012)⁴⁵.

Inspirado por *A Revolta de Atlas*, McCobin procurou pela obra de autores vinculados tanto ao objetivismo, como de outros autores associados ao libertarianismo, dentre eles Tibor Machan e Robert Nozick (McCobin, 2012). Quando ingressou na universidade (a *Pennsylvania State University*, comumente referida como “*Penn State*” ou pela sigla PSU), McCobin demonstrou as primeiras mostras do seu “espírito empreendedor”, ao apoiar na fundação *Perspectives Debates*, organização criada em 2005 com o propósito de oferecer treinamentos em debates para estudantes de ensino médio na região do Meio-Atlântico estadunidense⁴⁶. No outono de 2007, McCobin criou também a *Penn For Youth Debate*, entidade filiada à *Perspectives*, cujo objetivo era treinar estudantes na região da Filadélfia, com o apoio de outros graduandos da PSU⁴⁷.

Ao recordar sua experiência universitária, McCobin relata a surpresa, entretanto, de encontrar poucos colegas simpáticos a perspectivas fundamentalistas de livre-mercado. Haja vista sua solidão na *Penn State*, alegadamente devido a sua orientação política, o jovem decidiu fundar o *Penn Libertarians*, grupo voltado para promoção libertarismo na universidade (McCobin, 2014)⁴⁸. Ao momento da redação deste capítulo (dezembro de 2023), não foram

estudantis nos EUA, em que os competidores defendem posições opostas “um contra um”, não raro alternando de perspectivas após determinado período (American Debate League, 2024). O formato “Lincoln-Douglas” – cujo nome deriva da série de discussões públicas datadas de 1858 entre o futuro presidente Abraham Lincoln e o então senador por Illinois, Stephen Douglas, sobre o tema da escravidão – tende a privilegiar discussões em torno de ética e valores, e não a respeito de políticas públicas (McCobin, 2012).

⁴⁵ Do original: “I began attending debate camps, traveling every other weekend to tournaments on my own, including national-level competitions, spending hours in the local college library to do research for my cases, and was soon spending more time preparing for debate than on my actual schoolwork.”

⁴⁶ Região não oficial dos EUA, tradicionalmente composta pelos estados de Delaware, Maryland, Nova Jérsei, Nova Iorque, Pensilvânia, Virgínia, Virgínia Ocidental e o Distrito de Columbia (DC) (US Bureau of Labor Statistics, 2024).

⁴⁷ McCobin e Lilly Deng, cofundadora da *Perspectives* e, na época da fundação da entidade, sua noiva, desligaram-se da organização em novembro de 2008. Em fevereiro de 2009, eles foram acusados de apropriarem-se indevidamente do caixa da *Perspectives*, segundo matéria do jornal *The Daily Pennsylvanian* (Jagoda, 2009). A *Perspectives* processou judicialmente McCobin e Deng na corte civil da Pensilvânia, alegando que, no momento da saída do casal, eles teriam se apropriado de cerca de 37 mil dólares da instituição, para além de uma série de outras irregularidades fiscais e procedimentais ocorridas durante a gestão dos dois. McCobin respondeu à matéria do *The Daily Pennsylvanian* com um processo civil contra o jornal e Naomi Jagoda, a autora do artigo. O caso foi resolvido em acordo judicial, mediante publicação de direito de resposta do acusado (Mammarella, 2006).

⁴⁸ Cinco dos dez integrantes do primeiro conselho executivo do SFL afirmam terem fundado e/ou participado de entidades estudantis nos moldes da *Penn Libertarians* (isto é, grupos libertarianos atuantes no meio universitário)

encontrados quaisquer indícios *online* que atestem a existência do *Penn Libertarians* no presente (página oficial da web, perfis em redes sociais, etc.). Localizou-se, todavia, o *blog* da entidade, cujas publicações datam do período entre agosto de 2007 e outubro de 2008. Na publicação de introdução, assinado por Alexander McCobin e publicado no dia 3 de agosto de 2007, afirma-se que o objetivo do *blog* consistia em oferecer comentários a respeito do noticiário político local e nacional, bem como divulgar os eventos organizados pelo *Penn Libertarians*, como palestras, encontros sociais, exhibições de filmes, debates, etc. (Penn Libertarian Association, 2007).

Ainda a respeito do *Penn Libertarians*, encontrou-se também, matéria do *The Daily Collegian*, jornal universitário mantido pelos estudantes da *Penn State*, a respeito da formação do novo clube libertariano no *campus*. Datado de 21 de setembro de 2006, o artigo, assinado por Laura Mammarella (2006), curiosamente não cita Alexander McCobin como um dos fundadores do *Penn Libertarians* (o único nome citado como fundadora é o da então estudante Laura Burlingame), tampouco o envolvimento do jovem com o grupo libertariano em qualquer capacidade. De todo modo, a matéria do *The Daily Collegian* aponta como o *Penn Libertarians* buscava se contrapor às entidades estudantis organizadas em torno dos Partido Democrata e Republicano na PSU. Segundo Mammarella (2006), o grupo visava “trazer palestrantes libertarianos ao *campus*, entrar em contato com grupos libertarianos de outras faculdades e eventualmente apoiar a campanha de Tom Martin”, então candidato pelo partido libertariano à câmara legislativa da Pensilvânia.

Segundo McCobin, o *Penn Libertarians* teria dentro de um ano acumulado mais de duzentos contatos em sua lista de e-mails (Begley, 2014, *apud* Gobbi, 2016). Em seguida, o então estudante realizou um estágio de verão na sede da *Reason Foundation*, em Washington, DC, durante o ano de 2007. A oportunidade profissional na Reason, por sua vez, inseriu-se no conjunto de atividades associadas ao então denominado *Institute for Humane Studies Summer Koch Fellow Program*, à época patrocinado por Charles e David Koch e organizado pelo *think tank* Institute for Humane Studies (IHS).

O *Institute for Humane Studies Summer Koch Fellow Program* consistia em um estágio de verão remunerado, a ser conduzido em uma das diversas organizações parceiras do programa (*think tanks*, fundações, empresas). As atividades profissionais eram, por sua vez, acompanhadas de uma série de conteúdos educacionais, voltados para o aprimoramento de habilidades de “liderança” e “inovação”. O currículo educacional era inspirado pelo então

(Students for Liberty, 2009). Assim, é razoável supor que tais jovens reconheçam a importância de organizações estudantis para sua formação intelectual e política.

denominado *Market-Based Management* (“gestão baseada no mercado”), hoje renomeado *Principled-Based Management* (“gestão baseada em princípios”), uma espécie de filosofia gerencial, criada pelos Koch, que provê uma abordagem com relação à “tomada de decisão, resolução de problemas e criação de valor” para indivíduos, colegas de equipe e para a sociedade em geral (Stand Together Fellowships, 2024).

McCobin, durante seu estágio na Reason, conheceu outros universitários pró-livre mercado provenientes de diversas partes dos EUA. Por meio do contato com seus pares, ele também tomou conhecimento de diversas outras iniciativas, nos moldes do *Penn Libertarians*, levadas a cabo em *campi* espalhados país afora. Assim, com o objetivo de compartilhar “boas práticas” quanto à mobilização estudantil, McCobin relata ter organizado uma mesa-redonda com cerca de 12 representantes de entidades estudantis pró-livre mercado no âmbito do programa. O encontro é citado como o primeiro passo que desembocaria na criação do SFL, como se atesta em publicação da entidade com o objetivo de instar os integrantes a se juntar ao *Institute for Humane Studies Koch Summer Program*:

As origens do *Students for Liberty* podem ser traçadas ao verão de 2007, quando vários estudantes no *Institute for Humane Studies Koch Summer Fellow Program* se juntaram em 24 de julho para realizar uma mesa-redonda sobre as melhores práticas para organizações estudantis dedicadas à liberdade. Assim, a KSFP é muito querida do SFL, e nós recomendamos o programa a qualquer um até remotamente interessado em uma carreira defendendo a liberdade (Students for Liberty, 2015, *apud* Gobbi, 2016, p. 54-55)⁴⁹.

A iniciativa desdobrou-se em um segundo encontro com 30 estudantes, sucedida por uma terceira conferência, realizada em fevereiro de 2008 no *campus* da Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Neste encontro, batizado de *Students for Liberty International Conference*, contou-se, segundo McCobin, com a participação de aproximadamente cem estudantes, representando cerca de 42 instituições estudantis e mais de 3 países (McCobin, 2011). A conferência é considerada embrião da organização que viria a ser nomeada *Students for Liberty*, fundada formalmente em agosto de 2008 em Washington, DC, por McCobin junto dos então estudantes Sam Eckmann, Sloane Frost, Pin-Quan e Richard Tracy. Dos cinco, McCobin, Eckmann e Frost permanecem até a data de redação do presente texto no conselho administrativo da entidade.

⁴⁹ Do original: “The origins of Students for Liberty can be traced back to the summer of 2007 when several students in the Institute for Humane Studies Koch Summer Fellow Program got together on July 24th to hold a roundtable discussion about best practices for student organizations dedicated to liberty. As such, the KSFP is near and dear to SFL’s heart, and we recommend the program to anyone even slightly interested in a career defending liberty.”

Ao se analisar o primeiro relatório geral divulgado pela entidade (referente ao período 2008-2009)⁵⁰, o conjunto de atividades elencadas na seção “*bullet point successes*” (“tópicos de sucesso”) é vasto. Além de compilar e publicar o que denomina como “a listagem mais abrangente de estágios pró-liberdade pelos EUA”⁵¹ voltados para estudantes do ensino médio e da graduação, a entidade afirma ter apoiado na criação de três coalizões regionais de universitários libertarianos nos EUA durante o período. Trata-se da *Philadelphia Forum for Freedom*, formada poucos meses após a conferência inaugural do SFL em Nova Iorque a *DC Forum for Freedom*, atuante na região de DC; e o *Ivy League Alliance for University*, criado para “aproveitar do nome da *Ivy League* e desafiar a reputação de abundante estatismo em algumas das instituições de ensino mais prestigiadas do país”⁵². Segundo o SFL, as coalizões “fornecem redes localizadas de apoio às quais grupos (estudantis) podem recorrer para desenvolver suas capacidades e fortalezas” (Students for Liberty, 2009)⁵³.

Dentre algumas outras atividades mencionadas no relatório, destacam-se o discurso de Alexander McCobin na edição de 2009 da CPAC⁵⁴ – televisionado pela emissora pública C-SPAN (*Cable-Satellite Public Affairs Network*) – além da criação de uma série *online* de treinamentos (a “*E-leadership*”), cujo tema era mobilização política no contexto universitário estadunidense. À época, modalidades de treinamento pela internet eram menos disseminadas do que na atualidade, elemento que revela um grau de ineditismo da iniciativa. Encontram-se também algumas atividades de caráter mais educativo/acadêmico levadas a cabo pelo SFL em seus primeiros anos. Entre elas, a criação do *Free Books Project* (“Projeto dos Livros Livres”), mencionado pela primeira vez no relatório da ONG referente ao período 2010-2011.

⁵⁰ Ao contrário dos demais, o primeiro relatório anual do SFL não se encontra publicado no portal oficial da entidade. O documento foi encontrado no catálogo *DocumentCloud*, onde consta ter sido republicado pela jornalista Stéphane Horel, do periódico francês *Le Monde*. Os relatórios correspondem ao ano acadêmico do Hemisfério Norte, tradicionalmente iniciado no final do verão (agosto/setembro) e finalizado no final da primavera (maio/junho).

⁵¹ Do original: “the most comprehensive listing of pro-liberty internships”

⁵² Do original: “formed to take advantage of the Ivy League’s name and challenge the reputation of abundant statism at some of the country’s most prestigious schools”.

⁵³ Do original: “These coalitions provide localized networks of support that groups can rely on to develop their capacities and strengths”.

⁵⁴ A *Conservative Political Action Conference* (CPAC) consagrou-se, no decorrer das décadas, como o maior encontro anual de ativistas e lideranças políticas associados à direita nos Estados Unidos. É realizada anualmente pela *American Conservative Union Foundation* (ACUF), entidade criada em 1964 com o objetivo de instigar a mobilização política das bases conservadoras no país. Nas palavras do jornalista Don Gonyea (2017), a CPAC é “em partes iguais comício político, campo de treinamento conservador, ferramenta de recrutamento, feira comercial e de *merchandising*, além de festa das celebridades de Washington”. A partir dos anos 2010, versões do encontro também foram realizadas em países como Austrália, Brasil, Coreia do Sul, Hungria, Japão e México (Merlan, 2024).

O propósito do projeto consistia em distribuir exemplares de obras de alguns dos considerados mais “eloquentes defensores da liberdade” junto a estudantes, a fim de suscitar a criação de clubes de leitura. Entre os nove livros escolhidos à época para compor o projeto, encontram-se três de autoria de Frédéric Bastiat (*Harmonias Econômicas*, *Sofismas Econômicos* e *Ensaio Seletos sobre Economia Política*), dois de Ludwig Von Mises (*Marxismo Desmascarado* e *O Livre-Mercado e seus Inimigos*), um de Henry Hazlitt (*As Fundações da Moralidade*) e também do fundador do FEE, Leonard Read (*Anything That’s Peaceful*, ou “Tudo desde que pacífico”). Em 2010-2011, o SFL afirma ter distribuído no período 1.112 livros para 73 “grupos pró-liberdade” pelos EUA por todo o globo, números superiores quando comparados aos do período anterior (2008-2009), quando contabilizaram-se 23 grupos participantes do projeto, além de 334 cópias distribuídas. Segundo o relatório, os estudantes utilizaram as obras para servir de base para encontros de discussão em grupo, bem como as incorporaram ao cronograma e/ou bibliotecas de clubes de leituras já existentes (Students for Liberty, 2011).

Outra iniciativa do SFL voltada para o âmbito acadêmico em seus primeiros anos foi o lançamento do *Journal of Liberty and Society*, uma compilação de artigos científicos de caráter multidisciplinar, descrita pela organização como uma “ferramenta sem paralelo no apoio ao desenvolvimento estudantil dos fundamentos da liberdade”⁵⁵. O *Prometheus Institute*, *think tank* estadunidense fundado em 2003 com o intuito de aumentar o engajamento político entre a juventude, concedeu premiações em dinheiro aos autores dos textos mais bem avaliados publicados pela revista. O autor do considerado melhor artigo em 2010 – o italiano Luca Gili, então estudante da *Scuola Normale Superiore* – foi agraciado com 500 dólares, ao passo que as menções honrosas foram contempladas com 100 dólares cada. Os autores em questão também foram convidados a se juntar à equipe do *Prometheus* para um estágio de trabalho durante o outono de 2010.

Se a formação de um “espírito de comunidade”, como indica Gamber-Thompson (2016), é elemento importante para se compreender os efeitos da ação do SFL entre o público jovem, ressaltam-se as conferências realizadas em *campi* pelos EUA, com o propósito de fomentar as interações junto aos integrantes da rede. Neste contexto, o relatório 2008-2009 do SFL menciona três encontros estudantis regionais durante 2009, sediados pela Universidades da Pensilvânia (na Filadélfia), do Michigan (em Ann Arbor), e de Harvard (em Boston), cada qual correspondendo a uma distinta zona geográfica do país (respectivamente, Médio-Atlântico,

⁵⁵ Do original: “an unparalleled tool to support student development of the intellectual underpinnings of liberty.”

Meio-Oeste⁵⁶ e Nova Inglaterra⁵⁷). Não se divulgou o público presente na conferência realizada em Ann Arbor, no entanto, segundo os organizadores, 50 estudantes compareceram à edição realizada na Filadélfia, enquanto 30 participaram das atividades em Boston (Students for Liberty, 2009).

Nos encontros regionais, pela lista de *keynote speakers*, constata-se, mais uma vez, a articulação do SFL com outras organizações pertencentes ao vasto ecossistema de *think tanks* e fundações de tendência libertariana nos EUA. Os palestrantes principais em cada conferência foram: na Filadélfia, Tom Palmer, então vice-presidente da seção de programas internacionais da então denominada *Atlas Economic Research Foundation*, atual *Atlas Network*; em Ann Arbor, Lawrence W. Reed, presidente emérito do FEE; e em Boston, Jeffrey Miron, professor vinculado ao departamento de economia de Harvard e atualmente vice-presidente do departamento de pesquisa do *Cato Institute* (Miron, 2024).

O número de conferências aumentou nos anos seguintes, abrangendo novas regiões do território estadunidense. No período 2010-2011, chegou-se a nove eventos regionais, com um total estimado de 1.100 presentes, ao passo que durante o ano acadêmico de 2011-2012 realizaram-se 12 edições, assistidas por cerca de 1.500 pessoas nos estados do Arizona, Carolina do Norte, Flórida, Illinois, Massachusetts e Nova Iorque. Por seu turno, Califórnia, Texas e Pensilvânia também receberam duas conferências regionais cada ao longo do período. Tom Palmer, da *Atlas Network*, voltou a palestrar na conferência regional realizada na Universidade da Califórnia-Berkeley, enquanto David Boaz, à época e vice-presidente executivo do *Cato Institute*, esteve presente na edição de Boston.

Palmer e Boaz, vale frisar, também fizeram parte da composição do primeiro *board of advisors* (“conselho consultivo”) do SFL, cujo propósito consistia em prestar “supervisão e aconselhamento” às lideranças da organização. A natureza dos vínculos do SFL com representantes de outros *think tanks* e fundações de orientação pró-mercado será analisada mais em detalhe na próxima seção.

3.2 As associações do SFL com entidades terceiras: *Cato Institute*, IHS e *Atlas Network*

⁵⁶ Uma das quatro regiões censitárias dos EUA, abarca as unidades federativas da Dakota do Norte, Dakota do Sul, Illinois, Indiana, Iowa, Kansas, Michigan, Minnesota, Missouri, Nebraska, Ohio e Wisconsin.

⁵⁷ Região não oficial dos EUA, usualmente compreendida pelos estados de Connecticut, Maine, Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Vermont.

A importância do contexto institucional prévio para o início das atividades do SFL não passa despercebida a Alexander McCobin. Em publicação em seu *blog* pessoal, recuperada por Liana Gamber-Thompson (2016), ele diz:

No começo do século XX, líderes apareceram e fundaram organizações que hoje são a espinha-dorsal do movimento libertarianista. Em matéria de política pública, o *Cato Institute*, a *Reason Foundation*, o *Competitive Enterprise Institute* e muitos outros *think tanks* libertarianos existem. Aos estudantes têm sido oferecido há décadas, pelo *Institute for Humane Studies* e pela *Foundation for Economic Education*, uma educação explicitamente libertariana. Grupos políticos agora existem, como o *Freedom Works*, o Partido Libertariano e várias correntes libertarianistas no interior de outros partidos políticos. Assim como há diversas organizações sem fins lucrativos engajadas em outras estratégias de reforma social (e pelo que eu vi nesta convenção, existem ainda alguns políticos simpáticos a uma filosofia libertarianista). *Essas instituições estabeleceram as fundações nas quais a segunda onda pode emergir como um movimento verdadeiramente independente* (McCobin, 2013, *apud* Gamber-Thompson, 2016, p. 222)⁵⁸.

Sobre os laços do SFL com entidades parceiras, o relatório de 2008-2009 descreve em detalhe as colaborações com duas organizações em particular, o *Cato Institute* e o IHS. O *Cato* forneceu espaço dos seus próprios escritórios, localizados em Washington, DC, para que servissem de primeira sede para a organização estudantil. Também doou edições de bolso da constituição estadunidense, em volumes acrescidos da declaração de independência, para que o SFL distribuisse entre os grupos pertencentes à sua rede (Students for Liberty, 2009). Ainda de acordo com o mesmo documento, o SFL serviu como linha auxiliar do então programa de treinamento de estudantes universitários do *Cato*, o *Cato on Campus*, ao distribuir panfletos e receber palestrantes do *think tank* em seus eventos (Students for Liberty, 2009).

A colaboração com o IHS, por sua vez, data desde antes mesmo da fundação formal do SFL. Como aludido anteriormente, os futuros fundadores do SFL se reuniram pela primeira vez durante sua participação no *IHS Koch Summer Fellowship*. Segundo o relatório de 2008-2009, o IHS também cooperou com o SFL por meio da doação de livros e da organização de eventos, como *workshops*, exibição de filmes e recepções sociais. O IHS distribuiu ainda o *Manual de Como Começar uma Organização Estudantil pela Liberdade*, publicação criada pelo SFL, para

⁵⁸ Do original: “By the end of the 20th Century, leaders had emerged and founded the organizations that today are the backbone of the libertarian movement: In public policy, the Cato Institute, Reason Foundation, Competitive Enterprise Institute, and many other libertarian think tanks exist. Students have been supported for decades by the Institute for Humane Studies and Foundation for Economic Education with explicitly libertarian education. Political groups now exist, such as FreedomWorks, the Libertarian Party and various libertarian caucuses within other political parties. And there are countless other nonprofits engaged in other strategies of social reform. (As I’ve even seen at this convention, there are even a handful of philosophically libertarian politicians.) These institutions formed the foundations from which the second wave could emerge as a truly independent libertarian movement”.

todos os participantes dos seus estágios de verão. Assim como na parceria com o *Cato*, o SFL também passou a divulgar os seminários e estágios do IHS em seus eventos (Students for Liberty, 2009).

Confere-se mais destaque, no entanto, ao histórico de colaboração do SFL com a *Atlas Network*, a maior incubadora de *think tanks*, fundações e centros universitários pró-mercado em nível global (Djelic; Mousavi, 2020). A parceria com a *Atlas*, entidade cujo escopo geográfico de atuação, ao contrário do *Cato* e do IHS, espalha-se para muito além da América do Norte, é elemento importante ao se analisar o processo de transnacionalização do SFL, tema a ser tratado no próximo capítulo. Ademais, sinaliza uma reorientação estratégica por parte da *Atlas Network*, ocorrida ao final dos anos 2000, com respeito à disseminação de perspectivas neoliberais no mundo universitário (Djelic; Mousavi, 2020). Eis fator necessário para se contextualizar historicamente o surgimento do SFL, entidade não por acaso voltada para formação de lideranças estudantis.

No início de suas operações, ainda na década de 1980, a *Atlas Network* não elencava atividades voltadas para o público universitário como prioritárias, por considerar o mundo acadêmico demasiado influenciado por “intelectuais esquerdistas” para tornar-se permeável a simpatias pró-mercado. Djelic e Mousavi (2020, p. 269) descrevem como a organização almejava consolidar-se, antes de tudo, como uma “alternativa à academia”, ao propor modelos para formulação política pública supostamente despolitizados e baseados em evidências científicas. A partir dos anos 1990, porém, a entidade observa a dificuldade em exportar o formato do *think tank* para determinadas localidades, diagnóstico que motiva a *Atlas Network* a reconsiderar sua posição inicial quanto à difusão do pensamento pró-mercado no ambiente universitário (Djelic; Mousavi, 2020).

O nome do estadunidense Leonard Liggio – professor de Direito da Universidade George Mason, na Virgínia, colaborador veterano do *Cato Institute*, além de futuro presidente da Sociedade de Mont Pelerin (MPS) (2002-2004), é apontado por Djelic e Mousavi (2020) como um nome de relevo para se compreender a virada estratégica da *Atlas Network*, quando ele se junta à organização em 1994 na posição de vice-presidente para assuntos acadêmicos. Durante a sua gestão, o *John Templeton Institute* conferiu à *Atlas* uma soma de recursos financeiros para financiar atividades voltadas para o meio acadêmico, dentre eles o denominado *International Freedom Project* (IFP). Durante os três anos de operação do programa, encerrado em 2002, a *Atlas Network* custeou 68 cursos em 27 países, atingindo um público de cerca de 1.500 estudantes, com o propósito de “espalhar sementes da verdade” em universidades fora da América Anglo-Saxã (Djelic, Mousavi; 2020, p. 269).

Ainda de acordo com Djelic e Mousavi (2020), as aspirações da *Atlas* no meio acadêmico se ampliaram no decorrer dos anos 2000, conforme exemplificado pelo lançamento da *Teach Freedom Initiative* (TFI). Nas palavras do relatório de outono de 2008 da entidade, a empreitada visava:

Acompanhar e fornecer investimentos iniciais a centros baseados em universidades que operam nos *campi* nos moldes de *think tanks*, garantindo que os estudantes sejam expostos às ideias de governo limitado e da liberdade econômica; realizar conferências a fim de introduzir mais acadêmicos a modelos de centros baseados em universidade, para que assim eles possam replicá-lo em seus *campi*; conceder prêmios para iniciativas acadêmicas de excelência em campos inovadores relacionados ao “estudo das ordens espontâneas” e para outros feitos especiais por parte dos centros universitários; atrair apoio a projetos acadêmicos e estudos de graduação voltados para jovens que demonstrem entusiasmo por conhecimentos orientados pela liberdade; financiar traduções e seminários que aumentem a exposição do público a importantes livros sobre a liberdade (Atlas Network, 2008)⁵⁹.

Além do TFI, a *Atlas* criou em 2003 o *Fund for the Study of Spontaneous Orders* (FSSO) (“Fundo para o Estudo de Ordens Espontâneas”), conduzido no âmbito da organização até 2012. O programa, cujo título faz referência a um conceito-chave de Friedrich Hayek⁶⁰, cedia bolsas de estudo a jovens acadêmicos influenciados pela Escola Austríaca, além de conceder prêmios em homenagem à carreira de pesquisadores do campo das ciências econômicas. Outro indicativo do interesse da *Atlas* pelo mundo acadêmico foi a realização de projetos nesta seara com organizações parceiras pelo globo, como o Instituto Bruno Leoni, na Itália; o Instituto Cívico, na República Tcheca; a *Free Minds Association*, no Azerbaijão; e o Centro para a Sociedade Civil, na Índia (Sahd, 2019).

Nesse sentido, cita-se ainda o programa denominado *On the Road* (“Na Estrada”), que consistia em um grupo de palestrantes pró-livre mercado que circulavam por distintas universidades. Edições do *On The Road* ocorreram na Turquia, Nigéria, Europa, Ásia Central e Norte da África. No Brasil, o *Instituto Ordem Livre* (Rocha, 2018; Sahd, 2019) realizou

⁵⁹ Do original: “Provide advisory support and seed-grants to university-based centers that operate on *campuses* in the manner of think tanks, ensuring that students are exposed to the ideas of limited government and economic freedom. • Run conferences to introduce more academics to models of university-based centers that they can replicate on their own *campuses*. • Provide awards for outstanding scholarship in innovative fields relating to “the study of spontaneous orders” and for special achievements by university centers. • Attract support for scholarly projects and for the graduate studies of young people showing great talent and enthusiasm for liberty-oriented scholarship. • Fund translations and seminars that increase public exposure to important books on liberty.”

⁶⁰ Hayek diferencia aquilo que considera como “ordens artificiais”, aquelas criadas pelo desígnio humano, e as “ordens espontâneas”, também construídas pelo ser humano, mas não a partir de um esforço ordenado e pensado para um fim acordado coletivamente. A ordem da moral e da economia seriam, em sua visão, alguns dos principais exemplos de “ordens espontâneas” (Hayek, 1985).

também uma versão local do *On the Road* entre os anos 2009 e 2011, batizado de “Liberdade na Estrada” (Rocha, 2018; Sahd, 2019).

No tocante à América Latina, Sahd (2019) considera que ainda há uma maior robustez nas atividades da *Atlas* focadas para o âmbito universitário na região ao final dos anos 2000. Já no relatório de 2008 da entidade, menciona-se como, diante da “ofensiva” representada pelos governos associados à Onda Rosa latino-americana, a *Atlas* considerou positivo o aumento de universidades privadas na América Latina (Atlas Network, 2008; Sahd, 2019). No mesmo texto, afirma ter colaborado com diversas instituições de ensino da região na tradução de obras e na realização de eventos em promoção do capitalismo de livre-empresa. Com relação aos benefícios da colaboração entre universidades e *think tanks*, alega-se que as:

Universidades concedem mais credibilidade, recursos e acesso a estudantes e *think tanks*. Em retorno, *think tanks* oferecem às universidades um estilo de trabalho mais dinâmico, uma ampliação das conexões com *policymakers*, maior cobertura midiática e exposição internacional” (Atlas Network, 2008)⁶¹.

Tais projetos exemplificam o enfoque dado pela *Atlas* ao mundo universitário à época. Como reproduzido por Fábio Bacila Sahd (2019, p. 51), o relatório de 2005 da entidade descreveu os estudantes “de todos os níveis” como “uma fonte potencial de capital humano”, além de considerá-los como um “investimento futuro na liberdade”. Ao final dos anos 2000, porém, Djelic e Mousavi (2020) apontam uma correção de rumos na estratégia da *Atlas*. Se em um primeiro momento buscava-se sobretudo prospectar e mobilizar docentes, conforme o entendimento de que por meio deles se influenciariam os debates acadêmicos e, conseqüentemente, o corpo discente, já em fins dos anos 2000, em contrapartida, a *Atlas* passaria a voltar suas iniciativas diretamente aos graduandos. Nas palavras dos autores, “hierarquias acadêmicas foram superadas e os estudantes universitários tornaram-se os alvos diretos” (Djelic; Mousavi, 2020, p. 270)⁶².

Tal mudança estratégica da *Atlas* teria sido concomitante à chegada de Tom Palmer na posição de vice-presidente para programas internacionais no ano de 2009. Colaborador desde 1995 do *Cato Institute*, Palmer tomou parte, como já mencionado, do primeiro conselho consultivo do SFL, e desde então estreitou os laços com a organização estudantil. A primeira referência feita ao SFL em relatórios da *Atlas* data de 2010, a respeito da participação de Clark

⁶¹ Do original: “Universities provide increased credibility, resources and access to students and think tanks. In return, think tanks offer the universities a more dynamic style of work, increased connections with policymakers, more media coverage, and international exposure”.

⁶² Do original: “Academic hierarchies were being bypassed and college students became direct targets”.

Ruper, *Chief Operations Officer* (COO) e vice-presidente do SFL entre 2009 e 2015 (Ruper, [2024]), no *Atlas Think Tank MBA* (ATTMBA), treinamento intensivo orientado para o aprimoramento organizacional de *think tanks* recém-criados. Ocorrido ao longo de duas semanas, o curso cobriu temas variados como “técnicas de angariação de fundos, marketing e comunicação efetivos, liderança organizacional e gestão financeira” (Atlas Network, 2010)⁶³.

A ocasião também proporcionou a Ruper interagir com outros participantes do programa, jovens das mais variadas nacionalidades: dos 24 integrantes da turma de 2010, somente 2 eram estadunidenses, sendo os demais provenientes de localidades tão diversas como Argentina, Azerbaijão, Bélgica, Bolívia, Bulgária, Canadá, China, Espanha, França, Hong Kong, Índia, Malásia, México, Moçambique, Nicarágua, Polônia e Quirguistão (Atlas Network, 2010). No relatório, incluiu-se relato do próprio Ruper a respeito de sua experiência no ATTMBA, com destaque para a formação de contatos (*networking*, na vulgata corporativa), além da aplicação dos conhecimentos aprendidos ao longo do curso na gestão do SFL EUA:

Desde que completei o treinamento, implementei um plano estratégico de negócios nas operações do *Students for Liberty*, e testemunhei grandes resultados até agora. O programa ATTMBA é também uma oportunidade maravilhosa para *networking*. Tive a sorte de encontrar empreendedores do mundo todo e compartilhar com eles ideias, boas práticas e estratégias para promoção da liberdade. Fiz novas amizades que vão durar por toda uma vida (Atlas Network, 2010)⁶⁴.

Nos relatórios da *Atlas Network* de 2010 e 2011, o SFL é ainda listado como um dos recipientes de fundos da organização pelo projeto *Lights, Camera, Liberty!* (“Luzes, câmera, liberdade!”). A partir da visão de que os *think tanks* pró-liberdade necessitavam acompanhar o ritmo das transformações ocorridos no campo audiovisual nos anos 2000, com a massificação da internet e de plataformas de compartilhamento de vídeo, o projeto tinha como objetivo financiar, nos EUA e Canadá, “21 *think tanks* para garantir os equipamentos necessários para gravações de vídeos em casa, além de prover instruções e treinamentos aos participantes” (Atlas Network, 2010)⁶⁵.

⁶³ Do original: “fundraising techniques, effective marketing and communication, organizational leadership, and financial management.”

⁶⁴ Do original: “Since completing the training I have implemented the strategic business plan into the operations of *Students for Liberty* and have seen great results so far. The TTMBA Program is also a wonderful networking opportunity. I was fortunate to meet entrepreneurs from all over the world while sharing ideas, best practices, and strategies for advancing liberty. I made many new friendships that will last for a lifetime.”

⁶⁵ Do original: “provided funding to 21 think tanks for securing necessary equipment for in-house video, and provides instruction and coaching to participants”.

Em 2011, o SFL EUA foi vencedor da categoria *Students Outreach* nos *Templeton Freedom Awards*, premiação internacional iniciada pela *Atlas Network* em 2004, com o propósito de honrar os *think tanks* pró-mercado de maior destaque ao longo do ano. À época, os vencedores do prêmio eram agraciados com a quantia de 10 mil dólares cada um. No relatório anual da *Atlas* de 2011, o SFL consta ainda como uma das pertencentes a um seletivo grupo de organizações que receberam mais de 25 mil dólares da *Atlas* no decorrer dos três anos anteriores (Atlas Network, 2011).

No relatório anual de 2011, o SFL é mencionado, novamente, em uma seção de título *10 Young Think Tanks to Watch* (“10 *think tanks* jovens para se prestar atenção”), além de ser descrito como uma organização colaboradora do *Bastiat Project*, iniciativa dirigida para a publicação de livros de bolso. No contexto do *Bastiat Project*, a *Atlas Network* e o SFL colaboraram para a organização e publicação do livro *The Economics of Freedom: What Your Professors Won’t Tell You* (“A economia da liberdade: o que seus professores não te contam”). A obra conta com escritos selecionados do economista Frédéric Bastiat, representante da tradição liberal francesa do século XIX; um texto de Hayek como introdução, bem como um capítulo de encerramento da pluma de Tom Palmer, representante da *Atlas*, denominado *Twenty Myths about Markets* (“Vinte mitos sobre os mercados”).

O SFL enviou 30 mil cópias do livro para *campi* universitários espalhados pelos EUA, com o objetivo declarado de se contrapor a uma suposta “dominância esquerdista” no meio universitário do país (Atlas Network, 2010). O próprio título da obra, que parece um chamado à contestação da autoridade dos docentes, aparenta endossar o argumento de Djelic e Mousavi (2020) quanto à decisão da *Atlas* elencar os universitários como público-alvo da sua estratégia universitária.

Outras publicações, também frutos da parceria entre SFL e *Atlas Network*, seguiram-se ao lançamento de *What Your Professors Won’t Tell You*, com destaque para *The Morality of Capitalism* (“A moralidade do capitalismo”). A empreitada do livro – apresentar uma defesa moral de um “livre-mercado puro” frente ao que seria o capitalismo realmente existente – é indicativo, como se verá mais adiante neste capítulo, das circunstâncias históricas da época, haja vista a ampla contestação à autoridade moral do capitalismo ocorrida no período posterior à crise de 2008. *A moralidade do capitalismo* reúne ensaios de autores como Mario Vargas Llosa, notório romancista e vencedor do Nobel de literatura, e do então coCEO da rede varejista estadunidense *Whole Foods*, John Mackey. Conforme informado pelo relatório anual de 2011, a *Atlas Network* encomendou traduções de *A moralidade do capitalismo* para 16 idiomas (entre eles, o português), previstas para serem lançadas até o ano seguinte. O SFL apoiou na

distribuição de cerca de mil cópias da obra por diversos *campi* universitários estadunidenses naquele ano (Atlas Network, 2011).

Após *A moralidade do capitalismo*, Atlas Network e o SFL colaboraram ainda na publicação das obras *After the Welfare State: Politicians Stole Your Future...You can get it Back* (“Depois do Estado de bem-estar social: Políticos Roubaram o seu Futuro...Você pode tomá-lo de volta”), lançado em 2012, que se propõe a denunciar “a falência moral” do estado assistencialista em diversas partes do globo; e *Why Liberty?* (“Por que a Liberdade?”), de 2013, que reúne artigos redigidos por lideranças estudantis pró-capitalismo, com o objetivo de promover “o apelo universal da liberdade” (Atlas Network, 2013, p. 27)⁶⁶. Finalmente, cita-se *Peace, Love and Liberty* (“Paz, Amor e Liberdade”), de 2014, em que advoga-se em favor do livre-mercado como o melhor sistema para promoção da paz global.

Com o apoio do SFL, cerca de 175 mil cópias do primeiro livro foram distribuídos em universidades, empresas e junto ao público geral, ao passo que a tiragem inicial dos demais chegou, respectivamente, aos 350 mil e 300 mil exemplares (Atlas Network, 2011; Students for Liberty, 2013, 2014). Quanto a “Paz, Amor e Liberdade”, o relatório de 2013 da *Atlas* relata como “nossos amigos” do SFL fazem uso da obra “para engajar novos públicos com uma mensagem pró-liberdade” (Atlas Network, 2013, p. 27)⁶⁷. Como contam Djelic e Mousavi (2020, p. 279), a *Atlas* promoveu as obras com o apoio de uma série de canais de distribuição previamente designados, os quais incluem “websites nos idiomas locais, tours organizadas pela liberdade, *summer schools* e seminários”⁶⁸.

Até aqui, procurou-se descrever as parcerias firmadas pelo SFL com outras organizações no âmbito de projetos específicos. Cabe reiterar também, contudo, a recorrente participação de muitos dos primeiros integrantes do SFL em estágios e/ou cursos de formação oferecidos por *think tanks* e fundações voltadas à promoção do capitalismo de livre-empresa. Nessas oportunidades, desfrutaram de um contexto organizacional privilegiado não só para o aprimoramento de habilidades valorizadas no mercado de trabalho, mas também altamente propício para *networking*. Não à toa, os participantes do SFL em questão conseguiram posicionar-se posteriormente em diversos campos profissionais, circulando pelos mundos acadêmico, corporativo, da política institucional e do terceiro setor.

⁶⁶ Do original: “the universal appeal of liberty.”

⁶⁷ Do original: “used the book worldwide to engage new audiences with a pro-liberty message.”

⁶⁸ Do original: “through its designated outreach channels, including local language websites, organized liberty tours, summer schools, and seminars.”

Para citar somente alguns exemplos, Alexander McCobin, como já mencionado, foi estagiário de verão na *Reason Foundation*, por meio do *Institute for Humane Studies Koch Summer Program*, para logo em seguida desempenhar a função de estagiário no *Cato Institute*, quando ingressou no mestrado em filosofia na Universidade de Georgetown. Sam Eckmann, por seu turno, após também frequentar o programa de estágios de verão patrocinado pelos Koch, passou dois anos como estagiário de pesquisa jurídica no gabinete do então senador pelo estado da Pensilvânia, o republicano Arlen Specter (Students for Liberty, 2009). Após graduar-se em direito na Universidade de Chicago, Eckmann foi ainda assistente do juiz da Suprema Corte estadunidense, Antonin Scalia. Por fim, depois de concluir sua graduação em Análise e Gestão Política (com ênfase em políticas de saúde) pela Universidade de Cornell, Sloane Frost trabalhou durante um ano na *AmeriCorps*⁶⁹, antes de ingressar em um mestrado de Políticas Públicas na Universidade de Chicago, em 2008.

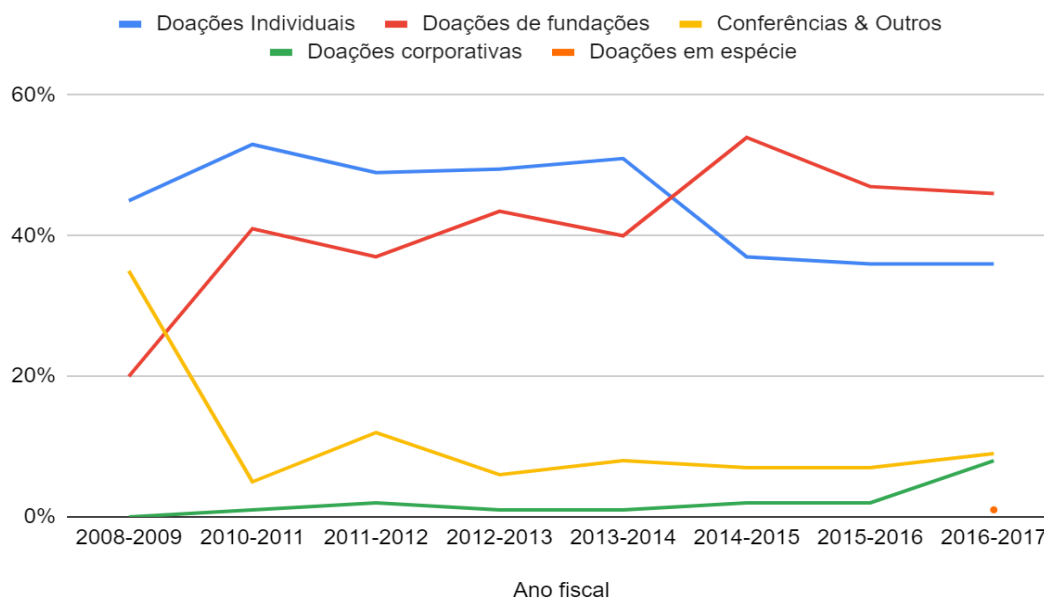
Por fim, a natureza do vínculo do SFL com entidades parceiras também se manifesta em termos orçamentários. Como demonstrado pelo gráfico a seguir, verifica-se que o percentil do total de receitas anuais do SFL proveniente de outras pessoas jurídicas apresenta notável crescimento entre 2008 e 2017, ultrapassando no ano fiscal 2014-2015 a parcela procedente de doações individuais. Os dados foram compilados a partir as informações fornecidas pelos relatórios anuais publicados entre o os anos fiscais⁷⁰ de 2008-2009 e 2016-2017⁷¹:

⁶⁹ Agência governamental estadunidense voltada de trabalho voluntário a órgãos públicos, ONGs e associações comunitárias (AmeriCorps, 2024).

⁷⁰ A partir do relatório referente ao período 2011-2012, o ano fiscal do SFL, que era compreendido entre 1º de julho a 30 de junho do ano seguinte, passou a ser contabilizado entre 1º de maio e 30 de abril do próximo ano. Por conta da mudança, o ano fiscal entre 2010-2011 foi de apenas 10 meses, iniciado em 1º de julho de 2011 e com fim em 30 de abril de 2012. A partir de 1º de maio de 2012, o ano fiscal calculado pelo SFL voltou a ter 12 meses (Students for Liberty, 2011).

⁷¹ Não se incluíram no gráfico os anos subsequentes por uma mudança na apresentação dos dados financeiros do SFL, a partir do relatório publicado em 2018. Se antes eram discriminados os valores procedentes de doações individuais ou de fundações, a partir desta data os anuários fazem referência somente a valores oriundos de “contribuições e *grants*”, “patrocínios e inscrição em eventos”, “investimentos e outras rendas”, e “doações em espécie”. Doações em espécie se referem a toda e qualquer doação não monetária a ONGs e associações de caridade, que passaram a ser incluídas nos levantamentos do SFL somente a partir de 2016-2017.

Gráfico 1 - Procedência das doações ao SFL (2008/2009-2016/2017) (em %, com relação ao valor total das receitas da organização em cada ano acadêmico)



Fonte: Formulação própria com base nos dados compilados dos relatórios anuais do SFL (2008-2017).

Feita referência aos vínculos iniciais do SFL com instituições pró-mercado mais estabelecidas, passa-se a uma discussão sobre o início do seu principal programa de treinamento na América do Norte. Trata-se do *Campus Coordinator Program* (“Programa de Coordenadores dos Campi”), lançado em 2010, o qual serviria de embrião para o *Local Coordinator Program* (“Programa de Coordenadores Locais”), transplantado para outras regiões do globo ao longo dos anos 2010.

3.3 O *Campus Coordinator Program*: sobre suas características e objetivos

A criação do *Campus Coordinator Program* é consonante ao intento do SFL de institucionalizar o treinamento de jovens lideranças no campo libertariano, para além de *workshops*, palestras e outras atividades pontuais. Segundo o relatório 2011-2012 da entidade, o programa visava selecionar:

Os indivíduos mais promissores que tenham demonstrado interesse com respeito à mobilização estudantil. O SFL fornece a eles o treinamento, recursos e supervisão necessários para que eles se tornem líderes da liberdade, criem novos grupos de estudantes, organizem eventos pró-liberdade e identifiquem outros libertarianos em suas áreas. É tanto um programa de treinamento rigoroso para a próxima geração de

líderes da liberdade e o principal veículo para o crescimento do movimento da liberdade” (Students for Liberty, 2012, grifos nossos)⁷².

O esforço representado pelo *Campus Coordinator Program* parece acompanhar uma tendência geral de entidades pró-mercado à época, como se nota por uma iniciativa de natureza similar lançada pela *Atlas Network* no mesmo período. A *Atlas Leadership Academy* (ALA), criada em 2008, mas cuja formalização só ocorreria quatro anos depois, assemelha-se ao programa desenvolvido pelo SFL, na medida em que também oferece uma série de cursos de formação relacionados a temas diversos. Em vista dos distintos “graus de maturidade” de seus participantes, os conteúdos da ALA abarcam “cursos e webinários online para iniciantes, escolas regionais, cursos de treinamento para lideranças *in loco* e programas de mentoria”⁷³. Também cita, nesse sentido, o já mencionado *Atlas Think Tank MBA* (ATTMBA), criado em 2008, programa que, segundo Djelic e Mousavi (2020, p. 279), visa cobrir todas as etapas na criação de um *think tank*, passando por planejamento estratégico, posicionamento de marca, *marketing*, comunicação e monitoramento dos resultados.

As atividades do programa de coordenadores do SFL são inspiradas pela denominada “Teoria do SFL para mudança social” (*SFL’s Theory for Social Change*, no original em inglês). A última edição em inglês do *Coordinator Handbook* (Guia dos Coordenadores), publicada pela entidade em 2021, é categórica ao afirmar que a “a teoria do SFL para mudança social serve como guia para as atividades da organização, alocação de recursos e aonde nós [o SFL] devemos direcionar nossa energia” (Students for Liberty, 2021b). Inspirado pelo conceito de “modelo de produção” de Friedrich Hayek, a teoria para mudança social do SFL descreve os estudantes como “matérias-primas”, as lideranças estudantis da organização como “produtos intermediários”, e os “*SFL alumni*”, isto é, os estudantes que já concluíram seu processo de formação, como “produtos finais” (Students for Liberty, 2021b).

A primeira etapa do processo consistiria em identificar junto ao corpo estudantil, quais seriam aqueles jovens mais suscetíveis às perspectivas da organização (definidos como “jovens pró-liberdade”), a fim de encorajá-los a participar da entidade. Os demais estudantes (nomeados de “agnósticos” e “antiliberdade”), demandariam abordagens distintas: com relação aos primeiros, deve-se trabalhar ativamente para educá-los a respeito das ideias pró-capitalismo,

⁷² Do original: “selects the most promising individuals that have a demonstrated interest in student organizing. SFL provides them with the training, resources, and oversight to become leaders of liberty, start new student groups, host pro-liberty events, and identify other libertarians in their area. It is both a rigorous training program for the next generation of leaders of liberty and the principal vehicle for growing the student movement for liberty.”

⁷³ Do original: “beginner online courses and webinars, regional schools, onsite leadership training courses, mentoring programs”.

por meio de livros, palestras e outras atividades. Já com relação aos “antiliberdade”, o objetivo seria fazê-los reconhecer que as perspectivas liberalizantes são influentes ao ponto de serem levadas a sério, vislumbrando-se alguma possibilidade futura de convencê-los (com “a abordagem correta”, nas palavras do documento) a mudar suas ideias.

A segunda etapa diz respeito ao desenvolvimento das lideranças estudantis, os chamados “produtos intermediários”, por meio de recursos e treinamentos diversos, destinados a “ajudar os líderes a tornarem-se organizadores mais efetivos e *accountable* por um alto nível de profissionalismo e produtividade”⁷⁴ (Students for Liberty, 2021b)⁷⁵. Na visão da entidade, as habilidades, técnicas e contatos forjados durante esse período são considerados chave para transformá-los em *alumni* mais competentes posteriormente. Por fim, na terceira etapa do processo, os “produtos finais” seriam aquelas lideranças estudantis que empregariam o *expertise* aprendido durante seu período no SFL, a fim de fazer multiplicar a influência de perspectivas pró-mercado em suas respectivas áreas profissionais.

A chamada “teoria” de transformação social do SFL guarda similitudes com a denominada “estrutura de transformação social” (*structure for social change*, no original em inglês), conceito considerado como grande orientador da atuação política dos irmãos Charles e David Koch (Lennon, 2018; Jarvey, 2019). O termo foi cunhado pela primeira vez em um artigo da *Philosophy Magazine* de 1996, assinado por Richard Fink, então presidente da *Charles Koch Foundation* e vice-presidente da *Koch Industries*. Assim como ocorre com o SFL, o texto de Fink se inspira na teoria de manufatura proposta por Hayek, mas se propõe a pensá-la à luz da possibilidade de influenciar os debates sobre políticas públicas.

O autor também descreve um processo em três etapas: a primeira delas consiste no investimento de “matérias-primas”, um conjunto de ideias e formulações teóricas a serem elaboradas e desenvolvidas principalmente, mas não de forma exclusiva, em instituições de ensino superior. Em um segundo momento, se faria necessária a aplicação de tais construtos teóricos para resolução de problemas concretos, tarefa que recairia sobretudo aos *think tanks*, na forma da produção de propostas de legislações e políticas públicas. Segundo Fink, no entanto, instituições como *think tanks* não estariam aptas a influenciar sozinhas nos processos legislativo e executivo. Necessita-se, portanto, da atuação de associações privadas formadas por

⁷⁴ Optou-se por manter “accountable” no original em língua inglesa, por tratar-se de expressão consolidada no linguajar associado à governança corporativa. No contexto do trecho citado, “accountable” pode ser entendido como uma responsabilização do indivíduo, que deve prestar contas sobre seu trabalho conforme critérios estabelecidos referentes a seu profissionalismo e produtividade.

⁷⁵ Do original: “to help leaders become more effective organizers and holds leaders accountable to a high level of professionalism and productivity”.

cidadãos leigos, cujo papel seria disseminar a importância de tais medidas junto ao público comum e pressionar a classe política em favor da sua aprovação (Jarvey, 2019).

Ao completar um ano de operação nos EUA, o *Campus Coordinator Program* contava com 24 integrantes, número que se expande para 51 no ano acadêmico 2011-2012 e para 87 no período 2012-2013. Na seção dedicada ao programa no relatório 2011-2012, constam alguns relatos de seus participantes. Zac Corbett, então graduando do curso de *Management Information Systems & Entrepreneurship* (“Gerenciamento de Sistemas Informativos & Empreendedorismo”) da Universidade do Alabama, considera que, graças aos “maravilhosos recursos e extensa rede de contatos” (Students for Liberty, 2012, p. 12) oferecidos pelo SFL, ele pode espalhar as “ideias da liberdade” em sua universidade.

Outra integrante do programa, Victoria Leca, cursava à época o curso de Ciência Política e Relações Internacionais da *Portland State University*, Oregon. Nascida na Romênia, país outrora pertencente ao bloco socialista, Leca alega ter aprendido desde tenra idade a desconfiar da ação estatal (Students for Liberty, 2012) e, ao vir para os EUA, tornou-se uma ávida leitora de literatura libertariana. Após se juntar ao SFL, Leca relata que, durante o verão estadunidense de 2012, ela começaria um estágio profissional no *Koch Summer Fellowship Program*, tendo trabalhado para o *Cascade Policy Institute*, entidade pró-livre mercado dedicada a questões locais no Oregon.

Cabe ainda interrogar: quais seriam algumas das circunstâncias históricas, no plano doméstico estadunidense e transnacional, que deram ensejo à criação de uma organização com o perfil do SFL? Afinal, quando Djelic e Mousavi (2020) apontam uma mudança estratégica na abordagem da *Atlas Network* com relação ao meio acadêmico – passando a centrar esforços no corpo discente e não mais nos professores – é razoável questionar: a que se deveu tal decisão?

Esgotar o tema em busca de uma resposta à pergunta está para além do fôlego da presente pesquisa. Considera-se válido destrinchar, todavia, alguns dos elementos do contexto histórico associados à época de criação do SFL. É uma tarefa pertinente para compreender algumas das motivações, preocupações e cálculos estratégicos dos principais atores envolvidos quando criou-se a organização. Se, por um lado, o engajamento de longa data de ONGs, fundações privadas e *think tanks* na promoção do capitalismo de livre-empresa não é uma novidade histórica, seria equivocado reduzir o surgimento do SFL e entidades afins em 2008 a um requeijar da vulgata reaganista dos anos 1980. Acredita-se, ao contrário, entender o que há de específico no contexto histórico que produziu o SFL, a fim de entender quais são algumas das formas particulares que o discurso pró-capitalismo assumiu naquele período. É este o tema da próxima seção.

3.4. *Boulevard of broken dreams: os EUA ao final dos anos 2000*

A pesquisadora Kaja Tretjak (2014), ao adentrar no auditório do hotel onde se realizava a edição de 2011 da CPAC, relata a seguinte cena: no palco, o ex-vice-presidente dos EUA, Dick Cheney, entregava o prêmio *Defender of the Constitution Award* (“Prêmio da CPAC de Defensor da Constituição”) ao ex-secretário de defesa, Donald Rumsfeld. Após o anúncio do nome do vencedor, dúzias dos jovens presentes passaram a vaiar Cheney e Rumsfeld, acusando ambos de “criminosos de guerra” e “terroristas”. Alguns outros espectadores ensaiaram uma resposta às ofensas direcionadas aos políticos republicanos com o tradicional cântico “EUA! EUA!”⁷⁶. De acordo com Tretjak (2014), porém, a atmosfera do auditório soava muito mais hostil às figuras de proa do governo de George W. Bush (2001-2009) do que se imaginaria, a princípio, em um encontro da CPAC.

“Contra a Guerra! Contra o ódio! Juntos vamos derrubar o Estado!”⁷⁷, entoava uma dúzia de manifestantes em coro, muitos dos quais empunhavam uma bandeira com as cores preta e amarela. Um dos presentes, vestido de gravata borboleta vermelha – traje associado a Murray Rothbard e usado por admiradores em sua homenagem – gritou “Queimem a Constituição!”⁷⁸, ouvindo vivas como resposta. Diante da manifestação contra Cheney e Rumsfeld, Tretjak (2014) pensou se tratar de ação perpetrada por um grupo de esquerda antiguerra infiltrado no evento – se não fosse, todavia, pela reação de muitos dos demais participantes. A expressão deles, segundo a autora, não era horror ou perplexidade, mas sim mais próxima da “irritação de alguém defrontado mais uma vez, com um incômodo familiar e crescente” (Tretjak, 2014, p. 2)⁷⁹. Após os organizadores da CPAC expulsarem alguns manifestantes e diversos participantes saírem da conferência em solidariedade, um dos presentes comenta em voz baixa: “Uau. Cheney e Rumsfeld não estão a salvo nem mais na CPAC. O que está acontecendo aqui?” (Tretjak, 2014)⁸⁰.

Como toda boa anedota, o relato de Tretjak (2014) é hábil em pinçar, de um acontecimento banal na aparência, uma reflexão sagaz sobre a mudança dos ventos políticos nos EUA no começo dos anos 2010. Da aprovação recorde de mais de 90% de George W. Bush

⁷⁶ Do original: “USA! USA!”.

⁷⁷ Do original: “Anti-war! Anti-hate! Together we will smash the state”.

⁷⁸ Do original: “Burn the Constitution”.

⁷⁹ Do original: “many bore the irritated expression of someone confronted, yet again, with a familiar and intensifying nuisance”.

⁸⁰ Do original: “Wow. Cheney and Rumsfeld aren’t even safe at CPAC anymore. What is going on here?”

no período imediatamente após os Atentados de 11 de setembro de 2001 contra o *World Trade Center* (WTC) e o Pentágono ([Presidential...], 2024) para, em cerca de uma década, vaia dirigida contra Cheney e Rumsfeld em um evento considerado em tese como “acima de qualquer suspeita” para recepcionar medalhões da administração Bush. Caso se recorde das palavras de Bryan Garth e Yves Dezalay (2002), para quem os fluxos de importação e exportação de expertise provindos dos EUA são condicionados pelas “guerras palacianas” do Norte e do Sul, recuperar as circunstâncias históricas ao final dos anos 2000 é de fundamental importância para compreender como o *Students for Liberty*, objeto de pesquisa do presente estudo, surgiu e iniciou sua atuação política nos EUA e, posteriormente, em escala transnacional.

Como primeiro elemento, destaca-se o crescente descontentamento com a ala neoconservadora do Partido Republicano, predominante ao longo da administração de George W. Bush, em especial quanto à retórica intervencionista associada à Guerra Global contra o Terrorismo. Cita-se também a eclosão da crise financeira de 2007-2008 que, além de descredibilizar ainda mais o governo Bush, apresentou-se como uma oportunidade do ativismo libertariano para projetar-se como uma “alternativa” ao discurso econômico *mainstream*, ao encampar pautas aparentemente “disruptivas”, como a abolição do FED, o Banco Central estadunidense, além da oposição aos pacotes de socorro às instituições financeiras. Neste contexto, há ainda a eleição do democrata Barack Obama à presidência dos EUA em 2008. A chegada do primeiro afro-americano à Casa Branca, em uma campanha marcada pela mobilização da juventude, minorias raciais e pessoas LGBTQIA+ (Rosentiel, 2008), além do emprego de estratégias comunicativas digitais inovadoras no campo de *marketing* eleitoral, incitou esforços de uma contraofensiva por parte setores econômicos e políticos alinhados ao campo conservador.

Por fim, o período do imediato pós-crise de 2008 foi marcado pela popularidade crescente de perspectivas anticapitalistas e em oposição ao Estado nos EUA, em vista do profundo descrédito do *establishment* político e econômico ocorrido à época. As manifestações do *Occupy Wall Street* (OWS), ocorridas entre setembro e novembro de 2011 nos EUA, exemplificam bem a excitabilidade crítica do período, com destaque para a denúncia à crescente desigualdade econômica, ao encastelamento da classe política, à brutalidade policial e ao trato com o meio ambiente (Nunes, 2022). A militância libertariana entende que a empreitada de atualizar o discurso apologético ao capitalismo passava pela necessidade de tingi-lo com cores “antissistema” e “antielite”, na tentativa de capturar corações e mentes, em especial junto à desencantada juventude do pós-crise de 2008.

3.4.1 *Mission accomplished*: a crise do neoconservadorismo durante o segundo mandato do governo Bush (2005-2009)

Devido ao escopo da presente pesquisa, não há como realizar uma contextualização histórica extensiva a respeito do neoconservadorismo⁸¹. Tal vertente da direita estadunidense, segundo Jesus Velasco (2016), atingiu seu apogeu durante o segundo mandato de Ronald Reagan (1985-1989) e o primeiro mandato de George W. Bush (2001-2005). Mas sublinha-se como as tensões internas dentro da coalizão direitista estadunidense durante o mandato de Bush – o que George Nash chegou a definir como “guerra civil conservadora” (Tretjak, 2014) – são precedentes históricos importantes para compreensão do *revival* do movimento libertariano estadunidense ao final dos anos 2000. O rechaço à administração Bush, em especial entre a juventude estadunidense, revelou-se um primeiro passo comum na trajetória de diversos ativistas libertarianos durante o período. Sendo assim, uma vez que seu processo de politização foi se dando sempre *em oposição* ao que era percebido como o *mainstream* republicano, compreende-se uma das razões do libertarianismo revestir-se, à época, sob o manto de uma “perspectiva antissistema”.

Logo após os atentados do 11/09, a administração Bush abandonou as promessas feitas na campanha por uma “política externa mais modesta”, adotando uma abordagem intervencionista de matiz neoconservadora (Pecequillo, 2006). O apoio popular às expedições militares no Oriente Médio, porém, foi se dissipando ao longo do segundo mandato do republicano. As críticas centraram-se nos gastos exorbitantes com a Guerra ao Terror, estimados até na casa de 8 trilhões de dólares, além das fatalidades decorrentes dos conflitos – 900 mil, número que inclui combatentes, civis, jornalistas e agentes humanitários (Kimball, 2021). Menciona-se ainda a significativa quantidade de combatentes estadunidenses que se

⁸¹ O neoconservadorismo estadunidense é um movimento político-intelectual cuja emergência se deu nos EUA dos anos 1960. Em linhas gerais, ainda no contexto da Guerra Fria, os neoconservadores advogavam por uma política externa intervencionista a fim de conter a União Soviética (URSS), associando expansionismo militar à promoção do regime democrático pelo globo. Após o fim da Guerra, o *Defense Planning Guidance* (DPG), um memorando preliminar do Pentágono vazado e publicado pelo periódico *New York Times* em 1992, sintetizava a perspectiva neoconservadora para o período. O DPG considerava que os EUA, na posição como “única superpotência restante”, gozavam de indiscutível superioridade militar, e deveriam, portanto, aproveitar-se da sua supremacia para expandir-se para novas zonas de influência (em especial na Eurásia), além de engajar-se em ações unilaterais para contenção de possíveis novas ameaças representadas por potências regionais, sejam aliadas, sejam rivais (Pecequillo, 2006). Também se defendia a manutenção do papel dos EUA como promotor da democracia pelo mundo, advogando uma agenda internacional intensa em favor da transição de regimes autoritários para democráticos. Primeiramente rechaçados pelo establishment dos principais partidos, elementos do DPG seriam incorporados no *National Security Strategy* (NSS) de 2002, documento que delineou as diretrizes da chamada “Doutrina Bush”, após os atentados do 11/09 (Velasco, 2016).

suicidaram ao retornar para casa, 30.177 pessoas, número superior aos mortos em ação (7.052), bem como aqueles que regressaram mutilados ou com problemas de saúde física ou psicológica. Trata-se de questões amplamente sentidas também por seus familiares, amigos e demais conviventes, (Lester; Rauch; Loucks; Somborger; Ohye; Karnik, 2017) dada a larga presença da instituição militar na sociedade estadunidense.

As revelações de violações sistemáticas de direitos humanos nas prisões de Guantánamo, em Cuba, e de Abu Ghraib, no Iraque, também fomentaram a aversão do público com relação aos conflitos no Oriente Médio. Ademais, observou-se notável oposição à magnitude alcançada pelos programas de monitoramento ostensivo implementados após o 11/09. Legislações como o *Patriot Act* (“Ato Patriota”), de 2003, e o *Protect America Act*, de 2007, além de programas como o *President’s Surveillance Program* (PSP), aumentaram consideravelmente a autoridade do Poder Executivo e das agências de monitoramento (em especial a *National Security Agency*, a NSA), com restrições a uma série de liberdades civis e limitações ao devido processo legal (Pecequilo; Rocha, 2009).

Assim, se em março de 2003, 72% dos estadunidenses acreditavam que a decisão de invadir o Iraque tinha sido acertada, em fevereiro de 2008 a parcela da população favorável à guerra havia caído para 38% (Doherty; Kiley, 2023). Embora o desgaste tenha sido mais direcionado ao Partido Republicano, haja vista a maior vinculação dos dirigentes da legenda com a Guerra ao Terror, a frustração generalizada com os rumos da política externa se dirigiu ao *establishment* político como um todo. Como coloca Pecequilo (2006), o período imediatamente posterior aos ataques suscitou um relativo consenso bipartidário em torno da necessidade de uma projeção mais agressiva dos EUA no cenário internacional, em resposta à violação que o território continental do país havia sofrido.

Destaca-se, desse modo, a presença de integrantes dos dois grandes partidos estadunidenses no Comitê pela Libertação do Iraque, organização criada pelo lobista Randy Scheunemann em 2002, com o objetivo de pressionar por uma operação militar no país árabe. John McCain, senador pelo Arizona e futuro candidato republicano à Presidência em 2008, e Joe Lieberman, senador democrata por Connecticut e integrante na chapa de Al Gore no pleito presidencial de 2000, foram ambos escolhidos copresidentes honorários do comitê ao momento de sua criação. Vale também recordar das largas margens com que a resolução em favor da invasão militar do Iraque foi aprovada em ambas as casas legislativas (296-133 na Câmara dos Representantes; 77-23 no Senado), com o apoio de figuras destacadas do Partido Democrata, como Joe Biden, Hillary Clinton e John Kerry, então senadores pelos estados de Delaware,

Nova Iorque e Massachusetts, respectivamente (Senate [...], 2002; United States of America, 2002).

O desgaste da retórica associada à defesa das empreitadas militares no Oriente Médio e o descontentamento generalizado dirigido contra o *establishment* incitaram muitos jovens estadunidenses, até então desinteressados por temas políticos, a participar de grupos de ativismo das mais variadas orientações. O trabalho etnográfico de Tretjak (2014) aponta indícios nesse sentido, mais especificamente com relação a grupos ativistas libertarianos. Nos relatos colhidos pela pesquisadora junto a jovens graduandos participantes de organizações libertarianas nos EUA, são frequentes as menções aos impactos da Guerra ao Terror na vida cotidiana de suas famílias e comunidades, além da pauperização econômica enfrentada pelo país, cujos sinais já se apresentavam a partir de 2006-2007.

A fala de Scott, estudante de uma universidade pública da região Meio-Oeste entrevistado por Tretjak (2014), é representativa nesse sentido. Proveniente de uma família de classe média com simpatias republicanas, a despeito de não ser muito politicamente ativa, o jovem narra o cenário atribulado com o qual se deparou durante o Ensino Médio. Ao passo que dois amigos se mudaram da cidade em que viviam, por conta do desemprego repentino dos pais, Scott relata que a situação financeira em seu próprio ambiente familiar também se agravou, a ponto da família ter que hipotecar sua residência por uma segunda vez. Ademais, um colega do colégio, que havia acabado de ingressar no exército após a finalização dos estudos, retornou do combate no Afeganistão paralisado do pescoço para baixo, deixando forte impressão no jovem (Tretjak, 2014).

Ao ingressar na universidade, Scott conta ter comparecido a encontros das juventudes associadas aos partidos Republicano e Democrata, os principais grupos políticos estudantis representados no *campus*. Afirmava, todavia, não ter se cativado pelos argumentos de nenhuma das entidades. Ele também compareceu ao encontro dos jovens filiados a ISO (*International Socialist Organization*, “Organização Internacional Socialista”), de cujo discurso antiguerra declarou ter gostado, mas que se desinteressou pela parte subsequente, uma discussão em que, em suas palavras, “falava sobre como tudo no capitalismo é perverso, mas não havia qualquer análise propriamente econômica ali” (Tretjak, 2014, p. 16)⁸².

Após se deparar com alguns panfletos libertarianos no *campus* – os quais afirmavam oferecer uma alternativa frente às denominações tradicionais de esquerda e direita – Scott decidiu comparecer a uma das reuniões oferecidas pelo grupo. A partir de então, passou a ler

⁸² Do original: “It was all about how capitalism is evil, but there wasn’t any economic analysis there”.

desde obras clássicas associadas à Escola Austríaca até colunas diárias de organizações como o *Cato Institute*, o FEE e o Instituto Mises. Ao participar de conferências e frequentar fóruns online libertarianos, o jovem fez amizades com colegas que compartilhavam de ideias afins. Também por intermédio do grupo, conheceu Alex, jovem que se converteu em uma espécie de mentor na sua jornada intelectual (Tretjak, 2014).

As recém-formadas percepções de Scott logo trouxeram atrito na relação com os pais, em especial com respeito às investidas militares estadunidenses no Oriente Médio:

Uma das coisas principais que incentivaram isso tudo foram as guerras. Meus pais não entendiam. Eles acharam que eu havia voltado da faculdade como uma espécie de *hippie* esquerdista. Eu tentei explicar para eles que se eles levassem a sério tudo aquilo sobre estado mínimo, eles precisavam entender todas as implicações disto. Parem de ouvir comentaristas conservadores e os adoradores dos Pais Fundadores. Nunca houve uma era de liberdade neste país, e nunca haverá, enquanto o Estado continuar, com a elite governamental e empresarial no topo apenas jogando para nós algumas migalhas de vez em quando. Digo, há devastação econômica por toda parte e os babacas no topo ficam viajando de jatinho pelo mundo. Enquanto isso, o resto de nós não consegue um emprego ou segue sendo demitido, apesar de estarmos fazendo tudo certo. Ou pior, voltando do Oriente Médio dentro de um saco (Tretjak, 2014, p. 18).⁸³

A fala do jovem, embora concernente à sua jornada particular, guarda semelhança com a de vários ativistas que se tornaram libertarianos do período (Tretjak, 2014). Dentre algumas comunidades que se tornaram importantes conduítes para disseminação do libertarianismo, destacam-se grupos de veteranos, sobretudo de jovens ex-combatentes no Afeganistão e Iraque. A razão do desagrado se devia ao prolongamento das guerras, à falta de assistência adequada aos combatentes e suas famílias, sem mencionar a revelação de que o argumento inicial em favor da derrubada armada do regime de Saddam Hussein, a existência de um arsenal de armas de destruição em massa, foi falso.

Houve também crescente descontentamento além de comunidades de entusiastas de tecnologias *Peer-to-Peer* (P2P), como o *blockchain*. A percepção era que o aparato de monitoramento montado no regime Bush constituía uma ameaça às liberdades individuais, e, portanto, mecanismos de compartilhamento descentralizados de dados poderiam ser uma

⁸³ Do original: “One of the biggest things that kept fueling all of this for me was the wars. My parents didn’t get it. They thought I came back from college some kind of leftist hippie. I tried explaining to them that if they were serious about all the limited government stuff, they need to see the full implications of that. Stop listening to all these conservative pundits and founding fathers’ worshipers. There was never some golden age of freedom in this country, and there never will be as long as the state is around, with the corporate and government elite at the top throwing the rest of us some crumbs every once in a while. I mean, look around. Economic devastation everywhere and the assholes at the top jet-setting all over the world. Meanwhile the rest of us can’t get jobs or are getting laid off, foreclosed on, even though we did everything right. Or worse, coming back from the Middle East in body bags”.

importante ferramenta para garantir a privacidade dos usuários. Outros episódios ocorridos posteriormente apenas catalisaram a desconfiança crescente ao grau intrusivo do governo. Dentre eles, cita-se a derrubada do *Silk Road*, em 2013 – site que comercializava drogas ilícitas na *deep web* – e, sobretudo, as notórias divulgações de Edward Snowden e Chelsea Manning, também em 2013, com relação à escala do sistema global de monitoramento liderado pelo governo dos EUA, em parceria com outros países e gigantes do setor de tecnologia (Tretjak, 2014).

Desse modo, o reenergizado movimento libertariano dos final dos anos 2000 se valeu da antagonização com o *establishment* neoconservador republicano para afirmar sua identidade como uma perspectiva “disruptiva”. A primeira pré-candidatura de Ron Paul à presidência do Partido Republicano, em 2008, representou, neste contexto, um importante passo na popularização do libertarianismo nos EUA. Segundo Doherty (2010), a chamada *Ron Paul Revolution* é o “maior movimento popular do pós-Segunda Guerra motivado por ideias distintamente libertarianas sobre guerra, dinheiro e o papel do governo”. O relativo êxito da campanha de Ron Paul também pode ser compreendida como a culminância de um processo mais amplo de fricção entre o neoconservadorismo, tendência predominante no Partido Republicano nos anos 1990 e 2000, e correntes minoritárias do campo da direita. Entre as últimas, citam-se o libertarianismo e o paleoconservadorismo⁸⁴, os quais, apesar de suas muitas diferenças, são favoráveis a uma política externa isolacionista.

Ademais, o nome de Paul passou a ser considerado como a principal “porta de entrada” para o libertarianismo estadunidense, em especial para um conjunto de eleitores mais jovens até então desinteressados pela política institucional (Tretjak, 2014). Em entrevista ao *The Daily Bell*, Alexander McCobin (2012) comenta como Ron Paul introduziu o libertarianismo a muitos dos integrantes do SFL, suplantando até mesmo a influência duradoura de Ayn Rand neste quesito. No decorrer da campanha de Paul entre 2007 e 2008, uma série de organizações apologéticas do *laissez-faire* ganharam tração, sob a órbita da *Ron Paul Revolution*, mas não restritas ao movimento. Dentre elas, destacam-se a *Young Americans for Liberty* (YAL), a qual se originou da entidade *Students for Ron Paul*, e o próprio objeto de estudo desta dissertação, o SFL. Também se nota a popularidade de Paul junto a grupo de veteranos – sobretudo ex-

⁸⁴ Nos anos 1990, o paleoconservadorismo notabilizou-se como uma tendência às margens do *mainstream* republicano. Caracterizava-se pela defesa do desengajamento dos EUA das Instituições Internacionais, restrições da entrada de imigrantes, além do reforço das hierarquias sociais erigidas em torno de raça, gênero e sexualidade. Pat Buchanan, ex-assessor de Richard Nixon e Ronald Reagan, foi o principal representante paleoconservador, chamando atenção do público e imprensa com resultados surpreendentes nas primárias republicanas de 1992, em que desafiou o então candidato à reeleição, George H. W. Bush (1989-1992). Considera-se o paleoconservadorismo legatário da *Old Right* (“Velha Direita”).

combatentes do Iraque e Afeganistão – como se manifesta pela organização *Veterans for Ron Paul* (Tretjak, 2014).

Inicialmente considerado como um azarão, não atingindo percentuais na casa dos dois dígitos nas pesquisas de intenção de voto, a campanha de Paul surpreendeu em termos de arrecadação já ao final de 2007, por conta das contribuições de uma base fiel de pequenos doadores (Doherty, 2012). Paul, que se candidataria novamente em 2012 – em uma campanha muito mais profissionalizada (Geoffrey, 2020) – nunca ameaçou o favoritismo dos prediletos do *establishment* na disputa das primárias republicanas (em 2008 e 2012, respectivamente, John McCain e Mitt Romney). Aponta-se, contudo, seu êxito em levantar pautas que foram recepcionadas pelo público com algum grau de entusiasmo, sobretudo a firme posição isolacionista em política externa e a promessa de “acabar com o *Fed*”.

Além disso, o sucesso inesperado de Paul indicou a crescente desconexão entre os caciques republicanos e parcelas substantivas das bases da legenda. Se, em 2012, o ex-senador da Flórida Connie Mack defendeu seu apoio a Mitt Romney pelo fato do ex-governador de Massachusetts “*parecer um presidente*”, um participante de um comício em favor de Paul relatou à *Time* saber que seu candidato não tinha chances de conseguir a nomeação, mas mantinha mesmo assim seu apoio como um “protesto contra o *establishment* do GOP” (Steinmetz, 2012).

Trata-se, assim, de movimentos que podem ser descritos como “ensaios” do que haveria no pleito presidencial seguinte. Em 2016, as pré-candidaturas consideradas favoritas na disputa de ambos os principais partidos – Jeb Bush e Hillary Clinton – se viram ameaçadas (e no caso de Bush, completamente obliterada) pelos desafios lançados por candidatos considerados distantes do centro; respectivamente, o empresário e personalidade televisiva, Donald Trump, e o senador independente por Vermont, Bernie Sanders (Geoffrey, 2020). Como relata Doherty (2016), a simpatia inspirada pelos rótulos de “libertariano”, no caso de Paul, e de “socialista”, referente a Sanders, dizem menos respeito a uma aderência ideológica estrita e mais a um “senso crescente e em expansão de uma independência ideológica das estruturas bipartidárias existentes”⁸⁵.

Embora importante, a antagonização entre o libertarianismo e o neoconservadorismo, em matéria de política externa, não é capaz de explicar inteiramente os motivos do relativo êxito do libertarianismo entre a juventude estadunidense no período. Defende-se que o movimento também buscou, naquele momento, responder a outros desafios informados pela conjuntura

⁸⁵ Do original: “a growing and expanding sense of ideological independence from existing two-party structures”.

política à época, como a vitória de Barack Obama nas eleições presidenciais de 2008, e o período de efervescência posterior à crise financeira de 2007-2008, que nos EUA contou com o OWS como principal manifestação. O argumento principal é que a vitória do democrata e as mobilizações populares apontaram uma debilidade das perspectivas de livre-mercado nos EUA: a falta de apelo entre a juventude universitária. É ciente desta percebida carência, portanto, que se pode conceber uma análise contextualizada sobre a atuação de notórios financiadores de entidades pró-mercado como os Kochs, que entenderam ali a necessidade de atualizar o discurso libertariano frente à ascensão de novos desafios.

3.4.2 Entre o “Yes, We Can” e o “We are the 99%”: a resposta libertariana à eleição de Obama e ao *Occupy Wall Street* (OWS)

Apesar de, em termos programáticos, a plataforma de Barack Obama ter sido relativamente convencional, pouco se distanciado do “neoliberalismo progressista” (Fraser, 2017) característico do Partido Democrata desde Bill Clinton (Cooper, 2017), sua vitória nas eleições presidenciais de 2008 foi considerada um marco na história recente do país. A princípio, cita-se a evidente carga simbólica do primeiro afro-americano ascender à posição de mandatário da nação, fato considerado uma demonstração do avanço galgado após as longas lutas em prol da equalização de direitos entre cidadãos brancos e negros nos EUA. Obama beneficiou-se também da sua posição inicial crítica à incursão militar no Iraque, tanto nas primárias democratas, em contraste à Hillary Clinton, e posteriormente ao rival republicano John McCain, notório neoconservador.

À medida que o calendário eleitoral avançava, porém, as preocupações com o plano econômico ganharam centralidade frente às incursões militares no Oriente Médio (Rosentiel, 2008). A eclosão da crise da *subprime*, referente, a princípio, à súbita desvalorização dos títulos hipotecários de alto risco, logo se alastrou pelo sistema financeiro global. Na manhã de 15 de setembro de 2008, a falência do banco de investimentos *Lehman Brothers* disseminou pânico generalizado por Wall Street e bolsas de valores do mundo, contribuindo para a erupção da maior crise financeira transnacional desde a Grande Depressão. Em um país assolado por ondas de despejo e demissões em massa, os eleitores entenderam o voto em Obama como um rechaço às políticas liberalizantes promovidas por seus antecessores, consideradas então as responsáveis pela crise financeira.

Em 20 de janeiro de 2009, cerca de 1,8 milhão de pessoas se aglomeraram no *National Mall* para assistir à posse presidencial de Obama, a maior realizada na história do país. O

consultor democrata James Carville (*apud* Mayer, 2018, p. 27), de tão entusiasmado com o triunfo do ex-senador de Illinois, chegou a prever um realinhamento político que garantiria aos democratas a permanência no poder pelos “próximos quarenta anos”. Logo nos primeiros meses do governo Obama, porém, a euforia se dissipou frente a uma conjuntura política cada vez mais adversa. As mobilizações do *Tea Party*⁸⁶, iniciadas em fevereiro de 2009 – somente um mês após a posse – tomaram grande proporção em um relativo curto período de tempo, maculando a percepção de que a então alta popularidade de Obama o tornava inabalável.

O tema principal do *Tea Party*, a princípio, girou em torno da ferrenha oposição aos pacotes de estímulos propostos pela administração federal para estimular a economia no pós-crise. Argumenta-se que a centralidade da pauta econômica nos protestos, ao menos em sua fase inicial, consistiu em uma das razões para seu êxito. Por um lado, se libertarianos e conservadores divergiam nas pautas sociais, a concordância quanto à defesa do governo limitado permitiu estabelecer os termos de uma cooperação conjunta, em nome da luta contra um inimigo em comum⁸⁷. Em uma avaliação mista sobre o *Tea Party*, Alexander McCobin mostrou-se reticente com relação ao potencial do movimento de promover o libertarianismo, haja vista a presença de tradicionalistas morais refratários a discussões sobre questões sociais. McCobin (2011), porém, credita o sucesso do *Tea Party* às suas “tendências libertarianas”, dada a centralidade da pauta de limite à ação estatal.

Ademais, a natureza dos pacotes de socorro e de estímulo aprovados, o primeiro no governo George W. Bush, e o segundo por Obama⁸⁸, permitiram revestir o argumento anti-intervenção estatal com um certo verniz popular. Entre os manifestantes do *Tea Party*, era

⁸⁶ O nome *Tea Party* faz referência a episódio tradicionalmente celebrado na historiografia estadunidense como o “desencadeador” da Revolução de 1776. Na “Festa do Chá” de 1773, um grupo de colonos, em oposição à taxa da metrópole britânica sobre a mercadoria, lançou carregamentos de chá nas águas do porto de Boston. O episódio teria catalisado as insatisfações crescentes dos colonos com relação ao Império Britânico, sobretudo relacionadas à falta de representação em Westminster, a despeito da cobrança de impostos (demanda sintetizada pelo famoso mote *taxation without representation*). O descontentamento dos colonos estadunidenses com a Coroa culminaria na deflagração da Guerra de Independência, em 1776 (Lepore, 2011).

⁸⁷ Retoma-se a advertência de Tretjak (2014); contra a tendência, todavia, de não fazer distinção entre a emergência do *Tea Party* e do *revival* libertariano do final dos 2000. De acordo com a autora, apesar da sobreposição entre os movimentos, deve-se atentar com relação a suas distintas configurações geracionais, contextos institucionais e perspectivas políticas.

⁸⁸ O *American Recovery and Reinvestment Act* (ARRA) foi um pacote de estímulos, estimado em 831 bilhões de dólares (Congress Budget Office, 2010), executado na forma de subsídios fiscais, investimentos diretos em infraestrutura, além da extensão provisória na cobertura de certos benefícios sociais. O propósito alegado do ARRA foi de amenizar os efeitos mais nocivos da crise de 2008 junto à população, bem como estimular a geração de novos postos de trabalho. A legislação sucedeu o *Emergency Economic Stabilization Act* de 2008, proposto pelo secretário do tesouro Henry Paulson, aprovado por ambas as casas legislativas estadunidenses e assinado por George W. Bush, em outubro de 2008. Implementada em caráter emergencial, haja vista a eclosão da crise do *subprime*, a lei criou o *Trouble Asset Relief Program* (TARP), mecanismo que autorizou o Tesouro dos EUA a comprar até 700 bilhões de dólares em ativos tóxicos, a fim de restaurar a liquidez do mercado de crédito e garantir a estabilidade do sistema financeiro do país (Fact [...], 2008).

comum a percepção de que os programas de recuperação destinavam-se, a despeito de suas justificativas em prol do “bem comum”, a socorrer os responsáveis pela crise com o dinheiro dos trabalhadores americanos. Ainda que o *Tea Party* tenha se oposto a Obama de forma sobremaneira mais contundente, a indisposição com as políticas adotadas por Bush em resposta à eclosão da crise de 2008 também permitiram ao movimento um distanciamento com relação ao que seria um “consenso bipartidário” em resposta à crise (Williamson; Skocpol, 2016).

Outros temas para além da pauta econômica, contudo, logo se fizeram presentes⁸⁹. Entre eles, destacam-se: o apoio a controles mais rígidos contra a imigração ilegal, sobretudo na fronteira com o México; a defesa irrestrita da Segunda Emenda, que assegura a posse e porte de armas de fogo; bem como a contrariedade a quaisquer medidas de expansão da educação pública e da assistência social, especialmente com relação a reformas no sistema de saúde (objeto de especial contenda à época, dada a centralidade do tema na campanha de Obama.) O *Tea Party* também se tornou conduíte para propagação do movimento *Birther*⁹⁰, teoria da conspiração racista que defendia que Barack Obama não havia de fato nascido em território estadunidense, não podendo ocupar, portanto, o cargo mais alto do Executivo do país (Lepore, 2011). Milícias supremacistas brancas e xenófobas também identificaram o *Tea Party* como uma oportunidade para tornar suas posições racistas mais palatáveis junto a um público mais amplo (MacAskill; Pilkington, 2010; Bray, 2019).

No decorrer da primeira metade da década de 2010, as mobilizações associadas ao *Tea Party* diminuíram em número: como aponta Patrick Rafail (2016), de 1.022 eventos realizados em 2009, realizaram-se somente 25 em 2014. Apesar da agitação do movimento ter perdido ímpeto com o passar dos anos, creditou-se um papel significativo do *Tea Party* na derrota acachapante do Partido Democrata nas eleições parlamentares de 2010, quando a legenda perdeu 63 assentos na Câmara dos Representantes, a maior perda democrata em um ciclo eleitoral desde 1948 (Greenfield, 2021). Também se argumenta que o declínio do movimento se deveu ao seu próprio êxito, haja vista o *establishment* republicano ter se aproximado da agenda do *Tea Party* ao longo dos anos 2010 ([How...], 2018).

⁸⁹ A divisão de temas entre “econômicos” e “não econômicos”, entretanto, não é tão simples como se apresenta, como demonstrado pelo debate entre Judith Butler e Nancy Fraser sobre o assunto. Ao contrário de Fraser, que concebe direitos de “reconhecimento” e “redistribuição” como distintos, Butler argumenta pela coconstitucionalidade das categorias. Por exemplo, uma vez que os direitos de herança da riqueza e da propriedade foram historicamente estabelecidos conforme o heterossexismo, não se pode-se dissociar da luta por “reconhecimento” dos homossexuais e pessoas de sexualidade dissidente de demandas de caráter redistributivo (Butler, 1997).

⁹⁰ Donald Trump, até então conhecido do grande público como personalidade televisiva, foi um dos mais notórios difusores das mentiras a respeito do local de nascimento de Obama (How [...], 2016).

Quando se discute o *Tea Party*, é recorrente a representação do movimento como um exemplo de *astroturfing*, termo em inglês para os esforços de conceder ares de “mobilização popular” a movimentos coordenados por certos indivíduos e/ou organizações, seja em defesa de um candidato ou política pública (Mayer, 2018). No caso do *Tea Party* e no reavivamento do movimento libertariano no pós-2008, os irmãos Koch são recordados costumeiramente como grandes financiadores e fomentadores do movimento, ao lado de dinastias locais como os Pope, da Carolina do Norte (donos da *Variety Wholesalers*, companhia de lojas de departamento), e dos DeVos, do Michigan (proprietários da *Amway*, multinacional do setor de cosméticos e produtos de limpeza). Apesar do referido risco de se reduzir a complexidade de movimentos sociais como o *Tea Party* a somente uma “cortina de fumaça” para os interesses de grupos poderosos, deve-se discorrer aqui sobre o tema – em especial dos Koch, cuja proximidade histórica de movimentos libertarianos é pública e notória (Doherty, 2007; Rocha, 2018).

Filhos de Fred Koch, anticomunista ferrenho e um dos cofundadores da *John Birch Society*⁹¹, Charles e David frequentaram quando jovens a *Freedom School*, entidade fundada por Robert LeFevre nos anos 1960, a qual era à época uma das principais promotoras de perspectivas libertarianas nos EUA. Na década seguinte, haja vista os Koch terem voltado seu interesse para iniciativas de promoção do pensamento de livre-mercado no ambiente acadêmico, eles passaram a financiar uma série de entidades engajadas com este propósito, em especial o IHS. Desde então, os Koch também financiaram diversos centros de pesquisa em cursos de graduação e pós-graduação de economia por faculdades pelos EUA, sendo o mais famoso o *Mercatus Center*, na George Mason University, na Virgínia (Doherty, 2007).

Os irmãos se engajaram também, entre os anos 1970 e 1980, em um processo de maior institucionalização do movimento libertariano, envolvendo-se na criação do Partido Libertariano, em 1972, e do *Cato Institute*, em 1978, o último em parceria com Murray Rothbard. Na visão dos Koch, uma vez que boa parte das ideias e *slogans* libertarianos nunca teriam sido colocadas à prova, os esforços do movimento deveriam se voltar, portanto, à criação de uma “ciência da liberdade” que desenvolveria, por sua vez:

As respostas quanto à melhor estratégia tanto para se *vender*, como para se *implementar* a liberdade, os valores pessoais e institucionais que melhor comportam uma sociedade livre, e os melhores meios de se fazer uma transição entre o estatismo

⁹¹ Organização criada em 1958 por Robert W. Welch Jr., magnata do setor de guloseimas, a *John Birch Society* notabilizou-se pela sua ferrenha oposição ao comunismo entre os anos 1960 e 1970, além da defesa em favor desengajamento dos EUA com relação às organizações internacionais, como a ONU e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). A entidade também ficou conhecida como uma promotora de teorias da conspiração, em especial a de que haveria diversos integrantes do governo estadunidense estariam secretamente a serviço de um “complô comunista”, entre eles o presidente Eisenhower (Mallon, 2016).

e a liberdade causando a menor disrupção e dor possíveis” (Doherty, 2007, grifos nossos)⁹².

A já referida “estrutura de mudança social” apresenta-se, assim, como a sistematização da visão estratégica dos Koch, que concebe uma atuação direcionada a três campos, vistos como complementares: academia, *think tanks* e mobilização popular. Acredita-se que o emprego do verbo “vender” representa mais do que mera força de expressão: como lembra Mayer (2018), em documento datado de 1976, os Kochs defendem o uso das “mais modernas técnicas motivacionais e de vendas” na promoção dos ideais libertarianos. A referência à migração de um repertório de técnicas primeiramente empregadas no mundo empresarial para o mundo do ativismo político pode ser considerada ilustrativa da tradução “econômica” de campos “não econômicos”, apregoadas pela racionalidade associada ao neoliberalismo (Foucault, 2008).

No ano de 1984, os Kochs fundaram a *Citizens for a Sound Economy* (CSE), que, segundo Mayer (2010), é o protótipo das organizações não governamentais que pipocariam na esteira do *Tea Party*. Por meio de tais entidades sem fins lucrativos, que se apresentam como associações civis formadas por populares, passou-se a despejar quantias vultosas de dinheiro para produção de propaganda eleitoral na televisão, rádio e jornais, bem como campanhas de porta em porta e em favor ou contra determinados políticos e/ou propostas legislativas. Em suma, organizações como o CSE colaboraram para o processo de progressiva “terceirização” ou “privatização” das campanhas eleitorais nos EUA (Velasco, 2016), antes centralizadas nas máquinas partidárias. Por conta da tipificação jurídica do CSE e entidades afins – a 501(c)(3), a mesma do SFL – concede-se anonimato aos doadores, em prejuízo da transparência quanto à influência do dinheiro privado no processo eleitoral.

Tendo como primeiro presidente o congressista Ron Paul, o CSE se opôs a uma série de propostas da administração Clinton, sobretudo na seara ambiental (Mayer, 2010) e de saúde pública. Os Koch também ajudaram a financiar a criação de um *spin-off* do CSE, o *Citizens for the Environment*, que propagava que determinados fenômenos climáticos, como a chuva ácida, eram “mitos” difundidos pelo movimento ambientalista. Cabe lembrar ainda como as entidades criadas pelos irmãos foram vastamente financiadas por diversas indústrias, como a energética, a tabagista, a farmacêutica e a de telecomunicações (Nesbit, 2016).

Em 1999, há ainda o surgimento do *Donors Trust*, organização cujo propósito é permitir uma plataforma de doação em que os dados dos doadores permanecem anônimos (How [...],

⁹² Do original: “that will develop answers as to what strategy is best to both sell and actuate liberty, the personal and institutional values that best comport with a free society, and the best means to make a transition from statism to freedom while causing minimal disruption and pain”.

2024). Estima-se que, entre sua criação e 2013, o *Donors Trust* possibilitou o anonimato de cerca de 500 milhões de dólares em doações para grupos de *advocacy* direitistas, constando entre as beneficiárias ONGs fundadas pelos Koch (Kroll, 2013).

Após a rede organizacional dos Koch ter contribuído com quase 900 mil dólares em favor da campanha presidencial de George W. Bush, entidades como o CSE atuaram ativamente em favor da aprovação da Lei de Energia de 2005, conhecida pela série de subsídios federais concedidos ao setor energético (Mayer, 2010). Em 2004, o CSE se dividiu em duas organizações – a *Americans for Prosperity* (AFP), que seguiria sob tutela dos Koch, e a *FreedomWorks*, voltada para o treinamento de lideranças locais conservadoras, que se distanciaria futuramente do *Kochtopus*. No ano seguinte, David Koch e Art Pope, integrante do círculo dos Koch, contrataram Martin Phillips, que à época atuava como estrategista republicano, para comandar a AFP. Phillips, cuja *expertise* era com o eleitorado evangélico, apoiando a campanha à reeleição de Bush filho junto ao grupo demográfico, explicou ter aceitado a proposta de emprego pela “possibilidade de construir um movimento baseado em questões econômicas, do mesmo modo que a direita cristã havia criado um movimento baseado em temas sociais” (Mayer, 2018 p. 242)⁹³.

A vitória de Obama, em 2008, entretanto, instiga os Koch a elevarem o perfil da máquina política a seu serviço. Durante a última semana de janeiro, pouco após a posse do democrata, os irmãos reuniram um seleto grupo de bilionários direitistas para uma reunião em Indian Wells, Califórnia. Os Koch promoviam, desde 2003, ao menos dois encontros anuais com doadores do entorno republicano. Se a princípio os seminários propostos eram encontros informais para discussão de ideias – no primeiro deles, a presença foi de apenas 15 pessoas – no decorrer dos anos 2000 os encontros tomam outra proporção, chegando a contar com a presença dos juízes da Suprema Corte (Antonin Scalia e Clarence Thomas), congressistas, senadores, governadores e celebridades. O porte da conferência em Indian Wells, a primeira realizada na gestão Obama, sinaliza assim o “senso de urgência” que a vitória do democrata imbuiu à cruzada política dos Koch (Mayer, 2018).

O dito “movimento baseado em questões econômicas” de Philips assumiria a forma do *Tea Party* em 2009, em que a AFP e outras ONGs financiadas por bilionários como os Koch desempenharam papel central⁹⁴. Entidades como a *Heritage Foundation*, o *Cato Institute*, a

⁹³ Do original: “la posibilidad de construir un movimiento basado em cuestiones económicas, del mismo modo que la gente de la derecha cristiana construyó un movimiento basado em temas sociales”.

⁹⁴ Referências à Festa do Chá em Boston já eram usuais em manifestações antitributação de décadas antecedentes nos EUA (Lepore, 2011). Mayer (2018) recorda como um evento realizado em 1992 pelo CSE, na cidade de

AFP e a *FreedomWorks* colaboraram com o envio de “oradores e pautas para debate”, além de apoio na elaboração dos comunicados de imprensa do movimento e no transporte dos participantes. Peggy Venable, ex-assessora do governo Reagan e que chegou a ser presidente da seção texana da AFP, relata como a organização oferecia treinamentos como *next-step training* (“treinamentos para os próximos passos”) ao final dos comícios, a fim de “canalizar sua energia de forma mais eficiente” (Mayer, 2018, p. 264). A entidade também disponibilizava aos manifestantes listas com nomes de políticos, os quais deveriam ser pressionados a votar contra o pacote de estímulos defendido por Obama.

Ainda no contexto dos protestos, a *FreedomWorks* criou um site com uma série de conselhos práticos aos manifestantes sobre como planejar passeatas e por quais razões protestar, com a oposição ao pacote de estímulos de Obama no topo da lista (Mayer, 2018). A entidade também ofereceu treinamentos baseados nas considerações de Saul Alinsky, notório ativista esquerdista estadunidense nos anos 1960, em especial as chamadas “Regras de Alinsky”, cartilha com doze orientações práticas sobre como mobilizar politicamente comunidades (Vogel, 2010). A *Freedom Works* fechou ainda um acordo, estimado na casa de 1 milhão de dólares, com Glenn Beck, à época um dos radialistas mais famosos entre a direita estadunidense, para redigir trechos das falas do comunicador. Pelos termos do acordo, o material promocional elaborado pela organização era inserido nos discursos televisionados de Beck, para soar como sua própria opinião. Os gastos com o trato foram incluídos como “serviços publicitários” nas declarações fiscais da *Freedom Works* (Mayer, 2018).

A influência de organizações como a AFP e a *Freedom Works* permaneceu no decorrer da gestão Obama, principalmente em sentido contrário às políticas ambientais e de reforma do sistema de saúde propostas pelo então presidente. A despeito da sua magnitude, a batalha empreendida pelas organizações contra o *Affordable Care Act* (ACT) (conhecido como *Obamacare*) não impediu a aprovação da medida⁹⁵. Em contrapartida, ao final de 2010, coordenados da AFP colaboraram para a derrota do *American Clean Energy and Security Act* (ACES) (“Ato Estadunidense de Energia Limpa e Segurança”), uma das principais propostas legislativas da administração Obama na temática ambiental (Mayer, 2018).

Quando se discute a maior projeção de ONGs como a AFP no jogo político no começo dos anos Obama, é indispensável comentar o papel desempenhado pelo chamado *dark money*

Raleigh, Carolina do Norte, já se denominava como “Tea Party”, sem ganhar, no entanto, a proporção dos protestos em 2009.

⁹⁵ A AFP chegou a criar uma entidade voltada especificamente para se opor ao *Obamacare*, o *spin-off Patients United Now*, que organizou mais de 300 protestos em oposição ao *Obamacare* (Mayer, 2018).

(“dinheiro oculto”), sobretudo a partir das eleições parlamentares de 2010. Tratam-se recursos financeiros com vistas a apoiar determinado candidato, gastos por ONGs as quais, por conta da sua natureza jurídica, não é exigido divulgar a identidade dos doadores. Se nas eleições de meio de mandato de 2006 apenas 2% do montante total investido no ciclo eleitoral poderia ser classificado como *dark money*, a parcela salta para 40% em 2010 (Mayer, 2018). Em números absolutos, o dinheiro oriundo de fontes não divulgadas saltou de apenas 5,2 milhões de dólares, em 2006, para mais de 300 milhões de dólares nas eleições presidenciais de 2012, 174 milhões nas *midterms* de 2014 (OpenSecrets, 2015), chegando a aproximadamente 653 milhões de dólares nas eleições presidenciais de 2020 (Massoglia, 2023).

Neste contexto, a decisão *Citizen United* v. FEC da Suprema Corte estadunidense, de 2010 (Massoglia, 2023), é considerada um divisor de águas para se compreender o papel crescente de dinheiro externo no financiamento do processo eleitoral do país. Pelo placar de 5-4, a *Citizen United* considerou inconstitucionais quaisquer restrições quanto aos limites que empresas, associações civis e ONGs podem doar para o chamados PACS (*political action committees*). Os PACS, organizações privadas criadas para promoção de determinado candidato ou política pública (Brown, 2020), são autorizados a realizar uma série de atividades, da produção e compra de espaços para transmissão de anúncios televisivos à realização de eventos para arrecadação de fundos. É vedada, entretanto, a colaboração direta com a campanha do candidato/causa apoiados.

As mesmas condições se aplicam aos “super PACs”, entidades criadas após a *Citizen United*, com duas importantes diferenças: ao contrário dos PACs convencionais, não há limites com relação ao montante de dinheiro que um super PAC pode arrecadar (Ghosh, 2022). Ademais, os super PACS não podem doar de forma direta para as campanhas oficiais dos candidatos apoiados. Tanto PACs como super PACs são obrigados a tornar públicos os dados de todos os doadores, sejam pessoas físicas ou jurídicas. Muitos doadores de super PACs, todavia, são organizações como a CSE, organizações as quais, como já discutido, não são obrigadas a declarar as origens das suas receitas (Ghosh, 2022).

Tais fontes de dinheiro externo não se traduzem, necessariamente, em êxito nas urnas – como atesta a malfadada pré-candidatura do republicano Jeb Bush para as eleições estadunidenses de 2016, que na ocasião arrecadou a maior quantia proveniente de super PACs entre seus correligionários (Velasco, 2016). De toda forma, como se observou ao longo dos anos 2010, há significativa transformação no processo eleitoral estadunidense, com a perda de centralidade da campanha oficial dos presidenciais em favor de uma miríade de grupos privados. Nesse sentido, vale citar também o processo de profissionalização das campanhas

eleitorais, ocorrido ao menos desde os anos 1940, em que uma legião de profissionais – de estatísticos a cinegrafistas, de relações públicas a especialistas em redes sociais – são demandados para viabilizar uma candidatura (Velasco, 2016). Sendo assim, não é surpreendente que organizações como a *Atlas Network* tenham centrado cada vez mais recursos no treinamento de lideranças políticas com foco não só na formação acadêmica, mas também no aprimoramento de habilidades técnicas.

É nesta conjuntura política, portanto, que organizações como o SFL emergem nos EUA do final dos anos 2000. Os laços do SFL com os programas de formação criados pelos Koch já foram tratados previamente, quando se menciona a importância do então denominado *Institute for Humane Studies Koch Summer Fellow Program* na trajetória intelectual e profissional de diversos integrantes do SFL. Os Koch também são doadores da *Atlas Network*, organização a qual teve contribuição decisiva no processo de transnacionalização do SFL: segundo o *Greenpeace* (2024a), a *Atlas* recebeu de entidades vinculadas aos Koch contribuições na casa dos 520 mil dólares entre 1997 e 2017. Nomes de palestrantes associados ao *Charles Koch Institute* e a *Charles G. Koch Charity Foundation* são recorrentes nos eventos promovidos pelo SFL na América do Norte. A última é mencionada em três anos (2013, 2015 e 2016), inclusive, como integrante da *Salomon-Morris Society*, nome dado pelo SFL a um seleto de grupos de doadores que fizeram doações anuais cujo total tenha excedido 5 mil dólares (Students for Liberty, 2013, 2015a, 2016).

Somado a isso, cabe esclarecer como a atuação da organização visava responder a determinados elementos da conjuntura política à época, sobretudo com respeito a perda de popularidade de perspectivas pró-livre mercado junto à juventude estadunidense. Salienta-se como o libertarianismo – dentre as perspectivas em geral associadas ao espectro direitista – encontrava-se em posição relativamente vantajosa na “disputa” pelo mais jovens; dada sua perspectiva mais tolerante com relação a temáticas sociais: direitos LGBTQIA+, legalização das drogas, acesso ao aborto (Tretjak, 2014). Além disso, a perspectiva libertariana contava com o diferencial de oferecer uma interpretação alternativa – por mais que passível de objeção que ela seja – com relação aos eventos que levaram à crise econômica de 2007-2008. Defende-se que a disseminação de tal explicação permitiu ao movimento libertariano incorporar um discurso que, ao menos na aparência, apresentava-se crítico ao capitalismo realmente existente, elemento atrativo entre a desencantada juventude estadunidense do pós-2008. Como se verá, o argumento é organizado de tal forma, porém, a fim de se preservar um ideal utópico de livre mercado.

A explicação com relação à crise de 2008, propagada por organizações libertarianas como o SFL, é sobretudo inspirada na *teoria dos ciclos econômicos*, elaborada por baluartes da Escola Austríaca nos anos 1930. Em contexto informado pelos efeitos da crise de 1929, os austríacos acreditavam que, no lugar de clamar pela “mão visível” do Estado para corrigir as imperfeições de mercado, como defendido pelo keynesianismo, o necessário seria compreender quais políticas de intervenção estatal acarretaram, em primeiro lugar, em um ciclo prévio de expansão artificial. Para Hayek e Mises, intervenções governamentais em matéria de política fiscal e monetária resultariam um abismo crescente entre as reais necessidades individuais, comunicadas por meio do mecanismo de preços, e uma produção excessiva de serviços e bens. O descompasso entre oferta e demanda desencadearia uma inevitável crise econômica (Doherty, 2007).

Ao se aplicar a teoria para analisar as razões para a crise imobiliária de 2008, argumentava-se, portanto, que a série de políticas governamentais implementadas pelas gestões Clinton (1993-2001) e Bush (2001-2009), a fim de democratizar o crédito e facilitar empréstimos para compra da casa própria, foram as verdadeiras responsáveis por criar uma oferta artificial no mercado imobiliário estadunidense. Nesta visão, um objetivo *político* estabelecido previamente pelo governo federal teria alterado o processo de troca de informação inerente às dinâmicas de mercado, que se deixadas à própria sorte, encontrariam um equilíbrio ótimo entre oferta e demanda.

O argumento conserva algum poder de convencimento, haja vista que é razoável defender que as políticas de incentivo à compra da casa própria do período Bush-Clinton contribuíram, em alguma medida, para a hecatombe econômica de 2008. Ambos os governantes estabeleceram o aumento do número de proprietários de imóveis como uma prioridade durante seus mandatos, focando na promoção da compra da casa própria entre grupos minoritários. Implementaram também uma série de políticas de democratização de crédito, com o oferecimento de empréstimos subsidiados, programas de educação financeira a respeito do planejamento para se comprar um imóvel, entre outras iniciativas (Casa Branca, 2004). No caso do Governo Bush, o fomento à casa própria inseria-se no mote da *ownership society* (“sociedade da propriedade”), a qual defendia que a propriedade privada favoreceria comportamentos desejáveis, como responsabilidade e previdência.

O que se escamoteia, contudo, é que as políticas do governo Clinton e Bush foram acompanhadas por uma ampla desregulamentação – e não aumento de regulamentação – do mercado financeiro, o que permitiu um processo de financeirização dos títulos associados a hipotecas até então sem precedentes. Mais importante, as iniciativas de ambos os ex-

mandatários foram influenciadas precisamente pelas perspectivas neoliberais que grupos libertarianos costumam se filiar, as quais advogam em favor do aspecto moralizante da propriedade privada. O programa *Right to Buy* (“Direito à compra”), implementado pela então primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, que visava extinguir o modelo de aluguel público então predominante no país pelo incentivo à casa própria, é certamente o exemplo mais notório de política pública inspirado por tal ideal. Trata-se, afinal, de oferecer uma resposta *de mercado* ao problema da habitação, no lugar de, por exemplo, programas públicos de construção de moradia popular ou políticas para contenção da especulação imobiliária

Nesse sentido, cabe retomar como o plano de democratização do acesso ao crédito, iniciado na gestão Clinton pelo então presidente do FED, Alan Greenspan, foi concebido como parte de uma estratégia mais ampla, pensada com o fim de superar o Estado de bem-estar social do *New Deal*. A ideia de Greenspan consistiu em uma espécie de *trade-off* entre o governo federal e as instituições financeiras, em que o compromisso do primeiro em torno de determinados paradigmas orçamentários e monetários seria a contraparte de uma facilitação do crédito. Como sintetizado por Melinda Cooper (2017):

Se os detentores de títulos da dívida pública pudessem ser persuadidos que o governo não gastaria com serviços públicos e não interviria para aumentar os salários, eles se tornariam confiantes o suficiente para abaixarem as taxas de juros no longo prazo. Isso beneficiaria imediatamente os trabalhadores, porque geraria um *boom* no mercado de crédito que os compensaria por uma educação cara, pelos custos crescentes com cuidados de saúde e pelos salários estagnados. Em vez de acessar serviços por meio de salários mais altos e investimento público, como nos anos 1960, os trabalhadores aceitariam salários precários para acessar crédito abundante. Em vez do governo incorrer em déficit para gastar com serviços públicos, um cenário mal visto entre os detentores da dívida pública dos EUA, o consumidor individual se endividaria para compra dos mesmos serviços. Greenspan concebeu a expansão do mercado de crédito tanto como uma consequência como uma solução para a restrição do gasto público. Austeridade fiscal e abundância de crédito andavam lado a lado, um não poderia existir sem o outro. O Controlador da Moeda do [governo] Clinton, Eugene A. Ludwig, logo denominou essa estratégia de “democratização do crédito” e previu que ela neutralizaria as desigualdades candentes da sociedade estadunidense (Cooper, 2017, p. 246)⁹⁶.

⁹⁶ Do original: “If bondholders could be persuaded that the government would not spend on public services and would not intervene to increase wages, they would be confident enough to let long – term interest rates fall. This would be of immediate benefit to workers because it would bring about a consumer credit boom that would compensate them for expensive education, soaring healthcare costs, and stagnant wages.⁹⁶ Instead of accessing services through higher wages and public investment, as they had in the 1960s, workers would accept precarious wages in order to access abundant credit. Instead of the government going into deficit to spend on public services, a scenario that was unwelcome to the holders of US government debt, the individual consumer would go into debt to purchase these same services. Greenspan envisaged the expansion of consumer credit as both a natural consequence of and solution to restrained public spending. Fiscal austerity and credit abundance went hand in hand; the one could not exist without the other. Clinton’s Comptroller of the Currency, Eugene A. Ludwig, soon dubbed this strategy the “democratization of credit” and predicted that it would neutralize the simmering inequalities of American society.”

A transição de um *income-based welfare* (“bem-estar social baseado em renda” para um *asset-based welfare* (“bem-estar social baseado em ativos”) tornou-se uma marca das administrações Clinton e Bush. Neste contexto, sublinha-se a mudança da posição de entidades como o *Cato Institute* e da *Atlas Network* em apoio às políticas associadas ao ideal de *homeownership society* proposta pelo republicano. Tom Palmer (2004), quando ainda se encontrava no *Cato Institute*, publicou um texto no qual defendia as políticas implementadas pelo Governo Bush, descritas por ele como legatárias de uma tradição que remonta ao País Fundadores. David Boaz (2004), à época vice-presidente do *Cato*, também defendeu as medidas adotadas por Bush, citando novamente o programa de Thatcher no Reino Unido como referência.

Assim, se o “libertarianismo institucional”⁹⁷ expressava reticências com relação à política externa intervencionista e à gestão dos gastos públicos de Bush, denota-se um relativo consenso favorável em torno de outros aspectos de sua presidência. Entre eles, as rodadas de cortes de impostos, a promessa de privatizar parcialmente a seguridade social – cujo não cumprimento viria posteriormente a distanciar Bush do apreço libertariano – além da *ownership society* proposta pelo republicano. Sobre esse tema, reproduz-se trecho do relatório anual de 2004 da *Atlas Network*.

O presidente Bush fez uso do seu discurso na Convenção Republicana de 2004 para discutir a *ownership society*, construída a partir de ideias de contas de poupança de saúde e contas personalizadas de Segurança Social. Estes conceitos têm sido defendidos há muito tempo por *think tanks* (notadamente o NCPA), e gradualmente se deslocaram para o centro do debate político. Tal como a *school choice* e a reforma do Estado de bem-estar social, um consenso público está se formando por ideias orientadas ao mercado, outrora consideradas radicais (*Atlas Network*, 2004)⁹⁸.

À medida que Bush perdeu popularidade durante seu segundo mandato, haja vista a crescente contrariedade à Guerra ao Terror e os primeiros sinais de crise econômica, o elogio a qualquer elemento da sua presidência desaparece das publicações das principais entidades libertarianas. O relatório *How Bush Bankrupted America* (“Como Bush faliu os EUA”), escrito por Bruce Bartlett (2006) e publicado pelo *Cato Institute* em fevereiro de 2006, eleva o tom das

⁹⁷ A opinião de instituições como a *Atlas Network* e o *Cato Institute*, contudo, não deve ser tomada como sinônimo da perspectiva das bases libertarianas, em geral muito mais heterogêneas com relação à gestão Bush.

⁹⁸ Do original: “President Bush used his speech at the 2004 Republican National Convention to discuss the “ownership society,” built on ideas of health savings accounts and personalized Social Security accounts. These concepts have long been championed by think tanks (notably NCPA), and gradually have moved into the center of political debate. As with school choice and welfare reform, a public consensus is forming around market-oriented ideas once considered radical.”

críticas ao então mandatário republicano, que é denominado no texto como um “impostor, um falso conservador”, cujas políticas em matéria econômica teriam sido menos austeras até do que as de Bill Clinton. Compara-se a dureza de Bartlett com o texto assinado por Ed Crane (2001), então presidente do *Cato Institute*, que apesar de expressar críticas ao “conservadorismo compassivo” proposto por Bush, principia seu texto saudando o ex-governador do Texas por “restaurar a decência e integridade” à Casa Branca – em clara referência aos escândalos sexuais do antecessor – e por propor as políticas públicas de reforma da assistência social mais ousadas desde Reagan.

Como mais um exemplo da reavaliação do vínculo relativamente amistoso do aparato institucional libertariano com Bush com relação à *ownership society*, cita-se um dos ensaios de *After the Welfare State* (“Depois do Estado de Bem-Estar social”) – livro supracitado, publicado pela *Atlas Network* em parceria com o SFL – denominado *How the Right to ‘Affordable Housing’ Created the Bubble that Crashed the World Economy* (“Como o Direito à “Habitação Acessível” criou a Bolha que Quebrou a Economia Global”). O texto apresenta as políticas associadas à *ownership society* como as responsáveis diretas pela crise financeira de 2007 e 2008. Além disso, a *Atlas Network* também promoveu à época uma série de atividades em defesa do *sound money* (“moeda segura”), perspectiva particularmente crítica às políticas expansionistas de crédito do Banco Central. Em seu anuário de 2009, a entidade introduz da seguinte forma o *Sound Money Project* (“Projeto da Moeda Segura”), lançado no mesmo ano:

Podemos escapar da atual crise financeira jogando dólares de um helicóptero? Para melhor compreender a natureza da crise presente, a *Atlas* lançou o “Projeto da Moeda” em 2009, com o objetivo de revitalizar o interesse dos *think tanks* por um tema urgente, já há muito tempo negligenciado. Cidadãos esclarecidos, cientes dos problemas associados à manipulação do Estado e do crédito, são a fronteira mais segura contra a destruição dos nossos ativos (*Atlas Network*, 2009, p. 24)⁹⁹.

Tratando em específico do SFL, seu incentivo aos estudos da Escola Austríaca, cuja teoria dos ciclos econômicos embasa a crítica às políticas dos governos Clinton e Bush para o mercado imobiliário, pode ser considerado um aceno ao revisionismo das interpretações predominantes sobre o fiasco econômico de 2008. Na lista dos 10 webinários do SFL mais assistidos entre 2010 e 2011, inclusive, a oitava posição é ocupada por *Austrian Business Cycle*

⁹⁹ Do original: “Can we escape from the current financial crisis by dropping dollars from a helicopter? To better understand the nature of the current crisis, *Atlas* launched a new Sound Money Project in 2009, which aims to revitalize think tank interest in an urgent topic that has been neglected for too long. An enlightened citizenship, aware of the problems involved with the state manipulation of money and credit, is the most secure barrier against the destruction of our assets.”

Theory and the Great Recession (“A Teoria dos Ciclos Econômicos e a Grande Recessão”), seminário ministrado por Steve Horwitz, da Universidade St. Lawrence, e com a presença de 88 estudantes (Students for Liberty, 2011, p. 29). Atualmente, a entidade conta com uma seção em seu site oficial dedicada ao tema de “moeda segura”, em que advoga pela adoção do *BitCoin*, ouro e outras formas de *hard money* como a melhor forma de se conter o ímpeto gastador do Estado, além de defender a abolição do *Federal Reserve* (Students for Liberty, 2024b).

Explicita-se, assim, como o SFL e outras demais entidades libertarianas ajustaram-se às mudanças na conjuntura histórica pós-2008, com o objetivo de tentar restaurar a credibilidade abaladas de perspectivas pró-livre mercado, ao mesmo tempo distanciando-se das tendências políticas *mainstream* vistas como responsáveis pela hecatombe econômica. A importância da tarefa se sobressai ainda mais se levada em consideração o período de agitação no movimento estudantil dos EUA ao final dos anos 2000 e início dos 2010. É neste contexto no qual se inclui o OWS, série de protestos em denúncia à crescente desigualdade econômica e ao encastelamento da classe política profissional, realizados ainda sob os efeitos mais dramáticos da crise de 2008.

Entre 2009 e 2011, o SFL distribuiu os chamados *protest grants*, contribuições em dinheiro para apoio da realização de protestos em universidades. No período 2009-2010, 15 protestos foram financiados com recursos do SFL, número que se expandiu para 22 em 2010-2011. No anuário de 2011-2012, o trecho sobre os *protest grants* aparenta confirmar a ambição da entidade em disputar espaço com a esquerda no movimento universitário:

Protestos estudantis são algumas das formas mais importantes de ativismo estudantil, haja vista que tem grande visibilidade, contam com grandes resultados a despeito dos seus custos mínimos, e são extremamente divertidos. Além disso, protestos estudantis representam a arquetípica experiência universitária. Infelizmente, a maior parte das pessoas automaticamente associa protestos estudantis ao estatismo. *A fim de desafiar tais vozes estatistas nos campi*, os recursos do SFL para protestos estudantis empoderam os estudantes, de forma descentralizada, a realizar protestos pela liberdade. Para os grupos que querem levar a luta contra o governo para as ruas, este programa é para eles (Students for Liberty, 2011, grifos nossos)¹⁰⁰.

A iniciativa expressa, assim, a preocupação do SFL em se contrapor ao crescimento da adesão de perspectivas críticas ao capitalismo entre a juventude estadunidense (Kendzior,

¹⁰⁰ Do original: “Student protests are some of the most important forms of student activism since they are extremely visible, have high rewards for minimal costs, and are extremely fun. What’s more, student protests archetypically represent the collegiate experience. Unfortunately, most people automatically associate student protests with statism. To challenge such statist voices on *campus*, SFL’s Student Protest resources empower students in a decentralized manner to hold protests for liberty. For groups that want to take the fight against government growth to the streets, this is the program for them”.

2016)¹⁰¹, ainda que o termo empregado pela entidade (“estatismo”), seja na verdade uma categoria imprecisa, a qual angaria desde aqueles simpáticos à social-democracia até marxistas e socialistas libertários. Vale lembrar como o ambiente universitário é um cenário com frequência central no processo de formação política – como o relato de Scott, colhido por Tretjak (2014) indica. Compreende-se, assim, um papel capital exercido pelo SFL: ser o representante do libertarianismo na disputa pelo público universitário, mas a partir da construção de argumentos que ressoem junto às preocupações, anseios e desejos dos jovens.

Os exemplos trazidos nesta seção revelam a importância de atentar-se não somente *ao* que organizações como o SFL promovem – isto já é, afinal, amplamente sabido – mas a *como* as defesas das perspectivas de livre-mercado advogadas pela organização são lapidadas, com o propósito de responder a questões levantadas em contextos específicos. Colhido por Gamber-Thompson (2016), o relato do universitário Charles é revelador nesse sentido, uma vez que o então jovem universitário não enxerga contradição entre participar do SFL e, ao mesmo tempo, expressar simpatia pelos manifestantes do OWS. Eis aqui uma mostra da relevância do papel do SFL na disputa pela juventude, haja vista ser razoável supor que Charles, dada sua indignação com o *status quo* à época, poderia muito bem ter se cativado por sensibilidades e/ou perspectivas contrárias ao capitalismo, esposadas majoritariamente pelos manifestantes do OWS:

Pessoalmente, eu simpatizo (com o OWS). Eles estão igualmente irritados com o *status quo* como nós estamos, e nós identificamos um monte dos mesmos problemas, como o governo estando envolvido com diversas corporações – é muito ruim. Como a porta giratória entre Wall Street e K Street [endereço em Washington onde se localizam diversos lobistas] – é muito ruim. Como os conflitos de interesse quando você tem as mesmas pessoas comandando uma grande companhia também trabalhando para o governo e dando toneladas de dinheiro para políticos e vice-versa. E o resgate. Nós compartilhamos as mesmas frustrações que eles” (Gamber-Thompson, 2016, p. 249)¹⁰².

Desse modo, pode-se considerar o trabalho de atores semelhantes ao SFL como uma espécie de “tradução”: escolher, dentro do repertório teórico associado ao libertarianismo, os conceitos com potencial de exprimir mais adequadamente a experiência da juventude universitária estadunidense naquele período, tornando no processo perspectivas de livre-

¹⁰¹ Segundo pesquisa da *Harvard Poll*, a rejeição ao capitalismo atingiu, em 2016, a marca de 51% dos entrevistados entre 18-29 anos nos EUA (Kendzior, 2016).

¹⁰² Do original: “Personally, I am very sympathetic [to the OWS movement]. They are equally upset with the status quo as we are, and we identify a lot of the same problems like government being involved with various corporations – very bad. Like the revolving door between Wall Street and K Street – very bad. Like these conflicts of power where you have the same people running a big company also working for the government and giving tons of money to politicians and vice versa. And the bailout. We share these frustrations with them.”

mercado mais atrativas na disputa com as demais. Este é um trabalho, portanto, que não pode ser resumido nos termos de uma dinâmica *top-bottom* (“de cima para baixo”), em que poderosos grupos de interesse em Washington ditam unilateralmente *slogans* e temas de campanha para uma legião de ativistas. Assim sendo, buscou-se argumentar por também incluir na análise uma dimensão *bottom-up* (“de baixo para cima”), uma vez que muitos dos sentidos específicos que palavras como “empreendedorismo” e “capitalismo” assumem são informados por realidades locais. Tal preocupação será mantida no capítulo seguinte, quando se analisará o processo de transnacionalização e de chegada do SFL ao Brasil, bem como as atividades desenvolvidas pela entidade no país ao longo dos anos 2010.

4 O PROCESSO DE TRANSNACIONALIZAÇÃO DO SFL

Identity is not as transparent or unproblematic as we think. Perhaps instead of thinking of identity as an already accomplished fact, which the new cultural practices then represent, we should think, instead, of identity as a “production”, which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation.

Stuart Hall – *Cultural Identity and Cinematic Representation* (1989)

O presente capítulo visa reconstituir como se deu o processo de transnacionalização da atuação do SFL, apontando como, apesar da ênfase das atividades nos *campi* dos EUA, a entidade já concebia para si vocação e ambição globais desde o princípio. Destaca-se o processo de produção das agendas dos braços locais do SFL, a partir dos interesses não só da sede em Washington, DC, mas também levantando-se em consideração os objetivos e estratégias dos atores situados na ponta. O relato da participação na última edição da *LibertyCon*, maior conferência anual do SFL, visa ilustrar alguns dos processos pelos quais a organização tenta dar alguma coesão a seu discurso e estabelecer pautas prioritárias, mas também sempre mantendo-se disposta a ajustar sua agenda conforme as variedades geográficas e questões conjunturais.

Por fim, busca-se discutir o processo de chegada do SFL ao Brasil, no ano de 2012, bem como as atividades conduzidas nos seus primeiros anos e as transformações ocorridas nas relações entre a filial brasileira e a matriz nos EUA. Discutem-se as ações conduzidas pelo *Students for Liberty Brasil* (SFLB) em anos mais recentes, cujo perfil parece indicar uma ampliação do escopo de atuação da entidade, para além da formação de quadros e de atividades de cunho acadêmico.

4.1 *Going Global*: o SFL pelo mundo

De acordo com o relatório 2008-2009, o SFL apoiou durante seu primeiro ano de operações a criação de 109 grupos estudantis de orientação pró-mercado, a maior parte nos EUA, mas também na África do Sul, Brasil, Canadá, Egito, Gana, Índia, Itália, Reino Unido, Rússia e Venezuela. Em especial a Venezuela, então sob o comando de Hugo Chávez (1999-2013), encontra lugar de destaque na seção *bullet-point successes* (“tópicos de sucesso”). Relata-se a formação de uma delegação de estudantes, por iniciativa de lideranças do movimento estudantil antichavista, para atuar como observadores internacionais das eleições regionais do país ocorridas em novembro de 2008. Segundo o SFL, tratar-se-ia da “única

delegação de observadores que não teria sido paga e convidada pelo próprio governo venezuelano” (Students for Liberty, 2009)¹⁰³.

O próprio McCobin revela surpresa em constatar a escala global que o SFL atingiu em seu primeiro ano: “Não tínhamos a menor ideia da magnitude do projeto no qual estávamos embarcando quando nós realizamos a primeira mesa-redonda” (Students for Liberty, 2009 *apud* Gobbi, 2016)¹⁰⁴. Também no relatório 2008-2009, consta a realização da segunda conferência anual do SFL, organizada em Washington, DC, em 2009, já acompanhada do adjetivo “internacional”. Ao contar com a presença de 153 estudantes oriundos de 13 países, o encontro teve patrocínio de uma série de organizações parceiras, a saber: o *Cato Institute* (cuja sede recepcionou o evento de boas-vindas), o IHS, a FEE, uma entidade denominada *Students for Saving Social Security*, além da seção do Partido Libertário da Pensilvânia.

No relato sobre a ocasião, são feitas novas referências à situação política venezuelana, com a entrega do *Milton Friedman Prize for Advancing Liberty*, premiação realizada pelo *Cato Institute*, a Yon Goicoechea. O jovem era à época uma das principais lideranças do movimento estudantil antichavista. Segundo o relatório, estava prevista a participação de Goicoechea no evento como *keynote speaker* (“palestrante principal”), porém ele não teria conseguido comparecer a Washington, haja vista a instabilidade política ocorrida em seu país natal após o resultado do referendo constitucional de fevereiro de 2009¹⁰⁵.

Além de Goicoechea, o perfil dos demais *keynote speakers* da conferência aponta a articulação precoce do SFL também com setores da imprensa libertariana e do ativismo judicial estadunidense. Sublinham-se os nomes de Nick Gillespie, então editor-chefe da tradicional revista libertariana *Reason*, e de Robert A. Levy, presidente do conselho de diretores do *Cato Institute*, bem como um dos articuladores e financiadores do caso *Distrito de Columbia v. Heller*, de 2008. Neste caso, a decisão majoritária da Suprema Corte estadunidense reiterou o entendimento legal de que o direito de se manter e portar armas de fogo se ampara na Segunda Emenda da constituição estadunidense (United States of América, 2008).

O SFL também organizou, em 2010, sua primeira conferência estudantil fora da América do Norte, ao realizar um encontro na Itália para aproximadamente 100 pessoas. Em 2011, funda-se formalmente uma subdivisão da entidade no continente europeu, batizada de

¹⁰³ Do original: “constituting the only delegation of observers not paid for and brought in by the Venezuelan government”.

¹⁰⁴ Do original: “We had no idea what the magnitude of the Project we were embarking upon was when we held the first round table”.

¹⁰⁵ Na ocasião, aprovou-se o fim dos limites na reeleição para todos os cargos representativos do Poder Executivo e Legislativo na Venezuela (Jardim, 2009).

European Students for Liberty (ESFL) (Students for Liberty, 2012). O ESFL levou a cabo sua primeira conferência oficial em novembro de 2011, na Universidade Católica de Leuven, localizada na cidade de mesmo nome, Bélgica. De acordo com o relatório anual do período 2011-2012, a estimativa inicial era de que cerca de 100 estudantes participassem do evento. O público final, entretanto, chegou a 220 pessoas, de 25 nacionalidades distintas (Students for Liberty, 2012).

Segundo o mesmo relatório, em um ano de operação, o ESFL já contabilizava 100 grupos estudantis em sua órbita, operando em 21 países. A segunda conferência anual da organização, realizada em 2012 também em Leuven, contou com 365 presentes. Durante o ano acadêmico compreendido entre 2012 e 2013, o ESFL realizou ainda outros cinco encontros no continente, em Belgrado, Sérvia (com 167 presentes) Estocolmo, Suécia (78), Munique, Alemanha (169), Turim, Itália (104) e Vilnius, Lituânia (52).

Semelhante à matriz estadunidense, o ESFL também lançou no mesmo período o seu programa de coordenadores, com participação inicial de 21 estudantes, provenientes de 15 países (Students for Liberty, 2012). Novamente reproduzindo a estrutura organizacional do SFL nos EUA, criou-se em 2011 um conselho executivo europeu, inicialmente composto por onze integrantes e expandido para quinze no ano seguinte. Entre os primeiros integrantes do órgão, cita-se Wolf Von Laer, então mestrando no programa de estudos da Escola Austríaca da *Universidad Rey Juan Carlos*, em Madri, Espanha. Laer sucederia Alexander McCobin como *Chief Executive Officer* (CEO) do SFL a partir de 2016 (Students for Liberty, 2013; Von Laer, [2024]).

O vínculo do SFL com a *Atlas Network*, já escrutinado nos EUA, também se faz presente no princípio do braço europeu da entidade. Se em 2011 o SFL EUA foi o ganhador na categoria *Students Outreach* dos *Templeton Freedom Awards*, premiação organizada pela *Atlas*, o ESFL sagrou-se vencedor no ano seguinte. Além de receber o prêmio de 10 mil dólares, as entidades vitoriosas são incentivadas a compartilhar um “estudo de caso”, para que, desse modo, outros *think tanks* participantes da rede da *Atlas* possam reproduzi-lo em suas respectivas localidades (Atlas Network, 2012).

A partir de 2012, o projeto de transnacionalização do SFL ganhou nova envergadura, expandindo-se para além da América do Norte e da Europa. Em 2012, há a criação dos chamados *Charter Teams*, divisão responsável por “identificar, treinar e apoiar os mais promissores líderes estudantis em áreas até então sem a presença do SFL, o que em 2012-2013

significava qualquer área fora dos EUA, Canadá e Europa” (Students for Liberty, 2013)¹⁰⁶. De acordo com o anuário 2012-2013, no contexto dos *Charter Teams*:

[...] os participantes passam por um rigoroso treinamento online de dois meses, cobrindo a filosofia da liberdade, habilidades de gerenciamento, comunicação, e as melhores práticas do SFL em termos de mobilização estudantil. Estudantes então formam os *Charter Teams* em suas regiões, com o fim de criar grupos estudantis em universidades das redondezas, realizar eventos que eduquem outros a respeito do significado da liberdade, e identifiquem outros estudantes pró-liberdade. Integrantes do *Charter Teams* criam mecanismos duradouros e significativos de apoio aos estudantes pró-liberdades em seus países (Students for Liberty, 2012)¹⁰⁷.

O papel do *Charter Teams* foi, assim, de prospecção e desenvolvimento de potenciais “embaixadores” da entidade em novas localidades, para que, em um segundo momento, o SFL pudesse expandir sua operação para essas regiões. Vale citar como o *Charter Teams* do SFL assemelha-se ao *Atlas International Freedom Corps* (IFC), programa criado em 2003 pela *Atlas Network* com o objetivo declarado de “procurar empreendedores intelectuais em partes difíceis do mundo” (Atlas Network, 2003 *apud* Djelic; Mousavi, 2020)¹⁰⁸. No caso do AFIC, o trabalho de “caça-talentos” era coordenado pelo braço de *discovery* (“descoberta”), ao passo que a seção nomeada *visiting fellow* (“pesquisadores-visitantes”) proporcionava aos escolhidos bolsas de estudo para participar de programas de formação a respeito da organização de *think tanks*, bem como eram inculcados quanto a um “senso de pertencimento” à rede *Atlas* (Djelic; Mousavi, 2020, p. 168). Após a chegada de Tom Palmer à *Atlas Network*, o braço de “descoberta” do IFC foi incorporado à seção de programas internacionais da entidade.

Entre 2012 e 2013, os *Charter Teams* contaram com a participação de 26 integrantes, representando 14 países, sendo eles um africano (Nigéria), dois localizados na Ásia Central (Armênia e Cazaquistão), Austrália, Índia. Todos os demais eram nações latino-americanas (Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, Paraguai, Peru e Venezuela, além do Brasil). O número de estudantes vinculados ao *Charter Teams* saltou para 97 no período compreendido entre 2013 e 2014, novamente com proeminência de latino-americanos (38), seguidos de perto

¹⁰⁶ Do original: “by identifying, training, and supporting the strongest student leaders of liberty in areas currently underserved by SFL, which in 2012-2013 encompassed any area outside the United States, Canada, and Europe”.

¹⁰⁷ Do original: “Participants undergo a rigorous two-month online training program covering the philosophy of liberty, management skills, communications, and SFL’s best practices in student organizing. Students then form Charter Teams in their regions to start student groups at nearby universities, run events that educate others on the meaning of liberty, and identify other pro-liberty student leaders. Charter Team members create long-lasting, meaningful mechanisms of supporting pro-liberty students in their countries”.

¹⁰⁸ Do original: “scout for intellectual entrepreneurs in difficult parts of the world.”

por representantes da África (33), Ásia (19), Europa (3), Oriente Médio (3) e Austrália (1) (Students for Liberty, 2013).

O relatório 2012-2013 do SFL sublinha aquilo que considera alguns dos principais feitos alcançados pelo *Charter Teams* durante o período. Dentre eles, cita-se a formação de 42 organizações “pró-liberdade” em países até então sem grupos vinculados ao SFL; uma série de conferências universitárias realizadas no Equador, Venezuela, Geórgia, Cazaquistão e Nigéria; a criação de clubes de debate com mais de 50 participantes na Costa Rica e na Geórgia; além da organização do que se denomina no documento *Leadership Forums* (“fóruns de liderança”) a respeito de “ativismo pró-liberdade”, com a presença de mais de 12 lideranças estudantis na Guatemala, Armênia, Geórgia e Nigéria. Também são citados os concursos de redações temáticos realizados na Nigéria, Índia e Armênia; a tradução completa dos guias e treinamentos elaborados pelo SFL do inglês para espanhol, português e armênio; e a preparação da primeira conferência da organização a ser realizada na África, então prevista para acontecer na Nigéria, no ano de 2013 (Students for Liberty, 2013).

Mais uma vez, o relatório evidencia como o SFL se beneficia da imersão em um contexto organizacional mais amplo, como pode ser constatado pelo relato do nigeriano Olumayowa Okediran. Okediran foi membro do *Charter Teams* e se tornaria integrante do SFL Africa, entidade criada formalmente em 2013. Segundo seu relato, ele teria sido apresentado ao trabalho feito pelo SFL ao conhecer dois jovens participantes da organização durante a edição de 2011 do *Atlas Network Freedom Dinner*, evento realizado pela *Atlas Network*:

Eu me deparei com o SFL em novembro de 2011, no *Atlas Network Freedom Dinner*, onde eu encontrei uma dupla de líderes do SFL. Estes jovens manifestaram uma paixão fantástica pelas ideias da liberdade. Me juntei ao incrível conselho executivo do SFL no ano seguinte. Ao longo do ano passado, o SFL me deu a oportunidade de levar meus esforços para promoção da liberdade junto a estudantes na África a uma outra escala. As ideias da liberdade chegaram a um número sem precedentes de estudantes no continente. Na última *International Students for Liberty Conference* (Conferência Internacional do *Students for Liberty*), um grupo africano ganhou o *SFL Event of the Year Award* (“Prêmio SFL de Evento do Ano”). Isso e muitos outros sucessos promovendo liberdade na África alegam meu coração (Students for Liberty, 2013)¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Do original: “I came across SFL in November 2011 at the *Atlas Network Freedom Dinner* where I met a couple of SFL leaders. These young individuals portrayed an amazing passion for the ideas of liberty. I joined the incredible SFL Executive Board the next year. Over the past year, SFL has given me the opportunity to scale up my efforts promoting liberty amongst students in Africa. The ideas of liberty have reached an unprecedented number of students in Africa. At the last *International Students For Liberty Conference* an African student group won the *SFL Event of the Year Award*. This and many other successes promoting liberty in Africa gladden my heart.”

As parcerias entre a *Atlas Network* e o SFL para realização de atividades na África se fazem notar antes mesmo da fundação oficial do SFL Africa, em 2013. Já em 2011, o anuário da *Atlas* faz referência ao apoio dado pela *African Students for Liberty* na distribuição de livros doados pelo *Cato Institute*, IHS e *Reason Foundation*, para universidades localizadas por todo o continente (Atlas Network, 2011). Já no relatório de 2013 da *Atlas*, encontra-se uma fotografia de jovens na Etiópia empunhando cópias da obra *Why Liberty?*, publicada em conjunto pelo SFL e pela *Atlas Network*. Nas palavras da organização, “livros como esse são parte-chave na estratégia exitosa de espalhar ideias de liberdade econômica junto a estudantes pela África” (Atlas Network, 2013)¹¹⁰.

No anuário de 2014 da *Atlas*, boa parte da estratégia voltada para o continente faz menção ao SFL. “Na África, trabalhamos durante os últimos anos a fim de reorientar o trabalho da *Atlas Network* para o desenvolvimento a longo prazo de uma rede de liberdade, por meio do direcionamento de recursos em apoio ao *African Students for Liberty*”¹¹¹, é o que se lê no documento. Comenta-se também como a cooperação entre a *Atlas* e o SFL na África levou à criação de novos *think tanks* pró-mercado em países como Malawi, Tanzânia e Quênia. Além disso, o relatório menciona a série de viagens feitas por Tom Palmer para o continente durante o período. Dentre elas, destaca-se quando Palmer palestrou na conferência de lançamento da divisão francófona do SFL África na Costa do Marfim, evento que também serviu de lançamento da edição de “A Moralidade do Capitalismo” traduzida para o francês (Atlas Network, 2014).

O processo de transnacionalização do SFL, todavia, não deixa de elencar a América Latina como uma região prioritária. Em 2012, realizaram-se as primeiras conferências da entidade no Equador (com público de 374 presentes); na Venezuela (com 70 participantes); e também no Brasil, onde o público foi de 110 pessoas. Desde a chegada do SFL na região, a entidade considera a América Hispânica e o Brasil como seções distintas, sendo a primeira área da atuação da *EsLibertad*, ao passo que o segundo contaria com a presença dos então denominados *Estudantes pela Liberdade* (EPL). O processo de criação da EPL será objeto de discussão no capítulo seguinte.

O princípio das atividades do SFL na América Hispânica, oficialmente no ano de 2012, exemplifica o funcionamento da estratégia de transnacionalização da entidade. Definido como

¹¹⁰ Do original: “books like these are a key part of a successful strategy to spread the ideas of economic liberty among students across Africa.”

¹¹¹ Do original: “In Africa, we worked over the past few years to refocus *Atlas Network*’s work toward long-term development of the freedom network by directing resources in support of African Students for Liberty”.

“nascido diretamente do resultado do programa *Charter Teams* do SFL”¹¹², a *Estudiantes pela Libertad Ecuador* (abreviada para *EsLibertad Ecuador*), conseguiu organizar cinco grupos de estudos pelo país, além de contar com 11 representantes no *Charter Teams* (no período 2013-2014). No relatório do SFL de 2012-2013, há também uma fotografia de integrantes do *EsLibertad Ecuador* ao lado de representantes do *think tank Fundación por un Ecuador Libre*, fundado em 2005 pelo empresário Guillermo Lasso, futuro presidente do país andino entre 2021 e 2013 (Noboa, 2021). A *EsLibertad Ecuador* foi quem realizou a primeira conferência do SFL na América Hispânica, na *Escuela Superior Politécnica del Litoral*, em Guayaquil, Equador, em novembro de 2012 (Students for Liberty, 2013).

Se até 2012 a organização era estruturada em dois comitês executivos (o estadunidense e o europeu), cria-se então um “comitê executivo internacional”, mais um indicativo do avanço do processo de transnacionalização do SFL. A primeira formação do comitê internacional incluiu Alexander McCobin, fundador da entidade e então CEO do SFL, e o sérvio Aleksander Kotovic, à época presidente do ESFL. Além dos dois, destaca-se a presença da lituana Egle Markeviciute (que viria a desempenhar, como supracitado, cargo no Ministério de Economia e Inovação de seu país), Olumayowa Okediran, também mencionado previamente, do venezuelano Luis Silva-Ball e do equatoriano Julio Clavijo. Contou-se ainda com a presença de dois brasileiros: Juliano Torres, então graduando do curso de publicidade da Faculdade Pitágoras e um dos fundadores do EPL no Brasil, em 2012, e Carlo Rocha, graduado em direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

De acordo com o relatório, o conselho internacional faz parte de uma nova estrutura para apoiar na transnacionalização do SFL. Neste novo formato, o conselho internacional tornou-se a instância mais alta de deliberação, sendo seguido pelo conselho executivo da América do Norte, o conselho europeu, o *EsLibertad*, o EPL e os *Charter Teams*. Sob a “jurisdição” de cada braço da entidade, encontram-se os programas de formação de lideranças estudantis, denominados de “coordenadores de *campus*” na América do Norte, “coordenadores locais” na Europa e na América Hispânica, e de “coordenadores estaduais” no Brasil. Na órbita de cada programa, por sua vez, localizam-se os grupos estudantis das respectivas regiões (Students for Liberty, 2012).

Já no anuário 2015, há uma outra atualização da estrutura da entidade, com o conselho de diretores. O conselho – formado pelos fundadores Alexander McCobin, Sloane Frost e Sam Eckmann, além do empresário Jeff Gislea e de Dan Grossman, então presidente do Conselho

¹¹² Do original: “Born as a direct result of Students for Liberty’s Charter Teams Program”.

Administrativo da *Atlas Network* – funciona como o nível máximo de deliberação da entidade, estando o CEO logo abaixo. Nesta nova estrutura do SFL, há ainda a criação de novas subdivisões, subordinadas ao CEO. São elas: *network* (“rede”), à qual estão subordinados, por sua vez, os setores de “mídias e comunicações” e “dados e métricas”; *alumni*, incumbida de mobilizar os egressos dos programas de treinamento do SFL nas atividades da organização; *development* (algo como “desenvolvimento organizacional”), cuja tarefa consiste em alavancar o crescimento da organização por meio de parcerias externas e angariação de fundos; e por fim, a área de *programs* (“programas”), para a qual respondem os braços regionais do SFL.

Notável também é a formação de conselhos executivos, nos moldes do norte-americano e do europeu no mesmo período nas regiões da América Hispânica, África, Sul da Ásia, Austrália e Nova Zelândia, além do Brasil. No relatório referente a 2013-2014, mencionam-se as primeiras atividades realizadas no Leste Asiático, como a fundação do primeiro grupo de estudos na Coreia do Sul e os preparativos do SFL *Charter Teams* para a primeira conferência da organização na Austrália, prevista à época para ocorrer em Melbourne entre 4 e 6 de julho de 2014. Nos anos subsequentes, novos avanços neste esforço são observados, como se denota pela criação do braço batizado de “Ásia-Pacífico”, primeira vez citado no relatório referente ao ano de 2019 (Students for Liberty, 2019a), ao passo que em 2022 faz-se a primeira menção à seção regional correspondente ao “MENA”, sigla em inglês para “Oriente Médio e Norte da África” (Students for Liberty, 2022).

A dimensão transnacional adquirida pelo SFL se manifesta ainda por outros meios, como a *Alumni for Liberty* (AFL). Como sugerido pelo seu próprio nome, a AFL é uma rede formada por egressos dos programas de formação do SFL. De acordo com seu endereço eletrônico, a entidade contava em 2024 com 10 mil membros espalhados por 139 países, incluindo acadêmicos, empresários, jornalistas, líderes de *think tanks* e oficiais eleitos. Cerca de 285 organizações de perfis variados são lideradas por integrantes da AFL em todo mundo, das quais sendo 56 ONGs, 44 *think tanks*, 34 na área de comunicação e 34 definidas como de caráter “político” (Students for Liberty, [2024c]).

Entre os programas realizados pelo AFL, vale frisar o *Leading Liberty Program*, voltado para as áreas de “*advocacy* internacional, políticas públicas, ativismo político e empoderamento comunitário, dentre outros” (Students for Liberty, [2024g])¹¹³. O programa apoia iniciativas políticas simpáticas ao livre-mercado em todo o mundo, com o fornecimento de recursos e

¹¹³ Do original: “international advocacy, public policy, political activism, and community empowerment, among others”.

assistência técnica quanto à arrecadação de fundos, além de sessões de consultoria “sob medida” durante todas as etapas do projeto. O AFL também organiza os chamados *Liberty Summits*, encontros regulares a fim de gerar “sinergia entre as iniciativas individuais [dos integrantes da AFL], bem como incentivá-los a trabalhar juntos em projetos compartilhados”¹¹⁴ (Students for Liberty, 2024). Com reuniões já realizadas em Lisboa e Cartagena – a última com presença do brasileiro Magno Karl, diretor executivo da associação civil Livres – pretende-se realizar ainda outras sessões sobre os temas desenvolvimento econômico, segurança nacional e tecnologia (Students for Liberty, 2023a).

Semelhante aos *Liberty Summits*, há ainda os *Policy Roundtables*, destinados a promover rodadas de conversação sobre tópicos específicos entre ativistas, acadêmicos, empresários e formuladores de políticas públicas. Eventos no âmbito da iniciativa foram realizados em Bruxelas, Cidade do Cabo, Madri e Washington D.C. O AFL realiza ainda os *Policy Dialogues* e as *Policy Commissions*. Os primeiros se tratam de palestras a respeito de diversos temas de interesse. Segundo o endereço eletrônico do SFL, já realizaram-se exposições em parceria com o *King 's College* de Londres, as Nações Unidas e o Parlamento Europeu. As *Policy Commissions*, por sua vez, são grupos formados no interior do AFL dedicados ao estudo e proposição de políticas públicas com respeito a pautas específicas (Students for Liberty, 2024c).

A AFL também realiza uma série de treinamentos por conta própria, seja com enfoque em temáticas como empreendedorismo, desenvolvimento econômico e formulação de políticas públicas, seja com respeito a habilidades úteis para lideranças públicas. Na lista de parceiros da AFL encontram-se desde o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP), instituições de ensino como o *King's College* e grupos de pesquisa como o *The Human Flourishing Program*, vinculado à Universidade de Harvard, até a outras organizações do espectro pró-mercado, como a *Atlas Network*, a *Ladies of Liberty Alliance* (LOLA), voltada para a promoção do libertarianismo entre o público feminino, e a *Young Voices*, cujo propósito é treinar jovens em matéria de media-training e relações públicas (Students for Liberty, 2024c).

Outra iniciativa de alcance internacional levada a cabo pelo SFL é o *Prometheus Fellowship Program*, organizado em parceria com a organização estadunidense *Prometheus Foundation*. Lançado em 2022, trata-se de um programa de formação internacional em formato *online*, com a presença de estudantes de aproximadamente 45 países, a respeito das temáticas

¹¹⁴ Do original: “[...] create synergy between their individual initiatives as well as incentivize them to work together on shared projects”.

de “Liderança” e dos postulados do objetivismo, corrente com aspirações filosóficas proposta por Ayn Rand. No âmbito do programa ocorrem também sessões de mentoria presenciais para apoiar os estudantes na sua trajetória profissional. Os estudantes do *Prometheus* recebem um estipêndio semestral de U\$500 pela sua participação, além de ter todas as despesas com viagens realizadas para eventos presenciais. Segundo o SFL, a organização investe cerca de 42.347 dólares em cada participante no decorrer dos dois anos do programa (Students for Liberty, [2024j]).

O *Learn Liberty*, por sua vez, é ainda outra iniciativa de caráter educativo lançada pelo SFL. Consiste em uma plataforma *online* com mais de 300 vídeos, disponíveis também no *YouTube*, os quais contam com a participação de representantes de institutos pró-mercado associados à entidade (Learn Liberty, 2024a). As sessões versam sobre os mais variados temas – de impressoras 3D às propostas de banimento da rede social *TikTok* pelo governo dos EUA. O *Learn Liberty* também oferece cursos para os integrantes do SFL de todo mundo, com a utilização de uma plataforma própria que permitiria, nas palavras da organização, a criação de uma “comunidade pró-liberdade internacional”¹¹⁵. Os cursos em geral são de caráter introdutório, a respeito de filosofia, direito e os princípios do liberalismo, além de um voltado para a história e aplicação dos princípios liberais no continente africano (Learn Liberty, 2024b).

Por fim, a *LibertyCon*, conferência internacional realizada a cada ano pelo SFL, é mais um exemplo da envergadura transnacional alcançada pela entidade. Ao longo de um final de semana, “*SFLers*” de todas as partes do globo se reúnem para participar de palestras, *workshops*, rodas de conversa, encontros sociais, entre outras diversas atividades. Edições regionais da conferência são realizadas também na África, Europa, América Hispânica e no Brasil, cuja edição local, a *LibertyCon Brasil*, ocorreu em dezembro de 2023, na cidade de Belo Horizonte (LibertyCon Brasil, 2024).

Haja vista a centralidade da *LibertyCon* no calendário anual do SFL, cabe descrever brevemente, na próxima seção, minha experiência como observador na última edição do evento, realizada em Washington, DC, em fevereiro de 2024¹¹⁶. Tratou-se de oportunidade valiosa para testemunhar, em primeira mão, como o caráter formativo e os aportes oferecidos pelo SFL se traduziram em uma série de empreitadas locais, levadas a cabo pelo “empreendedorismo” de

¹¹⁵ Do original: “international pro-liberty community.”

¹¹⁶ A participação no evento, bem como minha estadia em Washington, DC, foram financiadas com recursos provenientes da reserva técnica da Bolsa de Estágio-Pesquisa Exterior (BEPE) da FAPESP (nº do processo: 2023/02284-8). A pesquisa BEPE foi realizada entre agosto de 2023 e fevereiro de 2024, no âmbito do Departamento de Antropologia da *City University of New York* (CUNY), sob orientação do Prof. Dr. Jeff Maskovsky.

seus integrantes por todo o globo. Ao participar do evento, foi possível constatar ainda como o perfil de *big-tent* da organização se materializa na prática. Pode-se dizer que a conferência funciona como um ponto de encontro para pessoas com perspectivas políticas distintas, mas que, a despeito das discordâncias, se percebem como interlocutores legítimos dentro de um mesmo campo político.

Além disso, ao se observar os principais temas tratados na agenda do evento, é possível observar quais assuntos eram entendidos como prioritários para a entidade naquele momento. E, mais importante, qual seria uma abordagem libertariana contemporânea para se responder a questões tão diversas como o enfrentamento às mudanças climáticas, acesso a serviços de saúde, igualdade de gênero e imigração.

4.2 A “máquina de empoderamento estudantil” em ação: A *LibertyCon* 2024

O *Grand Hyatt Hotel* de Washington, DC, foi o local escolhido para servir de sede da *LibertyCon* 2024, ocorrida entre 2 e 3 de fevereiro de 2024. O hotel se situa próximo da *K Street*, avenida da capital estadunidense que se tornou metonímia do lobismo do país, haja vista ter sido historicamente a sede de diversos *think tanks*, escritório de advocacia, grupos de *advocacy* e associações patronais. Apenas me dei conta da localização estratégica do *Hyatt*, quando, ao caminhar pelos arredores do hotel no horário do almoço, cheguei por acaso na porta da sede do *Cato Institute*, *think tank* já diversas vezes citado como uma das mais destacadas instituições dedicadas à promoção do libertarianismo nos EUA.

Ao chegar no vasto saguão do hotel, fui orientado por um dos recepcionistas que o evento ocorreria no centro de conferências, alguns andares abaixo do térreo. Enquanto descia as escadas rolantes, consegui identificar algumas pessoas que participariam da conferência, por já portarem seus crachás. Neles, constavam seus nomes e locais de origem. Após obter suas credenciais, cada inscrito era agraciado com uma bebida de cortesia, podendo se juntar ao coquetel servido no salão principal. A boa infraestrutura da *LibertyCon*, inclusive, remetia muito mais a um evento do mundo corporativo do que à imagem costumeira de um encontro do movimento estudantil.

Uma versão estilizada do afresco *A Criação de Adão*, de Michelangelo Buonarroti – mais especificamente do quase tocar de dedos entre o Deus cristão e “o primeiro homem” – era recorrente nos materiais de divulgação da *LibertyCon* 2024, assim como imagens com efeito “pontilhado” de estátuas em mármore de George Washington. Próxima à porta do auditório principal, uma grande televisão em tela plana exibia repetidas vezes um vídeo promocional da

conferência. Tratava-se de uma montagem rápida que alternava entre imagens de conferências passadas e atividades realizadas pelo SFL pelo globo, acompanhadas de frases de efeito, e trechos de filmes e séries populares. As coloridas cenas de Margot Robbie e Ryan Gosling caracterizados como Barbie e Ken e o momento da revelação paterna de “O Império Contra-Ataca” serviam para divulgar o novo canal do YouTube do SFL, o *The Invisible Lens*, dedicado a analisar objetos da cultura *pop* sob um ponto de vista libertariano.

À medida que se avizinhava o horário das palestras noturnas, o salão principal foi se enchendo. O público era predominantemente jovem e bastante diverso: logo ao chegar, avistei desde uma moça vestindo um *hijab* islâmico a um rapaz com um chapéu de *cowboy*. Uma vez que não havia sido especificado um código de vestimenta para o evento, a formalidade dos trajes dos participantes variava. Em sua maioria, porém, optaram por trajes mais tradicionais, como o costume, não raro acompanhado de gravata, o “terninho” feminino e *tailleur*. Pelo tom animado das conversas, a maior parte dos presentes aparentava se conhecer de outras ocasiões, conferindo ao evento um clima de reencontro entre velhos amigos e colegas.

Adjacentes ao salão principal, localizava-se o auditório onde se realizariam as palestras, bem como outras duas salas que formavam o *exhibition hall* (ou “salão de exibição”), onde se situavam diversos *stands* em representação de uma miríade de *think tanks*, ONGs e grupos estudantis, bem como da campanha de Chase Oliver, candidato oficial à presidência dos EUA pelo Partido Libertariano nas eleições de 2024 (Anexo A)¹¹⁷. Havia também um corredor que dava acesso aos chamados *breakout rooms*, salas menores onde os *workshops* ocorreriam ao longo do evento; além de um cômodo discreto localizado ao fundo que servia de “sala VIP”, destinada aos conferencistas e personalidades de maior relevo.

De acordo com o site oficial do evento, na aba *sponsorship* (“patrocínio”), havia quatro opções de cotas de patrocínio disponíveis para as empresas e organizações interessadas. A cota de *premier exhibitor*, no valor de 1.500 dólares, dava direito a um *stand* mais espaçoso (cerca de três metros) e com uma melhor localização no hall de exibição, além de dois convites para o exclusivo *Awards Dinner* (“Jantar de Premiação”). Trata-se de um jantar de gala realizado na noite do segundo dia de evento, em que se entregam os *SFL Awards*, premiação aos indivíduos e grupos locais mais destacados ao longo do último ano. A cota prata, orçada em 12.000 dólares, adicionava aos benefícios acima a realização de um *breakout room* de 50 minutos. A cota ouro (20.000 dólares), por sua vez, concedia também uma palestra de 20 minutos no palco central.

¹¹⁷ O próprio Oliver, candidato libertariano ao Senado pela Geórgia em 2020, esteve presente no salão de exibição no primeiro dia da *LibertyCon*.

Por fim, a cota platina – que podia ser adquirida por 50.000 dólares – concedia o *status* de “patrocinador oficial” do Jantar de Premiação, além do direito a entregar um dos prêmios ao vencedor (LibertyCon, [2024m]).

4.2.1 A programação principal e o *SFL Awards 2024*

Ao observar a programação de palestras no palco principal, constata-se a presença de colaboradores frequentes do SFL, os quais foram conferencistas de edições passadas da *LibertyCon*. Dentre alguns exemplos, citam-se Deirdre McCloskey, notória economista estadunidense vinculada ao *Cato Institute*; David Boaz, pesquisador sênior do *Cato Institute*, entidade onde exerceu o cargo de vice-presidente entre 1989 e 2022; Nick Gillespie, já referido como editor-chefe da *Reason*; John Mackey, fundador e ex-CEO da rede varejista estadunidense *Whole Foods*; Antony Davies, economista associado à FEE; e Jo Jorgensen, candidata à vice-presidência pelo Partido Libertariano nas eleições de 1996 e candidata à presidência pelo mesmo partido no pleito de 2020. Os temas das palestras abordaram desde os possíveis riscos às liberdades com o lançamento de moedas digitais criadas por Banco Centrais até a uma discussão se o movimento libertariano deveria ou não ter uma visão favorável sobre a globalização (LibertyCon, 2024i).

Por seu turno, a pauta ambiental – a qual, como se verá mais adiante, ganhou centralidade para o SFL após o lançamento do programa *Green Liberty* – foi tratada em uma mesa no segundo dia do evento. A palestra *The New Int’l Think Tank Collaboration on Climate & Freedom* (“A Nova Colaboração Internacional de *Think Tanks* sobre Clima e Liberdade”), foi proferida por Rod Richardson, presidente do *Grace Richardson Fund* (GRF), entidade patrocinadora da *LibertyCon 2024* comprometida com a promoção do que denomina “ambientalismo de livre-mercado”. Na ocasião, Richardson apresentou a *Clean Capitalist Coalition* (“Coalizão do Capitalismo Limpo”), iniciativa que reúne *think tanks* e acadêmicos para a promoção de “soluções de livre-mercado” para preservação ambiental e combate às mudanças climáticas.

Algumas das palestras buscaram discutir como o “movimento pró-liberdade” deve lidar com as mobilizações de perfil reacionário. O tom adotado nas apresentações *The Awkward and Uncomfortable Problem With National Conservatism* (“O estranho e desconfortável problema com o conservadorismo nacionalista”) e *The Rise of Illiberalism in the Shadow of Liberal Triumph* (“A ascensão do iliberalismo à sombra do triunfo liberal”), ocorridas na noite de

abertura, foi crítico ao nativismo do tipo MAGA (*Make America Great Again*, lema de campanha de Donald Trump). A fala de David Boaz (2024) em “A ascensão do iliberalismo à sombra do triunfo liberal” pareceu sintetizar o esforço atual dos libertarianos em distanciarem-se dos movimentos reacionários à órbita do trumpismo¹¹⁸:

[...] nós, libertarianos, a maioria de nós americanos, somos liberais. O liberalismo é um credo universal. Acreditamos que todas as pessoas são dotadas com direitos inalienáveis, entre eles [o direito] à vida, à liberdade e à procura da felicidade. Não apenas somente algumas pessoas. E essa ideia é incompatível com ideias políticas baseadas no “sangue e solo” e com tratar as pessoas de modo distinto por conta da sua raça ou religião. E então quando autoproclamados “defensores da liberdade” falam de sangue e solo; ou colaboram com um aspirante a autocrata a anular uma eleição; ou dizem que a igualdade LGBT como uma degeneração; ou defendendo a Confederação e a causa do Sul; ou se juntando a guerras culturais da direita; ou apoiam políticos que fazem do uso do Estado para combater seus inimigos; ou postam piadas sobre o Holocausto e ameaças de morte no Twitter; reconheçam isso pelo o que é. Manifeste-se. Reaja. Diga às pessoas: isso não é a América e isso certamente não é libertarianismo (Boaz, 2024)¹¹⁹.

A fala de Boaz, aplaudida entusiasticamente pelos presentes, é representativa do papel ocupado pelo liberalismo na cultura política estadunidense como um “credo universal”, uma forma de concepção de mundo que é a fonte de legitimidade do sistema político (Foucault, 2008). O intento de Boaz em situar o movimento libertariano como legatário de uma tradição liberal eminentemente americana ecoa um dos principais *leitmotifs* da conferência. Refere-se também à tentativa corrente do movimento libertariano de afirmar sua identidade própria, em contraste tanto ao reacionarismo associado à figura de Donald Trump¹²⁰ como ao “progressismo woke”¹²¹ que perpassaria os movimentos de esquerda contemporâneos. O fato de 2024 ser um ano eleitoral nos EUA parece, assim, reforçar a urgência da tarefa.

¹¹⁸ O discurso de Boaz, assim como todas as palestras proferidas na conferência, podem ser assistidos no canal do Youtube do SFL (disponível em: <https://www.youtube.com/user/studentsforliberty>. Acesso em: 10 fev. 2025).

¹¹⁹ Do original: “[...] we libertarians, like most of us Americans, are liberals. Liberalism is a universal creed. We believe that all people are endowed with inalienable rights, that among these are life, liberty, and the pursuit of happiness. Not just some people. That idea is incompatible with political ideas based on 'blood and soil' or treating people differently because of race or religion. And so when you see self-proclaimed 'freedom advocates' talking about blood and soil; or helping a would-be autocrat overturn an election; or talking about LGBT equality as degeneracy; or saying that we shouldn't care about government racism against black people; or defending the Confederacy and the cause of the South; or joining right wing culture wars; or supporting politicians who want to use the State to fight their enemies; or posting Holocaust jokes and death threats on twitter; recognize that for what it is. Speak up. Fight back. Tell people: that's not America and it's certainly not libertarianism”.

¹²⁰ A fala de Boaz ocorreu, vale lembrar, pouco menos de dois meses após Donald Trump ter dito em entrevista que os imigrantes ilegais estariam “envenenando o sangue” dos EUA, palavreado que foi comparado ao empregado por Adolf Hitler em *Mein Kampf* (Gibson, 2023).

¹²¹ O termo “woke” (“desperto” ou “atento”) é historicamente associada ao movimento negro estadunidense, sendo empregado desde os anos 1940 como mote para sensibilização e mobilização política. Na esteira do movimento *Black Lives Matter* (BLM), a expressão se popularizou, passando a se referir também a outras lutas sociais (movimento feminista, LGBTQIA+, etc.). Nos círculos direitistas estadunidenses, “woke” é usualmente

Desta forma, os temas de diversas palestras do evento soavam como réplicas, de forma explícita ou não, aos argumentos defendidos por correntes políticas adversárias. Na palestra *Don't Fear Inequality – Understand and Embrace It* (“Não tema a desigualdade – entenda-a e a acolha”), o economista estadunidense Antony Davies minimizou a desigualdade econômica como um problema político de primeira grandeza, haja vista que, em sua interpretação, algum nível de desigualdade é inevitável – e até preferível – em uma ordem de mercado. O tema da busca por equidade também foi tratado pela economista Deirdre McCloskey, durante sua fala de encerramento da noite de abertura. Na ocasião, ela distinguiu entre três tipos de equidade: a de *resultados*, em que todos seriam nivelados “ao final da corrida”; a de *oportunidades*, em que a igualização ocorre “ao começo da corrida”; e a de *permissão*, que seria restrita à possibilidade de participação na corrida.

Cada categoria de igualdade estaria, por sua vez, vinculada à defesa de um projeto político distinto: perspectivas socialistas seriam animadas pela busca de uma equidade de resultados, ao passo que a equidade de oportunidades estaria mais próxima de uma sensibilidade social-democrata. Na visão de McCloskey, porém, somente a equidade de permissão seria viável: enquanto a equidade de resultados acarretaria, a seu ver, em uma nivelção injusta de esforços e capacidades distintas, a ambição por uma equidade de oportunidades é equivocada, à luz dos talentos e trajetórias inevitavelmente variados dos indivíduos. Para a economista, a equidade de permissão – que pode ser entendida como uma equidade na ausência de constrição, associada, portanto, a uma *liberdade negativa* – seria não só plausível, mas como também a única opção que não implicaria quaisquer prejuízos para as liberdades do indivíduo ou para seus pares.

Em um vídeo do canal *The Invisible Lens*, McCloskey (2023) se vale do filme *Barbie* (EUA/2023) para exemplificar sua linha de raciocínio, argumentando que a película – na sua opinião, “o filme feminista mais bem-sucedido de todos os tempos” – espousa uma visão de feminismo mais próxima da “equidade de permissão”. Na interpretação de McCloskey, a jornada da protagonista rumo a se tornar uma mulher adulta passa, acima de tudo, pelo seu *desenvolvimento pessoal*, e não por uma resposta coletiva. Para a autora, a qualidade *enterprising* da Barbie – que, em suas diversas versões, de piloto de avião à médica, teria sido um marco na representação feminina no século XX – seria o elemento-chave para alcançar a equidade entre os gêneros. Próximo do final do vídeo, inclui-se um segmento de propaganda do SFL, que afirma não ser uma organização que “ditará aos estudantes aquilo que eles devem

empregado em sentido pejorativo, para descrever indivíduos e movimentos preocupados com a justiça social que seriam estridentes e extremistas em sua retórica e métodos (Montanaro, 2023).

fazer”, mas sim fornecerá as ferramentas necessárias para os *SFLers* se tornarem “campeões da liberdade” e se “desenvolvam pessoalmente” – assim como a boneca símbolo da *Mattel* teria feito (McCloskey, 2023).

O elogio a uma conduta *enterprising* tornou-se nítido no Jantar de Premiação, ocorrido no segundo e último dia da conferência, quando foram entregues os *Students for Liberty Awards* 2024, referentes ao ano anterior. No discurso de abertura da cerimônia, o Wolf Von Laer definiu o SFL como uma “máquina de empoderamento estudantil”, destacando alguns feitos alcançados pelos estudantes e egressos da entidade que lideram ao longo do último ano. Assim como dito na peça publicitária inserida no vídeo do *The Invisible Lens*, Laer enfatizou como o SFL “não diz aos estudantes o que fazer”, mas sim fornece os instrumentos necessários para que os jovens prosperem em suas próprias empreitadas. Também recomendou vivamente aos representantes de entidades parceiras interagirem com os estudantes durante a conferência, reforçando o caráter de *networking* da ocasião.

A premiação consistiu em quatro categorias: evento, grupo, egresso e estudante do ano. O prêmio de “melhor evento” foi apresentado por Alec Green, estrategista-chefe de investimentos do *The Oxford Club*, centro de pesquisa e associação de empreendedores estadunidense. O vencedor da categoria foi a “Conferência de Liberalismo Clássico de Bangladesh” (*Bangladesh Classic Liberalism Conference*), representando o SFL Sul da Ásia. Trata-se da primeira conferência do SFL realizada em Bangladesh, reunindo cerca de 600 estudantes durante a temporada de eleições parlamentares de 2023. As outras duas atividades indicadas foram: a Conferência sobre Tecnologia, Estado e Individual (*Technology, State and Individual Conference*), organizada pelo SFL Geórgia, que reuniu estudantes de diversas regiões do Cáucaso para discutir sobre as implicações políticas de tecnologias emergentes como o *blockchain*; e a Conferência Local do Marrocos (*Morocco Local Conference*), a primeira realizada na região do Norte da África e Oriente Médio (Students for Liberty, 2024).

Já a segunda categoria da noite foi apresentada pelo espanhol Gabriel Calzada, presidente interino da Sociedade de Mont Pelerin e reitor da *Universidad de las Hespérides*, instituição voltada para o ensino de economia, direito e negócios com viés pró-mercado. O “grupo do ano” vencedor foi o *EsLibertad Argentina*, em competição com o SFL Geórgia e o SFL Peshawar Paquistão. Durante o anúncio da indicação do grupo argentino, o locutor destacou o que chamou de “uma série de desafios pré-existent” para a operação do *EsLibertad Argentina*. Entre elas, estariam as restrições impostas pelo governo de Alberto Fernández (2019-2023) para debelar a COVID-19, bem como a agitação política e a deteriorada situação econômica do país. Desse modo, a representação local do SFL teria tomado uma série de

medidas para “rejuvenescer” a rede pró-liberdade na Argentina, a transformando em uma consistente entidade de alta-performance”, expandindo a operação da atuação para além da região da Grande Buenos Aires (Students for Liberty, 2024).

A então recente vitória de Javier Milei no pleito presidencial argentino de 2023¹²² foi lembrada tanto no anúncio da indicação da *EsLibertad Argentina*, como no discurso de vitória dos estudantes argentinos. O então presidente eleito, um autodeclarado “anarcocapitalista”¹²³, foi caracterizado como um “aliado” pelo locutor da cerimônia, afirmando que Milei chegou a usar diversas vezes um *pin* do *EsLibertad Argentina*. O nome de Milei, vale comentar, foi citado em diversos outros momentos da conferência, sempre seguido de entusiasmados aplausos e vivas. Tratou-se do único mandatário internacional a ser lembrado sob tamanha luz positiva durante a conferência.

No discurso de abertura da *LibertyCon*, Wolf Von Laer caracterizou o triunfo de Milei como uma “esperança” para o movimento libertariano global, ao passo que o apresentador de televisão John Stossel, durante uma palestra na *LibertyCon* acerca da sua trajetória profissional, definiu Milei como “finalmente algo animador no movimento libertariano”. Tanto Calzada, ao anunciar o *EsLibertad Argentina* como vencedor da categoria de grupos, como Sebastian Citrea, coordenador nacional do braço argentino do SFL, exclamaram o mote da campanha de Milei *viva la libertad, carajo!* (“viva a liberdade, caralho!”). No *stand* do portal online *Being Libertarian.com* no pavilhão de exposições, distribuíam-se cartões com o mesmo *slogan* (ANEXO B).

Por seu turno, a categoria de “melhor egresso” foi apresentada por Kathleen Mangu-Ward, jornalista e chefe de redação da *Reason* e integrante do conselho do SFL. A vencedora, a hondurenha Ivette Cano, foi saudada pelo seu trabalho de compilação de informações sobre as Zonas Econômicas Especiais (ZEE)¹²⁴, formando uma base de dados hoje utilizada por entidades como a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO), a Força Aérea dos EUA, centros universitários, instituições financeiras e consultorias. Em 2023, após ter sido líder do SFL Honduras, Cano tornou-se ainda CEO da *Adrianópolis Group*, empresa de inteligência comercial especializada em ZEEs (Students for

¹²² Para uma análise sobre a vitória de Milei nas eleições presidenciais argentinas de 2023, consultar o *Boletim (Anti)Segurança* nº 32, do Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de Monitoramento (LaSInTec, 2023).

¹²³ O “anarcocapitalismo” é uma contradição em termos, uma vez que o movimento anarquista é historicamente anticapitalista (Augusto; Jourdan, 2019).

¹²⁴ Territórios designados pelos governos como legislações tributárias, fiscais, aduaneiras e/ou trabalhistas distintas das do restante do país.

Liberty, 2024f). Em seu discurso, Cano relatou ter se reunido, ao lado de outros colegas do SFL, com representantes da Secretaria de Estado, Senado e Congresso estadunidenses, durante a semana de realização da *LibertyCon*, para tratar a respeito da garantia da “liberdade financeira” dos países em desenvolvimento.

Por fim, John Mackey, fundador e ex-presidente do *Whole Foods*, foi quem entregou o prêmio de “melhor estudante”. Mackey, colaborador de longa do SFL, declarou sem pudor que doou “vastas quantidades” de dinheiro para a organização, e que toda vez que comparece ao evento ele acaba por constatar o quão “bem gastos” os recursos doados foram. Dentre os indicados, encontrava-se o brasileiro Nicola Aguilla, que se destacou sobretudo pelos projetos comunitários organizados na região de Belém do Pará. Dentre algumas das iniciativas levadas a cabo por Aguilla, encontram-se a exibição pública de documentários; o ensino de aulas mensais sobre liberalismo clássico para crianças indígenas da comunidade Una, além da criação de uma equipe de *rugby* para cerca de 20 jovens paraenses. O terceiro indicado, o tcheco Stepan Kovar, foi responsável pela ampliação do braço do SFL em seu país, além de ter criado o *Bitcoin Activism Project*, iniciativa educativa quanto às criptomoedas. Em parceria a entidades tchecas, ele também organizou coletas de mantimentos para os afetados pela guerra na Ucrânia, cujo valor total foi estimado em cerca de 800 mil dólares (Students for Liberty, 2023a).

O vencedor da categoria foi o estadunidense Ethan Yang, representante da América do Norte, que se notabilizou pelo seu trabalho em oposição às medidas de restrição de circulação e de vacinação obrigatória impostas pelos governos estaduais e pelo governo Biden (Students for Liberty, 2023a)¹²⁵. Yang, filho de uma imigrante cambojana e de um pai taiwanês, ambos tendo emigrado para os EUA na condição de refugiados políticos, também escreveu mais de cem editoriais desde 2020 para publicações diversas, além de ter sido o anfitrião de dezenove episódios do *podcast* do *think tank* *American Institute for Economic Research* (AIER) e dois episódios do *podcast* do SFL. Yang foi ainda coautor da obra *The China Dilemma: Rethinking US-China Relations Through Public Choice Theory* (“O Dilema China: Repensando as relações entre EUA e China por meio da Teoria da Escolha Pública”), publicada em 2023.

Com laureados da Argentina aos EUA, de Honduras à Bangladesh, o Jantar de Premiação pode ser considerado a vitrine mais vistosa da *LibertyCon*. É nítido o esforço da entidade em sublinhar a variedade e impacto das iniciativas organizadas pelos seus integrantes,

¹²⁵ De acordo com o SFL, Yang submeteu um pedido de acesso à informação junto ao governo, que supostamente teria revelado um conluio entre a administração Biden e gigantes do setor de tecnologia para censurar “pontos de vistas críticos” quanto às formas de enfrentamento à COVID-19 do governo democrata (Students for Liberty, 2023a).

bem como o alcance transnacional da sua operação. Se a premiação cumpre o papel de impressionar os olhos e carteiras de possíveis investidores – como o comentário de John Mackey escancarou – a *LibertyCon* também oferece espaços para que as organizações parceiras também possam prospectar talentos e divulgar suas agendas. Em nenhuma outra ocasião isto ficou mais evidente do que o tema da próxima subseção, o *exhibition hall* (ou “pavilhão de exposições”), cujo formato remetia às feiras universitárias e de recrutamento frequentadas por vestibulandos.

4.2.2 O *exhibition hall*: o “mercado de ideias” em ebulição

Durante o final de semana, o pavilhão de exposições continuaria vibrando em paralelo às palestras e *workshops*, sendo o local onde a maior parte do *networking* entre os integrantes de fato acontecia. A metáfora do *marketplace of ideas*¹²⁶, empregada com recorrência nos círculos libertarianos, parecia mais palpável do que nunca, com os representantes de cada entidade ali representada disputando a atenção dos presentes. Pela qualidade dos materiais dos *stands* e variedade dos brindes, era possível aferir os diferentes perfis de organizações participantes. Os *stands* mais vistosos e com maior variedade de *souvenirs* da *Reason* e da AFP contrastavam com as bancadas mais modestas de entidades menores e grupos estudantis. Passeando pelo salão de exibição, encontrava-se desde itens de papelaria a balas e chocolates em embalagens customizadas, passando por versões *graphic novel* de obras de Ayn Rand e reimpressões de ensaios redigidos por Murray Rothbard.

No *stand* do SFL – que não ficava nas salas designadas como o pavilhão de exibição, mas sim na entrada do saguão principal – encontravam-se folders com os posicionamentos da entidade com relação a temas específicos (de direitos LGBTQIA+ à Guerra às Drogas), além de cópias dos livros publicados em parceria com a *Atlas*, citados no capítulo anterior (*After the Welfare State*, *Peace, Love & Liberty* e *Why Liberty?*). O perfil relativamente diverso das entidades representadas no pavilhão também é digna de nota: além de instituições com credenciais tipicamente libertarianas, como a FEE e a AFP, encontravam-se presentes no salão desde organizações vinculadas ao espectro conservador, como o *Leadership Institute*, até o

¹²⁶ A concepção do *marketplace of ideas* apareceu pela primeira vez na jurisprudência da Suprema Corte estadunidense, em decisão do juiz Oliver Wendell Holmes no caso *Schenck v Estados Unidos* (1919). Em resumo, entende-se que um debate público amplo e não constricto pela interferência estatal seria a melhor forma de expor a validade das ideias, que se sagrariam vencedoras ao competirem com as rivais em um modelo de mercado (Ingber, 1984).

Center for a Stateless Society (C4SS), associado ao campo usualmente denominado *left-libertarianism* (“libertarianismo de esquerda”)¹²⁷.

Primeiramente, cabe destacar como as entidades participantes do evento aproveitam a ocasião para arregimentar promissores “jovens talentos”. Tal prospecção não raro adquire um sentido literal, como na divulgação de programas de treinamento, oportunidades de intercâmbio para o exterior e até postos de trabalho. Por exemplo, a *Young Voices* oferece serviços gratuitos de relações públicas para comunicadores e “criadores de conteúdo” com idade entre os 18 e 35 anos. A entidade funciona como editora, ao revisar os materiais fornecidos por seus clientes (sejam vídeos, *podcasts*, textos, etc.); agência de relações públicas, ao oferecer *media training* e outros treinamentos específicos; além de agência de talentos, ao intermediar contratos entre os clientes e veículos de mídia, conseguindo participações em telejornais, *podcasts* e programas de rádio (Young Voices, 2024).

A *Young Voices* também oferece bolsas de estudos de seis meses para escritores se aprofundarem no estudo de determinado tema em *think tanks* especializados. A organização conta ainda com o *Dissident Project*, iniciativa que cobre integralmente gastos de deslocamento e hospedagem para alunos em idade escolar que “escaparam de tiranias” (países como Afeganistão, Coreia do Norte, Cuba, Irã, Venezuela, entre outros) para compartilhar suas trajetórias em palestras presenciais ou virtuais em escolas. No *website* da organização, há uma aba voltada para aqueles interessados em consultar a disponibilidade dos palestrantes para a realização de eventos (The Dissident Project, 2024).

No *stand* da AFP, por seu turno, era possível encontrar anúncios de cargos disponíveis na organização e na *Concerned Veterans for America* (CVA), uma entidade parceira cujo público-alvo são os veteranos de guerra nos EUA. Nos *folders* (ANEXOS C e D), havia descrição dos pré-requisitos esperados pelos candidatos, além das responsabilidades e benefícios relacionados a cada vaga (respectivamente, *director of grassroots operations* e *grassroots engagement director*, ou “diretor de operações das bases” e “diretor de engajamento das bases”). Se o formato da *LibertyCon* havia me remetido inicialmente a uma feira de recrutamento, isso se devia ao fato do evento não deixar de ter *também* este fim. Desta forma, novamente o cultivo do empreendedorismo aparece com destaque entre as entidades

¹²⁷ Trata-se de uma ala do movimento libertariano, a qual se entende legatária sobretudo pela tradição do anarquismo individualista estadunidense do século XIX. Em linhas gerais, defende a existência de mercados, mas são críticos às relações de trabalho inscritas na ordem capitalista. Além disso, relativizam a defesa irrestrita da propriedade privada observada em outros círculos libertarianos, ao argumentar em favor da propriedade coletiva dos recursos naturais. Os *left-libertarians* tendem a ser mais simpáticos à noção de justiça social, além de rechaçar inteiramente a existência do Estado (Chartier; Johnson, 2011).

representadas na exibição, em um contexto de incentivo à profissionalização do ativismo e valorização do aprendizado de habilidades técnicas.

Digna de nota também foi a diversidade de temas tratados pelas entidades ali presentes, fugindo da convencional defesa da liberalização da economia associada ao libertarianismo. Nesse sentido, um dos *stands* a se destacar era o da organização *LIBRE* (“livre”, em espanhol), cujo propósito declarado seria defender *freedom-minded solutions* (“soluções orientadas pela liberdade”) para o “empoderamento da comunidade hispânica” nos EUA. Conforme consta em seu *website* (The LIBRE Initiative, 2024a), a *LIBRE* atua nos estados da Virginia, Texas, Nevada, Novo México, Carolina do Norte, Michigan, Georgia, Flórida, Colorado, Arizona, Arkansas e Ohio.

Ao me aproximar do *stand* de exibição, o representante da entidade ali presente, ao explicar o trabalho realizado pela *LIBRE*, destacou uma série de atividades destinadas especificamente para o público hispânico que habita nos EUA. Dentre elas, aulas de inglês, *citizenship classes* (aulas de preparação para o exame e entrevista para obtenção da cidadania estadunidense), treinamentos para líderes religiosos, além de *workshops* de empreendedorismo. Também são oferecidos treinamentos de “como fazer *lobby* e se comunicar com parlamentares”, bem como “atividades de base” (*grassroots activities*), entre elas *door knocking* (mobilização de pessoas para bater de porta em porta); “ativismo digital” e *phone banking* (rodadas de ligações telefônicas para realização de entrevistas).

Ao analisar os materiais físicos disponibilizados no *stand* (ANEXO E), sublinha-se o uso de uma linguagem relativamente neutra na descrição do perfil da entidade e de seus objetivos. Ao contrário de outras organizações presentes na *LibertyCon*, em nenhum momento o *LIBRE* se define explicitamente como “libertariana” ou “pró-livre mercado”, preferindo sempre o eufemismo *freedom-minded policies* (“políticas orientadas para liberdade”). Outro exemplo do tom empregado pela entidade pode ser encontrado em seu *site*, em menção ao posicionamento posição do *LIBRE* quanto à reforma do sistema de saúde dos EUA: “Nós precisamos de políticas que expandam a escolha, aumentem a qualidade abaxem os custos e encorajem a inovação” (The LIBRE Initiative, 2024b)¹²⁸. Desta forma, vale notar que em nenhum dos materiais encontra-se uma referência explícita à oposição ao *Obamacare* ou ao *Affordable Care Act*, preferindo-se empregar em seu lugar expressões mais vagas, como *universal insurance coverage* (“cobertura universal de seguros”).

¹²⁸ Do original: “We need policies that expand choice, improve quality, lower costs, and encourage innovation.”

Nesse sentido, é possível observar a tentativa de encampar a defesa da liberalização do mercado de saúde nos EUA não só por meio da salvaguarda das liberdades individuais – como tradicionalmente feito nos círculos direitistas – mas também de traduzi-la como uma forma de empoderamento comunitário. Por exemplo, ao comentar sobre eventuais benefícios do fim das restrições governamentais no mercado de saúde, o representante da LIBRE na *LibertyCon* mencionou a possibilidade de profissionais de saúde provenientes de determinada comunidade organizarem-se na forma de uma cooperativa, para assim prestar serviços de forma mais personalizada e a um preço acessível para seus vizinhos. O contato mais pessoal e direto do “médico da comunidade” é contrastado com a frieza e impessoalidade da burocracia da administração pública, conferindo um certo verniz “popular” às alternativas de mercado para a área de saúde.

O *LIBRE* representa, assim, uma clara tentativa do movimento libertariano de dialogar com um segmento demográfico (a população latina estadunidense) tradicionalmente próxima do Partido Democrata. Quase ao final da minha conversa com o representante na entidade, me foi revelado que o *LIBRE* é uma organização parceira da AFP – entidade, como supracitado, “carro-chefe” das operações patrocinadas pelos irmãos Koch. O *stand* próprio da AFP localizava-se, inclusive, imediatamente à esquerda da mesa do *LIBRE* no salão de exibição da *LibertyCon*. Em nenhum dos materiais de divulgação de divulgação da entidade, ao menos os disponíveis no *stand*, tampouco na página *Home* do sítio eletrônico do *LIBRE*, se faz qualquer menção ao vínculo com a AFP ou qualquer entidade associada à rede dos Koch¹²⁹.

Se, como visto, o propósito do *LIBRE* é indicativo do esforço de certos grupos de círculos libertarianos de combinar a defesa irrestrita da livre-iniciativa com alguma sensibilidade social, outros exemplos podem ser citados nesse sentido. Dentre eles, menciona-se o *Green Liberty*, iniciativa do SFL criada em 2023, que também contava com um *stand* próprio na *LibertyCon*. O *Green Liberty* – projeto cujo orçamento inicial foi estipulado na casa dos 1,5 milhão de dólares em janeiro de 2023 (Students for Liberty, 2023c) – elenca como seu público-alvo os “jovens líderes cansados de esperar pelos políticos e que querem fazer avançar

¹²⁹ No website do *LIBRE*, encontrou-se somente uma referência da relação entre a organização e os Koch. Trata-se de um artigo republicado do portal online *Newsmax*, canal de TV a cabo estadunidense ligado ao espectro conservador. A matéria, datada de 1º de maio de 2024, menciona o investimento maciço dos Koch em propaganda voltada para o público latino nas eleições presidenciais de 2024. O esforço abarca a compra de anúncios digitais, a realização de eventos em restaurantes e quitandas em bairros hispânicos, além de um site em espanhol criticando as políticas econômicas do governo Biden. O artigo também aponta que os Koch planejam direcionar ataques específicos às campanhas dos senadores democratas de Montana, Nevada, Ohio e Wisconsin, além de representantes democratas com cadeiras na Califórnia, Colorado e Nevada (The LIBRE Initiative, 2024b).

a humanidade” (Students for Liberty, [2024e])¹³⁰. São eles, o projeto argumenta, a quem se deve empoderar e capacitar para assim viabilizar as melhores soluções para proteção do meio ambiente e combate às mudanças climáticas.

A posição adotada pela *Green Liberty* aparenta, assim, sinalizar uma preocupação com a pauta ambiental, tema mais caro entre as parcelas mais jovens da população (De Pinto; Salvanto; Backus, 2024), distanciando-se também do negacionismo disseminado junto a outros segmentos direitistas. Ao mesmo tempo, pode-se considerar que o discurso deixa explícito ressentimento e desconfiança direcionados à classe política. Desse modo, a solução para o iminente cataclisma climático não é esperada de um projeto político como o *Green New Deal*, em que o Estado é colocado como ator principal na promoção do desenvolvimento sustentável (Franco, 2023)¹³¹ ou das aparentemente intermináveis rodadas da Conferências das Partes (COP) da ONU, mas sim da inovação e empreendedorismo “característicos” da iniciativa privada.

Especificamente no panfleto da *Green Liberty* ao qual tive acesso na *LibertyCon* (ANEXO F), trata-se de políticas de urbanismo. A introdução do texto – intitulado *YIMBY, Permitting and Regulations*¹³² (“YIMBY, Licenciamento e Regulações”) – faz menção a uma série de questões usualmente associadas a movimentos de moradia e de “direito à cidade”, em geral percebidos como parte do chamado “campo progressista”:

Você está com dificuldades com o aluguel, tornando que casa própria pareça fora do seu alcance? Você se acha dirigindo para todos os lugares devido à falta de transporte público e de serviços nas proximidades? O centro da sua cidade é dominado por estacionamentos e ruas em vez de prédios e espaços públicos? Você está preocupado com os aluguel alto e as despesas de habitação? Você está frustrado com os altos custos de energia e os impactos ambientais? (Students for Liberty, [2024e])¹³³.

¹³⁰ Do original: “young leaders who are tired of waiting for politicians and want to move humanity forward”.

¹³¹ O *Green New Deal* (GND) é um projeto de lei apresentado pelos democratas Alexandria Ocasio Cortez (representante pelo estado de Nova Iorque) e por Ed Markey (senador por Massachusetts) no ano de 2019. Trata-se de um amplo pacote de investimentos públicos para a realização da transição energética, renovação da infraestrutura urbana, além da ampliação e renovação da malha de transporte público. O projeto – cuja inspiração óbvia é o *New Deal* implementado por Franklin Roosevelt para debelar a Grande Depressão – parte de uma concepção que entende a justiça ambiental e social como indissociáveis e complementares, também encampando a defesa em favor dos direitos à moradia, trabalho digno, saúde e ensino público gratuitos para o usuário final (Santos; Ramos, 2023).

¹³² Do original: *YIMBY, Permitting and Regulamenting*. “YIMBY”, sigla em inglês para “Yes, In My Backyard” (“No meu quintal sim”) é um amplo movimento social que se iniciou nos EUA a partir dos anos 2010, voltado para a defesa da construção de moradia acessível e mudanças no zoneamento urbano, a fim de favorecer áreas verdes, comércios populares e transporte coletivo. Os movimentos “YIMBY” opõem-se aos NIMBY (*Not In My Backyard*, “Não no meu quintal”), mobilizações formadas por proprietários em defesa manutenção do modelo de urbanização presente nas maiores cidades dos EUA (Holleran, 2022).

¹³³ Do original: “Are you struggling with rent, making homeownership seem out of reach? Do you find yourself driving everywhere due to a lack of public transit and nearby amenities? Is your city center dominated by parking

Após chamar atenção do leitor para questões enfrentadas por muitos jovens estadunidenses, o panfleto elenca as leis de zoneamento e regulamentações estatais como as principais responsáveis pelos preços proibitivos no valor dos imóveis. Códigos de construção e especificações das mais diversas, referentes do tamanho das janelas à construção das escadas, seriam entraves burocráticos que encareceriam o valor final das residências. Sendo assim, a desregulamentação e flexibilização das leis de zoneamento são defendidas como as principais soluções para enfrentamento do problema. Nesta visão, o mercado imobiliário, deixado à própria sorte, teria interesse em suprir a demanda crescente por moradias com um aumento na oferta de imóveis acessíveis.

Além disso, a formação de um mercado competitivo estimularia a busca por soluções inovativas em matéria de preservação ambiental, haja vista que seria do próprio interesse das empresas a otimização dos recursos e aumento da eficiência energética. Vale destacar no texto a crítica feita a outros tipos de solução, como controle dos aluguéis e legislações que obriguem a construção de moradias públicas a um preço acessível. Na interpretação da *Green Liberty*, por reduzirem o investimento das incorporadoras imobiliárias, proposições de tal natureza desestimulariam o interesse dos empresários, agravando, portanto, a crise de moradia (Students for Liberty, [2024e]).

Assim, seja com relação à garantia de atendimento de saúde para a população hispânica nos EUA, seja no referente ao enfrentamento às mudanças climáticas, a maior parte das entidades representadas nos *stands* da *LibertyCon* compartilham da visão de que a ampliação das situações de mercado e promoção do empreendedorismo são a resposta às questões políticas mais candentes da atualidade. Neste contexto, observa-se o esforço de diversas entidades de propor soluções tipicamente libertarianas para temas não entendidos, ao menos a princípio, como questões prioritárias para este campo político¹³⁴.

A “disputa pela juventude” – elemento crucial do momento histórico de formação do SFL, como observou-se no capítulo anterior – é, portanto, um esforço constante, o qual exige acompanhamento das principais pautas prioritárias para o público jovem e a proposição de respostas à altura. Outra organização presente na exibição que parece encapsular bem este

lots and streets rather than buildings and public spaces? Are you concerned about high rent and housing costs? Are you frustrated with high energy costs and environmental costs?”

¹³⁴ Vale frisar, nesse sentido, a mudança de posição do SFL com relação à pauta climática. Segundo o *Greenpeace*, a grupos estudantis integrantes do SFL teriam feito exposições públicas, nos primeiros anos da organização, da película negacionista *Not Evil, Just Wrong*, além de contar com a participação de Patrick Michaels – climatologista associado ao *Instituto Cato* e autor de diversas obras negando ou relativizando o impacto mudanças climáticas – em eventos do SFL (Greenpeace, 2024b).

espírito é a UJL (União Juventude e Liberdade) – entidade formada em 2020 por estudantes associados ao SFL Brasil. O *stand* da UJL, que contava com a presença de dois universitários brasileiros, era o único decorado com uma bandeira nacional (a do Brasil). O UJL foi gestado no interior do *LibertyLab*, programa do SFL Brasil que funciona nos moldes de uma “incubadora” para projetos de seus integrantes, tema a ser tratado no capítulo seguinte desta dissertação.

Apesar de ter conferido destaque às entidades que dialogam com preocupações mais tipicamente associadas ao “progressismo” (meio ambiente, moradia, direitos de minorias, etc.), o pavilhão de exposições da *LibertyCon* também contava com a presença de organizações indiscutivelmente alinhadas ao espectro conservador. Dentre elas, cabe destacar a *Stop Abusive and Violent Environments* (SAVE) (“Acabem com os Ambientes Abusivos e Violentos”). O nome da SAVE, a princípio, não é suficiente para esclarecer a respeito da sua posição política: a menção ao combate a ambientes “abusivos” e “violentos” poderia facilmente ser confundida com uma organização de proteção a crianças ou a vítimas de violências domésticas. Ao me aproximar do *stand* da SAVE, fui cordialmente cumprimentado pelo jovem exibidor, o afegão Saifullah Khan, que compartilhou comigo sua história.

Khan, antes um estudante de medicina na prestigiada Universidade de Yale, foi acusado de ter estuprado uma colega, após uma festa de *Halloween* em 2018. Khan foi absolvido das acusações criminais trazidas contra ele; porém, depois de ter sido submetido a um processo disciplinar em Yale, foi expulso da instituição. Em seguida, o jovem moveu dois processos judiciais: um de difamação contra a autora da ação e outro contra Yale, alegando quebra de contrato e danos morais. Em geral, concede-se imunidade aos depoimentos de autores de ações envolvendo violência sexual, não podendo eles serem utilizados para embasar ações de difamação. A Suprema Corte de Connecticut, todavia, entendeu que Khan poderia continuar com a ação de difamação, haja vista que a administração da universidade teria falhado na garantia do processo devido legal, ao negar a oportunidade do advogado de Khan interrogar a autora da ação, dentre outras supostas irregularidades (Patel, 2023).

Como os próprios materiais da SAVE colocam, o caso de Khan se tornou o *poster boy* de uma cruzada política mais ampla: a revogação do *Title IX* (“Título IX”) da Lei de Emendas de Educação de 1972. O *Title IX* expressamente proíbe a destinação de recursos federais a qualquer instituição de ensino em que haja discriminação de gênero. Na argumentação da SAVE, as administrações democratas estariam utilizando-se do *Title IX* para pressionar as universidades que recebem recursos do governo a adotarem uma agenda progressista, o que

abarcaria uma perseguição contra os estudantes homens acusados de estupro¹³⁵. Na argumentação da SAVE, o caso de Khan estaria longe de ser um incidente isolado, mas sim parte de uma “guerra contra os homens” que estaria ocorrendo nos *campi* estadunidenses a partir da politização do *Title IX*.

No texto *The Collegiate War On Men* (“A Guerra Universitária Contra os Homens”), cujas cópias físicas estavam sendo distribuídas no *stand* da entidade (ANEXO G), o economista Richard Vedder (2023) argumenta que os alunos do sexo masculino seriam vistos pelas universidades renomadas da Costa Leste como “males necessários, vacas leiteiras cujas doações dos pais e presentes ajudam a pagar as contas”¹³⁶. A oposição da SAVE ao Título IX, porém, não diz respeito somente à “caça aos bruxos” ocorridas nas universidades. Segundo a organização, a proposta atual do Ministério da Educação, do governo Biden, para regulamentação da legislação incorreria em efeitos ainda mais abrangentes, tais como:

- 1 - Imposição de *procedimentos disciplinares* ao estilo soviético a estudantes falsamente acusados de estupro;
 - 2 - Restringir a *liberdade de expressão* sob o pretexto de impedir o assédio sexual;
 - 3 - Impor conformidade aos *mandatos de pronomes* (sic);
 - 4 - Obrigar as escolas a aceitar a participação de homens biológicos (sic) em *competições esportivas femininas*;
 - 5 - Encorajar as crianças e jovens a *mudar seu gênero* sem o conhecimento de seus pais;
 - 6 - Permitir que as escolas se tornem zonas para a doutrinação de gênero (sic)
- (SAVE Services, 2024)¹³⁷.

O trecho acima – parte de um texto distribuído no *stand* da entidade (ANEXO H) – é indicativo de como a SAVE se vincula à narrativa das “guerras culturais” perpetradas pela extrema-direita, reproduzindo pânico morais recentes com relação ao uso “mandatório” de pronomes e a “doutrinação de gênero” nas escolas. Além disso, é um exemplo pertinente de como grupos defensores da manutenção das hierarquias sociais tradicionais (seja de gênero, sexualidade ou racial) têm se valido de uma linguagem de *direitos* para expressar suas reivindicações (Brown, 2020). Afinal, o movimento alega não ser *em oposição* aos direitos das mulheres ou da população LGBTQIA+, mas sim pela *defesa* dos direitos dos homens acusados

¹³⁵ Vale lembrar que a pauta do assédio sexual em universidades estadunidenses ganhou grande destaque em meados dos anos 2010, na esteira do movimento *Me Too* (Stipek, 2021).

¹³⁶ Do original: “cash cows whose parental donations and gifts help play the bills. Men are a necessary annoyance”.

¹³⁷ Do original: “1 - Impose Soviet-style *disciplinary procedures* on falsely accused male students; 2 - Curtail *free speech* under the pretext; 3 - Force compliance with *pronoun mandates*; 4 - Mandate schools to allow biological males to participate in *women’s sports*; 5 - Encourage children and youth to *change their gender* without the knowledge of their parents; 6 - Allow schools to become zones of gender indoctrination”.

de estupro e das crianças, descrevendo a população do sexo masculino nos termos de uma minoria oprimida por um sistema judiciário parcial e arbitrário.

A posição esposada pela SAVE, vale pontuar, não pode ser considerada como representativa da perspectiva mantida pela maior parte dos presentes da *LibertyCon*. Em geral, os libertarianos entendem a condição de gênero e orientação sexual como características intrínsecas do indivíduo, devendo ser protegidas contra quaisquer tipos de ingerências da parte do Estado. Porém, a própria aceitação de uma organização como a SAVE no evento parece ser reveladora de como o campo libertariano – apesar dos pedidos de David Boaz para que se repudie qualquer associação com as pautas caras ao trumpismo – ainda apresenta alguma abertura, diante das presentes contingências, aos grupos envolvidos nas trincheiras mais avançadas das chamadas “guerras culturais”.

Em síntese, pode-se compreender o pavilhão de exibição da *LibertyCon* como uma oportunidade para atestar a posição de “zona intermediária” ocupada por organizações *big-tent* como o SFL. Diversos grupos políticos fazem uso de uma plataforma com a visibilidade da *LibertyCon* para avançar e discutir suas agendas, ora disputando uns com os outros por recursos estratégicos (no caso, o capital humano contido nos estudantes), ora encontrando possíveis pontos de contato para colaboração. Em certos momentos, investimentos em pautas específicas parecem demonstrar as áreas prioritárias para poderosos atores, como a construção de uma ponte com o eleitorado latino para a rede dos Koch, às vésperas das eleições de novembro de 2024.

Seria simplista descrever a *LibertyCon*, porém, somente como um meio para a disseminação de uma agenda política predefinida. Apesar dos esforços do SFL de direcionar os debates e “apostar” em certos motes – como “ambientalismo de livre-mercado” e “equidade de permissão” – a entidade parece também estimular assim que o processo competitivo inserido no *marketplace of ideas* determine as tendências mais promissoras. No lugar de uma doutrinação intelectual unilateral, o que parece haver é uma moldura mais maleável, mais apta portanto a incorporar temas e debates os mais diversos – da ansiedade climática à “guerra aos homens” em Yale – e adaptar-se perante às oscilações da conjuntura política. Mais uma vez, premia-se o empreendedorismo intelectual daqueles que conseguem fazer reverberar suas posições políticas junto aos corações e mentes dos participantes.

4.2.3 Os *breakout rooms*

Passando para análise do terceiro eixo da *LibertyCon*, os *breakout rooms* consistiram em atividades paralelas às palestras ocorridas no auditório principal e ao pavilhão de exibição. Entre os painelistas, encontravam-se empresários, acadêmicos, representantes de escritórios de advocacia, líderes comunitários, ativistas, comentaristas políticos, comunicadores, além de representantes do Terceiro Setor. Alguns dos conferencistas eram também figuras associadas ao Partido Libertariano, como Jo Jorgensen e o empresário Spike Cohen, companheiro de chapa de Jorgensen em 2020.

Tal qual a programação principal, os temas abordados nos *breakout rooms* foram variados: da crise da dívida estudantil nos EUA ao combate às mudanças climáticas, do potencial apelo do *Bitcoin* à causa libertariana a um debate sobre a extensão do envolvimento do governo dos EUA na invasão russa à Ucrânia. O painel *Liberty's Dilemma: Fusionism, Culture Wars and Conflicting Principles* (“O dilema da liberdade: fusionismo, guerras culturais e princípios em conflito”), por seu turno, ofereceu mais um exemplo de como a *LibertyCon* funciona como um espaço de discussão interna no movimento libertariano, avaliando a viabilidade e desejabilidade de uma estratégia “fusionista” na contemporaneidade. Sublinha-se ainda a realização de dois painéis a respeito dos temas de moradia e mercado imobiliário – *NIMBYs vs. Backyard Pools* (“NIMBYs x Piscinas no Quintal”) e *Homeowners Don't Know What They Don't Know: Deregulating Housing* (“Proprietários não sabem o que eles não sabem: desregulamentado a habitação”) – bem como outros dois sobre o combate às mudanças climáticas. Trata-se do evento de pré-conferência – o único *workshop* realizado antes mesmo do credenciamento – denominado “Acordo Clima & Liberdade: Ajude a Projetar um Acordo Climático de Mercado Livre Internacional”, e o painel *Pre-Conference: The Climate & Freedom Accord Workshop: Help Design an Int'l Free Market Climate Agreement* (“Clima e liberdade andam juntos: como inverter a situação e salvar o planeta”) (LibertyCon, 2024n).

O evento de pré-conferência, vale mencionar, foi uma atividade interativa de três horas, a qual exigia inscrição à parte. Como informado na descrição do formulário de inscrição, o *workshop* consistiu em uma continuação de uma atividade realizada na edição europeia da *LibertyCon* de 2023. Na ocasião, os participantes foram incitados a conceber um “acordo climático de livre-comércio internacional” (LibertyCon, 2024). O resultado do *brainstorming* produziu o documento *The Climate & Freedom Accord* (“Acordo do clima e liberdade”), cujo teor, segundo o SFL, estaria sendo objeto de estudos de nove *think tanks*. Consoante ao espírito do *workshop* europeu, a atividade realizada na *LibertyCon* 2024 visava reunir proposições

práticas *liberty-based*, em alternativa a legislações voltadas para o combate das mudanças climáticas tidas como “problemáticas” como o Acordo de Paris (2015), o *Inflation Reduction Act* estadunidense (2022) e o *Green Deal* da União Europeia (UE) (LibertyCon, 2024).

Além das sessões mencionadas, houve a realização de painéis ministrados por representantes de outras entidades. Os títulos das sessões, bem como os nomes e cargos dos painelistas, podem ser encontrados na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Breakout Rooms da LibertyCon 2024 ministradas por representantes de organizações e think tanks.

Título	Organização	Conferencista (s)	Cargo (s)
<i>Keeping our Competitive Edge: The Essential Role of Immigrants and International Students</i> (“Mantendo nossa vantagem comparativa: o papel essencial dos imigrantes e dos estudantes internacionais”)	FWD.us	Ali Procopio; Jaime Rangel	Diretora de Educação e Trabalho, Diretor Local de Relações Governamentais
<i>EconoPop Odyssey: Exploring Liberty, Culture, and Economics in Unexpected Places</i> (“Odisseia EconoPop: explorando liberdade, cultura e economia em lugares inesperados”)	Foundation for Economic Education (FEE)	Daphne Posadas	Gerente de Projetos do braço em espanhol da FEE
<i>Enlightened Self-Interest: The Neglected Case for Liberty</i> (“Autointeresse iluminado: o caso negligenciado para a liberdade”)	The Atlas Society	Robert Tracinski	Membro Sênior
<i>LUNCH: Careers in Public Interest Litigation</i> (“ALMOÇO: carreiras no litígio de interesse público”)	Pacific Legal Institute	Rachel Swaffer; Joe Luppino-Esposito; David Deerson	Diretora de Promoção Externa; Diretor Adjunto de Política Jurídica; Advogado
<i>Lunch & Learn: Crafting a Strong Application to the Cato Internship Program</i> (Almoço & Aprenda: preparando uma candidatura forte para o programa de estágios do cato”)	Cato Institute	Conor Fogarty	Gerente do Programa de Estudantes
<i>How to Create a Society of Human Respect Through Insight Discussions</i> (“Como criar uma sociedade de respeito humano por meio de discussões reflexivos”)	Harmony and Prosperity Institute	Jamie Karagatsoulis	Gerente de Projetos
<i>From Clicks to Convos: The Art of Holistic Advocacy</i> (“Dos cliques às conversas: a arte da advocacia holística”)	Foundation for Economic Education (FEE)	Cait Dexter	Colaboradora de Relações Externas
<i>Against Game of Thrones Politics</i> “Contra a política do <i>Game of</i>	Reason	Stephanie Slade	Editores-Sênior da Reason

Thrones”)			
Why Libertarians Take Sociology Seriously (“Porque libertarianos levam a sociologia à sério)	Cato Institute	Paul Meany	Editor de História Intelectual do <i>Libertarianism.org</i>
Organizing A Mass Uprising (“Organizando uma mobilização de massa”)	Action for Liberty	Dale Wooldridge	Fundador

Fonte: Elaboração própria com base nas informações encontradas na programação oficial da *LibertyCon* 2024 e nos perfis dos palestrantes (2024a, 2024b, 2024c, 2024d, 2024e, 2024f, 2024g, 2024h, 2024i, 2024k, 2024l)).

A partir dos títulos dos painéis, é patente a ênfase conferida a atividades direcionadas para formação profissional. Ressaltam-se as sessões oferecidas pelo *Pacific Legal Institute*, escritório de advocacia especializado em casos de litígio público envolvendo “a proteção das liberdades individuais” (Pacific Legal Institute, 2024), e o tutorial oferecido pelo *Cato Institute*, denominado “Almoce & Aprenda: elaborando uma candidatura forte para o programa de estágios do *Cato*”, o qual orientava o passo a passo no processo de candidatura para o tradicional programa de estágios da organização. Na ocasião, os presentes puderam tirar suas dúvidas com Conor Fogerty, gerente dos programas estudantis no *Cato*, sobre o perfil esperado dos candidatos, as principais áreas de atuação, a rotina de trabalho, etc.

Destacam-se ainda aqueles treinamentos voltados para o aprendizado de competências de potencial valia para ativistas, como nas sessões intituladas “Dos cliques às conversas: a arte da advocacia holística”, oferecida pela FEE, e “Organizando uma mobilização de massa”, ministrada por Dale Wooldridge. Na última, o representante da *Action for Liberty* – organização estadunidense criada em 2020 contra os *lockdowns* e políticas de vacinação obrigatória implementados pelos governos estaduais em meio à pandemia de COVID-19 (Action 4 Liberty, 2024) – tratou das táticas de mobilização empregadas pelo movimento dos Direitos Civis nos anos 1960, a fim de compreender a razão do seu ineditismo à época e possível aplicação no contexto contemporâneo. Além disso, as referências ao universo da cultura *pop* no título de dois painéis (o da FEE, uma possível menção à película “2001: Uma Odisseia no Espaço”, de Stanley Kubrick, e o da *Reason* uma menção explícita à popular série televisiva *Game of Thrones*) reforçam um tema recorrente da conferência, de se valer de conhecidas obras da cultura de massa para analogias políticas.

Além dos *breakout rooms* referidos, seis painéis ao longo da *LibertyCon* foram conduzidos exclusivamente por integrantes atuais e/ou *alumni* do SFL. As sessões foram batizadas de: *Backstage Insights* (“*Insights* dos Bastidores”); *Top Students, Top Stories* (“Melhores estudantes, melhores histórias”); *North American Students: Why Students for*

Liberty? (“Estudantes da América do Norte: por que Estudantes pela Liberdade?”); *Local Coordinator Lunch* (“Almoço com os Coordenadores Locais”) e o painel exclusivo *Invitation Only: Fighting Oppression through BTC* (“Somente por Convite: Combatendo a opressão por meio do BTC”). No painel intitulado “Almoço dos Coordenadores Locais” em que estive presente, estudantes do SFL provenientes das mais distintas partes do globo (Índia, Afeganistão, Síria, Venezuela, etc.) relataram como as ferramentas e conhecimentos aprendidos no SFL os ajudaram a levar a cabo projetos distintos, bem como foram valiosos para sua trajetória pessoal e profissional.

Na ocasião, um estudante indiano relatou como os programas de treinamento do SFL ajudaram no processo de preparação para a prova de admissão do corpo diplomático de seu país. Já no painel “Estudantes da América do Norte: por que Estudantes pela Liberdade?”, um participante estadunidense revelou como o apoio da casa editorial do SFL América do Norte – *a Hazlitt House for Journalism and Content Creation* – foi decisivo para a publicação da *LockeSmith*, revista de discussão política criada pelos próprios estudantes participantes do SFL nos EUA. A publicação contou com patrocínios de cerca de 10 entidades do espectro pró-mercado, dentre elas a *Reason Foundation*, a FEE e a *Young Voices*.

Durante as atividades, os participantes também compartilharam um pouco da sua trajetória particular, sobretudo com respeito a seu processo de formação intelectual. Foram frequentes os relatos de estudantes que afirmaram ter enxergado no libertarianismo uma alternativa às correntes políticas *mainstream*. O mesmo jovem indiano citado no parágrafo anterior alegou que o SFL teria sido “as chaves para sair da cadeia” intelectual em que se encontrava até então. Se antes tinham a sensação de ser um “peixe fora d’água”, ao ingressarem no SFL os estudantes relatam ter se sentido enfim pertencentes a uma comunidade. Encontraram, assim, um ambiente propício ao diálogo, à troca de ideias e ao trabalho conjunto com outros estudantes de idade e mentalidades próximas.

Na fala dos jovens conferencistas do SFL, também se fez menção a experiências particulares determinantes durante sua formação política. Entre os três estudantes participantes do painel dedicado à América do Norte, dois deles – inclusive o jovem Steven Yang, que ganharia pouco depois o prêmio de “melhor estudante” de 2023 – citaram a experiência do *lockdown* durante a pandemia do COVID-19 como um fator que desencadeou o interesse por visões políticas críticas à autoridade estatal. Em nenhum momento fez-se menção a qualquer iniciativa local perpetrada por integrantes no SFL de sensibilização a respeito dos riscos do contágio da COVID-19, tampouco no sentido de mobilizar-se em torno dos afetados pela doença. A pandemia, enquanto problema político, parecia somente existir no contexto de

oposição à intervenção estatal no funcionamento da atividade econômica e nas liberdades individuais (Students for Liberty, 2023a).

À luz das suas experiências pessoais, os estudantes pareciam identificar o livre-mercado tanto como uma promessa de crescimento econômico quanto como uma salvaguarda contra grupos e regimes autoritários. No painel “Liderança pela Liberdade”, Ivete Cano, que pouco depois seria agraciada com o prêmio de melhor egressa de 2023, descreve como a grave crise econômica e securitária enfrentada por seu país natal, Honduras, poderia ser enfrentada a partir do fomento ao empreendedorismo e inovação. Na sessão “Almoço com os Coordenadores Locais”, um integrante sírio do SFL, hoje estudante na Alemanha, relatou como observar a ascensão do grupo terrorista *Daesh* (conhecido como Estado Islâmico ou pelo acrônimo em inglês “ISIS”, *Islamic State of Iraq and Syria*) em seu país local o afetou profundamente, levando a se interessar por “ideias pró-liberdade” quando chegou à Europa. Vale notar como o vocabulário político utilizado pelos integrantes do SFL parece traduzir – e em certo sentido, *padronizar* – a descrição de experiências locais as mais diversas: por exemplo, em um dado momento da sessão “Almoço com os Coordenadores”, um dos presentes comparou o *Daesh* à URSS, descritos ambos como expressões da mesma “mentalidade coletivista”.

O perfil dos conferencistas de “Liderança para a Liberdade”, por sua vez, permite aferir como os *alumni* do SFL inserem-se nos mais variados campos profissionais após se “formarem” na entidade. Além da supracitada Ivete Cano, menciona-se o venezuelano Jorge Jraissati, diretor da AFL entre 2021 e 2024, hoje presidente da *Organization for Economic Inclusion* (OEC). Segundo sua página oficial no *LinkedIn* (Jraissati, [2024]), a organização criada em fevereiro de 2024 visa advogar em prol de políticas a favor da bancarização, da ampliação do uso de criptomoedas e reformas para melhoria no “ambiente de negócios”, com foco nos países do Grupo dos 7¹³⁸. Já o estadunidense Kaycee Ikeonu, que conta no seu currículo passagens em uma série de entidades do Terceiro Setor (entre elas, o *Hoover Institute* e o *Cato Institute*), é colaborador da filial em Washington, DC, da consultoria internacional *Global Counsel*, no segmento dedicado à manufatura e comércio (Ikeonu, [2024]).

Na ocasião, também estava presente o brasileiro Fabio Ostermann, que à época da última edição da *LibertyCon* estava cursando um mestrado em administração pública na *Kennedy School of Government*, na Universidade de Harvard¹³⁹. Desde março de 2023, Ostermann é

¹³⁸ Os países-membros do G7 são: Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Itália e Canadá.

¹³⁹ Os estudos de Ostermann em Harvard foram parcialmente custeados pelo Instituto Ling, no âmbito do Programa Start MBA/MPA. Sediado em Porto Alegre e vinculado à família Ling, tradicional aliada da causa liberal no Brasil, o Instituto Ling serve de centro cultural e patrocinador de oportunidades de pós-graduação no exterior (Instituto Ling, 2023).

Secretário Nacional de Assuntos Institucionais e Legais do Partido Novo, além de também ser, desde 2015, professor universitário nas Faculdades Integradas Campos Salles (FICS) (Ostermann, [2024b]).

Deputado estadual entre 2019 e 2023 pelo NOVO, representando seu estado natal, o Rio Grande do Sul, Ostermann é mais conhecido, todavia, como um dos fundadores do Movimento Brasil Livre (MBL), organização que, ao lado do Movimento Vem pra Rua, destacou-se no contexto de mobilização de massa em favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (2011-2016) entre 2014 e 2016. Além disso, ele participou da fundação de uma série de outros grupos organizados para promoção do libertarianismo no Brasil durante o fim dos anos 2000 e começo dos 2010, como o coletivo Livres (a princípio uma tendência do PSL, o Partido Social Liberal), o extinto *Instituto Ordem Livre* e o *Estudantes pela Liberdade* (EPL), entidade criada em 2012 nos moldes do SFL e vinculada à organização estadunidense (Fábio Ostermann, [2024a]).

Durante sua exposição no painel da *LibertyCon*, Ostermann discutiu sua experiência no movimento libertariano brasileiro, destacando alguns elementos, em sua opinião, decisivos para o relativo ascenso das perspectivas pró-mercado no Brasil durante a década de 2010. Em especial, ele definiu como diferencial o que considera ser o caráter diverso e descentralizado do ativismo pró-mercado no país a partir dos anos 2000. Ao abordá-lo após sua fala na *LibertyCon*, Ostermann concordou em ceder entrevista para a presente pesquisa, a respeito do começo das operações no SFL em território brasileiro, assunto abordado na próxima seção.

5 CHEGADA AO BRASIL: A ATUAÇÃO DO SFL EM TERRITÓRIO BRASILEIRO (2012-2022)

A graça não é saber o que acontece. É saber quando e como acontece
Lisbela (Débora Falabella) – *Lisbela e o Prisioneiro* (2003)

Neste capítulo, será descrito e analisado o início das atividades do SFL em território brasileiro, com a formação do chamado *Estudantes pela Liberdade* (EPL) no ano de 2012. Destaca-se a trajetória de alguns personagens de relevo neste processo, sobretudo a respeito de como eles mobilizaram seus vínculos com outras ONGs e *think tanks* no Brasil e no exterior, além de oportunidades acadêmicas e profissionais, para projetar-se politicamente e contribuir para a revitalização do ativismo pró-mercado no país ao final dos anos 2000 e começo dos 2010. Discute-se também como a natureza das relações com a matriz estadunidense alterou-se no decorrer do tempo, em decorrência de uma mudança na orientação estratégica do SFL para o país.

Nas duas últimas seções, discorre-se ainda a respeito dos quadros políticos formados pelos programas de treinamento do SFL ou associados à organização, bem como aos projetos levados a cabo pela entidade para além do programa de coordenadores. Entre as iniciativas, cabe sublinhar aquelas realizadas em parceria com o Poder Público em âmbito municipal e estadual, voltadas seja para promoção de atividades educativas (caso do *Brasil Empreende*) ou para o apoio de processos de regularização fundiária (escopo de atuação do *Regulariza Barroso*).

5.1 O *Estudantes pela Liberdade* (EPL): fundação e primeiras atividades (2012-2016)

De acordo com o relatado por Fábio Ostermann para mim e outros pesquisadores (Gobbi, 2016; Rocha, 2018), a fundação formal do EPL ocorreu durante um seminário estudantil, realizado em Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 2012. Consistindo em uma série de palestras e rodas de conversa destinadas ao público universitário interessado por perspectivas liberais/libertarianas, o encontro foi organizado pelo *Instituto Ordem Livre*, fundado em 2009. A organização teria se originado, por seu turno, a partir de uma plataforma *online* criada pelo *Cato Institute* dois anos antes, com o objetivo de difundir perspectivas pró-mercado em língua

portuguesa¹⁴⁰. De acordo com Gobbi (2016), o seminário do *Ordem Livre* em Petrópolis contou o financiamento da *Atlas Network*.

Antes de adentrar em detalhe quanto à formação do EPL – e no posterior processo de estabelecimento do *Students for Liberty Brasil* (SFL Brasil) – é pertinente retomar alguns precedentes relevantes. Primeiramente, destaca-se como, a partir de meados dos anos 2000, observa-se a ascensão de um tipo de ativismo universitário alinhado a perspectivas pró-mercado, em contraste às correntes predominantes no movimento estudantil brasileiro até então. Como aponta Camila Rocha (2018), após a eclosão do escândalo do Mensalão em 2005, há um processo paulatino de formação de mobilizações à direita em oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT) – mas também contrapostas às direitas estabelecidas no sistema político. Com o passar do tempo, o que eram movimentos dispersos organizados principalmente na esfera digital (com destaque para o *Orkut*) se agruparam em organizações maiores, ganhando repercussão e institucionalidade “para além das redes”, a despeito de suas clivagens internas.

Tal movimento observado no ambiente universitário teria sido concomitante a uma relativa revitalização de centros de pesquisa e *think tanks* dedicados à promoção de perspectivas livre-mercado no Brasil ao longo dos anos 2000. Após um período de refluxo nas atividades observado no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) (1995-2003), haja vista o entendimento de que a plataforma de reformas do tucano já era indicativo de que as ideias “liberais” haviam triunfado, observa-se como, no decorrer do Governo Lula (em particular, a partir do seu segundo mandato), começa a haver um maior incentivo para uma retomada, ainda que precária, nas atividades de institutos pró-mercado no Brasil.

É neste contexto mais abrangente que se pode colocar em perspectiva a trajetória particular do ativista Fábio Ostermann. Proveniente de uma família de classe média de Porto Alegre, ele relatou que a opção pela faculdade de direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) se deveu ao seu desejo de gerar um impacto positivo na realidade brasileira. Inicialmente com simpatias à centro-esquerda, Ostermann teria se inclinado a perspectivas liberalizantes ao longo da graduação, por conta do seu interesse crescente pela área de economia, à qual se dedicava em paralelo ao curso de direito.

Dessa forma, o gaúcho e alguns colegas tomaram a iniciativa de formar um grupo para educação e discussão de ideias liberais, resultando na fundação do *Círculo de Estudos Roberto Campos* (CERC) em 2007. Com caráter interdisciplinar, perpassando as áreas do direito,

¹⁴⁰ Como referido no capítulo 2, o *Ordem Livre* foi também o organizador do “Liberdade na Estrada”, projeto que entre 2009 e 2011 passou por 50 universidades em 30 cidades diferentes do Brasil (Rocha, 2018).

economia e política, as atividades do CERC teriam chegado a reunir cerca de 10 a 30 pessoas, um número considerado razoável em um ambiente universitário onde as perspectivas pró-livre mercado eram minoritárias. Segundo Ostermann, o começo das atividades do CERC teria sido encarado com hostilidade por integrantes da comunidade acadêmica, chegando alguns estudantes a retirarem cartazes divulgando os eventos do grupo. Para o entrevistado, o enfrentamento ao CERC só não foi maior porque o projeto era visto como algo “pitoresco”, não capaz, portanto, de representar uma verdadeira ameaça às tendências políticas mais consolidadas.

Ao se analisar as publicações do *blog* do CERC – ainda hoje no ar, apesar do grupo estar inativo – é possível ter ideia dos tipos de atividades durante o período em seu âmbito. Entre agosto de 2008 e abril de 2010, intervalo de tempo no qual se realizaram as publicações, foram divulgadas convocatórias para reuniões sobre temas específicos, além da realização de mesas pontuais e ciclos de palestras. Entre algumas publicações dignas de nota, está o anúncio de realização do já referido evento “Liberdade na Estrada”, cuja primeira parada foi realizada no *campus* de ciências econômicas da UFRGS, Porto Alegre, no dia 05 de outubro de 2009 (Círculo de Estudos Roberto Campos, 2009b). No *blog* também foram publicados breves textos de opinião de autoria de alguns dos integrantes da entidade, bem como *links* de acesso a documentários e à gravação de uma entrevista feita pelo CERC com Vera Guasso, candidata à prefeitura de Porto Alegre pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) nas eleições municipais de 2008 (Círculo de Estudos Roberto Campos, 2010b).

Era recorrente também o uso do *blog* para divulgação de eventos realizados por entidades parceiras ou institutos de maior relevo. Como alguns exemplos, citam-se o XXII Fórum da Liberdade, evento tradicional do calendário do ativismo libertariano brasileiro, realizado desde 1988 pelo *Instituto de Estudos Empresariais* (IEE)¹⁴¹ (Círculo de Estudos Roberto Campos, 2009c); e o Curso de Formação de Lideranças, oferecido pelo *Instituto Liberdade*¹⁴² (Círculo de Estudos Roberto Campos, 2010a). Além disso, na coluna “Recomendamos”, encontram-se *blogs* de perspectiva política semelhante, além de páginas *online* de *think tanks* e institutos pró-mercado. Dentre eles, citam-se a *Atlas Network*, o *Cato*

¹⁴¹ Fundado em Porto Alegre em 1984 por um grupo de empresários, o IEE tem como objetivo a formação de lideranças no ambiente de negócios. Em sua página oficial, a organização afirma ter inspirado a criação de iniciativas semelhantes Brasil afora, como os *Institutos de Formação de Líderes* (IFLs) e o *Instituto Líderes do Amanhã* (Instituto de Estudos Empresariais, 2024).

¹⁴² O *Instituto Liberdade* é um *think tank* declaradamente sem fins lucrativos, comprometido com a promoção de perspectivas pró-mercado. Fundado em 1986 como filial do *Instituto Liberal* em Porto Alegre, a organização passou a se chamar *Instituto Liberdade* em 2004. Seu fundador e primeiro presidente foi o empresário William Ling, um dos maiores patrocinadores de iniciativas de difusão do neoliberalismo no Brasil (Rocha, 2018).

Institute, a FEE, o *Instituto Liberdade*, o *Instituto Mises Brasil* (IMB)¹⁴³ e o *Students for Liberty* (SFL).

Mais especificamente quanto ao SFL, a entidade encontra-se listada como uma parceira do CERC, ao lado do *Ordem Livre*, do *Instituto Millenium* (IMIL)¹⁴⁴ e de outras duas organizações cujos logos não podem ser mais encontrados no blog. Em publicação de 22 de abril de 2009, de autoria de Fábio Ostermann, afirma-se que o CERC havia se tornado o “primeiro membro internacional a afiliar-se à *Students for Liberty*” (Círculo de Estudos Roberto Campos, 2009a). Ou seja, antes mesmo da fundação formal do EPL, em 2012, a publicação no *blog* sugere que os laços do SFL com grupos no Brasil já haviam se iniciado anos antes.

Após se formar na UFRGS, em 2008, Ostermann afirma ter se afastado das atividades realizadas no âmbito da universidade, mas mantido seu interesse por iniciativas políticas, continuando seu vínculo com o *Instituto Liberdade*. Segundo seu relato, ele “era o único associado que ficava indo lá na biblioteca, pegando livros, tentando agitar eles para fazer alguma coisa”¹⁴⁵. A despeito do pouco êxito dos seus esforços para animar a agenda do instituto, ele considera que, por frequentar o ambiente, sempre era indicado para oportunidades de estudo.

Assim, ele teria ficado a par do *Latin American Leadership Program* (LALP), programa de intercâmbio da Universidade de Georgetown, sediada em Washington, DC, que concede uma bolsa de estudos de seis meses a jovens latino-americanos do setor social, da política e de negócios¹⁴⁶. Segundo seu perfil no *LinkedIn* (Ostermann, [2024b]), durante o ano de 2009 Ostermann foi ainda estagiário da *Atlas Network* (então ainda chamada de *Atlas Economic Research Foundation*) entre maio e agosto de 2009, além de estagiário do *Koch Summer Fellow Program* entre junho e agosto de 2009, o mesmo programa de estágios considerado como o “embrião” do SFL nos EUA.

Foi durante sua estadia nos EUA que Ostermann teria descoberto o trabalho da então recém-criada organização estudantil presidida por McCobin. A iniciativa teria despertado o interesse do gaúcho, por conta do propósito da organização estadunidense de “multiplicar

¹⁴³ Fundado em 2008 como a filial da organização estadunidense, o *Instituto Mises Brasil* (IMB) surgiu com o propósito de disseminar o ideário pró-mercado, mais especificamente a perspectiva representada pela Escola Austríaca, no ambiente intelectual brasileiro, por meio de palestras, traduções, publicações, cursos, etc.

¹⁴⁴ Voltado para a disseminação de perspectivas pró-livre mercado junto ao grande público, o IMIL foi fundado em 2007 por um grupo de executivos, acadêmicos e profissionais liberais. A iniciativa contou com o financiamento do Grupo Abril, Organizações Globo, Grupo Ultra, Gerdau e Grupo Évora (Silveira, 2013, *apud* Rocha, 2018).

¹⁴⁵ Entrevista concedida ao autor em abril de 2024. Todos os trechos de Ostermann citados sem indicação de referência foram retirados desta entrevista. Alguns foram editados para conferir mais fluidez e clareza ao texto.

¹⁴⁶ Segundo seu perfil no *LinkedIn*, também durante o ano de 2009, Ostermann foi estagiário da *Atlas Network* (então chamada *Atlas Economic Research Foundation*) entre maio e agosto de 2009, além de estagiário do *Koch Summer Fellow Program*, o mesmo programa do qual participaram McCobin e colegas da criação do SFL (Ostermann, [2024b]).

experiências como a nossa [do CERC], um grupo de estudos que surgiu em um ambiente hostil.”. Assim, Ostermann narra ter realizado um *benchmarking* – nome em inglês para comparação de processos, métricas e/ou práticas entre duas ou mais organizações – com os fundadores do SFL. Inspirado pela empreitada dos estadunidenses, ao voltar para o Brasil, Ostermann teria proposto a seus colegas ainda participantes do CERC a divisão do grupo em dois braços. O primeiro seria um projeto de extensão universitária, resultando na criação do Núcleo de Extensão em Direito, Economia e Política (NEDEP), ainda hoje ativo. O segundo ramo, por sua vez, seria a criação de uma organização nos moldes do *Students for Liberty* no Brasil, voltada para educação e formação de universitários. Ostermann afirma ter inclusive proposto a tradução do nome para o português (“Estudantes pela Liberdade”)¹⁴⁷.

A despeito da realização de algumas iniciativas – como a elaboração de um manual sobre como formar grupo de estudos – o projeto do EPL não foi adiante em seus primeiros anos. A ocasião para sua retomada, todavia, não tardaria em chegar. Mesmo formado, Ostermann declara ter mantido o interesse por atividades políticas, ainda que tenha se distanciado do movimento estudantil. Foi neste contexto, já como mestrando do curso de ciência política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), que participou do seminário de Petrópolis organizado pelo *Ordem Livre*. Em uma das atividades, os participantes do evento foram divididos em grupos temáticos (acadêmico, estudantil, político, entre outros), para elaboração e sugestão de ideias. Tendo ficado no grupo estudantil, Ostermann apresentou a ideia do EPL para os demais integrantes (Juliano Torres, Mano Ferreira e Pedro Menezes), afirmando, porém, ser preferível que o projeto fosse tocado por universitários¹⁴⁸.

O EPL teve seu lançamento oficial na edição do Fórum da Liberdade de 2012 (Casimiro, 2016), em mais um indício de como, desde sua concepção, a organização se valeu da sua inserção na rede organizacional “pró-mercado” preexistente no Brasil. Após a formação, no seminário de Petrópolis em 2012, o mineiro Juliano Torres, então graduando em publicidade pela Faculdade Pitágoras, tornou-se o primeiro diretor executivo do EPL, ficando Ostermann com o cargo de presidente do conselho consultivo. À época, Torres já apresentava um histórico de envolvimento com o ativismo libertariano brasileiro, tendo sido o primeiro presidente do LIBER (Partido Libertários), legenda partidária fundada em 2007 cujo registro pelo TSE

¹⁴⁷ O relato coincide com as versões fornecidas por Ostermann para trabalhos acadêmicos no passado (Gobbi, 2016; Rocha, 2018).

¹⁴⁸ Há ao menos uma outra versão quanto aos acontecimentos que levaram à criação do EPL, presente em Gobbi (2016). Um dos entrevistados relatou ao pesquisador que a ideia de formação do grupo teria partido de Anthony Ling, filho de William Ling, já referido como criador do *Instituto Liberdade* no Rio Grande do Sul. Ling foi citado como fundador do EPL em reportagens da imprensa (Amaral, 2015; As bases [...], 2017), embora seu nome não tenha sido citado na entrevista feita com Fábio Ostermann.

todavia segue pendente. Torres também foi editor do site “Portal Libertarianismo.com” e autor do *blog* “O Preço do Sistema”, além de colaborador recorrente do Instituto Rothbard Brasil (Casimiro, 2016).

Ao menos pelo que informa Ostermann, o EPL parece surgir mais como uma empreitada inspirada pelo formato de atuação do SFL nos EUA do que como necessariamente um braço da entidade estadunidense no Brasil. Porém, há indícios que indicam uma colaboração mais próxima entre as duas organizações durante o período, a despeito de determinados integrantes do EPL terem buscado esquivar-se de uma associação direta com o SFL no passado. Um dos membros do EPL entrevistados por Gobbi (2016) restringiu o escopo da parceria com o SFL à captação de recursos, negando haver um planejamento estratégico conjunto, ao passo que outro definiu as relações entre os grupos como “informais e indiretas” (Gobbi, 2016, p. 60). Um terceiro entrevistado, por sua vez, relatou que o SFL servia mais como modelo de inspiração para atuação política do EPL, apoiando a organização brasileira somente com recursos financeiros e treinamentos.

Porém, em entrevista concedida à jornalista Mariana Amaral para a *Agência Pública* em 2015, Juliano Torres deixou claro a proximidade do vínculo entre o EPL e o SFL. Coincidindo com o relato de Ostermann, que coloca o início do EPL no seminário do *Ordem Livre* em Petrópolis em 2012, o então presidente do EPL disse: “Ali mesmo [no seminário] a gente fez um rascunho, um planejamento e daí, depois, a gente entrou em contato com a *Students for Liberty* para oficialmente fazer parte da rede” (Amaral, 2015). Na mesma entrevista, Torres ainda relata se reunir com a matriz estadunidense duas vezes por semana. Também comenta que ele e outros então integrantes do EPL participavam anualmente da *LibertyCon* com todas as despesas pagas pelo SFL.

Como outro sinal de colaboração estreita entre as duas entidades, destaca-se a participação de diversos integrantes do EPL nos órgãos executivos do SFL. Juliano Torres e Carlo Rocha integraram o conselho executivo internacional do SFL durante o ano letivo de 2012-2013, tendo Torres feito parte do *staff* da organização a partir do ano seguinte, na função de *Brazilian Program Manager*. A partir de 2013-2014, os brasileiros Guilherme Benezra e Pedro Menezes juntaram-se a Rocha no conselho executivo internacional do SFL, ao passo que Geanluca Lorenzon e Ivanildo Terceiro, também integrantes do EPL, passaram a compor a gestão do SFL nos EUA a partir de 2015.

A parceria entre EPL e SFL também é citada nos relatórios anuais da organização estadunidense. A primeira menção ao EPL, constante no anuário referente ao período letivo 2012-2013, parece reforçar a hipótese que a entidade brasileira surgiu a princípio como um

spin-off do SFL no Brasil, mas foi se tornando progressivamente a representação oficial da ONG de Washington, DC, no país:

O Estudantes Pela Liberdade foi formado por um grupo de estudantes brasileiros no começo de 2012 para replicar o sucesso do *Students for Liberty* nos EUA e na Europa. Durante o ano letivo 2012-2013, o *Students for Liberty* International e o Estudantes pela Liberdade trabalharam em estreita colaboração para integrar as duas organizações com treinamentos de lideranças, planejamento estratégico mútuo e a provisão de recursos para estudantes por todo o Brasil. Para o ano letivo de 2013-2014, Estudantes Pela Liberdade atuará como o braço brasileiro de alcance do *Students for Liberty* - International (Students for Liberty, 2012, p. 23)¹⁴⁹.

Também nas palavras do anuário 2012-2013, em um movimento “similar aos primórdios do SFL nos EUA”¹⁵⁰, o EPL organizou sua primeira conferência nacional, com presença de 150 pessoas, além de três edições regionais, realizadas em Porto Alegre (com 150 participantes); Brasília (80) e Rio de Janeiro (70). No mesmo relatório, Torres se declara como integrante do SFL, afirmando que participar da organização lhe permitiu “fazer a diferença na academia brasileira por meio de argumentos e ações” (Students for Liberty, 2013, p. 24)¹⁵¹. O anuário 2013-2014, por sua vez, destaca a realização da segunda edição da conferência anual do EPL, realizada entre 1º e 3 de setembro de 2013 na cidade de Belo Horizonte, para um público de 280 pessoas. Cita-se, por fim, a organização de três conferências regionais no Brasil naquele ano letivo: uma na região do Sul, com público de 151 pessoas; uma no Sudeste, para 145 pessoas; e outra no Centro-Oeste, que reuniu 50 participantes.

O mesmo documento relata ainda a criação do conselho executivo do EPL, dentro do movimento já descrito de reprodução da estrutura administrativa do SFL para outras partes do globo. Os participantes da primeira formação do conselho executivo foram: Guilherme Benezra (Escola Superior de Propaganda e Marketing); Isabela G. Campos Christo (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais); Pedro Menezes (Universidade de São Paulo); Carla Pereira (Feevale); Carlo Rocha (Georgetown); Daniel Sabba (IBMEC); Juliano Torres (Faculdade Pitágoras); e Felipe Trentin (USP). O mesmo documento frisa a tendência de crescimento do EPL no Brasil: os 147 coordenadores locais relatados no anuário anterior passaram a 291, com a entidade

¹⁴⁹ Do original: “Estudantes Pela Liberdade was formed by a group of Brazilian students in early 2012 to replicate the success of Students for Liberty in the US and Europe. Over the course of the 2012-2013 school year, Students for Liberty-International and Estudantes Pela Liberdade worked closely to integrate the two organizations with leadership trainings, mutual strategic planning, and the provision of resources for students across Brazil. For the 2013-2014 school year, Estudantes Pela Liberdade will serve as the Brazilian outreach arm of Students for Liberty - International.”

¹⁵⁰ Do original: “Similar to the beginnings of SFL in the United States.”

¹⁵¹ Do original: “make a difference in the Brazilian academia through arguments and action.”

chegando a reunir 708 participantes em 5 conferências regionais. Além disso, o EPL congregava 57 grupos de estudos em sua órbita (Students for Liberty, 2015a).

Em relatório trimestral do SFL referente ao outono (do hemisfério Norte) de 2015, encontra-se ainda relato de Marcel van Hattem, à época deputado estadual pelo NOVO no Rio Grande do Sul, em que se explicita mais uma vez o vínculo do EPL com o SFL. Na sua “carta de agradecimento”, van Hattem – que havia sido vereador em sua cidade natal, Dois Irmãos, por um mandato (2005-2009) e candidato à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul nas eleições de 2006 e 2010 – alega que havia perdido o interesse por uma carreira como político profissional. No lugar, optou por viajar aos Países Baixos para realização de um mestrado em ciência política (Students for Liberty, 2015b).

Já na Europa, ele relata ter participado em 2013 da primeira conferência do SFL realizada no continente. Após a insistência de amigos – os quais haviam desenhado um prognóstico animador quanto ao avanço das “ideias da liberdade” no Brasil, graças ao trabalho de organizações como o EPL – Van Hattem decidiu retornar ao Brasil e candidatar-se novamente para a casa parlamentar do Rio Grande do Sul. Ao longo do período eleitoral, integrantes do EPL o convidaram para palestrar em eventos organizados por grupos vinculados ao EPL nas faculdades, bem como colaboraram na campanha oficial de van Hattem (Students for Liberty, 2015b).

Assim como no caso do SFL nos EUA, as parcerias com organizações mais estabelecidas no espectro pró-mercado parecem ter sido determinantes para o êxito do grupo. Em sua fala para a Agência Pública, Torres destacou sua participação nos programas de treinamento da *Atlas Network*, citando especificamente o ATT MBA (curso voltado para a criação de *think tanks* citado no segundo capítulo). Ele afirmou também recomendar para “todas as pessoas que trabalham em posições de mais responsabilidade que passem pelos treinamentos da *Atlas* também” (Amaral, 2015). Fábio Ostermann, além de estagiário na *Atlas*, também foi outro envolvido na fundação do EPL a participar do ATT MBA (Araldi, 2021; Ostermann, [2024b]).

Quanto à estrutura organizacional do EPL – apresentada em seu sítio eletrônico original, atualmente indisponível – a entidade era composta, além do conselho executivo, por um time de gestão e conselhos regionais, estaduais e locais (Casimiro, 2016). A estruturação em torno dos níveis hierárquicos “regional, estadual e local” espelha as gradações do *Programa de Coordenadores do Estudantes pela Liberdade*, programa o qual, tal como o *Campus Coordinator Program* do SFL estadunidense, visava a formação de lideranças estudantis.

Os coordenadores locais, no primeiro nível, seriam os estudantes responsáveis pela organização de atividades em seus respectivos *campi*. Neste sistema, a trajetória do estudante opera a partir de um sistema de *gamificação*: a cada atividade levada a cabo pelo coordenador (seja organizar uma palestra, um grupo de estudos, uma transmissão ao vivo no *Youtube*, etc.) ele é premiado com um determinado número de pontos. Caso o participante opte por continuar a “progressão de carreira”, ele pode galgar posições até chegar à posição de coordenador estadual, tornando-se responsável por gerenciar as atividades dos coordenadores locais em determinada unidade da federação. Por fim, os coordenadores regionais estariam a cargo, como o próprio nome sinaliza, das operações do SFL na região geográfica sob sua responsabilidade (Casimiro, 2016).

Além do programa de coordenadores, em 2016 o EPL lançou ainda outra frente de atuação: o Programa de Grupos. O projeto visava a promoção de grupos de estudos voltados para discussão e promoção de perspectivas pró-mercado nas universidades, conferindo uma série de recursos como encontros regulares e acesso a oportunidades de *grants* (Casimiro, 2016). Quanto a assuntos financeiros, novamente se destacam as parcerias firmadas com organizações terceiras. Segundo a matéria da Agência Pública (Amaral, 2015), o orçamento previsto para 2015 chegava na casa dos R\$300 mil.

Na reportagem, Juliano Torres trata com franqueza a evolução orçamentária do EPL:

No primeiro ano, a gente teve mais ou menos R\$8 mil, o segundo foi para R\$20 e poucos mil, de 2014 para 2015 cresceu bastante. A gente recebe de outras organizações externas também, como a *Atlas*. A *Atlas*, junto com a *Students for Liberty*, são nossos principais doadores. No Brasil, as principais organizações doadoras são a Friederich Naumann, que é uma organização alemã, que não são autorizados a doar dinheiro, mas pagam despesas para a gente. Então houve um encontro no Sul e no Sudeste, em Porto Alegre e Belo Horizonte. Eles alugaram o hotel, a hospedagem, pagaram a sala do evento, o almoço e o jantar. E tem alguns doadores individuais que fazem doação para a gente (Amaral, 2015).

Não foi possível encontrar uma cópia do relatório da única auditoria de finanças feita pelo EPL, no ano de 2016, pela empresa *Tax Services* (“EPL não virou STF Brasil” [...], 2016). Algumas informações do documento são relatadas, contudo, em artigo escrito por João Elter Borges Miranda (2020) para a revista *Sobre Ontens*. Conforme relata o autor, em 2014 o EPL recebeu R\$57.465,72 referentes a resgates de aplicação financeira, ao passo que o valor de R\$117.628,74 foi recebido em doações. Deste montante, R\$56.872,35 vieram da *Atlas Network*, ao passo que R\$9.000,00 foram provenientes do Instituto Friedrich Naumann. No ano de 2015, as receitas do EPL atingem a casa dos R\$ 263.970,43 em doações e contribuições, dos quais R\$ 7.500,00 foram doados por William Ling, R\$ 15.000,00 da companhia Suzano Papel e Celulose

S.A., R\$128.307,81 da *Atlas Network*, além de R\$58.515,85 do *Students for Liberty* (Elter Borges Miranda, 2020).

Desse modo, como Juliano Torres relata e as informações obtidas por Borges Miranda atestam, o EPL registrou um aumento significativo no valor arrecadado de doações entre 2014 e 2015. O período coincide com uma conjuntura política convulsionada, marcada pelos protestos de massa ocorridos em favor do *impeachment* da então presidente petista Dilma Rousseff. Integrantes do EPL desempenharam papel significativo nas mobilizações, ainda que não tenham se juntado aos atos como representantes da organização, mas sim sob a bandeira de outra “pessoa jurídica”. Trata-se do chamado *Movimento Brasil Livre* (MBL), que, ao lado do *Vem pra Rua*, se tornaria uma das principais entidades envolvidas na organização e convocação para os protestos contra a petista.

5.1.1 As relações entre SFL, EPL e MBL (2013-2015)

De acordo com Fábio Ostermann, a ideia para formar o MBL teria surgido após as Jornadas de Junho de 2013, cuja eclosão é usualmente localizada nos protestos conduzidos pelo *Movimento Passe Livre* (MPL) contra o aumento no valor das passagens de ônibus na cidade de São Paulo. Consonante a mobilizações ocorridas entre 2011-2014 em outras partes do globo – o já citado OWS nos EUA; os protestos contra Erdogan na Turquia; a Primavera Árabe; o Dezembro Grego; o 15-M espanhol, etc. – as Jornadas de Junho de 2013 tiveram como característica a presença coadjuvante de organizações de massa tradicionais (como partidos, sindicatos e associações de classe), diante da ascensão de novas formas de organização e resistência política. As pautas levantadas pelos movimentos de Junho acabaram por expandir-se para além da questão original da mobilidade, abarcando um ataque ao encastelamento da classe política profissional e à precariedade das condições e formas de vida nos grandes centros urbanos (Nunes, 2022).

Com a ebulição de junho chamuscando a harmonia social característica dos anos áureos do petismo, Ostermann diz ter enxergado uma oportunidade para o reposicionamento do movimento libertariano no Brasil. Em suas palavras:

Vendo aquilo tudo [as Jornadas de Junho], a gente viu uma oportunidade de levar as nossas ideias, propostas e soluções de problemas da mobilidade urbana para milhares de pessoas, e eu dei a ideia de a gente participar daquelas manifestações. Fui nas primeiras manifestações como observador, porque sempre me interessei em entender esse tipo de movimento, tinha sempre comigo também esse lado de cientista social de tentar entender o que estava acontecendo, por mais que já tivesse bastante envolvido

com alguma tentativa de transformação, ainda que não tão diretamente. Falei com algumas pessoas que eram do EPL: “vamos começar a se organizar para ir nas manifestações, vamos levar algumas propostas liberais”. Rascunhei algumas propostas, algumas ideias, e falei: “só que olha só, acho que não faz sentido a gente ir como EPL, né, vamos criar uma outra organização e tal, pra não desviar [o foco]”. Eu não estava à frente do EPL, não podia eu estar liderando [com] esse propósito, e achei que era algo que eu poderia liderar. Daí dei a ideia da gente criar um Movimento chamado Movimento Brasil Livre em 2013. Um amigo fez logo, eu criei todas as redes sociais, fizemos um panfleto com propostas e etc., e chamamos pessoas nas nossas redes, no *Facebook*, que quisessem participar de manifestações, falando que a gente estava criando um movimento, e tal, pra levar propostas liberais pra mobilidade, fim de regulamentações que limitasse a competição, revisão de isenções, aproveitamento de espaços para a publicidade enfim, medidas práticas que a gente via como alternativas muito melhores que o “quebra-quebra” que nossas contrapartes de esquerda estavam promovendo.

Desse modo, aponta-se como objetivo inicial do MBL disputar espaço entre a juventude que engrossava os atos de 2013, em especial quanto à temática de mobilidade e planejamento urbano. A versão de Ostermann sobre os acontecimentos se assemelha à dada por Juliano Torres, à época presidente do EPL, em entrevista concedida à jornalista Marina Amaral (2015) para a Agência Pública. Na reportagem, porém, Torres destaca como a decisão de criar o MBL também foi informada por conta das limitações ao tipo de atividades que poderiam ser levadas a cabo pelo EPL, uma vez que o status jurídico do SFL nos EUA proíbe seu envolvimento em atividades políticas:

Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do *Estudantes pela Liberdade* queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a *Atlas* e a *Students for Liberty*, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: “Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas”. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook (Amaral, 2015).

Com a “marca” do MBL criada, Ostermann relata que integrantes do EPL teriam comparecido a atos em São Paulo, Recife e Porto Alegre, já quando as pautas levantadas pelos protestos há muito tinham deixado de se limitar ao aumento das passagens de ônibus. Em sua avaliação, Ostermann afirma que a participação do MBL nos protestos da capital gaúcha foi a “mais bem-organizada”. Os motivos teriam sido, segundo ele, o acionamento dos relacionamentos previamente estabelecidos no âmbito do CERC, além do seu envolvimento com o IEE, organização na qual chegou a desempenhar o cargo de diretor. A seu ver, já havia em Porto Alegre o histórico de uma “rede que vinha retroalimentando o envolvimento das pessoas”.

Em paralelo, Ostermann relata ter sido convidado pelo empresário João Amoêdo, a quem conheceu durante a elaboração da dissertação de mestrado, a fim de criar a fundação do núcleo da legenda (à época em formação) no Rio Grande do Sul. Ao longo do segundo semestre de 2013, com o arrefecimento no vigor das mobilizações, as iniciativas no âmbito da marca MBL também declinaram. Após um período de hibernação, o MBL seria “reativado” após a derrota de Aécio Neves (PSDB) para a candidata à reeleição, Dilma Rousseff, nas eleições presidenciais de 2014. À época, Ostermann trabalhava como um dos coordenadores da campanha para deputado estadual de Marcel Van Hattem, seu amigo de faculdade. Durante o período eleitoral, aproximou-se de Renan Santos e Kim Kataguirí, dois dos nomes que viriam a se tornar figuras de proa do MBL. Santos e Kataguirí, que conheceram o trabalho do gaúcho como “divulgador liberal” por meio da internet, participavam por sua vez da campanha do candidato a deputado estadual Paulo Batista, do Partido Republicano Progressista (PRP), que se tornaria famoso pelo slogan do “raio privatizador” (Azevedo, 2016).

A despeito da repercussão nas redes sociais, Batista não se elegeu, ao passo que Van Hattem atingiu aproximadamente 35 mil votos, número suficiente para alcançar a suplência. Ostermann relata que, após a divulgação dos resultados do primeiro turno, todos os esforços do ativismo libertariano, até então pulverizados em várias campanhas, unificaram-se para impedir a reeleição de Rousseff. As expectativas para derrota da petista estavam altas. Depois de um desempenho pífio durante a campanha eleitoral, o tucano Aécio Neves conseguiu um desempenho acima do esperado no primeiro turno, disparando nas pesquisas de intenção de voto e ficando empatado na margem de erro com a então mandatária (Limongi, 2023).

O anúncio da vitória de Rousseff, naquele que seria o pleito presidencial mais disputado desde a redemocratização (até aquele momento), abalou, portanto, a moral dos ativistas do espectro pró-mercado. Neste contexto, Ostermann relata ter proposto a revitalização do MBL para seus parceiros de ativismo. O relato do gaúcho coincide com o fornecido por Paulo Batista à Camila Rocha (2018), no qual ele afirma que os ativistas organizados em torno da sua campanha coalesceram em torno da marca MBL. Por Ostermann:

O Renan & Cia [em referência ao grupo de Renan Santos] começaram a entrar em uma loucura de querer fazer movimento separatista, de São Paulo se separar do resto do Brasil. Fizeram evento no *Facebook* falando que se Dilma assumir, se a Dilma ficar, SP sai... etc. Eu falei “cara, bobagem, velho! que papo é esse! [...] Vamos dar um fim produtivo à nossa indignação”, mais ou menos como eu fiz com o EPL dois anos antes. Eu falei assim pra eles: “ó, cria esse movimento aqui, que tá ali, tem uma rede social, temos uma base, tem um nome, temos a identidade, e a gente precisava usar para algum fim produtivo. O que vocês acham da gente chamar para algumas manifestações, enfim, vamos vendo como a coisa vai. Não tenho muita experiência nesse negócio de organizar manifestação, mas vamos se organizando, enfim, vocês de

São Paulo, eu aqui de Porto Alegre, daqui a pouco a gente começa a atrair outras pessoas”. E aí a gente foi. Fizemos uma manifestações pequenas, até que chamamos para uma grande manifestação dia 15 de março de 2015, e ali que a coisa tomou outra dimensão.

No já referido relatório trimestral do SFL de 2015, os protestos contra Dilma Rousseff são tema de destaque, com imagens dos manifestantes chegando até a figurar na capa do documento (Gobbi, 2016). Alexander McCobin, então presidente do SFL, concede boa parte do espaço da sua “carta de abertura” para tratar dos protestos, cujas repercussões demonstrariam, a seu ver, que “a visão nacional e internacional do *Students for Liberty* está se tornando mais clara”¹⁵². Em outro trecho do relatório, descreve-se o EPL como “tornou-se um dos faróis de esperança mais luminosos [da rede]” (Students for Liberty, 2015b)¹⁵³.

Na seção reservada à cobertura dos acontecimentos no Brasil, destacam-se os números expressivos alcançados pela operação do EPL no país: 3.000 participantes em seus eventos, 600 coordenadores treinados, além de computar aproximadamente 100 grupos de estudo no entorno da sua rede (Students for Liberty, 2015b). O texto menciona ainda a realização de mais uma edição do “Liberdade na Estrada”, intitulada: “Verdades que seus professores não contam para você”, congregando 221 presentes. O subtítulo assemelha-se ao tom adotado pelo SFL nos EUA, que procura representar o liberalismo como uma perspectiva contestatória à autoridade dos professores universitários. Outros eventos organizados pelo EPL lembrados foram a Conferência Nacional – realizada em outubro de 2015 e cujo público total teria chegado a 550 pessoas – além da Semana Global de Empreendedorismo, ocasião na qual empreendedores libertarianos compartilham suas trajetórias profissionais para estudantes da graduação, iniciativa que realizou atividades em 16 universidades.

No caso da Conferência Nacional brasileira, ressalta-se que o SFL organizou uma série de viagens para que integrantes da sua rede nos EUA e na Europa pudessem participar do evento. O formato da iniciativa, considerado bem-sucedido, seria replicado na conferência do SFL europeu, prevista para ocorrer em Praga entre 11 e 13 de março de 2016. Durante a estadia de quatro dias, os estudantes vindos do exterior se reuniram com lideranças estudantis, jornalistas, políticos e intelectuais do ativismo libertariano brasileiro, além de participaram de um tour turístico pela cidade de São Paulo, sede daquela edição.

Nas palavras do SFL, os membros do EPL garantiram na ocasião “uma recepção calorosa” a seus colegas estrangeiros, bem como teriam oferecido um verdadeiro “curso

¹⁵² Do original: “Students for Liberty’s national and international vision is coming into focus”.

¹⁵³ Do original: “has become one of the strongest shining beacons of hope”.

intensivo” sobre política brasileira durante o período. O trecho a seguir deixa claro como o SFL reivindicava o trabalho do EPL para si:

O trabalho do SFL no Brasil demonstra o quão bem-sucedida nossa estratégia de mudança social pode se tornar, já que o EPL desenvolveu destacados jornalistas, políticos, empresários, acadêmicos e líderes da sociedade civil (Students for Liberty, 2015b, p. 8)¹⁵⁴.

No mesmo documento, afirma-se ainda que o número de coordenadores no Brasil representava à época cerca de metade dos voluntários do SFL no mundo todo (Students for Liberty, 2015b). A relevância do Brasil no conjunto das atividades do SFL é sublinhada também por Juliano Torres, que à época observou o fato do EPL contar com mais coordenadores atuantes do que qualquer braço do SFL, a despeito do menor tempo de operação da organização brasileira (Amaral, 2015). O relatório do SFL também frisa a projeção do perfil de Kim Kataguirí na cena política brasileira no período, mencionando sua inclusão na lista da Forbes dos “30 adolescentes mais influentes” de 2015. O texto continua:

Enquanto o EPL não está envolvido em nenhuma atividade política, nós nos orgulhamos de ver que um egresso do EPL tornou-se ativo no palco político nacional e demonstrou a diferença que os jovens podem fazer se eles trabalharem para tanto (Students for Liberty, 2015b, p. 8)¹⁵⁵.

Ao mencionar que o EPL “não está envolvido em nenhuma atividade política”, nota-se o esforço da entidade em enfatizar a separação de atividades entre EPL e MBL, em revelação, novamente, da preocupação do SFL com a manutenção do seu status jurídico nos EUA. O relatório trimestral de outono de 2015 é, até onde a pesquisa foi capaz de sondar, o único documento oficial do SFL em que se refere a Kim Kataguirí como um *EPL alum* (Students for Liberty, 2015b, p. 8). O envolvimento de Kataguirí no EPL, mais difícil de rastrear se comparado à sua participação de relevo no MBL, é citado todavia em outras ocasiões, como em artigo online da *Atlas Network*, datado de 1º de abril de 2015 (Students [...], 2015)¹⁵⁶. Sobre o tema, Juliano Torres afirmou, na entrevista para a Agência Pública:

¹⁵⁴ Do original: “SFL’s work in Brazil shows how successful our strategy of social change can become, as EPL has already incubated leading journalists, politicians, entrepreneurs, academics, and civil society leaders.”

¹⁵⁵ Do original: “While EPL is not involved in any political activity, we are proud to see an EPL alum become active on the national political stage and show what a difference young people can make if they work for it”.

¹⁵⁶ No mesmo artigo, também se comenta a respeito da participação de integrantes do MBL no principal programa de treinamento da *Atlas*, o *Atlas Leadership Academy*, embora não se cite nomes (Students [...], 2015).

E aí a gente encontrou o Kim [Kataguirí] e o Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento [MBL] com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. *Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também.* E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança. O Kim, inclusive, vai participar agora de um torneio de pôquer filantrópico que o *Students for Liberty* organiza em Nova York para arrecadar recursos. Ele vai ser um palestrante. E também na conferência internacional em fevereiro, ele vai ser palestrante (Amaral, 2015, grifos nossos).

Apesar de ter rompido com o MBL em 2015, Ostermann avalia como positivo o papel desempenhado pela organização à época dos protestos contra Rousseff. Em especial de acordo com sua interpretação, por ter garantido que o “*mainstream* das manifestações se mantivesse no campo democrático”, ao empunhar a bandeira do *impeachment*, em contraste a outros movimentos que bradavam em favor da intervenção militar. A fala pode ser demonstrativa de certa tensão existente entre os diversos grupos do espectro direitista à época, os quais, a despeito de unirem-se em torno da oposição à presidente, apresentavam discordâncias programáticas significativas entre si.

Até o presente momento, permanece em discussão em que medida a “oposição extrainstitucional” (Nobre, 2022) composta, entre outros públicos, por movimentos organizados como o MBL foi determinante para a queda de Rousseff em 2016 (Limongi, 2023). Para os fins da presente dissertação, procurou-se, contudo, somente demonstrar os vínculos existentes entre o SFL “estadunidense”, o EPL “brasileiro” e o MBL. Posto isso, avança-se na descrição da trajetória do SFL no Brasil ao longo dos anos 2010, em particular quanto à conversão do EPL em *Students for Liberty Brasil* (SFL Brasil), ocorrida em 2016, bem como aos outros projetos levados a cabo pelo SFL Brasil no país a partir deste período.

5.2 De “Estudantes pela Liberdade” a *Students for Liberty Brasil* (SFL Brasil) (2016-2018): rachas e reorientação estratégica

Como se observou, ao menos até a publicação do relatório trimestral de outono de 2015, o SFL e o EPL mantinham relações estreitas, com a organização estadunidense referindo-se à brasileira como seu braço local. Porém, em contraste às outras denominações regionais do SFL, pode-se considerar que o EPL surgiu com uma relativa autonomia frente à matriz estadunidense. O próprio SFL, em seu relatório 2012-2013, reconhece que foram “estudantes brasileiros” que entraram em contato para formar uma organização similar em seu país natal. Em nenhum momento se faz referência à criação do EPL como um trabalho conduzido pela iniciativa do *Charter Teams*, divisão do SFL à época incumbida de prospectar aliados pelo globo e preparar terreno para desbravar novas regiões.

Tal dado, por si só, já pode ser considerado relevante. Ao contrário do continente africano, por exemplo, em que se pode observar um investimento maciço do SFL e de organizações parceiras como a *Atlas Network* nos anos 2000 e começo dos 2010 para distribuir livros, formar ativistas e criar novas organizações, no caso brasileiro já havia uma rede de ativismo libertariano formada, a qual, mesmo incipiente, já em alguma medida organizava-se na esfera digital e em instituições locais, vinculadas a *think tanks* e fundações no exterior. Utilizando o vocabulário de Dezalay e Garth (2002), pode-se considerar que no Brasil já havia uma demanda de importação pela *expertise* política mobilizada por entidades como o SFL, ao passo que em outras regiões não estavam postas ainda as condições para que o “mercado de *expertise* política” sequer existisse.

A partir de 2016, porém, observa-se uma mudança nas relações entre SFL e o EPL, ocorrida após um racha ocorrido entre dois integrantes da entidade brasileira, Carlo Rocha e Juliano Torres. Rocha, na ocasião integrante do conselho executivo nacional tanto do EPL como do internacional do SFL, acusou Torres de desviar recursos do EPL durante seu período à frente da organização. Foi após as acusações que Torres e Débora Gois Torres, então diretora de captações e operações da entidade e companheira de Juliano, realizaram a auditoria externa referida por Borges Miranda em seu artigo (2020).

Juliano Torres comentou publicamente sobre o caso, em texto publicado na sua conta pessoal no *Facebook*. A publicação encontra-se também fora do ar, mas foi reproduzida na íntegra em reportagem ainda disponível do periódico online *Boletim da Liberdade* (“EPL não virou STF Brasil” [...], 2016). Se, em sua entrevista para a *Pública* (2015) um ano antes, Torres expressava sem reservas a vinculação do EPL com o SFL, em sua publicação no *Facebook* ele

procurou desvencilhar completamente a entidade que presidia da marca SFL Brasil, adotada a partir de 2016 pela organização estadunidense para designar suas operações no país:

Antes de qualquer coisa, o EPL gostaria de deixar claro que não virou SFL Brasil, ou seja, o EPL continua como uma organização independente e forte, cuidando dos interesses do movimento liberal no Brasil, e seguindo sua missão com esmero e respeito, como faz há 5 anos, apesar dos contratemplos (“EPL não virou STF Brasil” [...], 2016).

Em seu relato, é sugerido que o SFL havia se lançado em uma tomada de controle hostil do EPL, entidade que, até então, tinha lhe servido de representação oficial no território brasileiro. Torres alega que:

Após o recebimento da denúncia [de má-gestão dos recursos do EPL], seguida de constantes atos contrários a princípios jurídicos básicos da ampla defesa e contraditório, como a retirada do acesso aos emails da diretoria, difamação pública e tentativas mil de sabotagem, o EPL visando encerrar este conflito de forma amigável e não combativa, imediatamente contratou uma auditoria externa e uma equipe de advogados para averiguar possíveis problemas. A auditoria ficará pronta e será divulgada em aproximadamente duas semanas, e os pareceres jurídicos são contundentes ao afirmar que as denúncias não procedem; não houve má gestão ou qualquer atitude ilegal.

Algo que poderia ter sido resolvido amigavelmente, virou uma execução em praça pública, e uma verdadeira tentativa de assassinato de reputação dos diretores do EPL e da própria organização.

Os emails do EPL foram bloqueados, as mídias sociais alteradas, e o site constantemente vítima de tentativas de tomada. A equipe foi ameaçada e desrespeitada, arquivos pessoais dos funcionários e banco de dados oficial do EPL foram deletados, houve pedido para que a equipe não trabalhasse no escritório, mas na casa de um funcionário do SFL, e finalmente, tomaram a página oficial da organização (“EPL não virou STF Brasil” [...], 2016).

Diante das ações do SFL, Torres afirma no texto que estaria tomando as medidas judiciais cabíveis para que o EPL pudesse reaver o controle dos seus endereços eletrônicos, bem como para punir os responsáveis pelos ilícitos alegados. Próximo da conclusão, ele afirma que “se o SFL deseja ter operações no Brasil, que o faça por mérito próprio, e não pela tentativa de difamar e usurpar o trabalho alheio” (“EPL não virou STF Brasil” [...], 2016). Novamente, observa-se a tentativa de dissociar o EPL com relação à organização estadunidense, desconsiderando a vasta e documentada colaboração entre as entidades ao longo dos anos anteriores.

Débora Gois Torres também se pronunciou sobre o caso, valendo-se, assim como seu parceiro, de uma nota publicada no *Facebook*. A publicação foi posteriormente excluída, porém alguns de seus trechos foram reproduzidos no artigo de Borges Miranda (2020). Segundo o relato da então diretora do EPL, no dia 16 de outubro de 2016, Carlo Rocha e o então novo

presidente do SFL internacional, Wolf Von Laer, teriam entrado em contato com Torres para comunicar sua destituição do cargo de Diretor Executivo do EPL, após afirmarem estarem de posse de provas que comprovariam as acusações de má-gestão contra Torres. Débora Gois Torres alega ainda que Rocha teria solicitado a ela e seu parceiro que assinassem ainda um termo no qual deveriam assumir responsabilidade pelos alegados delitos, “além de não poder ajuizar ações trabalhistas contra a organização e não poder mais atuar na área, ou seja, não poderiam criar uma organização concorrente” (Torres, 2016, *apud* Miranda, 2020).

Após o afastamento de Juliano e Débora Torres de suas funções no EPL, Carlo Rocha protocolou uma ação judicial, solicitando a exclusão de Juliano como associado ao EPL, em vista das mencionadas acusações má-gestão do caixa da organização. Torres respondeu por sua vez com um processo judicial pedindo a exclusão de Rocha como associado do EPL. De acordo com o relato de Borges Miranda (2020), em 06 de março de 2018 julgaram-se improcedentes tanto as acusações levantadas contra Torres, decidindo-se contra o pedido de exclusão levantado por Rocha, quanto o pedido movido por Torres contra Rocha. Torres chegou a entrar com um recurso para rever a decisão; porém, após uma tentativa de marcar uma audiência de conciliação¹⁵⁷, o caso foi arquivado por ausência de manifestação de ambas as partes (Miranda, 2020).

Em paralelo, a marca “SFL Brasil” é lançada pelo SFL internacional, que realiza o processo de *rebranding* em todos os sítios eletrônicos e páginas da entidade nas redes sociais. A partir de 2017, quaisquer menções à sigla EPL ou a “Estudantes pela Liberdade” desaparecem dos documentos e peças de divulgação do SFL, bem como referências ao EPL em publicações de organizações parceiras, como a *Atlas Network* (Miranda, 2020). Ao que consta, houve uma coexistência durante um breve período entre o SFL Brasil e o EPL – o primeiro já oficialmente como a representação do SFL no Brasil, ao passo que o último seguindo a ser liderado por Juliano Torres. Impedido de utilizar o domínio antigo, o EPL lançou um novo sítio eletrônico ao final de 2016, em que reforçou a ambição de continuar com suas operações paralelamente ao SFL Brasil.

Em reportagem da Gazeta do Povo (Müller, 2017) a respeito do EPL, publicada em 22 de junho de 2017, cita-se que a organização mantinha à época 11 funcionários em seu escritório principal, localizado em Belo Horizonte, envolvendo ao menos 3.300 alunos em suas atividades. Entrevistada pela matéria, Débora Gois Torres, ainda na fundação de diretora de

¹⁵⁷ No relato de Borges Miranda (2020), não fica claro todavia qual parte do processo entrou com o pedido de audiência de conciliação. As informações do andamento do processo judicial, obtidas pelo autor no site *Jusbrasil*, não se encontram mais disponíveis para o público geral.

captações e operações do EPL, descreve o que soa como um reposicionamento do propósito da entidade: “O EPL já foi uma organização de estudantes para estudantes. Hoje, somos uma organização profissional que desenvolve produtos e programas para eles” (Müller, 2017). Consoantes ao objetivo de fornecer uma plataforma para a profissionalização de ativistas, Débora cita uma série de projetos planejados pelo EPL, como o Festival da Liberdade, evento cujo formato é similar ao das conferências nacionais realizadas até então pelo EPL, e o *EPLX*, inspirado no modelo das *TEDTalks* e do Liberdade na Estrada.

Na matéria, Débora afirmou que o EPL buscava ainda consolidar-se como uma alternativa à União Nacional dos Estudantes (UNE) na confecção e venda de carteiras de identificação estudantil. Nas suas palavras: “Queremos acabar com o monopólio [da UNE] oferecendo uma opção. Ao contrário da UNE, não temos vínculos partidários e não queremos ter” (Müller, 2017). Na mesma reportagem, Débora negou qualquer laço financeiro do EPL, quer seja com o SFL, quer seja com qualquer outro *think tank* ou fundação estrangeira, afirmando somente que os treinamentos da *Atlas Network* serviam de inspiração às atividades do EPL. A matéria do *Gazeta do Povo* também faz referência ao “racha” que teria havido entre EPL e SFL Brasil, os designando como organizações diferentes, além de também mencionar os vínculos existentes entre o EPL e o MBL.

Os representantes do MBL, porém, procuraram os autores da matéria para apresentar sua versão dos fatos, minimizando os laços entre as organizações. De acordo com a versão do MBL, eles somente fizeram uso de uma página no *Facebook* criada pelo EPL, à época abandonada, para divulgar as manifestações contra Dilma Rousseff. “Acaba aí a relação do MBL com o EPL. O EPL jamais participou da organização de qualquer ação do MBL”, diz trecho do comunicado do MBL reproduzido no *Gazeta do Povo* (Müller, 2017). A decisão do MBL em responder à reportagem do *Gazeta do Povo* – algo não observado em matérias anteriores, como a da Agência Pública (Amaral, 2015) – pode ser entendida como uma tentativa à época de distanciar-se publicamente da imagem da organização comandada por Juliano Torres.

Não há indícios de que quaisquer dos projetos planejados pelo EPL citados na *Gazeta do Povo* (Müller, 2017) tenham saído do papel nos anos seguintes. Somente um dos programas pensados para 2017, o *Academia da Liberdade*, o qual não foi mencionado na reportagem, chegou a ser lançado naquele ano. O *Academia da Liberdade* visava ser uma plataforma *online* de treinamentos para estudantes; pelo seu endereço eletrônico, pode-se encontrar os temas dos cursos disponibilizados. Entre eles, “Introdução à Escola Austríaca” (em parceria com a *The Future of Freedom Foundation*); “Introdução ao Objetivismo”; “Finanças Internacionais”;

“Economia da Mídia”, oferecidos em parceria com a *Miami Regional University* (MRU), instituição privada de ensino sediada em Palm Springs, EUA (Estudantes pela Liberdade, 2024). Cita-se ainda o curso “*Boom & Busts*”, a respeito da teoria austríaca sobre ciclos econômicos, o qual, segundo publicação na página oficial do X (então *Twitter*) do EPL, datada de 20 de novembro de 2017, seria fruto de uma parceria com a organização estadunidense FEE (Estudantes pela Liberdade, 2017).

A página do *Academia da Liberdade* é o único endereço eletrônico vinculado ao EPL ainda no ar – tudo o que sabe quanto ao que constava nos demais só é possível graças às informações colhidas por trabalhos acadêmicos no passado (Casimiro, 2016; Gobbi, 2016; Rocha, 2018; Miranda, 2020). Quanto aos perfis em redes sociais, não há mais página do EPL no *Facebook*, ao passo que as últimas publicações no *Instagram* e no X¹⁵⁸ datam, respectivamente, de 22 de agosto de 2017 e 09 de março de 2018. No caso do X, a publicação fazia menção à decisão da justiça que inocentou Juliano Torres das acusações de desvio de recursos do caixa do EPL (Estudantes pela Liberdade, 2018).

No perfil pessoal de Torres no *LinkedIn*, consta em sua trajetória profissional o período como presidente do EPL entre fevereiro de 2012 e dezembro de 2018. Também há menção ao seu período como *Brazilian Programs Director* no SFL, entre janeiro de 2014 e outubro de 2016¹⁵⁹. Nota-se, contudo, como as informações são dispostas em seu perfil como se fossem de organizações distintas, reforçando a ideia de que havia algum grau de separação entre elas à época em que Torres liderava o EPL (Torres, [2024]).

Não há indícios que apontem uma operação independente do EPL, em paralelo ao SFL, após meados de 2017. Após a deposição de Juliano Torres, Fernando Henrique Miranda assumiu a posição de diretor executivo do SFL Brasil em novembro de 2016, ocupando o cargo até março de 2019 (Boletim [...], 2019). Graduado pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), Miranda começou a se envolver com o ativismo libertariano em 2012, tendo percorrido o caminho dentro do programa de coordenadores do SFL Brasil antes de ser alçado à direção executiva. Após o fim do seu período à frente da organização, ele ainda passaria a compor o Conselho Administrativo do Livres, tendo também ocupado cargos de gerência e diretoria nas áreas de *marketing da XP Investimentos*, do periódico *InfoMoney* e da revista

¹⁵⁸ As redes sociais citadas podem ser encontradas nos endereços eletrônicos: <https://www.instagram.com/estudantespelaliberdade/> e <https://x.com/epliberdade/>.

¹⁵⁹ Como as informações nos perfis do *LinkedIn* são fornecidas pelos próprios usuários, alerta-se que pode haver algumas discrepâncias com relação aos dados encontrados em outras fontes.

Exame. Desde março de 2024, é sócio da assessoria de *marketing* V4 Company e CEO da empresa de *marketing* digital Staage (Miranda, [2024]).

Em entrevista dada ao Boletim da Liberdade em 29 de janeiro de 2017, na qual já não faz qualquer referência à controvérsia do EPL, Miranda descreve sem reservas a organização que dirige como o braço oficial da entidade no Brasil. Em suas palavras, o vínculo com uma organização transnacional como o SFL “nos dá uma força incrível” (Nossa [...], 2017). Ao ser perguntado sobre quais seriam seus principais desafios à frente da organização, ele afirma acreditar que:

O maior desafio inicialmente é manter o crescimento que a instituição vem experimentando nos últimos anos e ao mesmo tempo criar mecanismos de gestão que garantam um futuro estável. Preciso criar maneiras de *profissionalizar* ainda mais o SFLB [...] Além disso, também quero que nossos coordenadores locais sejam líderes de fato e não apenas números para que os vendamos aos patrocinadores. Para isso, a ideia é de que a partir de agora – em parceria internacional com o próprio SFL – é servir como plataforma para que nossos coordenadores façam suas ideias saírem do papel (Nossa [...], 2017, grifos nossos).

Ao exemplificar algumas ideias de integrantes do SFL Brasil que teriam sido colocadas em prática, Miranda destaca o *Liderança nas Escolas* (LNE), programa criado pelo gaúcho André Freo, integrante da rede (Instituto Milenium, 2020). A iniciativa, que à época do relato de Miranda contava com cerca de um ano e meio de existência, buscava percorrer escolas para tratar com estudantes do ensino fundamental e médio sobre liderança e empreendedorismo¹⁶⁰. Assim, a estratégia do SFL Brasil, à época, parecia apostar na manutenção e aprimoramento do programa de coordenadores – considerado como o “feijão e arroz” da entidade, nas palavras de Miranda (Nossa [...], 2017) – mas também dar mais apoio aos projetos de empreendedorismo de seus integrantes.

5.3 As eleições de 2018 e 2020: êxito nas urnas e a Lei de Liberdade Econômica (2021)

O ano de 2018 foi marcante para as operações do SFL Brasil, com as vitórias de quatro candidatos associados à entidade nas eleições gerais daquele ano. Entre as candidaturas exitosas, encontra-se a do já vastamente citado Fábio Ostermann (NOVO), eleito para a 55ª Legislatura da Assembleia do Rio Grande do Sul com 48.897 votos, com destaque para as

¹⁶⁰ Posteriormente, o projeto saíria do âmbito do SFL Brasil, dando origem a uma organização sem fins lucrativos independente (Instituto Milenium, 2020). Não há quaisquer indícios (reportagens e/ou publicações em contas sociais) que indiquem a continuidade da operação do LNE até a data da redação da presente dissertação.

votações em Porto Alegre (18.509), Canoas (2.604) e Caxias do Sul (2.100) (Romano, 2018a). Também para a casa parlamentar gaúcha, eis o nome de Giuseppe Riesgo, correligionário de Ostermann, eleito com 16.224 de votos. Nascido em Santa Maria, a cidade foi a origem da maior parte da sua votação (7.763), seguida de Porto Alegre (886) e de São Borja (669) (Romano, 2018b). Formado em direito pela UFSM, Riesgo se destaca por ter sido o primeiro egresso do programa de coordenadores do SFL Brasil a se eleger a um cargo público, tendo exercido os cargos de coordenador estadual e regional pela entidade entre 2016 e 2018 (Students for Liberty, [2024a]).

Também menciona-se o nome de Marcel van Hattem (NOVO-RS), o deputado federal mais votado de seu estado em 2018, com 349,9 mil votos (Cattaneo; Heurich, 2018). Como vimos, van Hattem não chegou a fazer parte formalmente seja do EPL, seja do SFL Brasil, mas cultivou uma parceria com o primeiro desde o seu retorno ao Brasil para disputar as eleições de 2014 (Students for Liberty, 2015b) Cita-se, por fim, Kim Kataguiiri, referido por Juliano Torres (Amaral, 2015) e em documento do SFL (Students for Liberty, 2015b) como integrante do EPL no passado, embora não seja encontrado nenhum vínculo de Kataguiiri com a organização após o fim da marca EPL em 2016. Kataguiiri foi o quarto deputado federal mais votado do estado de São Paulo, com mais de 400 mil votos (Bolson, 2018).

Haja vista as limitações de escopo da presente dissertação, não cabe discutir sobre a conjuntura política mais ampla daquele período, mas se deve pontuar como o ciclo eleitoral em que os quatro indivíduos citados foram eleitos foi marcado por um rechaço generalizado a candidaturas associadas ao PT. A imagem da legenda encontrava-se sobremaneira arranhada pelos escândalos de corrupção associados à Petrobras e pela grave recessão econômica enfrentada no período. Entre os ciclos eleitorais de 2014 e 2018, a Operação Lava Jato firmou-se, gradualmente, como uma “frente comum” da ampla constelação de grupos direitistas emergentes à época, que passaram a associar a imagem do PT com o grande responsável pelo quadro de corrupção “endêmica” que assolava o país (Nobre, 2022).

Também ao longo do período, a candidatura do então deputado federal Jair Bolsonaro consolidou-se como a favorita no espectro de direita. O então deputado federal, que havia passado boa parte da sua carreira política como um membro do baixo-clero do Congresso Nacional, preocupado sobretudo com os interesses de classe das Forças Armadas, já havia ganhado alguma repercussão na mídia nacional com declarações misóginas, homofóbicas e racistas, além da sua postura apologética à ditadura militar brasileira (1964-1985) (Bolsonaro [...], 2019). Porém, entre 2015 e 2018, Bolsonaro conseguiu mobilizar-se para além das suas bases eleitorais “originais” – as forças de segurança integrantes das Forças Armadas e alguma

inserção no eleitorado evangélico. Foi neste contexto que Bolsonaro, a partir do primeiro semestre de 2017, fincou também um pé nas chamadas “novas direitas” com simpatia pró-mercado, incorporando elementos de uma agenda liberalizante e privatista a seu plano de governo (Rocha, 2018; Nobre, 2022)

Acredita-se ser válido retomar as reflexões de Nobre (2022) para apontar o equívoco de se colocar as “novas direitas” e “bolsonarismo” como sinônimos. Para o autor, a ascensão da candidatura de Bolsonaro poderia ser compreendida como o resultado de um reordenamento na correlação de forças, no qual os grupos “liberais/libertarianos”, ao passo que coalesceram em torno de Bolsonaro, teriam se tornado menos preponderantes com relação a outras forças políticas no espectro de direita. Trata-se, porém, de um processo que não se deu sem conflitos, haja vista as disposições variadas dos integrantes associados à ala liberal/libertariana em embarcarem na candidatura do ex-capitão (Rocha, 2018; Nobre, 2022).

Dois dos quatro candidatos com algum vínculo ao EPL/SFL Brasil, Giuseppe Riesgo e Kim Katagui, apoiaram abertamente Bolsonaro contra Fernando Haddad (PT), no segundo turno daquelas eleições presidenciais, a despeito de suas reticências iniciais ao projeto político representado pelo então líder nas pesquisas (Bolson, 2018; Riesgo, 2018). Fábio Ostermann, que se desfilou do Partido Social Liberal (PSL) em 2018 após Bolsonaro se juntar à legenda, não apoiou nenhum dos dois candidatos que disputavam o segundo turno, expressando seu descontentamento com ambas as candidaturas (Strazzer, 2018). Já Marcel van Hattem, embora não tenha declarado apoio público a Bolsonaro em 2018, reuniu-se com o então candidato às vésperas do segundo turno (Mattos, 2018), aproximando-se do governo do ex-capitão nos anos seguintes, atuando na interlocução entre o Planalto e o Legislativo (Onofre; Trindade, 2019) e apoiando a campanha de Bolsonaro à reeleição em 2022 (Zimer, 2022).

Em relatos disponíveis no sítio eletrônico do SFL, Fábio Ostermann e Giuseppe Riesgo falaram sobre como a participação no SFL moldou suas jornadas políticas. Além de contar sobre como se deu o primeiro contato com o SFL estadunidense, Ostermann comentou também sobre a importância do trabalho da organização no Brasil – até 2016, como visto, designada como EPL – no sentido de conectar ativistas libertarianos espalhados pelo país (Students for Liberty, [2024d]). Em suas palavras:

Nós não tínhamos um movimento pela liberdade forte há 5-7 anos [...] e a força deste movimento está diretamente conectada ao crescimento do SFL. É fácil perder de vista o que está ocorrendo no país se você estiver concentrado em seu próprio estado. O

SFL tem atuado como uma forte rede aos brasileiros em todo o país” (Students for Liberty, [2024d])¹⁶¹.

Descrito na matéria publicada no SFL como um dos mais notáveis integrantes do programa, chegando a integrar a lista interna dos 50 líderes do SFL mais destacados pelo globo, Giuseppe Riesgo credita à participação no programa de coordenadores do SFL o aprendizado e cultivo de habilidades que se mostraram valiosas durante o início de sua carreira política. Segundo seu relato:

O *Students for Liberty* me ensinou habilidades de liderança essenciais. Aprendi como mobilizar pessoas e como convencê-las a querer trabalhar comigo. Mais importante ainda, a mim foram confiadas responsabilidades. Tive um grande grupo de pessoas para liderar com apenas 20 anos: desde supervisionar pessoas até decidir sobre orçamentos, essas são responsabilidades que nunca teria tido com uma idade tão jovem em qualquer outra organização (Students for Liberty, [2024a])¹⁶².

Riesgo também descreve como decisiva a participação de outros integrantes da organização estudantil em sua campanha: “meu chefe de gabinete é um ex-membro do SFL, assim como meu economista e meu advogado. Todos aqui são *alumni* do SFL” (Students for Liberty, 2022)¹⁶³. Outro ex-participante do programa de coordenadores, Fabrício Sanfelice, teria apoiado a campanha de Riesgo na área de publicidade digital. Sanfelice foi ganhador do prêmio de *Student of the Year* na premiação do SFL de 2019, em reconhecimento ao seu envolvimento na fundação de mais de cem grupos vinculados ao SFL, além da criação da *startup Atlas Quantum*, especializada em criptomoedas (Students for Liberty, 2019a)¹⁶⁴.

Nas eleições municipais de 2020, três ex-participantes do SFL Brasil foram vitoriosos em suas candidaturas para vereador: Marcela Trópia, em Belo Horizonte; Pedro Duarte, no Rio de Janeiro, ambos representando o NOVO; e Angelo Guaresi, em Constantina, no Rio Grande do Sul, pelo Partido Progressistas (PP). Por sua vez, Leticia Arsenio, diretora do SFL para a

¹⁶¹ Do original: “We didn’t have a strong liberty movement 5-7 years ago [...] and the strength of the movement is directly connected to the growth of SFL. It’s easy to lose sight of what is happening in the country if you’re concentrating on your own state. SFL has acted as a strong network of support for Brazilians across the country.”

¹⁶² Do original: “Students for Liberty taught me essential leadership skills. I learned how to mobilize people and how to convince people to want to work with me. Most importantly, I was trusted with responsibility. I had a large group of people to lead at only 20 years old: from overseeing people to deciding on budgets, these are responsibilities I would never have held at such a young age with any other organization.”

¹⁶³ Do original: “My chief of staff is a former SFLer, so is my lawyer and economist. Everyone here is an SFL alumnus”.

¹⁶⁴ A empresa, que contou com a participação de Sanfelice como sócio até 2018, ganharia as manchetes no ano seguinte após a divulgação de um escândalo de pirâmide financeira, respondendo por um prejuízo avaliado entre 5 e 7 bilhões de reais para cerca de 200 mil pessoas em 50 países (Marins, 2023). O caso estava sendo investigado pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das pirâmides financeiras, concluída em outubro de 2023 (CPI [...], 2023).

região Sudeste, ficou como primeira suplente na capital fluminense, pelo NOVO. Segundo o anuário de 2021 do SFL, no pleito de 2020 registraram-se 29 candidaturas à vereança por egressos da entidade, além de uma candidatura a prefeito (Students for Liberty, 2021b). Em paralelo à atuação na política institucional, participantes dos programas de formação do SFL Brasil também alcançaram posições de relevo em organizações do campo pró-mercado, como Rafael Dal Molin, diretor executivo do *Instituto Mises Brasil* entre 2019 e 2022, e Deborah Bizaria, Coordenadora de Políticas Públicas do *Livres* desde 2021 (Santos, 2021) e colunista na seção mercado do jornal Folha de São Paulo.

Cabe destaque ainda para o gaúcho Geanluca Lorenzon, que assim como Riesgo também participou do programa de coordenadores do SFL Brasil. Durante a administração Bolsonaro (2019-2023), Lorenzon ocupou a Diretoria de Federal de Desburocratização de fevereiro de 2019 a maio de 2020 e, em seguida, a chefia da Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade (SEAE) – rebatizada de Secretaria de Acompanhamento Econômico na Gestão Lula (2023-presente) – até setembro de 2022.

Durante seu período à frente da SEAE, Lorenzon foi redator-chefe da Medida Provisória (MP) 881/2019, conhecida popularmente como “Lei da Liberdade Econômica”. A MP, publicada em 30 de abril de 2019 e convertida em lei em 20 de setembro do mesmo ano, consistia em uma série de medidas a fim de reduzir a burocracia no mundo dos negócios e “incentivar o empreendedorismo”, dentre as quais citam-se: o relaxamento quanto a alvarás e licenciamentos para as chamadas atividades econômicas “de baixo risco”; a equiparação da validade dos documentos digitais aos físicos para fins de direito; a emissão preferencial da Carteira de Trabalho em formato digital; e a criação da figura do “abuso regulatório”, para tipificar medidas regulatórias do Poder Público consideradas prejudiciais à ordem econômica. Além disso, a legislação estabeleceu a “Declaração de Direitos de Liberdade Econômica”, a qual, segundo o documento, “estabelece normas de proteção à livre iniciativa e ao livre exercício de atividade econômica”, além de “disposições sobre a atuação do Estado como agente normativo e regulador” (Brasil, 2019).

Em entrevista concedida para o Boletim da Liberdade (Boletim [...], 2019), publicada às vésperas do prazo de vencimento da MP, Geanluca Lorenzon caracterizou o projeto como um “marco sem precedentes no Brasil moderno”, por na sua interpretação se tratar de uma iniciativa que reduz atribuições econômicas do Estado, não as repassando para outros entes federativos. Na mesma matéria, Geanluca Lorenzon compartilhou ainda como se deu a construção do texto, processo no qual contou com as sugestões do que chama “entorno liberal-conservador”:

Logo antes da posse do presidente Bolsonaro, me dispus ao secretário [de desburocratização, gestão e governo digital do Ministério da Economia] Paulo Uebel para começar a reunir propostas que as pessoas do entorno liberal-conservador estavam já enviando para ele. Quando cheguei em Brasília, organizamos as sugestões, filtramos e selecionamos o que seria positivo. No começo, o projeto era enorme e quase anarcocapitalista (risos irônicos). Na medida em que ele era forçado a receber pareceres de outras áreas da esplanada, ele foi obviamente ficando mais moderado, e ganhou uma série de restrições e ressalvas que não necessariamente seriam o ideal, mas que são inerentes a se construir um texto dentro da administração pública. Em março, quando o projeto já estava 80% pronto, fomos ao Rio de Janeiro para nos reunirmos com o Joaquim Levy no BNDES e com os professores de direito administrativo que estavam elaborando uma versão chamada de “Lei Nacional de Liberdade Econômica”. Na troca de minutas, nosso texto incorporou algumas definições que eles estavam usando (como atos públicos de liberação), e eles incorporaram parte dos dez direitos da Declaração no projeto deles, que já era substancialmente maior e mais voltado a marcos estruturais do direito regulatório. (Boletim [...], 2019).

Os projetos citados – o de Lorenzon, no âmbito do Ministério da Economia, e o de Joaquim Levy, sob esfera do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) – acabaram sendo unidos em uma única matéria pelo Congresso Nacional, haja vista a complementaridade das propostas. A despeito de Lorenzon apontar o que percebe como falta de mobilização em torno do que chama “movimento não partidário liberal-libertário” em torno da aprovação da proposta, ele confere grande destaque à sua experiência prévia como ativista. Nas suas palavras: “Sem o movimento liberal que me apresentou economia e política, eu sem dúvidas sequer estaria no governo” (Boletim [...], 2019).

Após duas edições (2017 e 2018) sem quaisquer referências a atividades feitas no Brasil, os relatórios anuais de SFL de 2019 e 2020 destacaram o envolvimento de Lorenzon na elaboração da Lei da Liberdade Econômica. No anuário de 2020, o gaúcho comentou sobre como seu envolvimento com o SFL contribuiu para sua formação profissional:

Entrar para o SFL foi uma oportunidade para abrir novos caminhos no debate público. *O SFL não apenas me deu a chance de me juntar a uma rede que dissemina as ideias da liberdade, eles também me ajudaram a crescer profissionalmente.* Com o *Students for Liberty*, você vai aprender habilidades que a maioria das universidades não ensina [...] Se não fosse pela rede do SFL, eu não teria recebido a oportunidade de crescer como gerente e mudar para o setor privado. Como estudante de direito, eu não estava interessado em gestão, mas o SFL trata de gerenciar talentos, recursos e equipes. Embora eu seja advogado, minha experiência durante meu tempo com o SFL me ajudou a fazer a transição do direito para a gestão (Students for Liberty, 2020, grifos nossos)¹⁶⁵.

¹⁶⁵ Do original: “Becoming a part of SFL was an opportunity to break new ground in the public debate. SFL not only gave me an opportunity to join a network that spreads the ideas of liberty, they also helped me grow professionally. With Students for Liberty, you’re going to learn skills that most universities don’t [...] If it wasn’t for the [SFL] network, I wouldn’t have received the opportunity to grow as a manager and pivot into the private sector. As a law student, I was not interested in management but SFL is about managing talent, resources and

Ao tratar da trajetória de Lorenzon, o SFL também menciona sua participação como membro-fundador do Clube Farroupilha, uma das diversas organizações estudantis à órbita do SFL Brasil. Fundado em outubro de 2013 por universitários de direito e economia de Santa Maria, o Clube Farroupilha foi concebido para se tornar o *chapter* oficial do SFL na região central do Rio Grande do Sul, realizando diversas atividades de promoção de perspectivas pró-mercado para o público universitário. Conforme consta no sítio oficial da entidade, tratar-se-ia de tarefa importante, uma vez que “com uma economia à mercê do orçamento da união, Santa Maria é terra fértil para o florescimento de ideias socialistas e desenvolvimentistas” (Clube Farroupilha, [2024]).

O evento “carro-chefe” da entidade é o Seminário Interdisciplinar Farroupilha (SIF), descrito como o “maior evento liberal do interior do Brasil”, reunindo anualmente cerca de 700 pessoas e já sido premiado como o melhor evento do ano pelo SFL Brasil (Clube Farroupilha, 2024). Já passaram por edições do SIF figuras “carimbadas” de eventos do SFL, como a supracitada Deirdre McCloskey e o economista David Friedman, filho de Milton Friedman, além de nomes associados a organizações do campo pró-mercado no Brasil, como Hélio Beltrão, fundador e presidente do *Instituto Mises Brasil*, e Tiago Mitraud, deputado federal por Minas Gerais entre 2019 e 2023, pelo NOVO (Simpósio Interdisciplinar Farroupilha, 2024). Ademais, o Clube Farroupilha conta com seu próprio programa de capacitação para jovens lideranças, o Núcleo de Formação Farroupilha, realizando ainda atividades filantrópicas, como campanhas para doação de sangue e de vestimentas para a população carente durante o inverno (Padrim, 2024)

Ao longo de sua história, o Clube Farroupilha destacou-se como um dos principais “celeiros de talento” do ecossistema formado no entorno do SFL, tendo inclusive vencido o prêmio de Melhor Grupo associado à entidade no *SFL Awards* de 2019. Além de Geanluca Lorenzon, o grupo contou com a participação de Giuseppe Riesgo, um dos fundadores e presidente da entidade entre 2016 e 2017. Riesgo afirma inclusive que partiu de Lorenzon a sugestão para apostar na carreira política (Students for Liberty, 2023). Também passaram pelo Farroupilha os já citados Fabrício Sanfelice e André Freo, o último que viria a se tornar diretor-executivo do SFL em 2019, sucedendo a Fernando Henrique Miranda na função. Em entrevista ao podcast “Tapa da Mão Invisível” (Episódio 61, 2019), Freo sublinha a importância da sua participação no Clube Farroupilha para sua formação como intelectual e ativista, colocando

teams. Although I’m a lawyer, my experience during my time with SFL helped me transition from law to management.”

como diferencial do grupo, ao contrário do padrão nos EUA, não estar sediado em uma única universidade, e sim abranger estudantes de mais de uma instituição de ensino.

Nas eleições de 2022, no entanto, o desempenho nas urnas de candidaturas ligadas ao SFL se reduziu em comparação ao pleito passado. Giuseppe Riesgo, apesar dos 28.209 votos obtidos – quantidade maior do que em 2018 – não conseguiu a reeleição, por conta das limitações impostas pelo quociente eleitoral. Já Fábio Ostermann tentou uma vaga na Câmara dos Deputados, obtendo um número menor de votos do que em sua campanha para deputado estadual na campanha de 2018, conseguindo somente a suplência (Bianco, 2023). Embora reeleitos, Marcel van Hattem e Kim Katagiri obtiveram votações menos expressivas (respectivamente, 240.472 e 99.489 votos) quando comparadas às adquiridas quatro anos antes (Veja [...], 2022). Geanluca Lorenzon, por seu turno, deixou o Ministério da Economia em setembro de 2022, cerca de um mês antes da realização do primeiro turno da eleição presidencial (Geanluca [...], 2022).

Após o revés eleitoral, Ostermann tornou-se, como visto, Secretário Nacional de Assuntos Institucionais e Legais do NOVO. Além disso, também cursou o mestrado em Administração Pública na Universidade de Harvard entre 2023 e 2024, com os estudos parcialmente cobertos pelo Instituto Ling (Instituto Ling, 2023). Já Giuseppe Riesgo tornou-se chefe de gabinete de Marcel van Hattem a partir de fevereiro de 2023 e, à época da redação da presente dissertação, havia sido oficializado como pré-candidato à prefeitura de Santa Maria pelo NOVO (Renkovski, 2023). Geanluca Lorenzon, por seu turno, desde 2022 faz o mestrado em Negócios pela *Stanford Graduate School of Business*, na Califórnia, tendo atuado como *Summer Associate* na instituição financeira Goldman Sachs (Lorenzon, [2024]). Seja por meio de temporadas de estudo no exterior ou de oportunidades de trabalho em Brasília, a trajetória recente dos três *SFLers* citados aponta como o ecossistema organizacional formado por *think tanks* e fundações fornece uma rede de amparo e *networking* aos ativistas, proporcionando seu aperfeiçoamento profissional como empreendedores políticos.

Os lançamentos do projeto *Brasil Empreende*, em 2019, e do *LibertyLab*, em 2021, parecem indicar que se o programa de coordenadores permanece como a principal “vitrine” da organização, o SFL Brasil estaria interessado em ampliar seu “portfólio” de produtos. O maior amparo aos projetos individuais de seus integrantes e uma ênfase no chamado “empreendedorismo social” parecem indicar, assim, o sentido geral do planejamento estratégico do SFL no Brasil em anos mais recentes.

5.4 Para além dos grupos de estudos: o *Brasil Empreende*, o *LibertyLab* e o *Regulariza Barroso*

Nycollas Liberato, que sucedeu a André Freo como diretor-executivo do SFL, afirma ter conhecido perspectivas liberais/libertarianas quando ainda frequentava o colégio militar em Porto Alegre, sua cidade natal. A princípio tendo se interessado pelos textos políticos de anarquistas como Jean-Pierre Proudhon e Mikhail Bakunin, seu pendor literário teria se alterado após ler *A Revolta de Atlas* de Ayn Rand e *As Seis Lições* de Ludwig Von Mises. Ele afirma ter tido contato com as obras por meio de um programa, implementado pelo Instituto Ling em Porto Alegre, que funcionaria como uma espécie de “suplemento literário” direcionado para aqueles estudantes do colégio militar com situação financeira modesta e bom desempenho acadêmico¹⁶⁶.

Ao contrário de outros ativistas que teriam sido motivados sobretudo por argumentos de ordem econômica – o caso de Fábio Ostermann, por exemplo – Liberato afirma ter sido a Ayn Rand a principal responsável por tê-lo cativado pelas “ideias da liberdade”. Ele conta que, antes de entrar no colégio militar, sofreu um ataque racista de um colega e sua mãe foi convidada a comparecer ao colégio para tomar ciência do ocorrido. Depois disso, ela conversou com o filho a respeito do racismo, sendo aquela ocasião a primeira vez em que Liberato afirma ter entendido que “aquilo [episódios racistas] era algo que acontecia e que continuaria a acontecer comigo”.

Diante da situação, sua mãe teria lhe dito que ele poderia se colocar em uma posição de vítima “onde se tu não fizer por ti, tu não vai alcançar grandes resultados na tua vida, ou tu pode dar o dobro da tua capacidade, para que muitas vezes consiga atingir o mesmo do resultado que eles [os racistas]”. Assim, os protagonistas *self-made man* das obras de Rand, definidos pela sua postura altiva e autoconfiante, tornaram-se para o então adolescente modelos de inspiração, aspirando ele mesmo tornar-se uma pessoa “que faz o próprio futuro, que toma protagonismo pelas suas [próprias] ideias e pelo seu [próprio] futuro”.

Mais adiante, enquanto cursava a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAM) – instituição na qual não viria a concluir os estudos – Liberato conta ter começado a se envolver com uma série de organizações do espectro pró-mercado. Entre elas, o coletivo *Livres*; a juventude do NOVO, a qual Liberato afirma ter ajudado a fundar no Rio Grande do Sul; o *Instituto Atlantos*, *think tank* sediado em Porto Alegre associado ao SFL Brasil; além do grupo

¹⁶⁶ Entrevistas concedidas ao autor em março e abril de 2024. Todos os trechos de Liberato citados sem indicação de referência foram retirados destas entrevistas. Alguns foram editados para conferir mais fluidez e clareza ao texto.

“Liberdade & Empreendedorismo”, o qual realizava palestras para as turmas de economia e RI da UFGRS. Por meio do *Atlantos*, Liberato conheceu o trabalho do SFL Brasil, tornando-se coordenador estadual da entidade em 2015. Chegou à posição de associado de programas em 2018, ascendendo no seguinte ao cargo de gerente de programas, até alcançar a direção executiva em 2020.

À frente da organização, Liberato frisou como uma das prioridades da sua gestão a promoção de iniciativas com “impacto social”, para além das atividades com caráter formativo e/ou acadêmico. Em suas palavras:

Grupos de estudos certamente são importantes. É importante a gente saber argumentar e defender as nossas ideias. Mas um ponto muito caro para mim, principalmente por saber de onde eu vim, a dificuldade que era, lá trás, de não ter uma família com grandes recursos financeiros, é que pessoas como eu tenham cada vez mais acesso a essas ferramentas, a mais oportunidades de desenvolvimento. Traduzir então essa teoria liberal para coisas cada vez mais práticas da sociedade, que causem [impacto]. Independente se a pessoa tem uma visão mais à esquerda ou mais à direita, pra ela ver que aquilo é uma benesse para a sociedade, que aquilo é uma benesse pro indivíduo que está participando daqueles projetos. Por isso, esse meu cuidado em elencar como prioridade projetos que tenham cada vez mais impacto social.

Como um exemplo de projeto consonante à linha proposta por Liberato, cita-se o projeto *Brasil Empreende*. Lançado em 2019, ainda durante a gestão de André Freo, o *Brasil Empreende* foi concebido como uma campanha de conscientização a respeito da importância do “empreendedorismo e livre-mercado” (Students for Liberty, 2023) junto ao público universitário, não sendo muito distinto, neste primeiro momento, de outras iniciativas organizadas pelo EPL/SFL Brasil no passado. Durante a primeira fase do *Brasil Empreende*, contou-se com a colaboração de parceiros recorrentes, como o *Instituto Mises Brasil* e o *Livres*, realizando-se cerca de 40 eventos por universidades de todo o território nacional, para um público aproximado de 5 mil presentes. Entre os palestrantes convidados, encontram-se figuras do mundo acadêmico, corporativo e da política, com destaque para a participação do governador de Minas Gerais, Romeu Zema (NOVO) (Harberger, 2023).

Ainda em 2019, o *Brasil Empreende* foi agraciado com o prêmio *Smith Student Outreach Award*, concedido pela *Atlas Network* a iniciativas dedicadas à promoção de perspectivas de livre-mercado entre estudantes (Students for Liberty, [2019b]). A partir de 2021, ainda em vista do contexto da pandemia de COVID-19, o projeto tem seu público-alvo repensado, passando a direcionar-se a estudantes de baixa renda do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em vez de eventos presenciais, o *Brasil Empreende* é repaginado para um formato de curso *online*, com suas 20 horas de aulas

divididas em 10 módulos. O curso cobre assuntos diversos como empreendedorismo, economia, inteligência emocional, gestão de projetos e finanças pessoais, com aulas ministradas por empresários e figuras vinculadas a organizações de perfil pró-mercado (Brasil Empreende, 2024).

Terminado a gravação do curso, a cidade escolhida como piloto para o relançamento do projeto foi Pedras, no interior do Pernambuco. Sobre as atividades em Pedras, Adriana Wirtti Schumacher, então gerente de programas e atualmente gerente de marketing do SFLB, disse: “Oferecemos 17 aulas totalmente on-line para alunos do Ensino Fundamental II e da Educação de Jovens e Adultos. Ao todo, foram quase 100 inscritos, que somaram mais de 550 visualizações em nosso canal” (Fernandes, 2022). Ao comentar sobre os impactos do programa na realidade local de Pedras, Everaldo Cavalcanti, gerente regional do SFL na região Nordeste, citou o caso da estudante Mirela, à época com 11 anos. Após assistir ao curso do *Brasil Empreende* em sua escola, ela teria passado a confeccionar e vender bonecas artesanais em sua vizinhança, com o fim de economizar dinheiro para realizar seu sonho de comprar uma bicicleta. “Ouvir uma história tocante como essa indica que estamos na direção certa”, arrematou Cavalcanti (Students for Liberty, 2023).

Após a experiência em Pernambuco, o SFL Brasil ofereceu o curso a escolas públicas em regiões carentes do país, tendo realizado parcerias com cerca de 27 instituições de ensino até 2023. De acordo com reportagem do jornal *O Fluminense* (Empreendedorismo [...], 2022), dentre as escolas participantes do *Brasil Empreende*, estariam: o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (Teresina, Piauí); ABC Aprendiz (Santo André, São Paulo); o Colégio Monteiro Lobato (Itabaiana, Sergipe); as Escola Arthur Ribeiro e a Etec Profa. Nair Luccas Ribeiro (Teodoro Sampaio, São Paulo); o Colégio da Imaculada Conceição (Serra Talhada, Pernambuco); a Escola Estadual Governador Juscelino Kubitschek (Juiz de Fora, Minas Gerais); o Colégio Imaculada Conceição (Arcoverde, Pernambuco), além da rede municipal da prefeitura de Barra das Garças, no Mato Grosso, e da Suprema Ordem Demolay do Brasil, entidade ligada à maçonaria voltada para a juventude.

Em artigo publicado no sítio oficial da prefeitura de Maceió, Alagoas (Vieira, 2022), também se comenta a respeito da parceria firmada entre representantes do município com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e o SFL, para o oferecimento da disciplina de empreendedorismo no âmbito da EJA. De acordo com a reportagem, estima-se que cerca de 7.250 alunos seriam contemplados nas 46 escolas que atendem a modalidade de ensino. No caso da capital alagoana, os professores também seriam treinados pelo SFL, repassando os conteúdos sobre empreendedorismo para os alunos em um

segundo momento. Nas palavras de Vandebilto Sarmento, representante estadual do SFLB em Alagoas, o projeto colaboraria para a redução da evasão escolar, por meio da maior sintonia entre as demandas do mercado de trabalho e a educação (Vieira, 2022).

Tanto na reportagem de *O Fluminense* quanto em matéria da edição online da revista *Veja* sobre o *Brasil Empreende*, Nycollas Liberato reforçou como o projeto encontra-se associado à tendência de maior adesão ao trabalho autônomo no Brasil:

Com as mudanças no mercado de trabalho e a pandemia, vimos a atuação autônoma crescer nos últimos anos, principalmente entre os jovens, um público carente de orientações [...] Nosso trabalho é oferecer a elas as ferramentas necessárias para que empreendam com segurança (Bonin, 2022; Empreendedorismo [...], 2022).

De acordo com Liberato, o propósito do *Brasil Empreende* não seria fazer uma defesa explícita do liberalismo clássico, mas sim apresentar o empreendedorismo também como “uma possibilidade de carreira e desenvolvimento social”. Fazendo referência a um estudo lançado em 2017 pela Fundação Perseu Abramo, vinculada ao PT, com respeito ao imaginário social nas periferias de São Paulo, o atual diretor-executivo do SFL argumentou haver uma correspondência entre os valores políticos apregoados nas comunidades e o espírito empreendedor associado ao libertarianismo:

Muito dessa visão empreendedora está presente dentro dessas comunidades. É aquela pessoa que o empreendedor é uma carrocinha de cachorro-quente, o empreendedor é o cabeleireiro, empreendedor é o vendedor de sacolé. Então um pouco mais de conhecimento, um pouco mais de estrutura, pode-se alcançar resultados cada vez melhores pra própria vida [...]. Não posso dizer que eu cresci dentro da favela, mas eu cresci em um ambiente próximo de comunidade, aqui no Morro Santana, em Porto Alegre. O que a pessoa quer? A pessoa não quer uma ajuda do Estado, não quer um abraço do Estado, e sim que ela tenha condições materiais suficiente para buscar a sua própria felicidade, o seu próprio sucesso, tanto profissional como pessoal, o que é completamente alinhado aos valores pró-liberdade.

O *Brasil Empreende* também foi citado no relatório anual de 2023 do SFL, onde se lê que o projeto teria impactado mais de 2 mil estudantes pelo país, com planos de se alcançar um público total de 10 mil ainda naquele ano (Students for Liberty, 2023). Em entrevista cedida em março de 2024, Nycollas Liberato afirmou que o número de estudantes contemplados seria de 5 mil, ao passo que no endereço eletrônico do *Brasil Empreende* o número divulgado é de 2.600 alunos (Brasil Empreende, 2024). Segundo o próprio SFL, em artigo publicado em 2023, o número de estudantes das escolas participantes do projeto poderia chegar a um total de 150 mil no “futuro próximo” (Harberger, 2023).

Se o *Brasil Empreende* é voltado para um público externo, o SFL Brasil também procurou promover o empreendedorismo internamente nos últimos anos. O *LibertyLab*, lançado em 2020, é representativo desse movimento. Trata-se de um programa “para criação, desenvolvimento, maturação e execução de projetos pró-liberdade”, nas palavras de Ivanildo Terceiro (2021), atual gerente-assistente de *marketing* da entidade. Terceiro (2021) continua: “mais do que ideias, deveríamos desenvolver políticas públicas e alternativas ao estado [...] Soluções como o *Uber*, o *Airbnb*, e *Bitcoin* demonstram ser capazes de elucidar antigos problemas e disruptar [sic] antigas práticas estatais”.

Os projetos “disruptivos” incubados no *LibertyLab* são propostos por integrantes do SFLB, seja individualmente, seja em grupo. O tempo de maturação dos projetos é de dois anos, com o primeiro reservado para o aperfeiçoamento da proposta, etapa em que os participantes contam com sessões de mentoria para atingir este propósito, ao passo que o segundo seria dedicado ao acompanhamento da execução. Os projetos devem se situar em alguma das três áreas temáticas: “promover as ideias da liberdade”; “educar, desenvolver e empoderar líderes da liberdade”; e “gerar impacto social sob a ótica liberal” (Students for Liberty, 2023).

Os grupos das ideias consideradas as melhores são convidados para a próxima fase, ocorrida ao final do primeiro ano, quando ocorre a “Competição de Inovação”, cujo formato assemelha-se a *reality-shows* como o *Shark Tank*, em que aspirantes a empreendedor preparam um *pitch* das suas ideias de negócios para possíveis investidores. No caso da competição do SFL, os participantes concorrem a um investimento semente de R\$7.500,00 para execução do projeto (Students for Liberty, 2023).

Os ganhadores da etapa participam em seguida do Treinamento Nacional de Lideranças (TNL), ocasião na qual oferecem-se cursos sobre a história do SFL e do SFL Brasil, *fundraising*, marketing digital, etc. No TNL, os participantes também assinam um contrato, no qual comprometem-se a “executar o projeto planejado, participar das sessões de acompanhamento e permanecer no SFLB por ao menos um ano a partir da data do evento” (Students for Liberty, 2023). Em artigo do SFL Brasil a respeito da edição do evento de 2021, realizado no hotel *Maksoud Plaza* em São Paulo, menciona-se que todos os gastos dos participantes com relação à alimentação, transporte e hospedagem foram cobertos pelo SFL Brasil. Além disso, todos os cursos ministrados na ocasião foram transmitidos ao vivo por meio da Camélia, plataforma de aulas *online* do SFLB (Students for Liberty Brasil, 2021).

Em reportagem do periódico *Porto Ferreira Hoje* (Liberalismo [...], 2021), datada de 6 de janeiro de 2021, há uma listagem de todos os projetos à época em estágio de desenvolvimento no *LibertyLab*. De acordo com a matéria, o programa do SFLB reunia então um total de 56

ações ativas por todo o Brasil, das quais 12 estavam em operação no estado de São Paulo. Dentre os projetos, há ações com caráter educativo, como a produção de *podcasts* (o *Teses Liberais*) ou a realização de eventos e palestras no ambiente universitário, como o *Semente da Liberdade*, que visava a constituição de um núcleo estudantil “pró-liberdade” na cidade de São Carlos (SP). Outras iniciativas ambicionavam, por seu turno, oferecer cursos profissionalizantes (*Oris Co*) e de capacitação em matéria de liderança e empreendedorismo (*Centro de Lideranças pela Liberdade*) (Liberalismo [...], 2021).

Encontram-se também algumas ações com recorte de gênero, como o *Clube Damas de Ferro*, grupo de estudos dedicado a pensadoras vinculadas ao liberalismo clássico e ao libertarianismo, com objetivo declarado de atrair mais mulheres ao campo do ativismo pró-mercado. Cita-se ainda o *Cidades Prósperas*, projeto de *think tank* que visava disseminar conhecimento a respeito de ZEEs e modelos de “cidades privadas” (Liberalismo [...], 2021). Dentre as iniciativas listadas, o *Semente da Liberdade* e o *Clube Damas de Ferro* encontram-se com endereços eletrônicos ativos e relativamente atualizados, ao passo que não foi possível encontrar informações a respeito da continuidade dos projetos *Teses Liberais*, *Oris Co* e *Centro de Lideranças pela Liberdade*. O *Cidade Prósperas* apresenta um site oficial ativo e contas em redes sociais (*Facebook* e *Instagram*¹⁶⁷), mas não se encontrou nenhuma informação com respeito a eventos e quaisquer outros projetos levados a cabo pelo instituto em 2024 (*Cidades Prósperas*, 2023). À semelhança do mundo das *startups*, não são todas as iniciativas que prosperam na dinâmica do mercado de organizações estudantis libertarianas.

Na mesma reportagem de 2021 do *Porto Ferreira Hoje*, também se menciona a existência de 6 projetos dos 56 operantes no âmbito do *LibertyLab* com atuação em todo o território nacional brasileiro. São eles: o *Projeto de Mapeamento de Soft Skills*, que objetivava criar uma plataforma interativa gamificada para mapear e aprimorar habilidades consideradas importantes para empreendedores em formação; o *Autogoverno*, projeto de plataforma *online* que permitiria aos cidadãos de determinado município relatar os problemas enfrentados pela cidade e se mobilizar para resolvê-los; e o *Brasil Empreende Consultoria*, projeto de disseminação de boas práticas em gestão que, ao que tudo indica, não apresentava qualquer vínculo com o já referido *Brasil Empreende* (Liberalismo [...], 2021). Também se apresenta o *LiberArq*, direcionado à promoção de “conteúdo artístico voltado para os ideais da liberdade”; o *Grupo Alan Turing de Estudos* (GATE), que buscava alcançar estudantes da comunidade LGBTQIA+ com simpatias

¹⁶⁷ Respectivamente nos endereços eletrônicos <https://www.facebook.com/cprospervas/> e <https://www.instagram.com/cidadesprospervas/>.

libertarianas; e a *União Juventude e Liberdade* (UJL), pensado como um movimento para contrapor-se às tendências de esquerda dentro do movimento estudantil brasileiro. Destes, até onde se pode averiguar, somente o GATE e o UJL¹⁶⁸ contam com sítios eletrônicos e contas ativas em redes sociais.

Por fim, para além do *Brasil Empreende* e das ações no entorno do *LibertyLab*, vale citar o *Regulariza Barroso*, projeto que pode ser considerado como um “estudo de caso” das ações de cunho mais prático levadas a cabo pelo SFL. Citado por Wolf Von Laer como um destaque positivo em seu discurso de abertura na *LibertyCon 2024*, o *Regulariza Barroso* foi criado em 2020 por Victor Graçano, na cidade que lhe dá o nome, localizada no sul de Minas Gerais (MG). Graduando no curso de direito no Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo Neves (UNIPTAN), Graçano relata ter conhecido o trabalho do SFL Brasil por meio de uma publicidade patrocinada no *Instagram*. Ao conhecer as pautas advogadas pelo SFL, ele teria se identificado com a agenda política da entidade, ao identificar no “liberalismo” uma alternativa frente às forças de esquerda e direita tradicionais¹⁶⁹ (Graçano, abril de 2024).

Em 2020, mesma época em que Graçano participou e foi aprovado no processo seletivo do programa de coordenadores do SFL Brasil, ele relata ter assistido *New Hope*, documentário em curta-metragem produzido pela *Atlas Network* em parceria com o SFL. O filme trata do cotidiano de moradores da favela Nova Esperança, em São Paulo, argumentando que o empreendedorismo e a garantia dos direitos de propriedade seriam as melhores formas de promoção da mobilidade social e obtenção de direitos. Declarando-se como um “apaixonado” pela questão fundiária desde sempre, Graçano teria se alegrado ao constatar que o plano de governo do então recém-eleito prefeito de Barroso, Anderson de Paula, do União Brasil, fazia uma referência ao tema.

Neste contexto, Graçano afirma ter aprofundado seus estudos sobre habitação e urbanismo, relatando ter feito entre dezenove e vinte cursos durante o período, compilando ainda um acervo digital de arquivos em pdf e *e-books* a respeito de temas correlatos. No decorrer dos seus estudos, ele pesquisou a respeito de ações de promoção à regularização fundiária pelo globo, em especial o *Khaya Lam*, projeto da *Free Market Foundation*, entidade sul-africana vinculada à *Atlas Network*, que apoia na cessão de direitos de propriedade a vítimas do *apartheid*. Também relata ter sido inspirado pelo trabalho do economista peruano Hernando de

¹⁶⁸ O GATE tem perfil ativo no *Instagram* (<https://www.instagram.com/gate.brasil/>), e o UJL mantém páginas no *Instagram* (<https://www.instagram.com/ujliberdade/>) e no *X* (<https://x.com/ujliberdade>).

¹⁶⁹ Entrevista concedida ao autor em abril de 2024. Todos os trechos de Graçano citados sem indicação de referência foram retirados desta entrevista. Alguns foram editados para conferir mais fluidez e clareza ao texto.

Soto, que se notabilizou nos anos 1990 por ter exercido influência na plataforma econômica do regime de Alberto Fujimori (1990-2000), sendo também assessor econômico das campanhas presidenciais de Keiko Fujimori em 2011 e 2016¹⁷⁰.

Após sua temporada de estudos, Graçano relata ter proporcionado o contato entre o SFL Brasil e representantes da prefeitura de Barroso. Segundo ele, à época havia processos de regularização fundiária com relação a 150 imóveis no município. Como o SFL não pode se envolver diretamente com políticas pública devido ao *status* jurídico da organização nos EUA, Graçano explica que sua colaboração com a prefeitura para dar andamento aos processos se deu não com a “pessoa jurídica” do SFL, mas sim com a “pessoa física” de Victor Graçano.

Após a regularização de 180 imóveis, 30 a mais do que o número originalmente estimado, Graçano afirma que recebeu uma ligação de Raquel Rezende, à época diretora de regularização fundiária e parcelamento do governo de Minas Gerais. A ligação seria para relatar que, ao saber do projeto realizado em Barroso, o governador Romeu Zema teria manifestado interesse em participar da cerimônia de entrega dos títulos de propriedade. Após concordar com a vinda de Zema, Graçano afirma ter aproveitado a oportunidade para relatar ao governador as limitações financeiras da prefeitura do município em bancar todas as etapas do processo de regularização fundiária.

Sendo assim, após o encontro com Zema em Barroso, firmou-se um acordo no qual o governo do Estado se comprometeria a conceder recursos para realização dos processos na cidade do interior¹⁷¹. Em entrevista, Graçano não chegou a comentar qual repartição pública do governo de MG proveria o financiamento para as ações em Barroso. Cita-se, porém, a existência de programas em nível estadual para a condução de iniciativas quanto ao tema, como o Programa Mineiro de Integração e Regularização Territorial (o Minas Reurb), sob responsabilidade da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (Sede)¹⁷².

Após chamar a atenção do governador do Estado, Graçano afirma ter sido convidado por Nycollas Liberato a participar do *staff* fixo do SFL Brasil. O mineiro então teria passado a agir como um promotor interno sobre direitos de propriedade dentro do SFL Brasil, realizando

¹⁷⁰ Ao longo de sua carreira, De Soto buscou argumentar como a garantia dos direitos de propriedade seria uma resposta adequada à geração de riqueza entre os mais pobres, respondendo à subversão representada por movimentos camponeses pela reforma agrária e guerrilhas esquerdistas (Hernando [...], 2016).

¹⁷¹ Neste primeiro momento, vale citar, Graçano afirmou não ter mantido vínculo empregatício com a prefeitura, algo que viria a ser formalizado posteriormente, chegando a ocupar uma sala no prédio da prefeitura.

¹⁷² Em artigo publicado no sítio eletrônico do governo de MG, datado de 22 de outubro de 2021, menciona-se a vinda de Zema a Barroso para as entregas dos títulos de propriedade ocasião na qual o governador também assinou um despacho para realização de convênio entre o Estado, por meio da Sede, e o município para a emissão de cerca de 1.250 títulos de propriedade no âmbito do Minas Reurb (Governo [...], 2021).

palestras em universidades e preparando materiais de divulgação sobre o assunto, entre os quais um *e-book* e panfletos. Ao mesmo tempo, também passou a assistir a prefeitura de Barroso na condução dos processos de regularização fundiária. A contribuição de Graçano se daria de diversas formas, a começar por bater na porta da casa dos moradores dos imóveis em questão, a fim de explicar-lhes a respeito dos benefícios implicados no processo de regularização.

Nesta fase, o principal desafio seria o de conquistar a confiança dos residentes, haja vista que muitos deles acreditariam a princípio que Graçano estaria se candidatando a algum cargo público. “[O morador] vê alguém batendo na porta e já pensa que é testemunha de Jeová ou político. Tanto é que eles já começam: ‘você é político?’ [...] ‘Ih, esse aí vai se candidatar, sô, porque só assim pra dar as coisas pra gente’”. Para Graçano, as associações de moradores locais cumpriram papel fundamental na transmissão da sua mensagem, dada a credibilidade e reconhecimento dos integrantes dessas entidades junto aos demais habitantes do bairro. Após entrar em contato pessoalmente com os moradores, Graçano em geral organiza uma audiência pública para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Em seguida, há a etapa da realização de levantamento planialtimétrico topográfico, para que seja elaborada uma planta topográfica com todas as dimensões dos terrenos dos imóveis a serem regularizados. O serviço é feito por uma empresa de engenharia, custeada por recursos do governo de Minas Gerais. Depois da elaboração de um memorial descritivo com todas as informações colhidas no levantamento topográfico, realiza-se de uma rodada de entrevistas, fase com a presença de Graçano, para colher informações sobre como se deu a aquisição daquele imóvel por parte do morador, comprovação de habitação, bem como informações pertinentes à infraestrutura urbana das localidades (saneamento básico, colocação de asfalto, etc.).

Por fim, após o fim do prazo de notificação dos possíveis confrontantes – quaisquer pessoas que declarem algum motivo para impugnar a regularização fundiária de um ou mais imóveis listados – junta-se ao memorial descritivo e as informações colhidas pelos entrevistados uma declaração assinada pelo próprio prefeito. Na certidão do chefe do executivo municipal, consta a aprovação da continuidade do processo de regularização fundiária, bem como a determinação sobre à luz de qual modalidade jurídica ela se dará. Graçano informa que os documentos são encaminhados ao cartório, que tem um prazo de sessenta dias para registrar as informações e entregar os títulos de propriedade.

Quando Graçano trata com os moradores a respeito dos benefícios associados à entrega do título, ele destaca a maior segurança jurídica, com a garantia legal da transmissão da propriedade como herança aos descendentes, além de evitar-se a situação de despejo. Cita

também a valorização do valor de mercado imóvel regularizado, a facilitação na solicitação de empréstimos, e até mesmo a possibilidade de se realizar uma pena em prisão domiciliar, caso se comprove residência. Graçano frisa ainda o aspecto “dignificante” da condição de proprietário, consoante ao apregoado por perspectivas que se enxergam como legatárias do liberalismo clássico. Em suas palavras: “as pessoas querem contribuir [com a comunidade], elas querem pagar imposto, porque realmente querem se sentir parte da comunidade”. E mais adiante:

Aí você implanta ali uma escola, uma praça, uma pavimentação, uma rua asfaltada. E as pessoas conseguem isso a partir do título, elas passam a ter o direito de exigir. Antes elas só tinham a Vontade de exigir. [...] Porque a prefeitura, ela tem que assinar um termo, com as intervenções que precisam ser feitas [junto à regularização dos títulos de propriedade], e o prazo para fazer. Então envolve todo um contexto, não é só entregar um título.

Graçano também reiterou crer na promoção da regularização fundiária como uma solução urbanística para a questão das favelas. Entre as vantagens do processo quando comparado a programas de construção de habitação popular, ele sublinha o enraizamento dos moradores naqueles locais, cujas comunidades se desmanchariam caso houvesse necessidade de mudança para um conjunto habitacional. Graçano declarou ainda enxergar na regularização fundiária uma via para o desenvolvimento econômico local. Uma vez que os moradores passariam a se tornar proprietários de suas casas, eles passariam a investir na melhoria da estrutura de seus imóveis, iniciando assim um ciclo virtuoso de aquecimento das atividades econômicas locais. Ao consultar o *Regulariza Barroso* no relatório do SFL de 2023, encontra-se argumento similar:

A falta de acesso a um direito humano básico [a propriedade privada] tem implicações profundas: não somente acorrenta gerações em um implacável ciclo de pobreza, incapazes de herdar ou construir a partir da riqueza familiar, mas também os nega a fundamental identidade cívica que advém de um endereço. Sem isso, o acesso a serviços municipais permanece um sonho distante, e os residentes são frequentemente forçados a depender de redes informais e ilícitas para acessar bens essenciais como eletricidade e *internet* (Students for Liberty, 2023a)¹⁷³.

Ao ser perguntado a respeito de como sua experiência no SFL foi determinante para o êxito do *Regulariza Barroso*, Graçano citou sua participação nos treinamentos oferecidos pela

¹⁷³ Do original: “This lack of access to a basic human right has profound implications: it not only traps generations in a relentless cycle of poverty, unable to inherit or build upon family wealth, but also denies them the fundamental civic identity that comes with a street address. Without this, access to city services remains a distant dream, and residents are often forced to depend on informal or illicit networks for essential utilities like electricity and internet connectivity.”

entidade, sobre temas como angariação de recursos, gestão de redes sociais, oratória, técnicas de venda, destacando sobretudo como aprendeu a ajustar seu *pitch* de vendas conforme o público-alvo. Ele também relatou as vantagens em fazer parte de uma organização transnacional: “Eu brinco muito com o SFL, porque você só está um contato de um Elon Musk da vida [...]. A gente tem [integrantes do] SFL em todos os lugares, tem SFL que é prefeito nos EUA, conselheiro do Parlamento Europeu, que trabalha na Casa Branca”. Por fim, ainda disse que, apesar do *Regulariza Barroso* não ter sido concebido no âmbito do *LibertyLab*, ele teria sido aprimorado lá:

Tinha toda uma questão de planejamento, de execução, de como eu ia conseguir recursos, como eu ia conseguir ferramentas para convencer as pessoas, então o *LibertyLab* fornece esses *soft skills*, pra gente impulsionar o projeto, e me ajudou bastante.

Após a experiência em Barroso – que, segundo Graçano, chegou a regularizar 1.259 imóveis – o mineiro relata ter apoiado iniciativas similares em outras municipalidades pelo Brasil. Para tanto, a rede de contatos do SFL Brasil teria sido de extrema valia, haja vista a animação dos integrantes da entidade com a possibilidade de “levar [adiante] a ideia da liberdade na prática, para além dos grupos de estudos”. Após Barroso, Graçano participou em projetos de regularização fundiária em Santa Rita do Ibitipoca, também em MG, Santa Luzia (Paraíba), Guarapari (Tocantins), além de planos para se iniciar uma ação nos mesmos moldes em Castelo dos Sonhos (Pará). A ação em Guarapari, que regularizou 100% dos imóveis com pendências nesse sentido, foi possível após um feito convite a Graçano por um vereador do município, que teria conhecido o trabalho do mineiro após ouvi-lo em uma entrevista concedida ao *podcast Tapa da Mão Invisível*.

Além disso, Graçano conta como a visibilidade do *Regulariza Barroso* também o permitiu colaborar com o plano de governo de candidatos a cargos públicos. À época da entrevista, ele contou que estava prestes a apoiar na redação do plano de governo de Ricardo Moraes, pré-candidato à prefeitura de Santa Luzia. Ele declara também ter conversado quanto ao tema de regularização fundiária com Guilherme Point, candidato do NOVO ao governo do estado de SP em 2022 e um dos autores da MP da *Casa Verde Amarela*, projeto da administração Jair Bolsonaro. Graçano relata também ter encaminhado materiais a um candidato, cujo nome preferiu não citar, para o governo do estado do Rio de Janeiro.

Além disso, destaca sempre estar em contato com os voluntários do SFL Brasil, ressaltando a importância de eles cobrarem aos candidatos a prefeito de suas cidades a inclusão

da pauta da regularização fundiária nos planos de governo. Segundo Graçano, o projeto do *Regulariza Barroso* foi ainda apresentado para públicos fora do Brasil, relatando ter apresentado o projeto para o SFL Venezuela. Ele também conta ter tratado sobre o *Regulariza Barroso* com Alain Bertaud, que trabalhou entre 1980 e 1999 como planejador urbano do Banco Mundial, em um encontro realizado em Porto Alegre.

Em vias de terminar seu curso de direito – o qual trancou devido à intensidade das suas atividades extracurriculares – Graçano deixou o *staff* do SFL Brasil, a fim de preparar-se para uma nova empreitada: o lançamento de uma ONG voltada para o apoio em processos de regularização fundiária pelo Brasil. A ideia para o instituto, batizado de *Raízes da Liberdade*, teria surgido a partir de conversa entre Graçano e Nycollas Liberato, com o objetivo de conferir mais robustez a projetos inspirados pelo *Regulariza Barroso*. Além disso, a partir da criação de uma outra pessoa jurídica, também seria possível engajar-se no âmbito de políticas públicas, algo em tese restrito ao SFL.

Previsto para ser lançado tão logo seja registrado seu Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), a fundação do *Raízes da Liberdade* também ajudaria, na visão de Graçano, a conferir mais independência com relação às prefeituras, ao possibilitar outros canais para obtenção de recursos:

Com o instituto, a gente tem a lei municipal de utilidade pública. Daí a gente já consegue receber emenda de parlamentar, sem passar pela prefeitura. “Ah, a gente conheceu um deputado lá em Brasília e o deputado quer mandar [recursos] para gente. Então olha, pode mandar pra um dos vereadores lá em Barroso, que eles fazem o repasse pra gente, sem problema nenhum, porque a gente já é declarado [como um instituto de] utilidade pública. Ah, tem empresa no Brasil que faz doação pra projeto social através de lei de fundos específicos. [...] Então têm empresas que fazem essas doações, tem empresa que abre edital pra projeto social no município que ele tem sede. Então todas essas oportunidades, o instituto pode aproveitar.

Por fim, ele argumenta também que o *Raízes da Liberdade* teria ainda o propósito de combinar os projetos em favor da regularização fundiária com uma defesa mais explícita do “liberalismo”, evidenciando a conexão entre a obtenção da propriedade privada e dos valores liberais. Como visto a partir do lançamento de programas globais como *Green Liberty* e de iniciativas locais como o *Regulariza Barroso*, o SFL parece apostar de que habitação permanece, assim, como um tema central no debate político da atualidade. Desta forma, o horizonte de uma *homeownership society* – ainda que a expressão associada a George Bush tenha caído em desuso – aparenta permanecer vivo para organizações como o SFL.

O *Regulariza Barroso*, desse modo, apresenta-se como um estudo de caso pertinente por uma série de razões. A variedade de atores envolvidos em seu âmbito (a “pessoa física” de

Victor Graçano, o SFL, a prefeitura, o governo do estado de MG) argumenta em favor do borramento das fronteiras rígidas entre as categorias tradicionais para descrição da vida política. É um projeto com repercussões sobremaneira locais – como se evidencia pelo relato na aparência prosaico de Graçano com respeito ao fato das associações de bairro serem mobilizadas para angariar apoio à iniciativa – mas ao mesmo tempo também é fruto direto da atuação de uma organização global. Constata-se assim a existência de linha que perpassa Barroso, Belo Horizonte e Washington, DC, mas não necessariamente nos termos estereotípicos com os quais se costuma representar a atuação de entidades transnacionais estadunidenses no exterior.

Mobilizando diferentes esferas do governo, a iniciativa evidencia ainda a porosidade existente entre os domínios tipicamente definidos como “público” e “privado”, tensionando esta dicotomia clássica. Afinal, ao mesmo tempo em que Graçano passou a trabalhar para a prefeitura de Barroso, ele também manteve seu vínculo com o SFL. Em verdade, o jovem relata que, a princípio, ele sequer era formalmente empregado pela prefeitura, mesmo que na prática ele desempenhasse uma função tradicionalmente entendida como de natureza pública. É a posição intermediária ocupada por Graçano – a quem pode ser incluído na categoria de “agente duplo”, na definição de Guilhot (2005) – que permitiu o avanço simultâneo da agenda do poder público municipal, do governo do Estado de MG, bem como da organização global da qual fazia parte.

Outro ponto de destaque na análise do *Regulariza Barroso*, mas também passível de ser aplicado aos outros exemplos da atuação do SFL no Brasil, é a confluência de movimentações vindas de forças sociais “de baixo” com os interesses daqueles situados “em cima”. O fortalecimento dos direitos de propriedade como uma resposta à pobreza e à potencial subversão política – como descrito por Hernando de Soto, citado por Graçano como uma referência intelectual em sua trajetória – é item historicamente presente em diversas recomendações de políticas de organizações como o Banco Mundial (World Bank, 2024). Por sua vez, o papel de apoio da poderosa *Atlas Network* no âmbito do projeto *Khaya Lam*, levado a cabo por uma entidade à sua órbita na África do Sul, também demonstra que a agenda de promoção dos direitos de propriedade é movida por interesses de diversos atores de relevo em nível global.

Porém, o estudo de caso aponta que a iniciativa se assenta também em uma dinâmica social endógena – afinal, certamente os dirigentes do SFL em Washington não seriam as pessoas mais aptas a identificar a “demanda” por um programa de regularização fundiária no interior do Brasil. Os agentes na ponta, assim, revelam-se mais ágeis para captar as “urgências” locais, elaborando respostas às demandas colocadas e possíveis caminhos para novas atuações. Desse

modo, se antes o tema da regularização fundiária era ausente nas comunicações do SFL Brasil, após a dimensão alcançada pelo *Regulariza Barroso* o tema converteu-se pouco a pouco em um dos principais “argumento de venda” para promoção da visão política esposada pela organização no país. Eis assim um possível exemplo, portanto, daquilo que Foucault nomeia como o feitiço *ascendente* das relações de poder, em que mecanismos particulares operam no campo de aplicação das técnicas, para depois serem colonizados por mecanismos mais globais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando mais uma vez Nicolas Guilhot (2005), o autor destaca como uma precaução metodológica sensata considerar a multiplicidade de papéis assumidos pelos atores sociais em distintos contextos. Em suas palavras, a adoção de tal procedimento implicaria uma postura mais receptiva à complexidade empírica por parte do pesquisador. Acredita-se que os resultados obtidos na presente dissertação com relação às atividades promovidas pelo SFL no Brasil corroborem essa recomendação. Seja na análise do *Regulariza Barroso*, do *Brasil Empreende* ou do envolvimento do SFL na formação de quadros para a política profissional e de organizações civis, procurou-se demonstrar a variedade de formas de *como* efetivamente a organização atua no Brasil, transitando entre as esferas “governamental” e “não governamental”, “local” e “global”, “privado e público”, em revelação de fazeres políticos que escapam às tipificações convencionais.

Crê-se também que a pesquisa tenha conseguido descrever e analisar satisfatoriamente como se deu a criação da entidade nos EUA em 2008, seu processo de transnacionalização e posterior “chegada” ao Brasil. A todo momento, buscou-se produzir uma análise que levasse em consideração os interesses de agentes poderosos envolvidos neste movimento, bem como as circunstâncias históricas que ajudam a explicar o enquadramento que a apologia do capitalismo de livre-empresa do SFL assumiu em uma época e localidade específica. Afinal, se os milhões investidos pelos Koch e DeVos certamente fazem a diferença na capacidade de organização e projeção de tais organizações – a infraestrutura da *LibertyCon 2024* que o diga – somente eles não podem explicar como algumas ideias ganham mais tração que outras em determinados contextos, bem como em quais práticas sociais elas se traduzem nas distintas localidades.

Assim sendo, apontou-se como a agenda e curso estratégico do SFL não pode ser resumido à intencionalidade de um punhado de dirigentes em Washington. Trata-se um processo contínuo, formado também a partir dos elementos captados por seus representantes espalhados pelos quatro cantos do globo, levando-se em conta a posição ocupada pela entidade frente a outras forças políticas. Como demonstrado pela *LibertyCon 2024*, o funcionamento do SFL pode ser descrito de forma similar a um barômetro, aferindo a atmosfera política com o objetivo de modular seus temas de interesse e estratégias de persuasão conforme as condições que se apresentam. Além disso, considera-se que a própria organização também funcione, ela mesma, como uma plataforma para que representantes de distintos segmentos do espectro

direitistas compitam por recursos humanos, além de um espaço propício para que elas possam “testar” as melhores formas de emoldurar suas perspectivas frente ao público jovem.

Nesse sentido, foram descobertas relativamente inesperadas o interesse recente pelo SFL quanto às temáticas ambiental e de reforma urbana, como manifesto pelos seus programas *Green Liberty*, de escala global, e *Regulariza Barroso*, em nível local. A despeito de ser contraindicado generalizar o posicionamento adotado pelo SFL nessas matérias para todo o movimento libertariano, acredita-se que sejam indícios no sentido de uma reorientação estratégica de tais organizações com relação aos temas. Portanto, novas pesquisas podem apontar se a “correção de rota” perpetrada pelo SFL é reveladora de uma tentativa mais ampla de se emplacar um “ambientalismo de livre-mercado” como uma resposta mais adequada às mudanças climáticas, frente ao “ambientalismo institucional” das COPs ou ao negacionismo explícito de outras denominações libertistas.

Ademais, a pesquisa reuniu elementos que indicam a possibilidade de se aventar uma ampla reorientação estratégica por parte de atores como o SFL no período pós-crise 2008. O esforço do SFL nos EUA para criar uma resposta alternativa à eclosão da hecatombe financeira, ou a tentativa mais recente para incorporar a insatisfação crescente dos jovens com a falta de moradia nos grandes centros urbanos, demonstram o esforço da organização em revestir o discurso de livre-mercado com uma aura antissistema. Observa-se, assim, uma tentativa de desacoplar o amálgama entre a defesa do capitalismo e da ordem vigente característicos do “neoliberalismo gestor” (Dardot; Laval, 2016) dos anos 1990 e 2000.

O estudo demonstrou também como o “empreendedorismo de si” associado à racionalidade neoliberal está presente na concepção política esposada pelos integrantes do SFL, organização cuja razão de ser consiste na formação de capital humano a ser empregado pelo movimento libertariano global. No contexto do SFL, desenvolvimento profissional e ativismo político são interpretados como sinônimos. Elemento este que se revela até mesmo na estética da *LibertyCon*, tão semelhante à de eventos ocorridos no mundo corporativo, bem como nas falas de jovens que creditam ao SFL papel significativo em seus estudos preparatórios para o corpo diplomático ou em suas exitosas campanhas para cargos legislativos.

Além disso, a promoção de uma mentalidade empreendedora é vastamente promovida nas ações da entidade, mas não necessariamente por meio do “convencimento das ideias”. Projetos como o *Regulariza Barroso* e o *Brasil Empreende* não consistem em martelar os nomes de Milton Friedman e Ludwig Von Mises para universitário incautos, mas sim em apresentar os benefícios práticos decorrentes de se adotar uma conduta empreendedora, seja por meio da gestão das suas finanças pessoais, seja pela regularização da sua propriedade. Enfim,

visa-se a formação de indivíduos com o *alertness* necessário para prosperar em uma economia de mercado oscilante, sem recorrer à assistência social ou ao questionamento da ordem econômica vigente.

Quando se fala na promoção deste “empreendedorismo de si”, contudo, cabe ponderar que a forma como se traduz na realidade pode variar sobremaneira, mais uma vez em atestado da importância de se analisar os contextos específicos. A partir da reflexão ocorrida ao longo do processo de pesquisa, sublinha-se como as expressões direitistas da contemporaneidade não podem ser simplesmente descritas como emuladoras de um “neoliberalismo eterno”, sempre o mesmo a despeito da variedade geográfica e temporal. Javier Milei, afinal, não é um *revival* do *thatcherismo*. Sendo assim, acredita-se que a cautela prescrita por Wendy Brown (2020) seja pertinente, no sentido de identificar que elementos interiores à lógica neoliberal se cruzaram, de modo inesperado, com outras forças sociais em tempos recentes, produzindo uma força política distinta do que se convencionou denominar como neoliberalismo entre as décadas de 1970 e 2000. Trata-se de consideração válida a ser tomada em estudos posteriores sobre as forças direitistas da atualidade, bem como para se compreender a dimensão moral do pensamento de baluartes do neoliberalismo, seja da Escola de Chicago (Cooper, 2017), seja da Escola Austríaca (Brown, 2020).

Desse modo, no sentido de pensar em caminhos potenciais para a presente pesquisa, acredita-se válido atentar-se para como os tais grupos libertarianos trabalham com temas associados a gênero, orientação sexual e raça em seu discurso, a fim de compreender também como as recentes mobilizações em torno do questionamento das diversas hierarquias sociais impactaram o campo do pensamento político direitista. Também se propõe que estudos comparativos quanto à atuação de organizações transnacionais como o SFL e a *Atlas Network* em diferentes localidades pode ser outra possibilidade frutífera. Por quê, por exemplo, o “anarcocapitalismo” de Milei aparenta ter ressoado mais junto ao público argentino quando comparado ao brasileiro? Como se deu o processo de “importação” de *expertise* política na ascensão de grupos pró-mercado em distintos países nos últimos anos? São algumas perguntas suscitadas – as quais, defende-se, podem fazer uso das descobertas do presente estudo para a realização de futuros trabalhos acadêmicos a respeito das articulações transnacionais das expressões direitistas emergidas nos anos 2010.

REFERÊNCIAS

- ACTION 4 LIBERTY. **About**. Roseville: Action 4 Liberty, 2024. Disponível em: <https://www.action4liberty.com/about>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- ALFRED P. SLOAN FOUNDATION. Home. Nova Iorque: Sloan Foundation, 2025. Disponível em: <https://sloan.org/>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- AMARAL, Juliana. A nova roupa da direita. **Agência Pública**, 23 jun. 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- AMERICAN DEBATE LEAGUE. **Home**. New Rochelle: American Debate League, 2024. Disponível em: <https://www.americandebateleague.org/>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- AMERICORPS. **About: What We Do**. Washington, DC: AmeriCorps, 2024. Disponível em: <https://americorps.gov/about/what-we-do>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ARALDI, Lucas. **Na batalha de ideias**: objetivos, meios e ações da Atlas Network no Brasil. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220472>. Acesso em: 3 fev. 2025.
- ARTS, Bas. Non-state actors in global environmental governance: New arrangements beyond the state. In: LEDERER, Markus; MÜLLER, Phillip S (ed.). **Criticizing Global Governance**. Londres: Palgrave Macmillan, 2005. DOI: https://doi.org/10.1057/9780230372887_8.
- AS BASES e o “habitat” da nova direita. **Rede Brasil Atual**, [s. l.], 15 maio 2017. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/as-bases-e-o-habitat-da-nova-direita/>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- ATLAS NETWORK. **Year-In-Review Fall 2004**. Arlington: Atlas Network, 2004. Disponível em: <https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/2004yearinreview.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ATLAS NETWORK. **Year-In-Review Fall 2008**. Arlington: Atlas Network, 2008. Disponível em: https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/22209874-Atlas-Year-in-Review-2008_1.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ATLAS NETWORK. **Year-In-Review Fall 2009**. Arlington: Atlas Network, 2009. Disponível em: <https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/22212103-Atlas-Year-in-Review-2009.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ATLAS NETWORK. **Year-In-Review Fall 2010**. Arlington: Atlas Network, 2010. Disponível em: https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/Atlas_2010_YIR_MedRes.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ATLAS NETWORK. **Year-In-Review Fall 2011**. Arlington: Atlas Network, 2011. Disponível em:

https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/Annual_Report_2011.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

ATLAS NETWORK. **Year-In-Review Fall 2013**. Arlington: Atlas Network, 2014.

Disponível em:

https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/Annual_Report_2013.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

ATLAS NETWORK. **Year-In-Review Fall 2014**. Arlington: Atlas Network, 2013.

Disponível em:

https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/Atlas_Network_YIR_2014.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

AUGUSTO, Acácio; JOURDAN, Camila. Anarquismo ultraliberal é só uma moda, dizem pesquisadores. **Folha de São Paulo**, [s. l.], 17 ago. 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/08/anarquismo-ultraliberal-e-so-uma-moda-dizem-pesquisadores.shtml>. Acesso em: 25 jun. 2024.

AZEVEDO, Mário; CATANI, Afrânio; HEY, Ana Paula. Circulação das ideias e internacionalização da Educação Superior: inferências a partir da teoria dos campos de Pierre Bourdieu. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 296-304, set.-dez. 2017. DOI:

<https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.3.28980>. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/28980>. Acesso em: 3 fev. 2025.

AZEVEDO, Rita. A “startup” que surgiu pra fazer protestos. **Exame**, [s. l.], 14 mar. 2016.

Disponível em: <https://exame.com/brasil/conheca-o-mbl-a-startup-que-surgiu-para-fazer-protestos/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BARTLETT, Bruce. How Bush Bankrupted America. **Cato Institute**, [s. l.], jan./fev. 2006.

Disponível em: <https://www.cato.org/policy-report/january/february-2006/how-bush-bankrupted-america>. Acesso em: 17 abr. 2024.

BIANCO, Ricardo Grandi. Após início promissor, Partido Novo vive período de crise e busca se reestruturar. **Esquinas**: Revista Digital Laboratório da Faculdade Cásper Líbero, [s. l.], ano 1, 29 abr. 2023. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/politica/apos-inicio-promissor-partido-novo-vive-periodo-de-crise-e-busca-se-reestruturar/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

BITTENCOURT, Paulo Victor Zaneratto. **Revisitando a “síntese neo-neo” à luz do**

conceito de cooperação a partir do pensamento de Kenneth Waltz. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2018. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/11449/154956>. Acesso em: 3 fev. 2025.

BLASKO, Andrew. Reagan and Heritage: A Unique Partnership. **The Heritage Foundation**, Washington, DC, 7 jun. 2004. Disponível em:

<https://www.heritage.org/conservatism/commentary/reagan-and-heritage-unique-partnership>. Acesso em: 30 jun. 2024.

BLUNDELL, John. Lady Thatcher and the IEA. **Institute for Economic Affairs**, [s. l.], 9 abr. 2013. Disponível em: <https://iea.org.uk/blog/lady-thatcher-and-the-iea>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BOAZ, David. **David Boaz's Last Public Remarks: The Rise of Illiberalism in the Shadow of Liberal Triumph**. [S. l.: s. n.]: 2024. 1 vídeo (16 min). Publicado pelo canal Students For Liberty. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BDtXu6Bpr_k. Acesso em: 10 fev. 2025.

BOAZ, David. Defining an Ownership Society. **Cato Institute**, [s. l.], 1 set. 2004. Disponível em: <https://www.cato.org/defining-ownership-society>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BOLETIM entrevista redator-chefe da MP da liberdade econômica: ‘medida sem precedentes no Brasil moderno’. **Boletim da Liberdade**, [s. l.], 3 ago. 2019. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2019/08/03/boletim-entrevista-redator-chefe-da-mp-da-liberdade-economica-medida-sem-precedentes-no-brasil-moderno/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BOLSON, Bibiana. Eleito deputado federal, Kim Kataguiiri declara “voto útil” em Bolsonaro. **UOL Eleições 2018**, [s. l.], 07 out. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/07/eleito-deputado-federal-kim-kataguiiri-declara-voto-util-em-bolsonaro.htm>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BOLSONARO em 25 frases polêmicas. **Carta Capital**, [s. l.], 29 out. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BONIN, Robson. Organização vai oferecer curso de empreendedorismo a 100 mil jovens. **Veja**, [s. l.], 4 maio 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/organizacao-vai-oferecer-curso-de-empreendedorismo-a-100-mil-jovens>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BRASIL EMPREENDE. **Home**. McLean: Students for Liberty Brasil, 2024. Disponível em: <https://brasilemprende.org.br/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.874, de 20 de setembro de 2019**. Institui a Declaração de Direitos de Liberdade Econômica; estabelece garantias de livre mercado[...]; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13874.htm. Acesso em: 24 jun. 2024.

BRAY, Mark. **Antifa: Manual Antifascista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

BRECHER, Jeremy. The World War II and post-war strike wave. **Libcon.org**, [s. l.], 17 dez. 2009. Disponível em: <https://libcom.org/article/world-war-ii-and-post-war-strike-wave-jeremy-brecher>. Acesso em: 30 jun. 2024.

BROWN, Wendy. **Nas Ruínas do Neoliberalismo: A Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.

BUTLER, Judith. Merely Cultural. **Social Text**, [s. l.], n. 52/53, p. 265-277, 1997. DOI: <https://doi.org/10.2307/466744>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/466744>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A Nova Direita no Brasil**: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014). 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: <https://ap.uff.br/riuff/handle/1/13910>. Acesso em: 3 fev. 2025.

CATTANEO, Carolina; HEURICH, Joyce. Candidato a deputado federal mais votado no RS diz representar “todos que esperam mais liberdade individual”. **Portal G1**, [s. l.], 08 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/candidato-a-deputado-federal-mais-votado-no-rs-diz-representar-todos-que-esperam-mais-liberdade-individual.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável**: uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: Ubu, 2020.

CHARTIER, Gary; JOHNSON, Charles W. **Markets not Capitalism**: Individual Anarchism Against Bosses, Inequality, Corporate Power and Structural Poverty. Nova Iorque: Autonomedia, 2011.

CIDADES PRÓSPERAS. **Home**. [S. l.]: Cidades Prósperas, 2023. Disponível em: <https://cidadesprosperas.com.br/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CÍRCULOS DE ESTUDOS ROBERTO CAMPOS. CERC é Membro da Students for Liberty. **Blog do CERC**, [s. l.], 27 abr. 2009a. Disponível em: <https://blogdocerc.blogspot.com/2009/04/cerc-e-membro-da-students-for-liberty.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CÍRCULOS DE ESTUDOS ROBERTO CAMPOS. Curso de formação de lideranças- Instituto da Liberdade 2010. **Blog do CERC**, [s. l.], 16 abr. 2010a. Disponível em: <https://blogdocerc.blogspot.com/2010/04/curso-de-formacao-de-liderancas.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CÍRCULOS DE ESTUDOS ROBERTO CAMPOS. Projeto Liberdade na Estrada - na UFGRS dia 05/10. **Blog do CERC**, [s. l.], 28 set. 2009b. Disponível em: <https://blogdocerc.blogspot.com/2009/09/projeto-liberdade-na-estrada-na-ufrgs.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CÍRCULOS DE ESTUDOS ROBERTO CAMPOS. Repost: CERC Entrevista Vera Guasso. **Blog do CERC**, [s. l.], 4 mar. 2010b. Disponível em: <https://blogdocerc.blogspot.com/2010/03/repost-cerc-entrevista-vera-guasso.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CÍRCULOS DE ESTUDOS ROBERTO CAMPOS. XXII Fórum da Liberdade. **Blog do CERC**, [s. l.], 24 mar. 2009c. Disponível em: <https://blogdocerc.blogspot.com/2009/03/xxii-forum-da-liberdade.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CLUBE FARROUPILHA. **Homepage do Simpósio Interdisciplinar Farroupilha**. Santa Maria, 2024. Disponível em: <https://www.clubefarroupilha.com.br/sif/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CLUBE FARROUPILHA. **O que é o Clube Farroupilha**. Santa Maria, [2024]. Disponível em: <https://clubefarroupilha.com.br/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CLUBE PITANGUÁ. **Ontem ocorreu o I Fórum de Lideranças que contou com palestras e debates sobre temas como Reforma da Previdência, Economia Sustentável e Produtividade no Brasil. Agradimentos aos palestrantes que tornaram esse Sábado, um dia de muito conhecimento e debate!! Futuramente, muito mais encontros como este 37 estão por vir!!!**. Santos, 26 de maio de 2019. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/clubepitangua/?ref=page_internal. Acesso em 28 fev. 2025.

CONSUMER CHOICE CENTER. About Us, 2020. Disponível em: About Us. Acesso em 16 de agosto de 2020.

COCKETT, Richard. **Thinking the Unthinkable: Thinks-Tanks And The Economic Counter-Revolution 1931-1983**. Londres: HarperCollins, 1995.

CONGRESS BUDGET OFFICE. **Estimated Impact of the American Recovery and Reinvestment Act on Employment and Economic Output From April 2010 Through June 2010**. Washington, DC: CBO, 2010. Disponível em: <https://www.cbo.gov/sites/default/files/111th-congress-2009-2010/reports/08-24-arr.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2024.

COOPER, Melinda. **Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism**. Nova Iorque: Zone Books, 2017. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt1qft0n6>.

COOPER, Melinda. Neoliberalism's Family Values: Welfare, Human Capital and Kinship. In: PLEHWE, Dieter; SLOBODIAN, Quinn; MIROWSKI, Phillip. **Nine Lives of Neoliberalism**. Londres: Verso, 2020.

COX, Robert. Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método. In: GILL, Stephen. **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 101-123.

CPI das Pirâmides Financeiras conclui trabalhos sugerindo 4 projetos de lei e 45 indiciamentos. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília, DF, 9 out. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1005906-cpi-das-piramides-financeiras-conclui-trabalhos-sugerindo-4-projetos-de-lei-e-45-indiciamentos>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CRANE, Ed. The Dangers of Compassionate Conservatism. **Cato Institute**, [s. l.], maio/jun. 2001. Disponível em: <https://www.cato.org/sites/cato.org/files/serials/files/policy-report/2001/5/compconserv.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CURSOS. **Estudantes pela Liberdade**, [s. l.], 2024. Disponível em: <https://epl.thinkific.com/collections>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE PINTO, Jennifer; SALVANTO, Anthony; BACKUS, Fred. CBS News Polls Finds Big Majority of Americans Support US Taking Steps to Reduce Climate Change. **CBS News**, [s. l.], 21 abr. 2024. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/poll-reduce-climate-change-extreme-weather-04-21-2024/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DENORD, François. The Origins of Neoliberalism in France: Louis Rougier and the 1938 Conference. **Le Mouvement Social**, [s. l.], v. 195, n. 2, p. 9-34, 2001. DOI: <https://doi.org/10.2307/3780000>.

DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant. **The Internationalization of Palace Wars**. Chicago: Chicago University Press, 2002. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226144276.001.0001>.

DJELIC, Marie-Laure; MOUSAVI, Reza. How the Neoliberal Think Tank Went Global: The Atlas Network, 1981 to the present. In: PLEHWE, Dieter; SLOBODIAN, Quinn; MIROWSKI, Phillip. **Nine Lives of Neoliberalism**. Londres: Verso, 2020.

DOHERTY, Brian. A Tale of Two Libertarianisms. **Reason**, [s. l.], 1 mar. 2010. Disponível em: <https://reason.com/2010/03/01/a-tale-of-two-libertarianisms/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

DOHERTY, Brian. **Radicals for Capitalism**: a Freewheeling History of the American Libertarian Movement. Nova Iorque: Public Affairs, 2007.

DOHERTY, Brian. **Ron Paul's rEVOLution**: The Man and the Movement He Inspired. Northampton: Broadside Books, 2012.

DOHERTY, Brian. The Ron Paul/Bernie Sanders Connection. **Reason**, [s. l.], 9 fev. 2016. Disponível em: <https://reason.com/2016/02/09/the-ron-paulbernie-sanders-connection/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

DOHERTY, Caroll; KILEY, Jocelyn. A Look Back at How Fear and False Beliefs Bolstered US Public Support for War in Iraq. **Pew Research Center**, [s. l.], 14 mar. 2023. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2023/03/14/a-look-back-at-how-fear-and-false-beliefs-bolstered-u-s-public-support-for-war-in-iraq/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

EMPREENDEdorISMO para 100 mil jovens. **O Fluminense**, [s. l.], 15 maio 2022. Disponível em: <https://www.ofluminense.com.br/cidades/2022/05/1250330-empreendedorismo-para-100-mil-jovens.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

EPISÓDIO 61: Os estudantes e a liberdade. [Locução de]: Paulo Santos e Julio Fuchs. [S. l.]: Tapa da Mão Invisível, 14 dez. 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://tapadamaoinvisivel.com.br/ep061/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

“EPL não virou SFL Brasil”, diz Juliano Torres em nota no Facebook. **Boletim da Liberdade**, [s. l.], 25 nov. 2016. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2016/11/25/epl-nao-virou-sfl-brasil-diz-juliano-torres-em-nota-no-facebook/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ESTUDANTES PELA LIBERDADE. “... **Tampouco se comprovou a prática [...]**”. [S. l.], 9 mar. 2018. X: @epliberdade. Disponível em: <https://x.com/epliberdade/status/972262521070645248>. Acesso em: 26 fev. 2025.

ESTUDANTES PELA LIBERDADE. **No dia 10 de Outubro lançamos mais um curso em parceria com a FEE, o Booms & Busts!** [S. l.], 20 nov. 2017. X: @epliberdade. Disponível em: <https://x.com/epliberdade/status/932593760596262917>. Acesso em: 26 fev. 2025.

FACT Sheet: America’s Ownership Society: Expanding Opportunities. White House Archives. Washington D.C, 09 ago.2004. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2004/08/20040809-9.html>. Acesso em 28 fev.2025.

FACT Sheet: Financing Assistance to Facilitate the Restructuring of Auto Manufacturers to Attain Financial Viability. **White House Archives**, Washington, DC, 19 dez. 2008. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2008/12/20081219-6.html>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FARRELL, William. Israel Turns to Milton Friedman. **The New York Times**, Jerusalém, 26 jun. 1977. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1977/06/26/archives/israel-turns-to-milton-friedman.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FELTRAN, Gabriel. The revolution we are living. **Journal of Ethnographic Theory**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1086/708628>. Disponível em: <https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/1407>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FERNANDES, Thaís. Students For Liberty Brasil: 2022 será ano determinante para a liberdade. **Porto Ferreira Hoje**, [s. l.], 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.portoferreirahoje.com.br/noticia/2022/01/23/students-for-liberty-brasil-2022-sera-ano-determinante-para-a-liberdade/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO, Emanuel Assis Aleixo de. Justiça Ambiental e o Green New Deal: uma análise interseccional dentro da lógica de teoria aplicada. **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, [s. l.], v. 10, n. 20, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2318-9452.2023v10n20.66213>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/66213>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FRASER, Nancy. The End of Progressive Neoliberalism. **Dissent**, [s. l.], 2 jan. 2017. Disponível em: https://www.dissentmagazine.org/online_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser/. Acesso em: 17 abr. 2024.

GAMBER-THOMPSON, Liana. Bypassing the Ballot Box: How Libertarian Youth Are Reimagining the Political. In: JENKINS Henry; SHRESTHOVA, Sangita; GAMBER-THOMPSON, Liana; KLIGLER-VILENCHIK, Neta; ZIMMERMAN, Arely M. **By Any Media Necessary: The New Youth Activism**. New York: New York University Press, 2016. DOI: <https://doi.org/10.18574/nyu/9781479829712.003.0009>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.18574/nyu/9781479829712.003.0009/html?lang=en>. Acesso em: 17 abr. 2024.

GEANLUCA Lorenzon, secretário de Advocacia da Concorrência e Competitividade pediu para sair. **ASMETRO-SI**, Duque de Caxias, 19 ago. 2022. Disponível em: <https://asmetro.org.br/portalsn/2022/08/19/geanluca-lorenzon-secretario-de-advocacia-da-concorrenca-e-competitividade-pediu-para-sair/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GEOFFREY, Marjorie. Imagination and its Failures: The Struggle of a Conservative American Foreign Policy In: GOTTFRIED, Paul. **The Vanishing Tradition: Perspectives on American Conservatism**. DeKalb: Northern Illinois University Press, 2020. DOI: <https://doi.org/10.7591/cornell/9781501749858.003.0006>.

GHOSH, Saurav. PACs, Super PACs and More: Your Guide to Key Election Spending Vehicles. **CLC: Advancing Democracy Through Law**, [s. l.], 15 set. 2022. Disponível em: <https://campaignlegal.org/update/pacs-super-pacs-and-more-your-guide-key-election-spending-vehicles>. Acesso em: 17 abr. 2024.

GIBSON, Connor. Koch-Controlled Organizations Spent More Than \$1.1 Billion During the 2020 Election Cycle. Exposed by **CMD**, [s. l.], 8 ago. 2022. Disponível em: <https://www.exposedbycmd.org/2022/08/08/koch-controlled-organizations-spent-more-than-1-1-billion-during-the-2020-election-cycle/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GIBSON, Ginger. Trump says immigrants are “poisoning the blood of our country.” Biden campaign likens comments to Hitler. **NBC News**, [s. l.], 17 dez. 2023. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/politics/2024-election/trump-says-immigrants-are-poisoning-blood-country-biden-campaign-rcna130141>. Acesso em: 19 jun. 2024.

GOBBI, Danniell. **Identidade em Ambiente Digital: Uma Análise da Rede Estudantes pela Liberdade**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/22245>. Acesso em: 3 fev. 2025.

GONYEA, Dan. What is CPAC? A Room That Didn’t Always Loved Trump, But Owes Him a Lot. **NPR**, [s. l.], 22 fev. 2017. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/02/22/516535373/what-is-cpac-a-room-that-didnt-always-love-trump-but-owes-him-a-lot>. Acesso em: 17 abr. 2024.

GOVERNO de Minas e Prefeitura de Barroso fecham parceria para concessão de 1.250 títulos de propriedade urbana. **Secretaria de Desenvolvimento Econômico**, Belo Horizonte, 22 out. 2021. Disponível em: <https://www.desenvolvimento.mg.gov.br/inicio/noticias/noticia/1728/governo-de-minas-e-prefeitura-de-barroso-fecham-parceria-para-concess%3Fo-de-1.250-t%3Ftulos-de-propriedade-urbana>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GREENFIELD, Jeff. We're still feeling the aftershocks of the 2010 midterms elections. **Washington Post**, [s. l.], 12 maio 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/05/12/2010-elections-politics-effects/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

GREENPEACE. **Atlas Network**. [S. l.]: Greenpeace, 2024a. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/usa/fighting-climate-chaos/climate-deniers/front-groups/atlas-economic-research-foundation/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

GREENPEACE. **Students for Liberty**. [S. l.]: Greenpeace, 2024b. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/usa/fighting-climate-chaos/climate-deniers/front-groups/students-for-liberty/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2002.226473>. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/226473>. Acesso em: 3 fev. 2025.

GROVE, Lloyd. Barry Goldwater's Left Turn. **Washington Post**, [s. l.], 28 jul. 1994. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20000914042130/http://washingtonpost.com/wp-srv/politics/daily/may98/goldwater072894.htm>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GUILHOT, Nicolas. Os profissionais da democracia em ação. In: LINS, Daniel; WACQUANT, Loïc (org.). **Repensar os Estados Unidos**: por uma sociologia do superpoder. São Paulo, Papirus, 2003.

GUILHOT, Nicolas. **The Democracy Makers**: Human Rights and the Politics of Global Order. Nova Iorque: Columbia Press University, 2005. DOI: <https://doi.org/10.7312/guil13124>.

HARBERGER, Robyn. Brasil Empreende: Empowering Brazil's Disadvantaged Youth. **Students For Liberty Blog**, McLean, 11 mar. 2023. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/blog/brasil-empreende-empowering-brazils-disadvantaged-youth/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

HAYEK, Friedrich A. **Direito, legislação e liberdade**: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. Tradução de Henry Maksoud. São Paulo: Visão, 1985.

HAYEK, Friedrich A. The Intellectuals and Socialism. In: HUSZAR, George B. (ed.). **The Intellectuals**: A Controversial Portrait. Glencoe: The Free Press, 1960.

HAYEK, Friedrich A. The Use of Knowledge in Society. **The American Economic Review**, [s. l.], v. 35, n. 4, p. 519-530, 1945. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1809376>. Acesso em: 3 fev. 2025.

HEALE, Michael J. **McCarthy's Americans**: Red Scare Politics in State and the Nation. Athens: University of Georgia Press, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-349-14546-1>.

HERNANDO de Soto: “Alberto Fujimori fue víctima de la seducción de Montesinos”. **RPP**, [s. l.], 8 maio 2016. Disponível em: <https://rp.pe/politica/elecciones/hernando-de-soto-alberto-fujimori-fue-victima-de-la-seduccion-de-montesinos-noticia-960476>. Acesso em: 24 jun. 2024.

HOLLERAN, Max. **Yes to the City**: Millennials and the Fight for Affordable Housing. Princeton: Princeton University Press, 2022.

HOW Donald Trump perpetuated the “Birther” Movement for years. **ABC News**, [s. l.], 16 set. 2016. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/donald-trump-perpetuated-birther-movement-years/story?id=42138176>. Acesso em: 17 abr. 2024.

HOW It Works. **DonorsTrust**, Alexandria, 2024. Disponível em: <https://www.donorstrust.org/how-it-works/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

HOW the Tea Party Paved the Way for Donald Trump. Niskanen Center, [s.l.], 12 set. 2018. Disponível em: <https://www.niskanencenter.org/how-the-tea-party-paved-the-way-for-donald-trump/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

HÜLSMANN, Jörg Guido. **Mises**: The Last Knight of Liberalism. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007.

IKEONU, Kaycee. **Perfil**. Washington, DC, [2024]. LinkedIn: kaycee-ikeonu-81597a183. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/kaycee-ikeonu-81597a183>. Acesso em: 24 jun. 2024.

INFLATION Calculator. Federal Reserve Bank of Minneapolis, Minneapolis, [2023]. Disponível em: <https://www.minneapolisfed.org/about-us/monetary-policy/inflation-calculator>. Acesso em: 30 jun. 2023.

INGBER, Stanley. The Marketplace of Ideas: A Legitimizing Myth. **Duke Law Journal**, [s. l.], v. 33, n. 1, 1984. DOI: <https://doi.org/10.2307/1372344>. Disponível em: <https://scholarship.law.duke.edu/dlj/vol33/iss1/1/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

INSTITUTE FOR QUEER ECONOMICS. **Home**. [S. l.]: Institute for Queer Economics, 2023. Disponível em: <https://www.queerecon.org/>. Acesso em: 16 abr. 2024

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. **Home**. Porto Alegre: IEE, 2024. Disponível em: <https://www.iee.com.br/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

INSTITUTO LING. Conheça os Bolsistas do Instituto Ling 2023! **Blog do Instituto Ling**, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://institutoling.org.br/bolsas-de-estudo/blog/bolsas-de-estudo/conheca-os-bolsistas-do-instituto-ling-2023>. Acesso em: 24 jun. 2024.

INSTITUTO MILLENIUM. Grupo leva valores do empreendedorismo para escolas. **Exame**, [s. l.], 29 set. 2020. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/instituto-millennium/grupo-leva-valores-do-empreendedorismo-para-escolas/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

INTERNAL REVENUE SERVICE. Exemption Requirements - 501(c)(3) organizations. [Washington, DC]: IRS, 2024. Disponível em: <https://www.irs.gov/charities-non->

profits/charitable-organizations/exemption-requirements-501c3-organizations. Acesso em: 16 abr. 2024.

JAGODA, Naomi. Alum sued for misappropriating funds from debate organization. **The Daily Pennsylvanian**, [s. l.], 2 abr. 2009. Disponível em: https://www.thedp.com/article/2009/04/alum_sued_for_misappropriating_funds_from_debate_organization. Acesso em: 17 abr. 2024.

JAMES, Frank. Ayn Rand: Conservatives' Abortion Rights, Anti-Religion Inspiration. **NPR**, [s. l.], 14 nov. 2011. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/itsallpolitics/2011/11/14/142300606/ayn-rand-conservatives-pro-abortion-anti-religion-inspiration>. Acesso em: 16 abr. 2024.

JARDIM, Claudia. Chávez vence referendo e conquista reeleição ilimitada. **BBC Brasil**, Caracas, 15 fev. 2009. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/02/090216_venezuela_resultado_rc. Acesso em: 15 jun. 2024.

JARVEY, Ben. Documents Show Koch Network's "Structure of Social Change" in Action. **DeSmog**, [s. l.], 19 ago. 2019. Disponível em: <https://www.desmog.com/2019/08/19/kochs-americans-prosperity-structure-social-change/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

JOHNSON, David K. **The Lavender Scare: The Cold War Persecution of Gays and Lesbians in the Federal Government**. Chicago: Chicago University Press, 2004.

JRAISATTI, Jorge. **Perfil**. Bruxelas, [2024]. LinkedIn: jorgejraissati. Disponível em: <https://es.linkedin.com/in/jorgejraissati>. Acesso em: 24 jun. 2024.

KECK, Margaret E.; SIKKINK, Kathryn. **Activists beyond Borders: Advocacy Networks in Transnational Politics**. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

KENDZIOR, Sarah. Why Young Americans are Giving on Capitalism? **Foreign Policy**, [s. l.], 16 jun. 2016. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2016/06/16/why-young-americans-are-giving-up-on-capitalism/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

KIMBALL, Jill. Costs of the 20-year war on terror: \$8 trillion and 900.000 deaths. **News from Brown**, Providence, 1 set. 2021. Disponível em: <https://www.brown.edu/news/2021-09-01/costsofwar>. Acesso em: 17 abr. 2024.

KIRZNER, Israel. **Competition and Entrepreneurship**. Chicago: Chicago University Press, 2012.

KROLL, Andy. Exposed: The Dark Money ATM of the Conservative Movement. **Mother Jones**, [s. l.], 5 fev. 2013. Disponível em: <https://www.motherjones.com/politics/2013/02/donors-trust-donor-capital-fund-dark-money-koch-bradley-devos/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

LASINTEC. **Boletim (Anti)Segurança n. 32**: Argentina, 2023: Javier Milei e a Política da Escassez, Osasco, 30 nov. 2023. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1OU9JtM2HIENcZUB_gRs_dDdEkg_bIM8Q/view. Acesso em: 30 jun. 2024.

LEARN LIBERTY. **About**. McLean: Learn Liberty, 2024a. Disponível em: <https://www.learnliberty.org/about/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LEARN LIBERTY. **Courses**. McLean: Learn Liberty, 2024b. Disponível em: <https://courses.learnliberty.org/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LENNON, Will. An Introduction to the Koch digital media network. **OpenSecrets**, [s. l.], 9 out. 2018. Disponível em: <https://www.opensecrets.org/news/2018/10/intro-to-koch-brothers-digital/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

LEPORE, Jill. **The Whites of Their Eyes**: The Tea Party's Revolution and the Battle over American History (The Public Square). Princeton: Princeton University Press, 2011.

LESTER, Patricia; RAUCH, Paula; LOUCKS, Laura; SORNBORGER, Jo; OHYE, Bonnie; KARNICK, Nirankin. Posttraumatic Stress Disorder and Military-Connected Families: The Relevance of a Family Centered Approach. **Focus**, [s. l.], v. 15, n. 4, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1176/appi.focus.20170027>. Disponível em: <https://focus.psychiatryonline.org/doi/full/10.1176/appi.focus.20170027>. Acesso em: 17 abr. 2024.

LIBERALISMO em SP: jovens estudantes realizam projetos. **Porto Ferreira Hoje**, [s. l.], 6 jan. 2021. Disponível em: <https://www.portoferreirahoje.com.br/noticia/2021/01/06/liberalismo-em-sp-jovens-estudantes-realizam-projetos/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON BRASIL. **O que é**. [Belo Horizonte]: Students For Liberty Brasil, 2024. Disponível em: <https://libertycon.com.br/#sobre>. Acesso em: 16 abr. 2024.

LIBERTYCON. Ali Procopio. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024a. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/ali-procopio/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. Conor Fogerty. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024b. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/conor-fogerty/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. Dale Wooldridge. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024c. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/wooldridge/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. Daphne Posadas. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024d. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/daphne-posadas/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. David Deerson. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024e. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/david-deerson/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. Jaime Rangel. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024f. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/jaime-rangel/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. Joe Luppino-Esposito. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024g. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/joe-luppino-esposito/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. Paul Meany. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024h. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/paul-meany/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. **Program**. McLean: Students For Liberty, 2024i. Disponível em: <https://www.libertycon.com/program/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LIBERTYCON. Rachel Swaffer. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024j. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/rachel-swaffer/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. Rob Tracinski. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024k. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/rob-tracinski/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. Stephanie Slade. **LibertyCon Blog**, McLean, 2024l. Disponível em: <https://www.libertycon.com/blog/speakers/stephanie-slade/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIBERTYCON. **Sponsorship**. McLean: Students For Liberty, 2024m. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20240621144302/https://www.libertycon.com/sponsorship/>. Acesso em: 06 mar.. 2025.

LIBERTYCON. **The Climate & Freedom Accord Workshop**. McLean: Students For Liberty, 2024n. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScg0hDbZFfi519nHJRCdmkkeE1EmDgY9S11ASoakY_kwTGbP0w/viewform. Acesso em: 24 jun. 2024.

LIMONGI, Fernando. **Operação impeachment: Dilma Rousseff e o Brasil da Lava Jato**. São Paulo: Todavia, 2023.

LORENZON, Gianluca. **Perfil**. Stanford, [2024]. LinkedIn: geanluca-lorenzon. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/geanluca-lorenzon> . Acesso em: 26 fev. 2025.

MACASKILL, Ewen; PILKINGTON, Ed. Report links Tea Party movement to white supremacist groups. **The Guardian**, [s. l.], 20 out. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2010/oct/20/report-links-tea-party-to-white-supremacist-groups>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MCCLOSKEY, Deirdre. **The Ideology Behind the Barbie Movie**. [S. l.: s. n.]: 2023. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal The Invisible Lens. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I0L9XNNmdSQ>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MALLON, Thomas. A View from the Fringe. **The New Yorker**, [s. l.], 3 jan. 2016. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2016/01/11/a-view-from-the-fringe>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MAMMARELLA, Laura. Club Open to Libertarians. **The Daily Collegian**, [s. l.], 21 set. 2006. Disponível em: https://www.psucollegian.com/archives/club-open-to-libertarians/article_f8e6d6c8-13b3-5d62-b235-ee7729298527.html. Acesso em: 17 de abril.

MARINS, Lucas Gabriel. Pirâmide de R\$7 bi com “robô milagroso” da Atlas Quantum é alvo de CPI; conheça o caso. **InfoMoney**, [s. l.], 30 maio 2023. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/onde-investir/golpe-de-r-7-bi-com-robo-milagroso-da-atlas-quantum-e-alvo-da-cpi-das-piramides/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

MASSOGLIA, Anna. “Dark Money” groups have poured billions into federal elections since the Supreme Court 2010’s Citizen United decision. **Open Secrets**, [s. l.], 24 jan. 2023. Disponível em: <https://www.opensecrets.org/news/2023/01/dark-money-groups-have-poured-billions-into-federal-elections-since-the-supreme-courts-2010-citizens-united-decision/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MATTOS, Kelly. Como foi o encontro de Marcel Van Hattem e Jair Bolsonaro. **Zero Hora**, [s. l.], 25 out. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/kelly-matos/noticia/2018/10/como-foi-o-encontro-de-marcel-van-hattem-e-jair-bolsonaro-cjnojv4vc083f01rx0110kpjy.html>. Acesso em: 9 jul. 2024.

MAYER, Jane. Covert Operations. **The New Yorker**, [s. l.], 23 ago. 2010. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2010/08/30/covert-operations>. Acesso em: 17 out. 2024.

MAYER, Jane. **Dinero Oscuro**: La Historia Oculta de los Multimillonarios detrás del ascenso de la derecha radical en EU. Cidade do México: Debate, 2018.

MCCOBIN, Alexander. Alexander McCobin on Ron Paul, Objectivism and Co-founding Students for Liberty [Entrevista cedida a Joe Jarvis]. **The Daily Bell**, [s. l.], 7 out. 2012. Disponível em: <https://www.thedailybell.com/all-articles/exclusive-interviews/anthony-wile-alexander-mccobin-on-ron-paul-objectivism-and-co-founding-students-for-liberty/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

MCCOBIN, Alexander. Alexander McCobin on Students for Liberty [Entrevista cedida a Robert Begley]. **The Objective Standard**, [s. l.], 20 nov. 2014. Disponível em: <https://theobjectivestandard.com/2014/11/alexander-mccobin-students-liberty/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

MCCOBIN, Alexander. Interview: Alexander McCobin of Students for Liberty. **Headcount**, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://www.headcount.org/politics-and-elections/interview-alexander-mccobin-of-students-for-liberty/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MERLAN, Anna. Trump’s International Fan Club Descend on Maryland. **Foreign Policy**, [s. l.], 28 fev. 2024. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2024/02/28/far-right-trump-cpac-orban-milei-truss/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MIRANDA, Fernando Henrique. **Perfil**. Cidade, [2024]. LinkedIn: nomedeusuario. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/fernando-henrique-de-sousa-miranda> Acesso em: 24 jun. 2024.

MIRANDA, João Elter Borges. Estudantes Pela Liberdade: rachas, origens e outros aspectos. **Revista Sobre Ontens**, [s. l.], v. 3, 2020. Disponível em: <https://revistasobreontens.blogspot.com/p/edicao-sobre-ontens-20203-julho-set.html>. Acesso em: 3 fev. 2025.

MIRON, Jeffrey. Biography. **Cato Institute**, [s. l.], 2024. Disponível em: <https://www.cato.org/people/jeffrey-miron>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MONTANARO, Domenico. What does the word 'woke' really mean, and where does it come from?. NPR, 19 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.npr.org/2023/07/19/1188543449/what-does-the-word-woke-really-mean-and-where-does-it-come-from>. Acesso em: 28 fev. 2024

MOORE, Anne Elizabeth. Milton's Friedman Pencil. **The New Inquiry**, 17 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://thenewinquiry.com/milton-friedmans-pencil/>. Acesso em 28 fev. 2025

MÜLLER, Bruno Raphael. Estudantes Pela Liberdade desafia hegemonia da esquerda. **Gazeta do Povo**, [s. l.], 22 jun. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudantes-pela-liberdade-desafia-hegemonia-da-esquerda-9qk7kw1vsghnu6ulrnup1s6kq/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MURPHY, Andrea. America's Largest Private Companies. **Forbes**, [s. l.], 14 nov. 2023. Disponível em: <https://www.forbes.com/lists/largest-private-companies/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

NASH, George H. **The conservative intellectual movement in America since 1945**. Wilmington: Intercollegiate Studies Institute, 1996.

NEHRING, Daniel; ALVARADO, Emmanuel; HENDRICKS, Eric C.; KERRIGAN, Dylan. **Transnational Popular Psychology and The Global Self-Help Industry: The Politics of Contemporary Social Change**. Palgrave Macmillan, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1057/9780230370869>.

NESBIT, Jeff. **Poison Tea: How Big Oil and Big Tobacco Invented the Tea Party and Captured the Tea Party**. Nova Iorque: Thomas Dunne Books, 2016.

NOBOA, Adriana. Ecuador Libre, el ciento de pensamiento detrás de Guilherme Lasso. **Primicias**, [s. l.], 16 abr. 2021. Disponível em: <https://www.primicias.ec/noticias/politica/ecuador-libre-pensamiento-detras-lasso/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

NOBRE, Marcos. **Limites da Democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2022.

NOSSA essência é empoderar a próxima geração de líderes da liberdade, diz Fernando Henrique do SFLB. **Boletim da Liberdade**, [s. l.], 29 jan. 2017. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2017/01/29/nossa-essencia-e-empoderar-a-proxima-geracao-de-lideres-da-liberdade-diz-fernando-henrique-do-sflb/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição**. São Paulo: Ubu, 2022.

NYE JUNIOR, Joseph; KEOHANE, Robert. Transnational Relations and World Politics: An Introduction. **International Organization**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 329-349, 1971. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0020818300026187>.

ONOFRE, Renato; TRINDADE, Naira. Deputado do Novo, van Hattem vira líder “informal” de Bolsonaro na Câmara. **UOL Notícias**, [s. l.], 02 maio 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/05/02/um-lider-informal-de-bolsonaro-na-camara.htm>. Acesso em: 24 jun. 2024.

OPENSECRETS. **2020 Presidential Race**. Washington, DC: Open Secrets, 2024. Disponível em: <https://www.opensecrets.org/2020-presidential-race>. Acesso em: 23 jul. 2024.

OPENSECRETS. **Political Nonprofits**. Washington, DC: Open Secrets, 2015. Disponível em: https://web.archive.org/web/20200620025440/http://www.opensecrets.org/outsidespending/nonprof_summ.php. Acesso em: 17 abr. 2024.

OSTERMANN, Fábio. **Home**. [S. l.]: Fábio Ostermann, [2024a]. Disponível em: <https://www.fabioostermann.com.br/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

OSTERMANN, Fábio. **Perfil**. Porto Alegre, [2024b]. LinkedIn: fabioostermann. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/fabioostermann/pt>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PACIFIC LEGAL INSTITUTE. **About Us**. Sacramento: Pacific Legal Foundation, 2024. Disponível em: <https://pacificlegal.org/about/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PADRIM. Clube Farroupilha. 2024. Disponível em: <https://www.padrim.com.br/clubefarroupilha>. Acesso em 24 de junho de 2024.

PALMER, Tom. An Ownership Society Fosters Responsibility, Liberty, Prosperity. **Cato Institute**, 13 de janeiro de 2004. Disponível em: <https://www.cato.org/commentary/ownership-society-fosters-responsibility-liberty-prosperity>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PASSETTI, Edson. Natureza, pensamento e política. **Revista Eopolítica**, São Paulo, n. 7, p. 33-59, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/17764>. Acesso em: 4 fev. 2025.

PATEL, Vimal. How a Yale Student’s Rape Accusation Exposed Her to a Defamation Lawsuit. **The New York Times**, [s. l.], 17 set. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/09/17/us/yale-rape-case-defamation.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PECEQUILO, Cristina. Bush II: a ascensão neoconservadora ou o novo declínio? **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 5, n. 2, p.353-380, 2006. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2005.2.8>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/8>. Acesso em: 17 abr. 2024.

PECEQUILO, Cristina; ROCHA, Glauco Fernando Numata. As Consequências da Doutrina Bush Para as Políticas de Segurança na América Latina. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 64-80, 2009.

PENN LIBERTARIAN ASSOCIATION. Welcome to the Penn Libertarians Blog. **Penn Libertarian Association Blog**, [s. l.], 3 ago. 2007. Disponível em: <https://pennlibertarians.blogspot.com/2007/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

PERLSTEIN, Rick. **Before the Storm**: Barry Goldwater and the Unmaking of the American Consensus. Nova Iorque: Bold Type Books, 2009.

PRESIDENTIAL Approval Ratings- George W. Bush. **Gallup News**, 2024. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx>. Acesso em: 28 fev. 2025.

RAFAIL, Patrick. The Dynamics of the Tea Party. **Tulane University School of Liberal Arts**, [s. l.], 2 nov. 2016. Disponível em: <https://liberalarts.tulane.edu/news-events/news-from-the-field/rafail-nov-2016>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RENKOVSKI, Rafael. Eleições 2024: Novo confirma ex-deputado estadual como pré-candidato à prefeitura de Santa Maria. **Correio do Povo**, [s. l.], 10 ago. 2024. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/elei%C3%A7%C3%B5es-2024-novo-confirma-ex-deputado-estadual-como-pr%C3%A9-candidato-%C3%A0-prefeitura-de-santa-maria-1.1075192>. Acesso em: 24 jun. 2024.

RIESGO, Giuseppe. **PT NUNCA MAIS**. Santa Maria, 18 out. 2018. Facebook: giusepperiesgo. Disponível em: https://www.facebook.com/giusepperiesgo/photos/a.130168331031604/213774816004288/?type=3&locale=pt_BR&_rdr. Acesso em: 24 jun. 2024.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/publico/2018_CamilaRocha_VOrig.pdf. Acesso em: 16 abr. 2024.

ROELOFFS, Mary Whitfill. Prince Harry And Self-Help Books Dominate The 2023 Non-Fiction Bestseller List. **Forbes**, [s. l.], 3 jul. 2023. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/maryroeloffs/2023/07/03/prince-harry-and-self-help-books-dominate-the-2023-non-fiction-bestseller-list-in-2023/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

ROMANO, Vicente. Parlamento 2019 - Fábio Ostermann (Novo). **Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 20 nov. 2018a. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/eleicao/P%C3%A1ginaInicial/tabid/784/IdMateria/315184/Default.aspx>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ROMANO, Vicente. Parlamento 2019 - Giuseppe Riesgo (Novo). **Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 18 dez. 2018b. Disponível em: <https://ww4.al.rs.gov.br/noticia/315185>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ROSENTIEL, Tom. Youth voters in the 2008 election. **Pew Research Center**, [s. l.], 13 nov. 2008. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/2008/11/13/young-voters-in-the-2008-election/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RUPER, Clark. **Perfil**. New Baltimore, [2024]. LinkedIn: clark-ruper-2a5784b7. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/clark-ruper-2a5784b7>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SAHD, Fábio Bacila. **ONGs Internacionais e o avanço das direitas no século XXI**: MBL, Primavera Árabe e Outros Casos. Uberlândia, Navegando Edições, 2019. DOI: <https://doi.org/10.29388/978-85-53111-39-8>.

SANTOS, José Ângelo Pereira; RAMOS, Fábio Barbosa. O Green New Deal após a COVID-19: um olhar para o direito à segurança climática à luz da PEC 37/21. **Revista Foco**, [s. l.], v. 16, n.11, 2023. DOI: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n11-191>. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3382>. Acesso em: 4 fev. 2025.

SANTOS, Rayane. Líderes liberais passaram pelo Students for Liberty. **SEGS**, 18 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.segs.com.br/educacao/295840-lideres-liberais-passaram-pelo-students-for-liberty-brasil>. Acesso em 4 de fev. 2025

SAVE SERVICES. **Mission**. Rockville: Save, 2024. Disponível em: <https://www.saveservices.org/about/mission/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SCHULZ-FORBERG, Hagen. Embedded Early Neoliberalism: Transnational Origins of the Agenda of Liberalism Reconsidered *In*: PLEHWE, Dieter; SLOBODIAN, Quinn; MIROWSKI, Phillip. **Nine Lives of Neoliberalism**. Londres: Verso, 2020.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SENATE approves Iraq War resolution. **CNN**, [s. l.], 11 out. 2002. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2002/ALLPOLITICS/10/11/iraq.us/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SOUSA, Rodrigo Farias de. National Review, o moderno conservadorismo americano e a luta para “salvar” os EUA do comunismo, do liberalismo e da integração racial. **Revista de História**, [s. l.], n. 180, p. 1-31, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.167096>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167096>. Acesso em: 30 jun. 2024.

SPEND-DOWN at the Earhart Foundation. **Philanthropy Roundtable**, [s. l.], 21 dez. 2021. Disponível em: <https://www.philanthropyroundtable.org/resource/spend-down-at-the-earhart-foundation/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

STAND TOGETHER FELLOWSHIPS. **Koch Associate Program**. Arlington: Stand Together Fellowships, 2024. Disponível em: <https://standtogetherfellowships.org/koch-associate-program/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

STEINMETZ, Katy. Mitt Romney and Ron Paul: A Tale of Two Very Different Candidates. **Time**, [s. l.], 31 jan. 2012. Disponível em: <https://swampland.time.com/2012/01/31/mitt-romney-and-ron-paul-a-tale-of-two-very-different-candidates/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

STIPEK, Jesse. **The Persistent Epidemic of Sexual Assault on College Campuses in the #MeToo Era**. 2021. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Educational Policy Studies and Practice, University of Arizona, Tucson, 2021.

STRAZZER, Filipe. Liberal convicto, Ostermann deixou PSL por causa de Bolsonaro. **O Estado de São Paulo**, [s. l.], 11 out. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/liberal-convicto-ostermann-deixou-psl-por-causa-de-bolsonaro/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **22 years old. Graduated. Elected into Brazilian State Legislature**. McLean: Students For Liberty, [2024a]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/brazil/blog/22-years-old-graduated-elected-into-brazilian-state-legislature/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **About Us**. McLean: Students For Liberty, [2024b]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/about-us/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Alumni for Liberty**. McLean: Students For Liberty, [2024c]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20240410185701/https://studentsforliberty.org/alumni-for-liberty/>. Acesso em: 06 mar. 2025.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2008-2009**. McLean: Students For Liberty, 2009. Disponível em: <https://www.documentcloud.org/documents/21087981-2008-2009-sfl-ar>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2010-2011**. McLean: Students For Liberty, 2011. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2019/09/2010-2011-SFL-Annual-Report.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2011-2012**. McLean: Students For Liberty, 2012. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2019/09/2011-2012-SFL-Annual-Report.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2012-2013**. McLean: Students For Liberty, 2013. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2019/09/2012-2013-SFL-Annual-Report.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2013-2014**. McLean: Students For Liberty, 2014. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2019/09/sfl-annual-report-WEB.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2014-2015**. McLean: Students For Liberty, 2015a. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2019/09/sfl-annual-report-2015-web.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2015-2016**. McLean: Students For Liberty, 2016. Disponível em: https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2019/09/Annual_Report_2015-16.pdf. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2019**. McLean: Students For Liberty, 2019a. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2020/02/Annual-Report-19webshare-4.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2020**. McLean: Students For Liberty, 2020. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2020/08/SFL-FY20-Annual-Report-FINAL-WEB.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2021**. McLean: Students For Liberty, 2021a. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2021/08/SFL-Annual-Report-FY21-web.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2022**. McLean: Students For Liberty, 2022. Disponível em: https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2022/10/SFL-Annual-Report-2022_11_cln_web-31-p.pdf. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Annual Report 2023**. McLean: Students For Liberty, 2023a. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2024/01/SFL-Annual-Report-2023-web-lo.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Facebook**. O Students For Liberty Brasil recebeu o prêmio Smith Student Outreach Award pela realização do Brasil Empreende, o melhor projeto do mundo, focado em estudantes, de 2019 na Atlas Network; [s.l.]. 8 de novembro de 2019 [2019b]. Disponível em: https://web.facebook.com/SFLBrasil/videos/o-students-for-liberty-brasil-recebeu-o-pr%C3%AAmio-smith-student-outreach-award-pela/2145785915729314/?_rdc=1&_rdr#. Acesso em 28 fev.2025.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Founder of SFL Brasil elected to State Parliament**. McLean: Students For Liberty, [2024d]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/brazil/blog/founder-of-sfl-brazil-elected-to-state-parliament/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Green Liberty**. McLean: Students For Liberty, [2024e]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/green-liberty/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. Ivete Cano. **Students For Liberty Blog**, McLean, [2024f]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/blog/staff/ivette-cano/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Leading Liberty**. McLean: Students For Liberty, [2024g]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/leading-liberty/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. Meet the nominees for our Global Awards! **Students For Liberty Blog**, McLean, 13 nov. 2024. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/blog/meet-the-nominees-students-for-liberty-global-awards/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **North America**. McLean: Students For Liberty, [2024h]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/northamerica/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. Nycollas Liberato. **Students For Liberty Blog**, McLean, [2024i]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/blog/staff/nycollas-liberato/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **SFL Alumni Gather to Advance Economic Development in Latin America**. Youtube, 4 ago 2023. [2023b]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJFYJo8IYOE>. Acesso em 28 fev 2025.

STUDENTS FOR LIBERTY. Students For Liberty Accelerates Global Growth and Unveils Environmental Initiative in 2023. **Students For Liberty Blog**, McLean, 26 jan. [2023c]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/blog/students-for-liberty-global-growth-and-environmental-initiative-2023/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **Students for Liberty Report Quarterly 2015**. McLean: Students For Liberty, 2015b. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/wp-content/uploads/2019/09/SFL-Quarterly-Final-reduced.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.

STUDENTS FOR LIBERTY. **The Next Generation of Leaders for Liberty**: Coordinator Handbook. McLean: Students For Liberty, 2021b. Disponível em: https://courses.learnliberty.org/wp-content/uploads/2022/03/Coordinator-Handbook-_-English-2021.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY. **The Prometheus Fellowship**. McLean: Students For Liberty, [2024j]. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/the-prometheus-fellowship/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

STUDENTS FOR LIBERTY BRASIL. Como foi o Treinamento de Lideranças do SFLB em 2021. **Students For Liberty Brazil Blog**, [s. l.], 17 nov. 2021. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/brazil/blog/treinamento-nacional-liderancas-2021/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

STUDENTS For Liberty plays strong role in Free Brazil Movement. **Atlas Network**, [s. l.], 1 abr. 2015. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/articles/students-for-liberty-plays-strong-role-in-free-brazil-movement>. Acesso em: 30 jun. 2024.

TERCEIRO, Ivanildo. LibertyLab: o programa de desenvolvimento de projetos pró-liberdade do SFLB. **Students For Liberty Brazil Blog**, [s. l.], 17 mar. 2021. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/brazil/blog/o-que-e-o-libertylab-conheca-o-programa-de-desenvolvimento-de-projetos-pro-liberdade-do-sflb/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

THE DISSIDENT PROJECT. **About**. [S. l.]: Young Voices, 2022. Disponível em: <https://www.dissidentproject.org/about>. Acesso em: 24 jun. 2024.

THE LIBRE INITIATIVE. **About Us**. Arlington: The Libre Initiative, 2024a. Disponível em: <https://thelibreinitiative.com/about-us/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

THE LIBRE INITIATIVE. **Home**. Arlington: The Libre Initiative, 2024b. Disponível em: <https://archive.ph/0AJCl>. Acesso em: 24 jun. 2024.

THE LIBRE INITIATIVE. **Latino Group to Target Latino Voters for GOP**. Arlington: The Libre Initiative, 2024c. Disponível em: <https://thelibreinitiative.com/news/latino-group-to-target-latino-voters-for-gop/> Acesso em: 24 jun. 2024.

THE MONT PELERIN SOCIETY. **About**. Lubbock: MPS, 2024. Disponível em: <https://www.montpelerin.org/About.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

TORRES, Juliano. **Perfil**. [S. l.], [2024]. LinkedIn: julio-torres-5a5b5622. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/juliano-torres-5a5b5622/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

TRETJAK, Kaja. **Millennial Libertarians: The rebirth of a Movement and the Transformation of US Political Culture**. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty in Anthropology, City University of New York, Nova Iorque, 2014. Disponível em: https://academicworks.cuny.edu/gc_etds/477/. Acesso em: 5 fev. 2025.

UNITED STATES OF AMERICA. Supreme Court of United States. **District of Columbia et al. v. Heller, 554 U.S. 570 (2008)**. n. 07-290. Decidido em 26 jun. 2008. Disponível em: <https://www.law.cornell.edu/supct/pdf/07-290P.ZS>. Acesso em: 20 jun. 2024.

UNITED STATES OF AMERICA. United States Senate. **Roll Call Vote 107th Congress 2nd Session**. Washington, DC: United States Senate, 2002. Disponível em: https://www.senate.gov/legislative/LIS/roll_call_votes/vote1072/vote_107_2_00237.htm. Acesso em: 17 abr. 2024.

US BUREAU OF LABOR STATISTICS. **Mid-Atlantic Information Office**. Philadelphia: BLS, 2024. Disponível em: <https://www.bls.gov/regions/mid-atlantic/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

VEDDER, Richard. The Collegiate War on Men. **Minding the Campus**, [s. l.], 13 nov. 2023. Disponível em: <https://www.mindingthecampus.org/2023/11/13/the-collegiate-war-on-men/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

VEJA os 50 deputados federais mais votados em todo o Brasil. **Portal G1**, [s. l.], 3 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/veja-os-50-deputados-federais-mais-votados-em-todo-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2024.

VELASCO, Jesús. **La Derecha Radical en el Partido Republicano: De Reagan a Trump**. Santiago: FCE Chile, 2016.

VIEIRA, Arthur. Educação firma parceria para implementar empreendedorismo na Educação de Jovens e Adultos. **Prefeitura de Maceió**, Maceió, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/semmed/educacao-firma-parceria-para-implementar-empreendedorismo-na-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em: 24 jun. 2024. Vandebilto Sarmento

VOGEL, Kenneth P. The New Tea Party Bible. **Político**, [s. l.], 31 jul. 2010. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2010/07/the-new-tea-party-bible-040492>. Acesso em: 17 abr. 2024.

VON LAER, Wolf. **Perfil**. Fairfax Station, [2024]. LinkedIn: drwolfvonlaer. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/drwolfvonlaer>. Acesso em: 24 jun. 2024.

VON MISES, Ludwig. **Ação humana: um Tratado de Economia**. Tradução de Donald Stewart Jr. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises do Brasil, 2010. Disponível em: <https://mises.org.br/livros/90/acao-humana-um-tratado-de-economia>. Acesso em: 4 fev. 2025.

WACQUANT, Loïc. Três Etapas para uma Antropologia Histórica do Neoliberalismo Realmente Existente. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. 66, p. 505-518, set./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v25i66.19427>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/19427>. Acesso em: 5 fev. 2025.

WAGNER, Steven Thomas. **Pursuing the “middle way”**: Eisenhower Republicanism 1952-1962. 1999. Tese (Doutorado em Filosofia) – Purdue University, 1999. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/dissertations/AAI9952203/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

WILLIAMS, Daniel K. **God's Own Party: The Making of the Christian Right**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

WILLIAMSON, Vanessa; SKOCPOL, Theda. **The Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

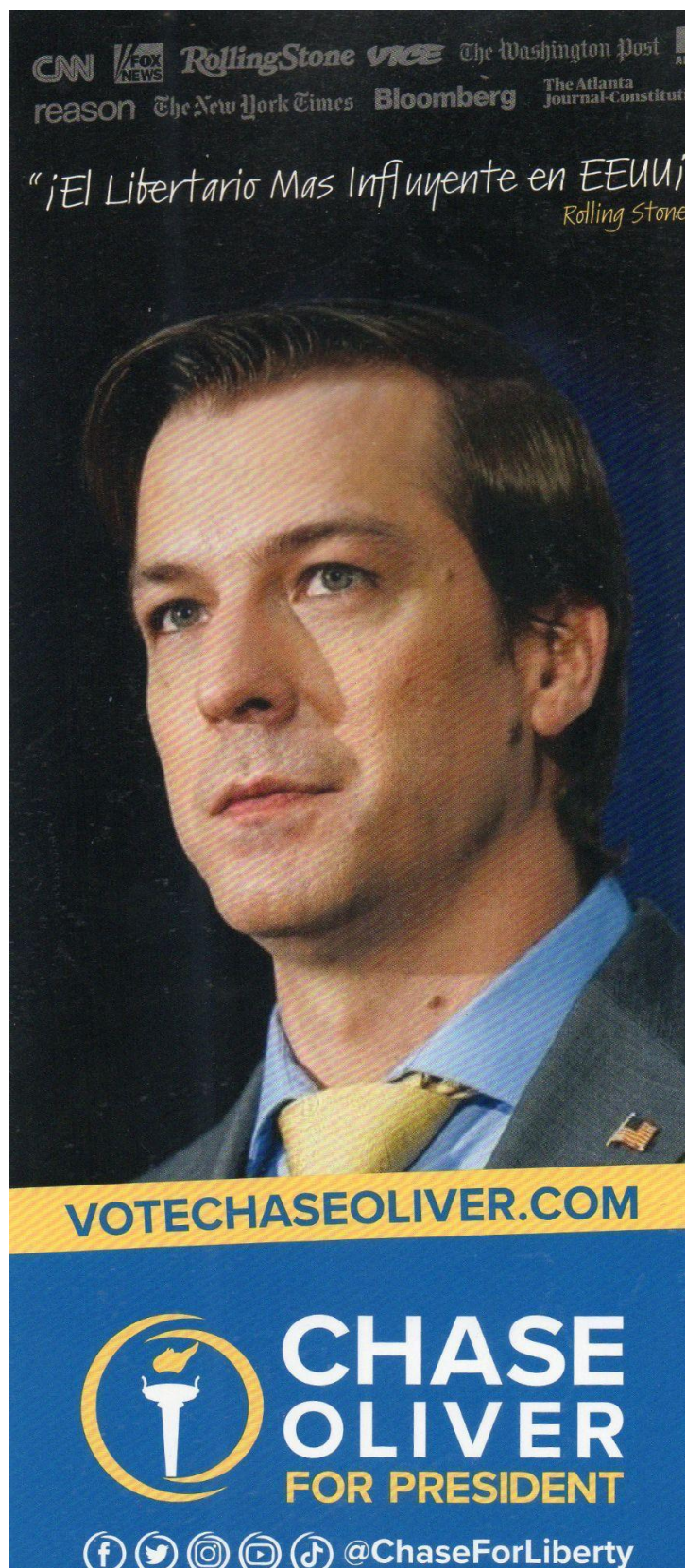
WORLD BANK. **Land**. Washington, DC: World Bank Group, 2024. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/topic/land>. Acesso em: 30 jun. 2024.

YOUNG VOICES. **Home**. [S. l.]: Young Voices, 2024. Disponível em: <https://www.joinyv.org/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ZIMER, Cleiton. Marcel van Hattem declara apoio à reeleição de Jair Bolsonaro. **O Diário, Dois Irmãos**, 3 out. 2022. Disponível em: <https://odiario.net/noticias/estado-pais-mundo/marcel-van-hattem-declara-apoio-a-reeleicao-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

ZINN, Howard. **A People's History of The United States**. Nova Iorque: Harper Perennial Modern Classics, 2015.

ANEXO A – Panfleto “Chase Oliver for President”



Fonte: Coletado pelo autor na LibertyCon, 2024.

¿QUIÉN ES CHASE OLIVER?

La campaña de Chase Oliver para el disputado puesto en el Senado de los Estados Unidos en Georgia atrajo la atención nacional, llevando a Rolling Stone a denominarlo como el "Libertario más influyente de los Estados Unidos". Chase es un apasionado activista de los derechos civiles, humanos y en contra de el creciente poder del estado. Este joven de 38 años trae la energía con la que otros tendrán dificultades para competir.

Soy un firme creyente de que si queremos que el movimiento por la libertad crezca y florezca, ese trabajo comienza con nosotros(as).

El activismo consiste en llevar nuestros principios fuera de la norma y ponerlos en práctica en el mundo real. Es desde nuestros hogares que comienzan los cambios más transformadores y duraderos, y como candidato a Presidente, apoyaré a nuestros activistas, porque yo mismo soy un activista por nuestra libertad. – Chase Oliver

PRIORIDADES

REFORMAR LA INMIGRACIÓN AL SIGLO XXI

EMPODERAR A LAS PERSONAS A TRAVÉS DEL SISTEMA DE JUSTICIAL

FACILITAR EL REGRESO AL TRABAJO PARA TODOS

TERMINAR INDEFINIDAMENTE EL FRACASO DE GUERRA CONTRA LAS DROGAS

PONER FIN A LAS GUERRAS EXTRANJERAS Y APOYAR LA PAZ

RESPETAR LAS DECISIONES INDIVIDUALES DE CADA PERSONA

EMPODERAR A PADRES Y ESTUDIANTES EN LA EDUCACIÓN

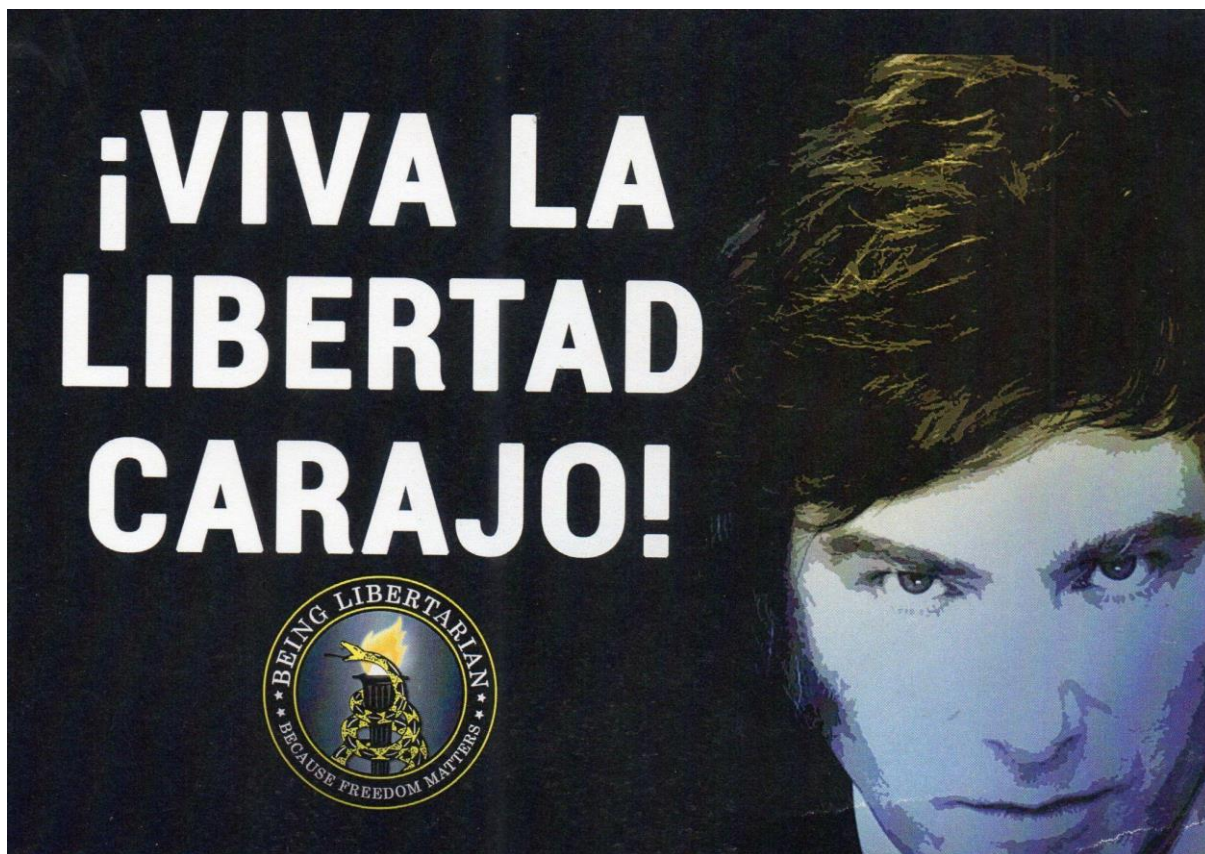
DEFENDER EL DERECHO A PORTAR ARMAS PARA TODOS

REDUCIR LOS COSTOS DE LA ATENCIÓN MÉDICA

RESTAURAR LA PROSPERIDAD Y REDUCIR LA INFLACIÓN

Fonte: Chase Oliver for President, 2024.

**ANEXO B – Cartão pró-Javier Milei, distribuído no stand do *Being Libertarian.com*
durante a *LibertyCon* 2024**



Fonte: Coletado pelo autor na *LibertyCon*, 2024.

ANEXO C – Anúncio da vaga de *Director of Grassroots Operations* da AFP, distribuído no stand da entidade na *LibertyCon* 2024

Director of Grassroots Operations AMERICANS for PROSPERITY

Americans for Prosperity is looking for a passionate advocate for liberty to lead a grassroots team as they champion AFP's policy agenda.

You Will...

- Lead, coach, and mentor a team of 4-5 fulltime Grassroots Engagement Directors as they recruit volunteers and mobilize their community around AFP's objectives
- Develop, analysis, and modify the state's voter-contact operations
- Manage the state chapter's relationships with internal and external partners
- Supervise the team's contractor recruitment strategy and implementation

You Will Need...

- A deep belief in people-empowering, bottom-up, public policy solutions that limit the coercive nature of government and empower individuals to pursue their American Dream
- Leadership skills! We need someone with strong people skills and humility to embrace our growth-focused culture
- Comfort and confidence working in a dynamic and fast-paced environment independent of direct supervision or direction. We need a go-getter who can figure out how to overcome new and unique challenges!
- The ability to travel at least 25% of the time and a valid driver's license

Stand Out Candidates Will Have...

- Knowledge of the political, economic, and legislative landscape
- A background in grassroots activism, political lobbying, canvassing, or campaign work
- Experience managing and developing engaging social media

What We Offer....

- A meaningful career where your work will improve the lives of millions of Americans – especially the least fortunate
- A vision-driven and principle focused organization dedicated to improving the lives of others
- Competitive salaries and bonuses. Our salary and bonus strategies are aligned to the value you create, not a standardized bell curve
- Generous 401K match - 6% match with immediate vesting
- Competitive health and wellness benefits
- Our flexible time-off policy allows all employees to take leave as needed
- A purchasing credit card to use for business expenses

**Join Our Mailing List
to Learn More:**



Fonte: Coletado pelo autor na *LibertyCon*, 2024.

ANEXO D – Anúncio da vaga de *Grassroots Engagement Director* da CVA, distribuído no stand da entidade na *LibertyCon* 2024

Grassroots Engagement Director



Do you value what you learned as a military veteran or being a member of a military family? Do you miss serving a higher calling than serving yourself? Do you think that America could benefit from your knowledge, values, and skills? Are you frustrated that government at all levels cannot seem to get anything done?

Americans share your frustration and look to the values of serving a higher purpose that veterans and military family members like you can bring to the table. Veterans and their families are among the most respected community members in our society. Even if you have never served, but share these values, you can help to bring people together to solve problems and get lawmakers to take action. If these questions ignite passion for you and you are ready to activate by mobilizing people to advance a cause that will change your community, your state and your country, apply today to be a Concerned Veterans for America Grassroots Engagement Director

The Grassroots Engagement Director will identify, recruit, and engage like-minded individuals, especially among the veteran communities, mobilize them to take action, and drive policy reform that opens opportunities for all. America should stand for equal opportunity, freedom and liberty, and ever-increasing prosperity for every citizen.

Your Responsibilities Include...

- As our Grassroots Engagement Director, you will work alongside local leaders to tailor our local strategy for the success and future of this group
- Every day you will make calls and plans to activate new volunteers that turn policy into reality
- You will develop and execute strategies to educate the public on public policy issues and initiatives

Knowledge And Skills You Bring To the Organization...

- You're able to build relationships quickly with people from all walks of life and understand how to inspire and motivate others
- You have knowledge of state and federal public policy landscapes
- You can think of new ways to achieve our goals towards better public policy and develop the detailed plans to get us there
- You have a valid driver's license
- You are ready and willing to canvass neighborhoods and make phone calls for AFP priority initiatives and endorsed candidates, as well as motivate and coordinate volunteers to do the same

What We Offer....

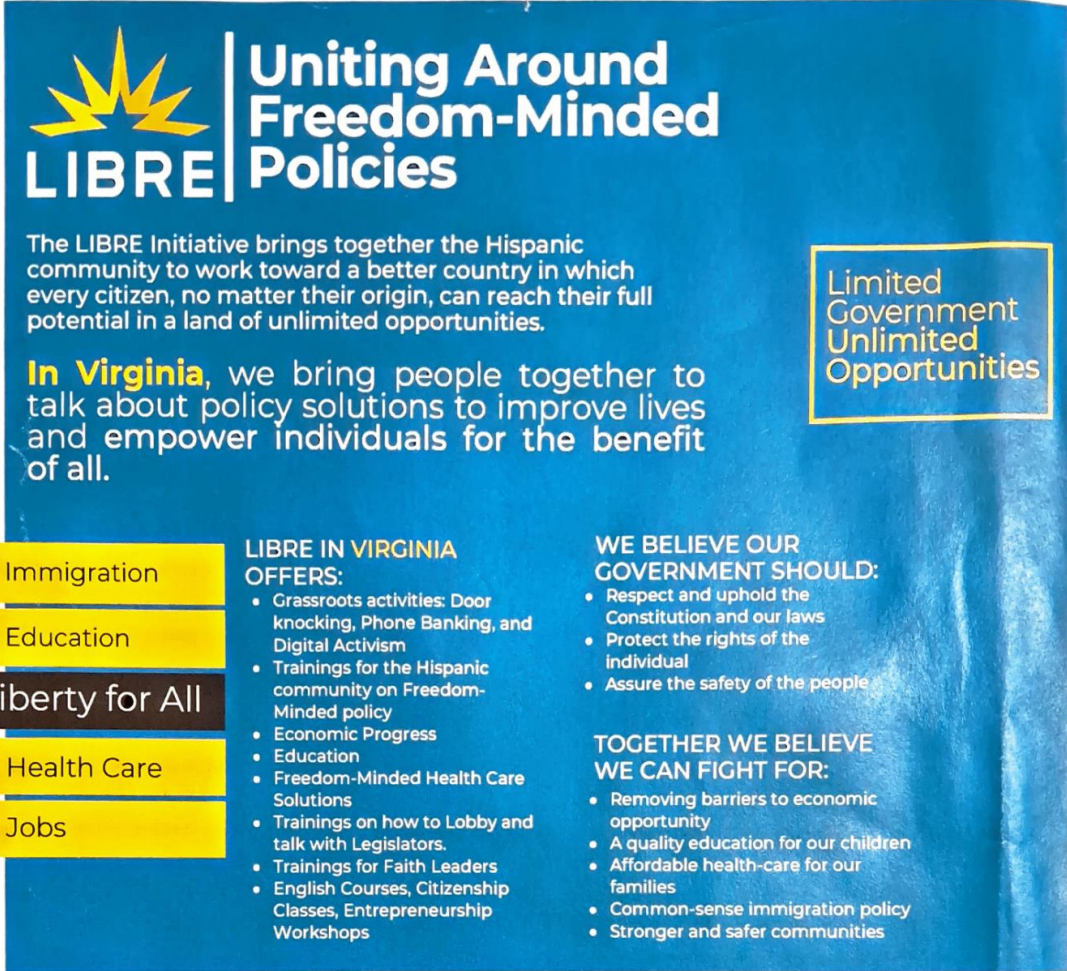
- A meaningful career where your work will improve the lives of millions of Americans - especially the least fortunate
- A vision-driven and principle focused organization dedicated to improving the lives of others
- Competitive salaries and bonuses. Our salary and bonus strategies are aligned to the value you create, not a standardized bell curve
- Generous 401K match - 6% match with immediate vesting
- Competitive health and wellness benefits
- Our flexible time-off policy allows all employees to take leave as needed
- A purchasing credit card to use for business expenses

Join Our Mailing List to Learn More:



Fonte: Coletado pelo autor na *LibertyCon*, 2024.

ANEXO E – Panfleto do LIBRE distribuído na LibertyCon 2024 – “Uniting Around Freedom-Minded Policies”



LIBRE | **Uniting Around Freedom-Minded Policies**

The LIBRE Initiative brings together the Hispanic community to work toward a better country in which every citizen, no matter their origin, can reach their full potential in a land of unlimited opportunities.

In Virginia, we bring people together to talk about policy solutions to improve lives and empower individuals for the benefit of all.

Limited Government Unlimited Opportunities

> Immigration

> Education

> Liberty for All

> Health Care

> Jobs

LIBRE IN VIRGINIA OFFERS:

- Grassroots activities: Door knocking, Phone Banking, and Digital Activism
- Trainings for the Hispanic community on Freedom-Minded policy
- Economic Progress
- Education
- Freedom-Minded Health Care Solutions
- Trainings on how to Lobby and talk with Legislators.
- Trainings for Faith Leaders
- English Courses, Citizenship Classes, Entrepreneurship Workshops

WE BELIEVE OUR GOVERNMENT SHOULD:

- Respect and uphold the Constitution and our laws
- Protect the rights of the individual
- Assure the safety of the people

TOGETHER WE BELIEVE WE CAN FIGHT FOR:

- Removing barriers to economic opportunity
- A quality education for our children
- Affordable health-care for our families
- Common-sense immigration policy
- Stronger and safer communities



For more information, contact:

Joshua Raimundo – 703-346-9275, jraimundo@belibre.org
 Leandro Ruiz – 571-481-6000, LRuizFernandez@belibre.org
 André Lopez – 804-664-7227, ALopezSuazo@belibre.org
 Yesid Beltran – 703-472-2439, YBeltran@belibre.org

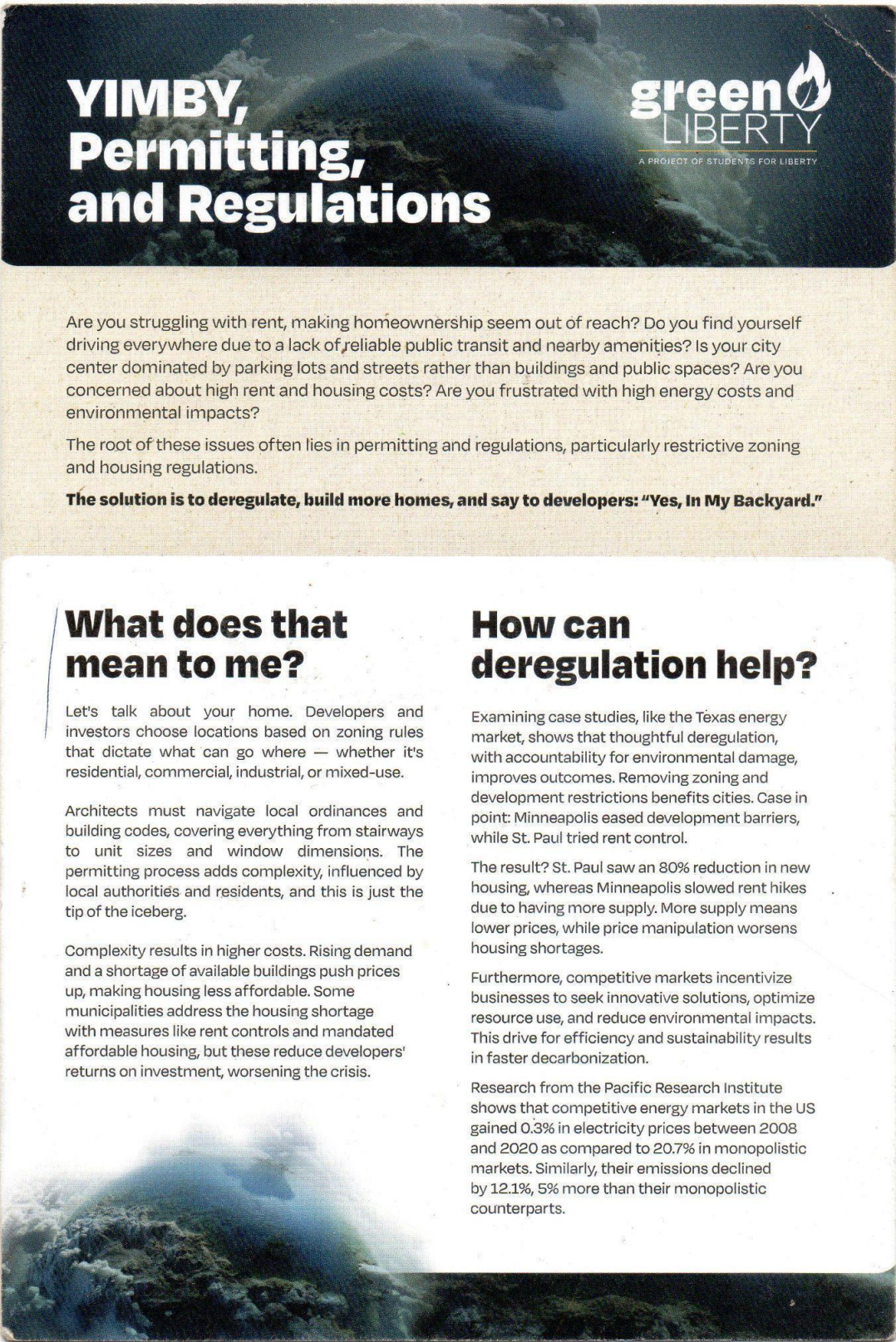
Learn more about The LIBRE Initiative and issues important us | www.belibre.org

Economic Freedom
 Immigration Reform
 Educational Freedom
 Health Care Reform
 Free Trade
 Criminal Justice Reform

LIBRE

Fonte: Coletado pelo autor na LibertyCon, 2024.

ANEXO F – Panfleto do Green Liberty distribuído na LibertyCon 2024 (Frente e Verso)



YIMBY, Permitting, and Regulations

green
LIBERTY
A PROJECT OF STUDENTS FOR LIBERTY

Are you struggling with rent, making homeownership seem out of reach? Do you find yourself driving everywhere due to a lack of reliable public transit and nearby amenities? Is your city center dominated by parking lots and streets rather than buildings and public spaces? Are you concerned about high rent and housing costs? Are you frustrated with high energy costs and environmental impacts?

The root of these issues often lies in permitting and regulations, particularly restrictive zoning and housing regulations.

The solution is to deregulate, build more homes, and say to developers: "Yes, In My Backyard."

What does that mean to me?

Let's talk about your home. Developers and investors choose locations based on zoning rules that dictate what can go where — whether it's residential, commercial, industrial, or mixed-use.

Architects must navigate local ordinances and building codes, covering everything from stairways to unit sizes and window dimensions. The permitting process adds complexity, influenced by local authorities and residents, and this is just the tip of the iceberg.

Complexity results in higher costs. Rising demand and a shortage of available buildings push prices up, making housing less affordable. Some municipalities address the housing shortage with measures like rent controls and mandated affordable housing, but these reduce developers' returns on investment, worsening the crisis.

How can deregulation help?

Examining case studies, like the Texas energy market, shows that thoughtful deregulation, with accountability for environmental damage, improves outcomes. Removing zoning and development restrictions benefits cities. Case in point: Minneapolis eased development barriers, while St. Paul tried rent control.

The result? St. Paul saw an 80% reduction in new housing, whereas Minneapolis slowed rent hikes due to having more supply. More supply means lower prices, while price manipulation worsens housing shortages.

Furthermore, competitive markets incentivize businesses to seek innovative solutions, optimize resource use, and reduce environmental impacts. This drive for efficiency and sustainability results in faster decarbonization.

Research from the Pacific Research Institute shows that competitive energy markets in the US gained 0.3% in electricity prices between 2008 and 2020 as compared to 20.7% in monopolistic markets. Similarly, their emissions declined by 12.1%, 5% more than their monopolistic counterparts.

Reasons to Say "Yes In My Backyard"

- 1 Over 8,000 renewable energy projects are currently stuck in the permitting process, hindering progress toward 100% low-emission energy.
- 2 The housing crisis, exclusionary zoning, high electricity costs, and pollution disproportionately affect low-to-middle-income individuals, minorities, and immigrants.
- 3 Greenhouse gas emissions stem mainly from energy and transportation, requiring swift low-emission infrastructure expansion.
- 4 Government regulations infringe on your right to private property. You are not hurting anyone by building a duplex or a bakery on your land, yet the government usually forbids it.
- 5 Regulations and permitting stifle innovation, disrupting competition.
- 6 The decline in walkability and the dominance of cars have eroded the social fabric of neighborhoods, reducing opportunities for community integration.
- 7 High density boosts cost-effective public services through economies of scale.
- 8 Promoting urban density helps curb urban sprawl, preserving natural beauty and wildlife habitats.

Policy Recommendations

- * **Open Energy Markets:** Competitive energy markets promote rapid decarbonization, whereas regulations often favor fossil fuels. Allowing renewable and nuclear energy to compete with traditional sources would not only reduce energy costs but also curtail greenhouse gas emissions.
- * **Eliminate Exclusionary and Restrictive Zoning:** Empowering communities to have a say in what gets built leads to more organic and people-centric spaces. Communities should evolve over time, providing convenient access to services and opportunities for local commerce.
- * **Streamline the Permitting Process:** The exorbitant cost of the cumbersome permitting process is unsustainable. Overhauling our energy generation, transmission, and usage infrastructure is imperative. Market forces are ready to invest without relying on taxpayer funding, if only the permitting process is made efficient.
- * **People-centric Urban Planning:** For humans to flourish, our spaces must prioritize people's needs, not cater to particular industries or the will of a wealthy minority. It's time to reassess our planning and building codes, focusing on the well-being of future generations rather than maintaining the status quo.



ANEXO G – Cópia do texto “The Collegiate War on Men”, distribuído no stand da
SAVE na LibertyCon 2024 (Frente e Verso)

The Collegiate War on Men

By Richard Vedder

Professor of Economics, Ohio University

For two centuries after the founding of Harvard College in 1636, there was grotesque gender discrimination in American colleges and universities: there were *no* female students. Even in 1950, there were far more than two men on American campuses for every woman. But by the late twentieth century female enrollment had surged, coinciding with the women’s liberation movement and drastically increased female participation in the labor force. By 1979, for the first time, there were more female than male students on campus. But the trend did not stop when gender equality was achieved. Fast forward 44 years, and today there are roughly seven female students for every five males—40 percent more women than men on college campuses.

Why? Part of the reason may seem quite legitimate: girls on average do somewhat better in high school than boys, and are less likely to dropout, or become imprisoned or hooked on drugs. But at a lot of schools, especially the most elite East Coast schools, men today seem to be grudgingly viewed as necessary evils, cash cows whose parental donations and gifts help pay the bills. Men are a necessary annoyance.

Well over a decade ago federal government officials began sternly warning college administrators about the dangers of predatory males who rape girls, leading to what two writers—KC Johnson and Stuart Taylor—once appropriately called the “campus rape frenzy.” This led to one of the greatest threats to the principles of due process existing in Anglo-Saxon law since at least the signing of the Magna Carta in 1215, specifically the heinous U.S. Department of Education’s [Dear Colleague Letter](#) in 2011—a policy that has led to a vast new campus-based judiciary system of Star Chamber justice.

Campuses scurried to adopt rules typically denying males of some of the most elementary protections that the accused face in the formal legal system, such as high standards of evidentiary proof (“beyond a reasonable doubt”), the right to cross-examine witnesses, an adjudication process that meticulously separates the accusers (the prosecution) from those rendering final judgement (the judges and juries), a right to have legal counsel present, and more.

The Trump administration backed away from this Obama-era approach to justice, which was quickly reinstated by a fashionably woke Department of Education under the Biden administration that thinks nothing of flaunting constitutional separation of powers to issue *fatwas* on the progressive cause *du jour*, perhaps most notably with student loan forgiveness.

To further put these terribly uncouth collegiate males (including professors and administrators) in place, the leadership of progressive colleges increasingly has been

moved into female hands. Let's take the eight Ivy League schools plus their high tech neighboring equal, M.I.T., that many view as the exemplars of quality American higher education. Seven of the nine schools have female presidents. The two with men in charge, Yale and Princeton, probably won't for long, as their presidents are both men in their sixties with over a decade of service—meaning their presidential career is almost certainly winding down. It is entirely possible that in three years or so the entire group of nine schools will be headed by women.

To be sure, when leaving the coastal centers of collegiate wokeedom and moving west into flyover country (the 30 plus states constituting America's heartland), the insistence on female leadership is far less intense. I looked at the 14 mostly public schools in the Big Ten athletic conference as it is currently configured, schools stretching from the East Coast like Rutgers and Maryland, on through the industrial Midwest, and to some located west of the Mississippi River such as Iowa and Nebraska. Nine of the presidents are men. The woke imperative of judging people by the color of their skin and their sexual identification appears to be far less intense as one leaves coastal America.

But even in the Midwest, there is a surge in female collegiate power, manifested in massive diversity, equity, and inclusion (DEI) bureaucracies that have grown exponentially in both numbers and power in recent years. Jennifer Kabbany of *The College Fix*, drawing on research done by retired professor Mark Perry, recently reported on the explosion of DEI apparatchiks at Ohio State University. The number of employees more than doubled to 189(!) in the five years from 2018 to 2023, costing over \$20 million annually in salary and benefits alone—several hundred dollars per OSU student.

In moments like these, I am reminded of the wisdom of William Buckley's quip: "I'd rather entrust the government of the United States to the first 400 people listed in the Boston telephone directory than to the faculty of Harvard University."

Link: <https://www.mindingthecampus.org/2023/11/13/the-collegiate-war-on-men/>

ANEXO H – Panfleto “Stop the Title IX Tyranny” da SAVE, distribuído no stand da entidade durante a LibertyCon 2024



STOP THE TITLE IX TYRANNY!

The Department of Education's draft Title IX regulation would impose sweeping changes on our nation's schools:

1. Impose Soviet-style disciplinary procedures on falsely accused male students.
2. Curtail free speech under the pretext of stopping sexual harassment.
3. Force compliance with pronoun mandates.
4. Mandate schools to allow biological males to participate in women's sports.
5. Encourage children and youth to change their gender without the knowledge of their parents.
6. Allow schools to become zones of gender indoctrination.

The Department of Education has vowed to release its final Title IX regulation in March of 2024. This move would violate dozens of state laws, trigger endless lawsuits, and embolden calls to abolish the Department of Education.

Take Action Today, Demand that the Department of Education Abandon its Title IX Plan:

- Call your congressional Representative at 202-224- 3121.
- Email the Dept. of Education: ocr@ed.gov
- Ask your state lawmaker to sign the Candidate Pledge to Protect Schools, Children, and Families from Title IX.

MORE INFORMATION: <https://www.saveservices.org/2022-policy/abolish-doe/>

Fonte: Coletado pelo autor na LibertyCon, 2024.